As melhores histórias da mitologia nórdica
A. S. Franchini / Carmen Seganfredo



Sumário

As Melhores Histórias da Mitologia Nórdica

O Anel dos Nibelungos

Prefácio

A Mitologia Nórdica diz respeito aos povos que habitaram, nos tempos pré-cristãos, os atuais países escandinavos (Noruega, Suécia e Dinamarca), além da gélida Islândia. Este conjunto de mitos também teve especial desenvolvimento na Alemanha, que foi a grande divulgadora da riquíssima cultura dos nórdicos. Com a expansão das navegações vikings, esta difusão acentuou-se ainda mais, indo alcançar também os povos de língua inglesa e deixando sua marca até na própria denominação dos dias da semana destes países (Thursday, por exemplo, é o "dia de Thor"; e Friday, "dia de Freya").

No século XIII (cerca de trezentos anos após a conversão da Islândia ao cristianismo), o islandês Snorri Sturluson (1179 - 1241) codificou grande parte destes mitos no livro Edda em Prosa. Nesta obra, o poeta e historiador islandês registrou algumas das principais lendas relativas aos deuses e heróis dos tempos pagãos que recolheu em suas andanças por todo o país. Acrescentou também um extenso tratado de arte poética, onde ensinava a métrica e o elaborado sistema de metáforas dos escaldos (poetas que difundiam, oralmente, as antigas lendas).

Apesar de algumas destas histórias serem trágicas (como, por exemplo, a história de Sigurd e Brunhilde), a maioria delas, ao contrário, tem uma veia cômica bastante pronunciada, especialmente, aquelas nas quais os deuses são os protagonistas. Jamais saberemos, no entanto, até que ponto a versão original destas histórias tinha mesmo esta conotação ou até onde houve a intenção (deliberada, ou não) do cristão Sturluson de tentar ridicularizar os antigos deuses do paganismo. De qualquer forma, são justamente estas as histórias mais interessantes e representativas da riquíssima mitologia nórdica. Nelas, Odin (ou Wotan) e sua irrequieta trupe estão sempre envolvidos em jogos de enganação com os gigantes, seus eternos inimigos, destacando-se, invariavelmente, o astuto - e quase sempre perverso - Loki, o enganador por excelência (Loki representa nesta mitologia um papel análogo ao da velha serpente dos cristãos, que se compraz em tramar nas sombras a destruição dos deuses). De modo geral, Odin e seus comparsas saem-se melhor nestas divertidas - e quase sempre violentas - disputas, embora, às

vezes, também façam o papel de bobos, como na desastrada visita que Thor fez a Jotunheim, a terra dos Gigantes.

Fonte de inspiração para as mais variadas áreas, a riquíssima mitologia nórdica inspirou a criação de muitas obras, como a do escritor inglês J. R. R. Tolkien, que foi colher na mitologia escandinava o fundamento básico de seu fantástico universo literário. O argentino Jorge Luis Borges também não escapou a essa influência, dedicando várias de suas páginas às brilhantes metáforas ("kenningar") que encontrou na poesia islandesa.[1]

Outro grande artista que se inspirou nas lendas vikings foi o compositor alemão Richard Wagner, que as utilizou largamente para compor a sua famosa tetralogia operística "O Anel dos Nibelungos", que apresentamos sob a forma romanceada de uma pequena novela, na segunda parte deste volume. O leitor haverá de notar que, embora os personagens continuem praticamente os mesmos, há, porém, algumas alterações nas suas denominações (Odin, por exemplo, na transposição de uma mitologia para a outra, passa a se chamar Wotan), além de ligeiras modificações em seus atributos. Entretanto, o leitor, que a esta altura já estará familiarizado com o universo mítico dos nórdicos, não encontrará dificuldade alguma em situar-se na trama, que gira em torno da luta impiedosa pela posse de um anel maléfico (onde já vimos isto antes?) e das conseqüências que a ambição desmedida acarreta ao ser humano - e, por fim, ao próprio universo.

Com a inclusão desta obra fundamental da cultura alemã, cremos haver reunido num único volume as principais lendas relativas à riquíssima mitologia dos povos do norte da Europa, servindo de introdução a todos aqueles que apreciam estes verdadeiros devaneios poéticos das raças que são as mitologias de todos os povos.

A Criação

Primeiro, havia o Caos, que era o Nada do Mundo, e isto era tudo quanto nele havia. Nem Céu, nem Mar, nem Terra - nada disto havia. Apenas três reinos coexistiam: o Ginnungagap (o Grande Vazio), abismo primitivo e vazio, situado entre Musspell (o Reino do Fogo) e Niflheim (a Terra da Neblina), terra da escuridão e das névoas geladas. Durante muitas eras, assim foi, até que as névoas começaram a subir lentamente das profundezas do Niflheim e formaram no medonho abismo de Ginnungagap um gigantesco bloco de gelo.

Das alturas abominavelmente tórridas do Musspell, desceu um ar quente e este encontro do calor que descia com o frio que subia de Niflheim começou a provocar o derretimento do imenso bloco de gelo. Após mais alguns milhares de eras - pois que o tempo, então, não se media pelos brevíssimos anos de nossos afobados calendários - o

[1] "As Kenningar", "A Metáfora"; J. L. Borges, A História da Eternidade. (Ed. Globo, Obras Completas)

gelo foi derretendo e pingando e deixando entrever, sob a outrora gelada e espessa capa branca, a forma de um gigante.

Ymir era o seu nome - e por ser uma criatura primitiva, dotada apenas de instintos, o maniqueísmo batizou-a logo de má. Ymir dormiu durante todas estas eras, enquanto o gelo que o recobria ia derretendo mansamente, gota à gota, até que, sob o efeito do calor escaldante de Musspell, que não cessava jamais de descer das alturas, eis que ele começou a suar. O suor que lhe escorria copiosamente do corpo uniu-se, assim, à água do gelo, que brotava de seus poderosos membros - e este suor vivificante deu origem aos primeiros seres vivos. Debaixo de seu braço surgiu um casal de gigantes e da união de suas pernas veio ao mundo outro ser da mesma espécie, chamado Thrudgelmir. Estes três gigantes foram as primeiras criaturas, que surgiram de Ymir; mais tarde, Thrudgelmir geraria Bergelmir, que daria origem à toda a descendência dos gigantes.

Entretanto, do gelo derretido também surgira, além das monstruosidades já citadas, uma prosaica vaca de nome Audhumla, de cujas tetas prodigiosas manavam quatro rios, que alimentavam o gigante Ymir. Audhumla nutria-se do gelo salgado, que lambia continuamente da superfície, e, deste gelo, surgiu ao primeiro dia o cabelo de um ser; no segundo, a sua cabeça; e, finalmente, no terceiro, o corpo inteiro. Esta criatura egressa do gelo chamou-se Buri e foi a progenitora dos deuses. Seu primeiro filho chamou-se Bor, e, desde que pai e filho se reconheceram, começaram a combater os gigantes, que nutriam por eles um ódio e um ciúme incontroláveis.

Esta foi a primeira guerra de que o universo teve notícia e incontáveis eras sucederam-se sem que ninguém adquirisse a supremacia. Finalmente, Bor casou-se com a giganta Bestla e, desta união, surgiram três notáveis deuses: Wotan (também chamado Odin), Vili e Ve. Dos três, o mais importante é Wotan, que um dia chegará a ser o maior de todos os deuses. E, porque assim será, um dia, ele próprio disse a seus irmãos:

- Unamo-nos a Bor e destruamos Ymir, o perverso pai dos gigantes!

Os quatro juntos derrotaram, então, o poderoso gigante, e com sua morte, acabou também a quase totalidade dos demais de sua espécie, afogada no sangue de Ymir. Um casal, entretanto, escapou do massacre: Bergelmir e sua companheira, que construíram um barco feito de um tronco escavado e foram se refugiar em Jotunheim, a terra dos Gigantes, onde geraram muitos outros. Desde então, a inimizade estabeleceu-se, definitivamente, entre deuses e gigantes, cada qual vivendo livremente em seu território, mas sempre alerta contra o inimigo.

Dos restos do cadáver do gigantesco Ymir, Wotan e seus irmãos moldaram a Midgard (Terra-Média): de sua carne, foi feita a terra; enquanto que, de seus ossos e seus dentes, fizeram-se as pedras e as montanhas. O sangue abundante de Ymir correu por toda a terra e deu origem ao grande rio que cerca o universo.

- Ponhamos, agora, a caveira de Ymir no céu - disse Wotan a seus irmãos, após haverem completado a primeira tarefa.

Wotan fez com que quatro anões mantivessem a caveira suspensa nos céus, cada qual colocado num dos pontos cardeais. Em seguida, das faíscas do fogo de Musspell,

brotaram o sol, a lua e as estrelas; enquanto que, do cérebro do gigante, foram engendradas as nuvens, que recobrem todo o céu.

Entretanto, após terem remexido a carne do gigante, com a qual moldaram a terra, os três deuses descobriram nela um grande ninho de vermes. Wotan, penalizado destas criaturas, decidiu dar-lhes, então, uma outra morada, que não, o Midgard. Os seres subumanos, que pareciam um pouco mais turbulentos que os outros, foram chamados de Anões e receberam como morada as profundezas sombrias da terra (Svartalfheim). Os demais, que pareciam ter um modo mais nobre de proceder, foram chamados de Elfos e receberam como morada as regiões amenas do Alfheim.

Completada a criação de Midgard, caminhavam, um dia, Wotan e seus irmãos sobre a terra para ver se tudo estava perfeito, quando encontraram dois grandes pedaços de troncos caídos ao solo, próximos ao oceano. Wotan esteve observando-os longo tempo, até que, afinal, teve outra grande idéia:

- Irmãos, façamos de um destes troncos um homem e do outro, uma mulher! E assim se fez: ele foi chamado de Ask (Freixo) e ela, de Embla (Olmo). Wotan lhes deu a vida e o alento; Vili, a inteligência e os sentimentos; e Ve, os sentidos da visão e da audição. Este foi o primeiro casal, que andou sobre a terra e originou todas as raças humanas que habitariam por sucessivas eras a Terra-Média. Depois que Midgard e os homens estavam feitos, Wotan decidiu que era preciso que os deuses tivessem também uma morada exclusiva para si:

- Façamos Asgard e que lá seja o lar dos deuses! - exclamou ele, que, como se vê, era um deus de energia e vontade inesgotáveis.

Este reino estava situado acima da elevada planície de Idawold, que flutuava muito acima da terra, impedindo que os mortais o observassem. Além disso, um rio cujas águas nunca congelavam - o Iffing - separava a planície do restante do universo. Mas, Wotan, sábio e poderoso como era, entendeu que não seria bom se jamais existisse um elo de ligação entre deuses e mortais. Por isso, determinou que fosse construída a ponte Bifrost (a ponte do Arco-íris), feita da água, do logo e do mar. Heimdall, um estranho deus nascido ao mesmo tempo de nove gigantas, ficaria encarregado, desde então, de vigiá-la noite e dia para que os mortais não a atravessassem livremente no rumo de Asgard. Para isso, ele portava unia grande trompa, que fazia soar todas as vezes que os deuses cruzavam a ponte.

A morada dos deuses possuía várias residências, as quais foram sendo ocupadas pelos deuses à medida que iam surgindo. O palácio de Wotan, o mais importante de todos, era chamado de Gladsheim. Ali, o deus supremo linha instalado o seu trono mágico, Hlidskialf, de onde podia observar tudo o que se passava nos Nove Mundos e receber de seus dois corvos, Hugin (Pensamento) e Muniu (Memória), as informações trazidas das mais remotas regiões do universo.

Entretanto, se na mais alta das regiões estava situado o paraíso daquele soberbo universo, nas profundezas da terra, muito abaixo de Midgard, estava o Niflheim, o horrível e gelado reino dos mortos. Lá pontificava a sinistra deusa ú, filha de Loki, que se regozija Com a fome, a velhice e a doença, e que tem i lado a serpente Nidhogg. Esta se alimenta

dos cadáveres dos mortos e se dedica a roer continuamente uma das raízes da grande árvore Yggdrasil, um freixo gigantesco que se eleva por cima do mundo e deita suas raízes nos diversos reinos, entre os quais, o próprio Asgard. Ao alto da copa frondosa desta imensa árvore, sobrevoa uma gigantesca águia, que vive em guerra aberta contra a serpente Nidhogg. Um pequeno esquilo - Ratatosk -, que passa a vida a correr desde o alto da Árvore da Vida até as profundezas onde está a terrível serpente, é o leva-traz dos insultos que estas duas criaturas se comprazem em trocar sem jamais esgotar seu infinito estoque de injúrias.

Nesta árvore fundamental, diz a lenda que o próprio Wotan esteve pendurado durante nove longas noites, com uma lança atravessada ao peito, para que pudesse aprender o significado oculto das Runas, o alfabeto nórdico, que rege e governa a vida dos deuses e dos homens. Quando seu martírio terminou, Wotan havia se tornado, definitivamente, o mais poderoso e sábio dos deuses, tendo o poder de curar doenças e de derrotar os inimigos com sua poderosa lança, Gungnir - ao mesmo tempo, sua mais poderosa arma e local de registro de todos os seus acordos.

Yggdrasil é o centro do mundo, e, enquanto suas raízes continuarem a suportar o peso de seu prodigioso tronco e de seus ramos infinitos, o mundo estará firme e a vida será soberana, sob os auspícios de Wotan, senhor dos deuses.

Loki e o construtor do muro

Durante muitos anos, os deuses viveram junto com os mortais até que, um dia, Odin, o maior dos deuses, teve a idéia de construir Asgard, a sua morada celestial. Era preciso que os deuses tivessem um local só para si, resguardado dos ataques dos seus terríveis inimigos, os Gigantes. Nem bem, porém, haviam terminado de construir a cidade, depararam-se todos com um grande problema: é que, na pressa, esqueceram de construir também uma sólida muralha para se proteger de um eventual ataque de seus pérfidos inimigos. Odin e Loki estavam conversando sobre o assunto, tendo ao lado outros deuses, como Tyr e Heimdall, quando, de repente, viram passar perto um cavaleiro.

- Uma bela construção a que fizeram...! - disse ele, admirando a arquitetura da divina cidade. - Mas, onde está o muro que deveria protegê-lo?

Os deuses, constrangidos, foram obrigados a confessar que haviam esquecido desta parte.

- Ora, mas isto não é problema! - disse o forasteiro. - Sou o mais hábil construtor do mundo e posso erguer um belo e fortificado muro, se assim desejarem.

Um sorriso de satisfação iluminou a barba ruiva de Odin. Loki, também satisfeito, acenou para o homem e lhe disse:

- E quanto tempo levará para terminá-lo?

- Em um ano e meio estará perfeito e acabado.

- Muito bem, pode começá-lo imediatamente! - disse Loki, aplaudindo o construtor.

- Esperem! - bradou Odin, interrompendo tudo. - O senhor disse que é o melhor construtor de todo o mundo, não é?

- Sim, honro-me de sê-lo!

- E, o que pede para realizar a sua tarefa? - quis saber o deus supremo, já imaginando que o hábil construtor não pediria pouco.

- Quero a mão da bela Idun em casamento - disse o outro, confirmando as mais negras previsões do maior dos deuses.

Idun era a deusa da juventude e cuidava do pomar onde brotavam as maçãs a juventude, graças às quais os deuses permaneciam sempre jovens e saudáveis.[2]

- Ora, desapareça daqui! - disse Tyr, o mais valente dos deuses, brandindo o seu único punho para o atrevido.

Heimdall, o guardião da ponte Bifrost, que conduzia a Asgard, como não podia falar, protestou tocando sua cometa tão alto no ouvido do estrangeiro, que construtor sofreu um sobressalto e precisou de alguns minutos para recuperar inteiramente a audição. Quanto aos demais deuses, já iam todos dando as costas, incluindo Odin, quando ouviram Loki dizer ao atrevido forasteiro:

- Muito bem, se puder construir em seis meses, o negócio está fechado! Todos os rostos voltaram-se, alarmados, para o imprevidente deus.

- Imporemos apenas a condição de que realize sozinho a sua tarefa e no espaço de um único inverno - disse ainda Loki, sem se importar com as censuras que faiscavam no olhar de seus colegas. Para estes, entretanto, disse à boca pequena: - Não se preocupem: em seis meses, ele não terá construído nem a metade do muro, o que o obrigará a nos entregá-lo de graça!

- Trato feito! - disse o construtor, que pareceu muito satisfeito com a proposta. No mesmo instante, desceu de seu cavalo Svadilfair e meteu mãos à obra. Acoplando um trenó à cauda do cavalo, ele começou a empilhar e a arrastar enormes pedregulhos pela neve com tanta vontade e determinação, que todos os deuses empalideceram, menos Loki, que olhava para o homem com um sorriso irônico.

---

[2] Na transposição da mitologia nórdica para a germânica, a deusa da juventude passa a se chamar Freya, em vez de Idun. Por se tratar, entretanto, de uma história específica da mitologia nórdica, optamos pela fidelidade à nomenclatura original. Além disso, já há uma outra Freya entre os nórdicos, com um caráter bastante distinto daquela a qual nos referimos. (N. dos A.)

- Não se aflija, bela Idun! - disse ele à infeliz deusa, que vertia pelos olhos pequeninas lágrimas douradas. - São fanfarronices do primeiro dia; amanhã, ele á estará exausto e jamais conseguirá terminar o muro dentro do prazo estipulado!

Mas, no segundo dia, o ritmo não diminuiu; na verdade, aumentou e, ao fim do primeiro mês, o estrangeiro já havia construído um bom pedaço, grande o bastante para deixar em pé os cabelos de Odin.

- Loki, seu idiota...! - disse ele, chamando o responsável pelo iminente desastre. - Se a coisa for neste passo, antes mesmo dos seis meses, ele terá concluído o maldito muro e perderemos Idun e as maçãs da juventude! Não lhe passou pela cabeça, cretino, que este construtor pode ser um gigante disfarçado a tramar a nossa destruição? - indagou Odin a Loki, que cocava a cabeça, com um ar culpado.

Idun, por sua vez, observava noite e dia, com desolação, a movimentação do construtor e cada pedra que ele depositava a mais sobre o muro, era um golpe cavo que soava em seu peito. Seus olhos estavam sempre postos sobre as costas suadas do infatigável construtor e de seu portentoso cavalo que arrastava no trenó, sem um minuto de descanso, os grandes pedregulhos.

O tempo passou e faltavam agora somente cinco dias para a chegada do verão e um pequeno trecho para que o muro estivesse concluído.

Odin fez um sinal para que Heimdall fizesse soar a sua trompa, convocando os deuses para uma reunião de emergência.

- E agora, seu tratante? - disse Odin, tão logo avistou Loki adentrar o salão. - Já que foi esperto o bastante para nos meter nesta enrascada, trate de arrumar um jeito de nos tirar dela, caso contrário, você irá para o sombrio Niflheim, onde sofrerá torturas tão cruéis que nem mesmo sua filha Hei o reconhecerá!

- Verei o que posso fazer, poderoso Odin - disse Loki, o qual, se era imprevidente a ponto de se meter a todo instante em enrascadas, não era menos hábil em se safar destas mesmas situações.

Loki internou-se numa grande floresta e, naquela mesma noite, enquanto o construtor trabalhava com a ajuda de seu cavalo, ele retornou de lá transformado numa belíssima égua branca. Postando-se diante do cavalo do construtor, a égua começou a relinchar melodiosamente (tanto quanto um eqüino possa ter alguma melodia), o que fez com que Svadilfair arrebentasse, afinal, os freios que o mantinham preso ao trenó e seguisse a égua floresta adentro.

- Ei, espere, aonde vai? - gritou o construtor, espantado.

O cavalo, entretanto, lançara-se numa corrida tão desenfreada que, por mais que seu dono tentasse alcançá-lo, não pôde fazê-lo. Depois de descansar um pouco e refletir, porém, o construtor farejou naquilo o dedo de Loki.

- É claro! - exclamou furioso. - Tão certo quanto sou um gigante disfarçado de construtor, esta égua não passa do maldito Loki disfarçado!

O gigante, então, vendo que não conseguiria terminar o muro sem o auxílio de seu prodigioso cavalo, resolveu reassumir a sua forma natural para tentar completar a tarefa.

Odin, contudo, que a tudo assistia de seu trono, exclamou tomado pela ira:

- Tal como eu imaginava: o tal construtor não passa, na verdade, de um maldito gigante!... Ótimo, pois com isto fico também desobrigado de meu juramento! - Odin suspendeu no ar a mão que alimentava seus dois lobos, Geri e Freki, e ordenou, imediatamente, que um servidor fosse chamar seu filho Thor.

- Thor, preciso que, mais uma vez, faça uso de seu martelo Miollnir para derrotar este gigante impostor! - disse Odin, depositando todas as esperanças em seu valente filho.

Thor não esperou segunda ordem: empunhando seu martelo e afivelando bem à cintura o seu cinto de força, foi até o gigante, que empilhava, freneticamente, imensos pedregulhos no afã de terminar logo a sua tarefa. O rio de suor, que lhe escorria dos membros, fizera com que a neve ao seu redor tivesse derretido toda.

- Ora, vejam...! - disse Thor, ao se aproximar dele. - O pequeno construtor virou, então, de uma hora para a outra, um gigante atarefado?

- Fique longe de mim! - disse o outro, carregando em desespero a última pedra que faltava para completar o muro.

Porém, antes que tivesse tempo de colocá-la sobre o último vão do muro, Thor arremessou seu martelo com tal força e velocidade, que a cabeça do gigante se esmigalhou inteira.

- Aí está, patife, o seu pagamento! - disse o deus, recolhendo Miollnir. O gigante teve, logo em seguida, o restante de seu corpo jogado nos gelos eternos de Niflheim.

- E então, tudo correu bem? - disse Odin ao filho, tendo ao lado Idun.

- Já deve estar construindo seus muros na terrível morada de Hei! - disse Thor, enquanto retirava sua pesada luva de ferro.

Todos os deuses regozijaram-se com uma grande festa, aliviados que estavam pela derrota do gigante. Entretanto, em meio a ela, alguém perguntou:

- E Loki? Que fim levou o espertalhão?

De fato, Loki havia desaparecido de Asgard desde o instante em que entrara na floresta com o garanhão do gigante. Durante muito tempo, ninguém ouviu falar dele até que, um belo dia, ressurgiu, trazendo um belíssimo e prodigioso cavalo negro de oito patas.

- Ora, viva! Finalmente, reapareceu! - exclamou Odin, que, no entanto, parecia mais interessado no cavalo do que no deus desaparecido.

- Apresento a vocês Sleipnir, o cavalo mais veloz do universo! - disse Loki, todo sorridente.

Loki, por mais incrível que possa parecer, tornara-se pai de um cavalo; mas, para quem já havia sido anteriormente pai de um lobo e de uma serpente, não havia nisto nada de surpreendente. Entretanto, percebendo que Odin apaixonara-se, perdidamente, pelo cavalo, tratou logo de lhe dar o animal de presente na esperança de fazer com que esquecesse, rapidamente, de suas trapalhadas.

E foi assim que Odin se tornou dono do cavalo mais veloz do universo.

Thor e seu criado Thialfi

Thor, o deus do trovão, tinha um fiel servidor chamado Thialfi. Eles se conheceram da seguinte maneira: Thor e o astucioso Loki haviam decidido ir até a Terra dos Gigantes (Jotunheim) para que Thor desafiasse aqueles arrogantes seres a uma disputa de força, bem ao gosto da época. Após um dia de cansativa viagem, entretanto, resolveram fazer pouso numa casa muito pobre - pois era a única que avistaram nas proximidades. Thor desceu sua carruagem puxada por dois vigorosos bodes e junto com Loki pediu alojamento por aquela noite. Estavam já sentados à mesa para matar a fome de um dia inteiro de caminhadas, quando Thor percebeu que aquela frugalíssima refeição não seria nem de longe o suficiente para saciar o seu monstruoso apetite.

- Só isto: duas nozes e um pedaço rançoso de queijo? - disse Thor, com o semblante irado, ao dono da casa e à sua mirrada esposa.

- É o que a pobreza nos permite, poderoso deus...! - disse o humilde anfitrião. Mas, neste momento, ele escutou o balir de suas duas cabras, que estavam lá fora, no pequeno redil.

- Garoto, vá até lá e traga já os dois animais! - disse Thor a Thialfi, que era o filho do dono da casa.

Thialfi deu um olhadela em seus pais e estes confirmaram, sem coragem para contestar o desejo do irascível deus. Num instante, as duas cabras estavam na sala apertada, espremidas com os demais.

- Matem-nas e façam uma bela caldeirada! - disse Thor ao casal.

O velho, entretanto, temeroso de que isto pudesse enfurecer o deus, disse:

- Mas, poderoso deus, são as suas cabras!...

- Loki, mate-as você, já que nossos anfitriões se recusam a nos saciar a fome! - bradou Thor, com o semblante ainda mais irado.

Loki deu cumprimento à ordem, e logo os pedaços das duas cabras estavam nadando dentro de um imenso caldeirão. Thor e Loki comeram com imenso prazer, mas Thialfi e seus pais mal puderam mastigar alguns bocados, pois temiam estar cometendo algum sacrilégio.

Thor custou a perceber a angústia dos anfitriões, mas, uma vez avisado por Loki, tratou de lhes acalmar a aflição.

- Não se preocupem - disse ele, com a barba ruiva manchada pelo molho. - Basta que recolham os ossos das duas cabras e os coloquem dentro de suas respectivas peles e amanhã os animais estarão inteiros outra vez.

O rosto dos anfitriões iluminou-se e, somente então, puderam comer a refeição - ou pelo menos o que sobrara dela - com gosto e alegria.

Loki, entretanto, dominado pelo seu furor em armar confusões, decidiu aprontar uma para cima daqueles pobres coitados. Cochichou, matreiramente, ao ouvido de Thialfi: - Thor não lhes deixou grande coisa: veja só o que restou...!

De fato, dentro do caldeirão restavam apenas os ossos das duas cabras, lisos como pedras.

- Abra um deles e chupe o tutano! - cochichou ainda a Thialfi. - Verá que não há nada mais saboroso do que o tutano de uma bela cabra cozida!

O jovem, esfomeado, seguiu o conselho e saboreou o petisco. Terminada a refeição, foram todos deitar, não sem antes devolver os ossos às respectivas peles.

Nunca uma noite foi tão contrastante como aquela, pois enquanto os dois visitantes dormiam e roncavam como duas sonoras tubas, os moradores da casa não podiam desgrudar os olhos, lá de seus miseráveis leitos, das peles recheadas de ossos, que jaziam atiradas a um canto. Mesmo quando tentavam fechar os olhos para dormir um pouco, tudo o que conseguiam ver nesta modorra angustiante era as duas cabras desconjuntadas, tentando se manter, desesperadamente, em pé e o deus tomado pela ira, arrebentando com tudo.

Porém, tão logo amanheceu, o velho dirigiu-se humildemente a Thor, e disse, enquanto fazia girar em suas encarquilhadas mãos o seu velho gorro:

- Poderoso Thor, será que elas voltarão a ser como eram...?

- Elas quem?... - disse o deus, com as barbas emaranhadas pelo sono.

- As suas cabras! - disse o velho, apontando para as peles cheias de ossos.

- Ah, sim! - exclamou o deus, tomando de seu martelo Miollnir. - Aproximando-se, então, dos restos dos animais, tocou-os com o martelo e eis que ali estavam outra vez, inteiros c saudáveis, os dois animais!

- Viva! - exclamou Thialfi junto da mãe, que batia palmas feito uma criança.

Mas cedo desfez-se a alegria, pois logo Thor percebeu que uma das cabras coxa. Thor, encolerizando-se, ameaçou matar a família inteira, enquanto Loki tapava a boca com a mão para esconder o riso.

Os dois velhos arrojaram-se diante do deus e clamaram de mãos postas:

- Por favor, poderoso Thor! Perdoa a gula de nosso irresponsável filho! Há muitos meses que não sabia o que era provar o gosto de uma carne!

Mas, Thor estava irredutível e prestes a fazer descer seu pavoroso martelo sobre a cabeça dos infelizes quando o velho, em desespero, disse-lhe:

- Leve consigo o meu filho! Ele será seu escravo para sempre! Somente então, Thor sentiu aplacar sua ira.

- Está bem, levarei o jovem comigo! - disse ele, encaminhando-se para a porta, juntamente com Loki, o causador de tudo.

E foi assim que, ao mesmo tempo, Thialfi tornou-se o servo predileto de Thor e dois pobres pais perderam o animo de sua velhice.

Thor em Jotunheim

O deus Thor, filho de Odin, estava viajando rumo a Jotunheim, a terra dos Gigantes, junto com Loki e seu criado Thialfi, quando chegaram todos a uma grande floresta.

- Alto! - disse ele, erguendo o braço. - Vamos parar aqui e procurar um lugar protegido para passar a noite.

Cada qual seguiu para um lado até que Thor exclamou:

- Acho que encontrei um bom lugar!

Thor estava diante da entrada de uma imensa caverna; portando um archote, ele adentrou-a junto com os demais.

- É um lugar amplo e bem seco! - disse o servo Thialfi.

- Será que não é a toca de algum animal? - perguntou Loki.

- Vamos ver! - disse Thor, avançando mais para o interior.

Após investigar com cautela o local, perceberam que estava desabitado.

- Vejam! - exclamou Loki. - Há várias câmaras por aqui!

De fato, a caverna bifurcava-se em cinco câmaras amplas e separadas do tamanho de grandes salões.

- Vamos passar a noite nesta - disse o deus do trovão, acomodando-se junto com Loki e Thialfi na mais ampla das câmaras.

Os viajantes dormiram um bom pedaço da noite, quando, subitamente, foram despertados por um tremendo baque seguido de um ruído assustador, que lembrava o grito de mil ursos.

- O que foi isto? - exclamou Loki, pondo-se em pé.

Thor e Thialfi ficaram alertas, mas ao ruído seguiu-se um profundo silêncio. Então, todos voltaram a dormir e, como o ruído assustador não voltasse a acontecer, estiveram em paz o restante da noite.

Na manhã seguinte, saíram todos da caverna.

- Que ruído pavoroso terá sido aquele? - indagou Thialfi, que ainda estava intrigado com o incidente da noite.

- Esqueça - disse Thor -, florestas escuras como estas são pródigas em ruídos misteriosos.

Mas, o deus estava enganado, pois, logo adiante, deram de cara com um monstruoso gigante que, estirado na relva, ainda dormia profundamente.

- E esta agora? - disse Thialfi, amedrontado.

- Vamos embora, antes que ele acorde! - sussurrou Loki, dando as costas do gigante. Infelizmente, a orelha dele era tão grande, que captou o sussurro dos três e, logo, seus gigantescos olhos abriram, cobertos por remelas do tamanho de batatas fritas.

- Quem são vocês e o que fazem aqui? - gritou a criatura prodigiosa, erguendo-se com uma rapidez espantosa para alguém do seu tamanho e se pondo i procurar algo com grande avidez.

- Sou o poderoso Thor e venho com meus companheiros de Asgard no rumo de Jotunheim - disse o deus, empunhando por cautela o seu martelo Miollnir.

Mas o gigante continuava a andar de lá pra cá, sem dar muita atenção aos forasteiros até que, de repente, deu um grande grito:

- Ah, achei!...

Era a sua luva, que Thor e os demais haviam tomado por uma caverna. E a câmara, que todos haviam achado confortável e espaçosa, não era mais do que o polegar da luva!

- Sou Skrymir e vou indo também para Jotunheim - disse ele, enquanto ajeitava a luva. - Por que não vamos todos juntos?

Loki deu uma olhadela para Thor, mas este fez um sugestivo sinal com o martelo para que aceitassem o convite do gigante.

Após uma rápida refeição, seguiram em frente, tentando a muito custo acompanhar as enormes passadas do gigante, que andava adiante deles, balançando nas costas sua ruidosa mochila de provisões. Ao ver, entretanto, que os asgardianos também levavam algum mantimento, declarou com a mais cândida das vozes:

- Hum... vejo que vocês também têm o seu farnel! Partilhemos, então, como bons companheiros de viagem, as nossas provisões...!

Skrymir tomou as mochilas dos três e as introduziu dentro da sua e, com isto, estava feita a partilha.Assim, viajaram durante todo o dia com o gigante regalando-se de hora em hora, ao mesmo tempo em que os outros penavam sede e fome contínuas, até que o dia escureceu novamente e todos acomodaram-se sob uma grande árvore para descansar e passar a noite. O gigante, entretanto, antes de começar a roncar disse aos outros para que se servissem, livremente, dos mantimentos que havia em abundância na sua mochila, acrescentando cinicamente: "dormir de estômago vazio provoca pesadelos".

Não houve uma transição muito grande entre suas palavras e seu sono, pois antes que sua boca se fechasse novamente, fez-se ouvir por toda a floresta o som de seu poderoso ronco. Enquanto isso, Thor, tão faminto quanto os seus companheiros, tentava abrir a maldita mochila. Infelizmente, ela estava tão bem amarrada, que foi impossível desatar-lhe um único nó. Depois de lutar por um longo tempo com os nós cegos, Thor acabou por perder de vez a paciência e exclamou, irado:

- Definitivamente, este gigante sujo está debochando de nós!

O deus agarrou o seu martelo e avançou para o gigante, que permanecia adormecido, e desfechou um furioso golpe em sua testa. Um estrondo cavo ressoou por toda a floresta, como se um pavoroso trovão tivesse eclodido.

- O que houve? - disse Skrymir, abrindo um de seus olhos. - Oh, esta árvore deve estar cheia de ninhos de pássaros, pois acaba de cair uma pena de um filhotinho sobre a minha testa. - Depois, voltando-se para Thor e seus companheiros, perguntou: - Como é, já fizeram a refeição...? - Mas, antes que o deus pudesse responder - e certamente reclamar - Skrymir já havia adormecido outra vez.

Thor, inconformado com a desastrada tentativa, empunhou novamente o seu martelo e chegando ao pé do gigante desferiu-lhe novo golpe, agora, sobre o topo do crânio. Skrymir acordou e levando a mão à cabeça, resmungou:

- Diacho! Agora foi uma noz que caiu! - Em seguida, virou de lado e voltou a dormir, como se nada houvesse acontecido.

Loki e Thialfi observavam as infrutíferas tentativas de Thor sem nada dizer, temerosos de que a ira do deus acabasse por se voltar contra eles. Thor resolveu esperar que o dia começasse a amanhecer para tentar um último e definitivo golpe. "De manhã

estarei descansado e, então, darei cabo deste miserável!", pensou, acomodando-se para dormir.

Tão logo o sol raiou, ele se pôs em pé, mais disposto, embora ainda esfomeado e percebendo que o gigante ainda dormia profundamente, tomou de seu martelo e aplicou-lhe um golpe tão violento, que o instrumento se enterrou até o cabo dentro da cabeça do desgraçado, que acordou com um grande bocejo.

- Ou estou muito enganado - disse ele, alisando os cabelos - ou algum passarinho largou uma titica sobre a minha cabeça! - Pondo-se em pé, Skrymir conclamou os demais para que também acordassem.

- Vamos, preguiçosos...! - disse ele, estendendo os braços e derrubando dezenas de árvores à direita e à esquerda. - O sol está alto e Jotunheim já está perto!

Já haviam começado a andar, quando Skrymir resolveu advertir-lhes:

- Preparem-se, pois lá encontrarão gigantes de verdade!

- Quê? - exclamou Thialfi, incrédulo. - São ainda maiores do que você?

- Maiores...? Você deve estar brincando! - disse o gigante, dando uma sonora gargalhada. - Meu nanico, logo vocês verão que eu não passo de um anão perto deles!

Andaram mais um pouco, até que chegaram a uma grande encruzilhada.

- Muito bem, aqui nos separamos - disse Skrymir abruptamente.

Os três entreolharam-se, surpresos, não sem uma ligeira e indisfarçada manifestação de alívio.

- Mas você não vai para Jotunheim? - perguntou Loki.

- Não, vou para o norte, mas vocês devem seguir a estrada que vai para leste. Dou-lhes, entretanto, o conselho para que evitem se mostrar arrogantes quando chegarem à terra dos gigantes, pois os habitantes do lugar, e em especial Utgardloki, não admitem que forasteiro algum demonstre presunção diante deles - ainda mais, umas formiguinhas feito vocês.

Antes que Thor pudesse responder, o gigante já estava tomando o seu rumo.

- Adeus, amigos! Foi um prazer viajar ao seu lado! - disse Skrymir, lançando para as costas a sua recheada mochila. Com duas ou três passadas, desapareceu pela floresta, deixando Thor e os outros a caminho do país dos gigantes.

***

Os três companheiros já haviam caminhado bastante desde a separação, quando avistaram uma cidade no fim de uma extensa e elevada planície.

- Vejam, lá está um grande palácio! - disse Loki, apontando para a construção, que mesmo de longe já era imensa.

Aquele era o castelo de Utgardloki, um dos reis de Jotunheim, o qual, embora o nome, não tinha parentesco algum com o acompanhante de Thor.

Na verdade, era um palácio tão alto que ao tentar avistar a mais alta de suas torres quase caíram todos de costas. Quando baixaram os olhos, novamente, deram-se conta de que os imensos portões estavam fechados.

- E agora, poderoso Thor? - disse o servo Thialfi, cocando a cabeça.

- Vamos tentar abri-los à força - disse o deus do trovão, apoiando as duas mãos na porta maciça, enquanto retesava os músculos das pernas para tentar entrar no palácio. Loki e o criado uniram-se aos esforços do deus, mas foi tudo em vão: as portas não moveram-se um único milímetro.

- Ufa!... - exclamou Loki, enxugando o suor da testa. - Por que não tentamos bater a aldrava?

De fato, havia uma gigantesca aldrava de bronze colocada no meio do portão, mas estava fora do alcance de qualquer um deles. Então, Thor, depois de estudar melhor a porta, descobriu que havia uma pequena fenda entre as duas pesadas folhas. Para os gigantes era uma fenda tão desprezível que seus olhos não podiam nem percebê-la, mas, para os visitantes, era uma passagem perfeitamente possível de ser atravessada - desde, é claro, que não se importassem em se espremer um pouquinho.

- Vamos entrar neste palácio nem que seja a última coisa que eu faça! - exclamou Thor, que possuía em grau admirável a virtude da persistência.

Thor se espremeu, então, até conseguir ultrapassar a estreitíssima fenda, sendo seguido imediatamente pelos dois companheiros.

- Ótimo! - exclamou Loki. - Já estamos dentro!

- Chhh! - fez Thor. - Temos de pegá-los de surpresa, senão nos expulsarão daqui antes mesmo que estejamos em seu salão. Ou esqueceu que deuses e gigantes são inimigos implacáveis?

Os três foram avançando, assim, pé ante pé, enquanto vozes retumbantes ecoavam pelos corredores. Por diversas vezes cruzaram com sentinelas postados à margem dos vastíssimos corredores, mas eles eram tão imensos em comparação com os intrusos, que, a menos que tivessem olhos nas canelas, jamais teriam sido capazes de percebê-los.

- É ali o salão dos gigantes! - disse Thor aos demais.

Tomando a dianteira, o deus escalou um pequeno banquinho e se fez anunciar dali com sua portentosa voz, que, no entanto, diante do vozerio assumiu as proporções diminutas do zumbido de um mosquitinho.

Loki, sempre apreciador do ridículo, seja humano ou divino, fazia um grande esforço para controlar o seu riso, enquanto que o criado Thialfi fingia ter perdido algo pelo chão. Tomando, então, Miollnir, o seu poderoso martelo, Thor começou a malhar o banco onde estava até fazê-lo em pedaços.

- Atenção, todos! Sou Thor e vim aqui para desafiá-los!

Algumas cabeçorras, atraídas pelo ruído do martelo, voltaram-se para a direção de onde provinha aquele minúsculo, mas agora nítido ruído. Ao avistar Thor, entretanto, puseram-se a rir, deliciados, apontando para os visitantes dedos enormes como toras de carvalho desprovidas de ramos.

- Oh, então, você é Thor, o famoso deus do trovão? - exclamou uma voz, postada na ponta da grande mesa onde estavam assentados os gigantes. Ela pertencia a Utgardloki, o maioral do lugar.

- Sim, é Thor, o matador de gigantes, quem está à sua frente! - esbravejou o deus num assomo verdadeiramente admirável de audácia.

- Oh, longe de nós querermos pôr à prova a veracidade de suas palavras - disse o líder dos gigantes, descobrindo os dentes num ar de evidente deboche, embora, interiormente, tivesse dúvidas se não seria mais prudente evitar um confronto com o famoso deus (vai que era mesmo verdade o que diziam de sua força...!).

- Muito bem, forasteiros, aproximem-se - disse Utgardloki, fingindo-se bom anfitrião. - Há sempre lugar à minha mesa para mais três bocas!

"Ainda mais deste tamanhinho!", disse ele à boca pequena (por assim dizer) aos seus vizinhos de mesa, que imediatamente caíram na gargalhada.

- Mas, para que desfrutem de minha generosa hospitalidade - continuou a dizer Utgardloki em tom grandiloqüente -, terão os três de nos brindar com algum prodígio de força ou habilidade!

Loki, que não estava para muitas conversas, e sentia dentro do estômago um buraco do tamanho daquelas criaturas, adiantou-se e disse:

- Quanto a mim, o único prodígio do qual me sinto capaz, neste instante, é o de comer mais do que qualquer um de vocês!

- Muito bem, está aceito o desafio! - disse um deles, erguendo-se no mesmo instante. Era Logi, um dos gigantes mais fortes - e seguramente mais esfomeado - de todo o bando. - Vamos começar o desafio imediatamente!

Loki sentou-se em frente ao gigantesco Logi e, logo, travessas imensas de carne foram postas diante dos dois. Para Loki, a carne foi servida sob a forma de pernis, enquanto, para o gigante, foram servidos bois inteiros.

Dado o sinal, os dois competidores arreganharam os dentes e lançaram-se às suas porções com terrível voracidade. Loki fez jus à sua fama de voraz comilão, tendo

esvaziado a sua travessa no mesmo espaço de tempo que o adversário. Só que este, como a perfeita personificação da Fome, não só devorara a sua porção como também os ossos e a travessa, o que lhe valeu a vitória.

- Muito bem, agora é a sua vez, nanico! - disse Utgardloki a Thialfi, que aguardava em suspense a sua vez de provar o seu valor.

- Bem, se eu tenho alguma virtude, senhor gigante - foi dizendo o criado de Thor - é a de ser o mais veloz dos mortais. Por isto, desafio qualquer um dos presentes a me vencer numa corrida.

Hugi, o mais veloz dos gigantes ali presentes, bradou da outra ponta da mesa:

- Vamos, saiam da frente, que esta é comigo!

Thialfi voltou o rosto, rapidamente, em direção ao distante local de onde a voz soara, mas antes que seu eco tivesse terminado, ele já estava diante dele.

- Então, nanico, está pronto? - disse Hugi, com um sorriso superior.

O rei ergueu-se e foram todos para uma pista que havia no lado de fora do castelo. Os dois, Thialfi e Hugi, foram colocados lado a lado, até que Utgardloki concluiu, a seu modo, a contagem regressiva:

- Dez! nove! oito! sete! quatro! seis!... Dez! nove! oito! cinco! dois!... Dez! nove! sete! seis! meia dúzia!... Ora, inferno, partam de uma vez!

Os pés de ambos começaram a correr com tal agilidade, que ficou muito difícil observá-los. Mas, com um esforço maior podia-se divisar as pernas de Thialfi, as quais alternavam-se com tamanha rapidez que pareciam imóveis.

De repente, entretanto, percebeu-se num pasmo, que Hugi já estava voltando!

De fato, o gigante fora tão rápido, que chegara ao fim da pista e retornava agora, cruzando por Thialfi, com uma grande risada. E, antes que o pobre Thialfi conseguisse completar o trajeto, o gigante voltou e venceu-o pela segunda vez.

Com Thialfi derrotado, chegara a vez de Thor enfrentar o desafio. Como estivesse muito sedento, propôs aos gigantes uma disputa de bebida.

- Tragam-me o maior chifre que houver, repleto de hidromel e beberei tudo de um único gole! - disse o deus, confiante em seu fôlego prodigioso. Utgardloki trouxe um chifre verdadeiramente imenso - tão imenso, que não se podia enxergar a sua extremidade - e o colocou diante de Thor.

- Pronto, aqui está, falastrão! - disse ele. - Se for mesmo forte, beberá seu conteúdo de um só trago. Se não for tão resistente assim, precisará de dois grandes tragos. Agora, se for um maricas, então, terá de dar três longos goles. Mas, não creio que tal aconteça, pois nunca ninguém tão fraco assim se apresentou por aqui! - acrescentou o gigante, empinando logo o chifre.

Thor encheu os pulmões de ar e colou a boca ao bocal, puxando todo o conteúdo do gigantesco chifre. Suas bochechas ficaram infladas e lustrosas, mas tão logo engoliu aquele grande trago, percebeu que ainda havia muito para ser engolido. Na verdade, a marca que indicava a quantidade existente dentro do recipiente mal se movera. Derrotado na primeira tentativa, Thor tomou novo fôlego e puxou nova e assustadora quantidade para dentro da boca, que quase estourou de tanto líquido. Mas, foi em vão: a marca permanecia praticamente inalterada. Os gigantes entreolhavam-se com risos e caretas.

- Não quer tentar uma última vez? - disse Utgardloki ao pé do ouvido de Thor.

Enchendo os pulmões de ar, o deus sorveu um último e prodigioso gole, a ponto de o hidromel escorrer-lhe pelas barbas numa verdadeira cachoeira.

- Desisto! - disse Thor, sabendo que nem em mil goles conseguiria beber todo o conteúdo.

- Que pena! - exclamou Utgardloki, falsamente condoído. - Pensei que o poderoso deus fosse um pouquinho mais resistente! Mas, como você é uma divindade muito respeitada, vou dar-lhe uma nova chance em um novo desafio! - disse Utgardloki, fazendo sinal para que trouxessem o seu grande gato cinzento.

- Temos aqui uma nova competição da qual participam somente as crianças: consiste apenas em levantar do chão meu gato de estimação. É lógico que eu não teria me atrevido a propor tal brincadeira ao grande Thor seja não tivesse comprovado a sua lamentável fraqueza!

O magnífico gato, apesar de também ser gigantesco, não parecia, de fato, representar um desafio acima das forças de Thor. Por isso, o deus acolheu o desafio com um sorriso de alívio.

Thor aproximou-se do bichano, dizendo: "Aqui, Mimi, aqui!" O gato aproximou-se de mansinho com suas patas branquinhas da cor da neve e ronronou suavemente. Então, o deus envolveu o gato em seus poderosos braços e começou a suspendê-lo - ou a imaginar que o suspendia, pois na verdade o gato apenas esticara um pouco as suas pernas para dar a impressão de que cedia aos esforços do deus.

- Está difícil, deus do trovão? - disse o gigante, escarnecendo.

Todos os demais riam fungado, fazendo coro com o rei, inclusive, o gato, que parecia ter na boca ornada por elegantes bigodes um sorriso sutil de ironia.

Por mais que Thor forcejasse, nada conseguiu, além de fazer o gato erguer uma de suas patas brancas, o que pareceu, por fim, mais uma condescendência do bichano do que qualquer mérito seu.

- É fracote mesmo! - disse um dos gigantes, dobrando-se de tanto riso.

Utgardloki balançava a cabeça numa fingida desolação.

Thor, entretanto, tornara-se a tal ponto irado por causa de tantas humilhações, que resolveu lançar um último desafio aos atrevidos gigantes.

- Está bem, sou pequeno - disse o deus, espumando de raiva -, mas quero ver qual de vocês está disposto a lutar comigo!

- Meu amigo - disse Utgardloki, olhando para os homens sentados nos bancos -, aqui os fortes só brigam com os fortes. No entanto, conheço alguém a quem talvez você possa fazer frente. Chamem Elli, a minha velha ama - disse o rei a um lacaio.

Dali a instantes entrou no salão uma velha de cabelos ralos e brancos, que endereçou a Utgardloki um sorriso deserto de dentes.

- Velha Elli, aí está um desaforado que diz poder derrotá-la! - disse o gigante à velhota, que, no mesmo instante, começou a arregaçar as saias, preparando-se para o embate. - Mostre a ele quem é o mais forte por aqui!

O deus e a velha postaram-se no centro do salão e a um sinal do gigante a luta começou. Thor arremessou-se à adversária com certa cautela, pois não pretendia maltratar aquela velha centenária. Mas, ela não era nada daquilo que aparentava, e dando um pulo para o lado, que fez inveja ao próprio gato, esquivou-se do ataque e veio postar-se às costas de Thor. Em seguida, aplicou uma valente chave em um dos braços do adversário com tal força, que Thor viu-se obrigado a se ajoelhar e a reconhecer a derrota.

Com isto, encerraram-se as disputas. Thor e seus humilhados companheiros receberam um leito cada qual para descansar antes de partir na manhã seguinte. Tão logo os primeiros raios do sol surgiram no horizonte, já estavam os três prontos para ir embora daquela terra infamante. Utgardloki mandou que lhes servissem uma mesa repleta de iguarias e bebidas. Depois, acompanhou-os até a porta da cidade, e, antes que partissem, perguntou:

- E, então, Thor, gostou da viagem e da hospitalidade?

- Se lhe agrada saber, direi que nunca fui tão humilhado em toda a minha vida! - disse o deus, cabisbaixo, louco para ganhar a estrada.

- Bem, agora já pode se acalmar - disse Utgardloki, tão logo haviam transposto os portões do palácio. - Agora, que você está fora da cidade posso lhe contar o que, verdadeiramente, ocorreu.

Os três entreolharam-se, sem nada entender.

- Palavra de honra, se soubesse que possuía uma força tão descomunal e companheiros tão extraordinariamente competentes jamais teria permitido que aqui entrassem. Na verdade, iludi-os o tempo todo com minhas artimanhas. Primeiro, na floresta, onde amarrei a mochila com arame para que não pudesse desamarrá-la.

- Você? - exclamou Loki.

- Sim, Skrymir era eu mesmo! - disse Utgardloki com um grande riso. - Aquelas três pancadas que me desferiu com seu martelo, seguramente, teriam-me esfacelado o crânio, caso me tivessem realmente atingido! Mas, fui hábil o bastante para enganá-lo no momento certo, entrando para debaixo da terra, de modo que suas pancadas atingiram enormes montanhas, produzindo aquelas fendas profundas, que podem ver lá adiante.

Os três asgardianos olharam naquela direção e viram três grandes abismos que o martelo de Thor abrira naquelas encostas.

- Da mesma forma, foram enganados nas outras disputas - continuou a dizer o gigante. - O adversário de Loki na disputa da comilança não foi outro, senão o próprio Fogo, que devora tudo quanto encontra pelo caminho. Já aquele contra quem Thialfi disputou a corrida era o Pensamento, sendo impossível a qualquer um correr na mesma velocidade que ele.

Loki e Thialfi pareceram aliviados ao descobrir que não haviam sido humilhados, afinal.

- Quanto a você, poderoso Thor, jamais poderia ter esvaziado aquele imenso chifre, pois ele estava ligado na outra ponta ao inesgotável oceano; mesmo assim, se olhar bem na direção do mar, verá que ele está com a maré bem baixa, o que prova a quantidade prodigiosa de água que engoliu! Quanto ao gato, cumpre dizer que operou um feito não menos invejável, pois aquele bichano era na verdade a serpente Midgard, a vasta serpente que contorna toda a terra com suas longas espirais. Ficamos verdadeiramente espantados quando vimos que havia conseguido erguê-la um pouco acima do chão. Mas, de todas as derrotas, com certeza, a menos infamante foi a que lhe pareceu a mais vergonhosa: pois aquela velhota contra a qual lutou era a própria Velhice e jamais alguém pôde vencê-la em tempo algum.

Ao escutar o fim do discurso de Utgardloki, Thor mostrou-se tão furioso - pois, afinal, havia feito papel de bobo diante de toda aquela corte - que ergueu seu martelo Miollnir, pronto a aplicar um castigo de verdade ao gigante. Este, porém, percebendo o perigo, desapareceu instantaneamente.

Sem se dar por vencido, Thor retornou ao castelo para destruir tudo, mas quando lá chegou, uma última decepção o aguardava: o castelo havia desaparecido, como num passe de mágica!

O desaparecimento de Miollnir

Thor, deus do trovão e filho de Odin, despertou, certa manhã, com uma estranha sensação: a de que lhe faltava algo muito importante. "Que vazio é este, que tanto me angustia?", perguntava-se o deus desde o instante em que abrira os olhos.

Esta desagradável sensação prolongou-se pelo resto da manhã até que o deus finalmente, deu-se conta do que era, quando encontrou um bilhete justo no lugar onde costumava guardar seu martelo Miollnir.

> *Caro Thor: caso deseje retomar a posse de seu poderoso martelo, favor entrar em contato comigo, pois eu o escondi sob as profundezas da terra, em um local ignorado. Estou aberto a toda negociação. Assinado: Thryn, da maravilhosa raça dos Gigantes.*

- Loki! Loki! - bradou Thor, exigindo a presença do trapaceiro deus.

Em instantes, o deus de longos cabelos lisos e escarlates estava à sua frente.

- O que houve, poderoso Thor? - disse Lotei, assustado.

- Aquele maldito Thryn furtou meu martelo! - disse Thor, quase possesso. - Quero que vá, imediatamente, até ele para saber quais são os termos da sua proposta para efetuar a devolução de Miollnir. Você é descendente daquela raça maldita e saberá engambelá-lo melhor do que eu. Caso contrário, eu mesmo irei até onde este verme se esconde e o esmagarei!

Antes de partir, Loki foi até Freya, a deusa do amor, para lhe pedir um favor.

- O que quer aqui a esta hora? - disse ela, mal-humorada e com cara de sono, pois acordava sempre muito tarde.

- Preciso que você me empreste o seu casaco de pele de falcão para cumprir uma importante missão para Thor - disse Loki.

- Aonde vai?

- Houve um terrível furto!

- Furto...? Que furto?

- O gigante Thryn furtou o martelo de Thor!

- Que horror! - disse a deusa, tornando-se rubra. Depois, indicando o local onde guardava seu casaco, completou: - Vamos, pegue-o e trate logo de recuperar a arma do pobre Thor!

Freya sabia muito bem que, sem seu martelo, Thor não poderia defender Asgard de um eventual ataque dos gigantes, seus tradicionais inimigos.

Loki envergou o casaco e se metamorfoseou, logo, em um elegante falcão de penas rubras como o fogo. Assim travestido, percorreu as amplidões que levavam à morada dos gigantes, em Jotunheim. Após circular por vários locais, acabou por descobrir a caverna onde se escondia o temível Thryn. Em instantes, pousou na entrada do gélido covil e disse com a voz mais nobre possível:

- Ó Magnânimo Thryn, vim buscar o martelo do Magnífico Thor!

- Entre logo, miserável Loki - disse uma voz algo displicente.

A caverna era toda decorada por dourados e polidos escudos, que refletiam as luzes das tochas, a tal ponto que quase se cegava lá dentro.

- Nossa, quanta luz!... - exclamou Loki, pondo a mão sobre os olhos.

- É que sou meio míope e gosto de tudo às claras - disse o gigante, refestelado em seu esplêndido trono.

- Se gosta de tudo às claras, diga-me, logo, onde está Miollnir e retornarei para Asgard com os seus melhores votos.

- Você retornará para Asgard - disse o gigante, ajeitando melhor o fantástico traseiro sobre a almofada de veludo escarlate -, mas é para me trazei- a adorável Freya em paga do brinquedinho de Thor, que, certamente, levará de volta depois.

Mas, Loki não seria Loki, se ousasse sair da presença do gigante sem lhe dar uma resposta à altura.

- Perdão, poderoso gigante - disse ele, com o ar tão sereno quanto possível -, mas jamais poderá usar o martelo sem as luvas de ferro de Thor.

- Nem eu, nem ele - respondeu, secamente, o gigante. - Não me obrigue, agora, a repetir tudo o que já lhe disse.

Loki retornou rapidamente e logo estava em Asgard diante dos deuses. Depois de comunicar os termos da exigência de Thryn, Loki teve de escutar os gritos furiosos da deusa do amor (ou seja, do sexo), que em hipótese alguma admitia a idéia de ir se juntar ao asqueroso gigante. Thor, a seu turno, também não admitia perder a mais bela das deusas, enquanto que Odin, o deus supremo, bateu no chão diversas vezes com sua lança Gungnir, soltando várias imprecações contra o pérfido. Assim, estiveram por um bom tempo, até que Loki teve uma idéia que julgou excelente.

- Eis o que faremos - disse ele, tomando a palavra. - Thor e eu iremos até a morada do gigante travestidos de mulher; ele, de Freya, e eu, de sua escrava.

- Está louco? - disse Thor, brandindo seu punho na direção de Loki. - O que dirá de mim aquela raça degenerada dos gigantes, quando descobrirem que ando por aí vestido de mulher?

- Dirão, poderoso Thor, que você é um deus muito inteligente e que recuperou seu martelo após haver engambelado todos eles! - disse Loki, recorrendo ao eficientíssimo recurso do apelo à vaidade.

O deus do trovão ainda relutou um pouco, mas não descobrindo outro recurso, acabou por ceder.

- Deixe-me ver seus vestidos - disse o deus à Freya, meio desenxabido.

Depois de ele e Loki terem passado em revista o infinito guarda-roupa da deusa da fertilidade, acabaram por escolher duas peças menos chamativas. Em seguida, tiveram seus rostos pintados por uma pesada maquiagem para ocultar a sombra que suas barbas raspadas haviam deixado.

- Vamos de uma vez! - disse Thor, que decidiu sair durante a noite em sua carruagem puxada por duas cabras, para não chamar muito a atenção.

Aquela foi uma viagem muito constrangedora. Um silêncio desconfortável acompanhou-os durante toda a viagem até que, finalmente, chegaram aos domínios do gigante Thryn.

- Oh, Freya adorável! - exclamou o gigante, que não era lá muito bom das vistas - Você veio, então! E esta donzelinha encantadora, quem é?

Loki baixou os olhos, como uma boa serva.

- É minha escrava - disse Thor, dando um tapa na cabeça de Loki. - É meio fraca dos miolos. Mas, falemos de nós, audaz gigante!

- Oh, sim, falaremos muito de nós! - disse Thryn, levando Thor e Loki para seus amplos salões. Ali, um magnífico banquete de núpcias estava preparado para recepcionar aquela que imaginavam ser a deusa do amor e sua bela escravinha. Os dois foram logo instalados à mesa, cercados de gigantes de colossal estatura e de suas respectivas esposas. Thor e Loki foram servidos regiamente: o deus do trovão, que trazia uma fome tremenda da viagem, não se fez de rogado e se serviu à vontade. Pilhas de carne foram tragadas por ele junto com oito salmões recheados de pequenas carpas e quatro barris inteiros de hidromel, além de uma quantidade fantástica de doces, o que encheu de assombro o seu "noivo".

- Nossa, Freya, não sabia que tinha tanto apetite! - disse Thryn, boquiaberto.

- Permita-me, poderoso Thryn, explicar-lhe o motivo - disse Loki, disfarçado de escravinha. - É que a deusa esteve tão ansiosa estes dias que antecederam à nossa viagem, que não teve ânimo para pôr nada entre os dentes antes de estar ao seu lado.

Thryn deu um largo sorriso de satisfação que lhe arreganhou os dentes.

- Muito bom escutar estas coisas! - disse o gigante, deliciado com aquelas palavras. - Muito bom mesmo, assim vale a pena...!

Empolgado por aquela declaração indireta de amor, o gigante aproximou seus lábios de Thor e tentou roubar-lhe um beijo. A "deusa", entretanto, lançou-lhe um olhar tão furioso, que as carnes do gigante tremeram por cima dos ossos.

- Não é nada, não se assuste! - disse Loki ao ouvido de Thryn. - É apenas o nervosismo que antecede o grande momento...

O "grande momento"! Esta expressão trouxe à imaginação do gigante um mundo de fantasias tão sublimes que, entusiasmando-se, chamou logo um criado.

- Traga, imediatamente, o martelo! - disse ele

Um lacaio trouxe o magnífico Miollnir. Os olhos de Thor faiscaram, enquanto ele remexia as suas saias em busca de sua luva de ferro.

- Coloquem-no entre os joelhos de Freya! - ordenou Thryn, incontinenti. - Assim, estará simbolizada a devolução e o nosso casamento!

Um dos lacaios aproximou-se, reverentemente, e colocou Miollnir entre os joelhos da falsa Freya.

E, aqui, começou o massacre. Tão logo Thor teve ao seu alcance a sua devastadora arma, retirou de dentro das saias a sua mão enluvada e tomou do martelo. Com a outra mão ergueu a mesa e a lançou de encontro à parede com pratos, talheres, sopeiras douradas e tudo o mais.

Um alarido de medo escapou da garganta dos gigantes, quando Thor, desvencilhando-se das suas dominadas roupas, partiu para cima dos seus adversários, eliminando, em primeiro lugar, o seu noivo com uma poderosa martelada no crânio. Logo em seguida, arrasou com tudo, de tal forma, que nem as gigantas ou os lacaios escaparam de sua fúria. Terminado o massacre, subiu de novo no seu carro, junto com Loki, e retornaram ambos para Asgard, levando consigo o martelo e sua honra restaurada.

A espada mágica de Freyr

Freyr era um deus da raça dos Vanir, contraposta a dos primitivos Aesir, dos quais o poderoso Odin era o líder. Desde sempre os aesires haviam relutado em admitir a companhia dos vanires, considerados por eles como “deuses inferiores”. Durante muitas eras, estas duas classes de deuses guerrearam entre si, até que se firmou um tratado de paz. Houve, então, uma troca de reféns, na qual coube aos vanires remeter aos antigos adversários três de suas divindades: Freyr, deus da fertilidade; sua irmã Freya, deusa do amor; e Niord, pai de ambos e deus do mar.

Estas três divindades foram muito bem recebidas em Asgard e, desde então, ali se estabeleceram amigavelmente.

Freyr sempre teve sua imagem associada a três prodígios oriundos das mãos de operosos anões: o javali Gullinbursti, que possuía cerdas douradas; o navio Skidbladnir, que além de navegar, era capaz de voar e ainda podia ser dobrado e colocado dentro do bolso do deus, como um lenço. Mas, de todos os prodígios associados à fama de Freyr, nenhum foi mais admirado – e justamente temido – do que sua espada milagrosa. Esta arma maravilhosa tinha o dom de destruir sozinha os inimigos de seu dono.

Freyr achava-se sentado sobre Hlidskialf, o trono mágico de Odin, de onde podia avistar todo o universo. Aproveitando a ausência dos mais poderoso dos deuses, ele contemplava, dali, a vastidão dos nove mundos, desde as profundezas de Niflheim até os confins gelados de Jotunheim, a terra dos gigantes. Ali, deteve seu olhar durante um longo tempo, até que a certa altura avistou um linda jovem com sua longa cabeleira dourada a esvoaçar sob o vento gélido que descia das montanhas encapuzadas pela neve.

- Justos céus! – exclamou ele, maravilhado. – Quem é esta beldade?

Freyr ficou possuído por um desejo incontrolável pela bela criatura e, desde então, perdeu o sossego a ponto de não conseguir mais dormir.

- O que está havendo, que anda tão abatido? - disse-lhe um dia Skirnir, seu fiel servidor. - Faz dias que não come e mal bebe o seu hidromel! Anda o dia inteiro de um lado a outro, sinal de que está às voltas com um grande problema.

- E, realmente, estou!... - disse Freyr, feliz por encontrar alguém para desabafar. - Ah, Skirnir, desde que pus os olhos no longínquo reino dos gigantes e vi lá uma bela jovem a passear pelos campos gelados, perdi o sossego! E o pior de tudo é que não sei quem ela é nem o que hei de fazer para conquistá-la...

Skirnir ficou observando o estado lamentável em que seu senhor se encontrava, e, pelo tom pálido de suas faces, pôde comprovar, que, realmente, ele estava perdidamente apaixonado.

- Skirnir, preciso de um grande favor seu! - disse Freyr, em desespero.

O criado sentiu que estava prestes a arrumar uma bela encrenca.

- Quero que vá até Jotunheim e descubra quem é aquela adorável jovem!

Skirnir ficou mais pálido do que o próprio deus. Afinal, ter que enfrentar uma viagem por terras inóspitas e fazer frente ao provável ataque de uma legião de gigantes não era uma perspectiva nada agradável.

Freyr, percebendo o receio que se desenhava no rosto do servidor, fez-lhe, então, uma oferta intempestiva:

- Emprestarei a você, fiel Skirnir, o meu maior bem: a minha valiosa espada!

"A espada mágica de Freyr...!", pensou o servo, sem poder acreditar. Num instante, os seus receios evaporaram.

- Está bem, eu irei! - disse ele, quase eufórico.

Freyr, no entanto, sentia que acabara de cometer uma terrível imprudência. "Separar-se de sua espada mágica?", dizia num tom de censura uma voz dentro de si. Ele nunca fizera isto antes, e aquela mesma voz interior parecia lhe dizer que, se o fizesse,

nunca mais tornaria a vê-la. Mas, afinal, o seu desejo pela jovem venceu a sua reticência e ele autorizou a partida de seu criado.

- Vá em frente e me traga de qualquer jeito a jovem!

- Deixa comigo! - disse Skirnir, que já se sentia feliz por poder dar início àquela que, sem dúvida, seria a maior de suas aventuras.

Skirnir partiu para sua longa viagem, sentindo-se orgulhoso como um deus. Durante longos dias e noites, cavalgou pelas vastidões dos nove mundos, escutando com infinito deleite a espada retinir de encontro ao estribo, até que a paisagem começou a se tornar verdadeiramente gélida e sombria. Sobre a sua cabeça, massas imensas de nuvens escuras e carrancudas faziam cair alternadamente torrentes de uma chuva gelada ou de uma neve pesada como chumaços compactos de algodão. Com o capuz puxado até o nariz e o vermelho manto enrolado duas vezes sobre si, Skirnir substituiu a cavalgada ágil de seu cavalo por um trote cauteloso ao se aproximar da temível morada dos gigantes.

Após fazer algumas investigações, descobriu que a jovem se chamava Gerda e que morava no castelo de seu pai Gymir. Skirnir dirigiu para lá o seu cavalo, sem nunca, entretanto, descuidar da cautela. Tão logo foi se aproximando, descobriu que motivos para tanto realmente não faltavam, pois o castelo onde a jovem morava estava cercado por um muro feito de labaredas gigantescas.

"E esta, agora...!", pensou Skirnir, puxando as rédeas do cavalo, que escarvava impacientemente a neve, disposto a se arremessar de qualquer jeito sobre o terrível anel de chamas.

- É isto mesmo o que você quer? - disse Skirnir, colando a boca à orelha do cavalo.

O animal, como se tivesse entendido perfeitamente as palavras do cavaleiro, confirmou duas vezes com a cabeça, fazendo com que a neve acumulada em suas crinas se desprendesse numa pequena chuva alva. Logo em seguida fez uma meia volta e retornou num ágil galope. Skirnir afrouxou as rédeas o mais que pôde e agarrado ao pescoço do animal atravessou destemidamente as labaredas. Mas, graças ao galope velocíssimo, ambos chegaram praticamente incólumes do outro lado, apenas com alguns ligeiros chamuscos na crina do cavalo e no manto de Skirnir, tendo agora à sua frente as torres do castelo de Gymir.

Entretanto, sequer tiveram tempo de se recuperar do primeiro desafio, quando viram surgir em sua direção enormes cães cinzentos, que mais se assemelhavam a gigantescos lobos; suas goelas escancaradas ladravam de maneira ensurdecedora.

A matilha cercou o cavalo de Skirnir e foi, então, que o jovem aventureiro pôde conhecer pela primeira vez as virtudes da espada mágica, pois bastou quede desse o grito de ataque para que ela, sozinha, saltasse da sua bainha prateada e fosse esgrimir contra os ferozes cães. Num instante, estavam todos os animais caídos sob a neve, com seus ventres abertos e palpitantes a fumegar sob o vento gélido da manhã.

É claro que esta algazarra toda acabou por despertar a atenção de Gerda, a filha de Gymir. Correndo até a janela de seu quarto, ela avistou aquele cavaleiro montado no centro de um círculo de cães mortos, cujo sangue tingia o tapete branco da neve.

- O que quer aqui, forasteiro? - disse ela, alarmada. - Fale ou um exército inteiro desabará sobre você!

Um silêncio cortado apenas pelo vento assobiante, que passava por entre os galhos secos das árvores despidas, tornou a situação ainda mais desconfortável.

- O que está esperando? - gritou ela, lá de cima. - Diga, logo, da parte de quem você vem ou desapareça de uma vez!

Skirnir viu apenas a cabeça dourada dela mexer-se lá no alto, por entre os flocos de neve que caíam. Sua voz chegou apenas um pouco depois, entrecortada pelo vento. Mas, ainda assim, ele pôde compreender o sentido de suas palavras.

- Freyr, o nobre deus, deseja lhe fazer um pedido! - gritou Skirnir.

A donzela esteve algum tempo indecisa, mas, finalmente, deu ordem para que abrissem os portões do castelo.

Skirnir adentrou os imensos corredores do palácio de Gymir. Apesar de verdadeiras fogueiras estarem acesas noite e dia nas diversas lareiras do salão principal, observou que, ainda assim, diversos estalactites pendiam, ameaçadoramente, do teto, como transparentes espadas de gelo. Depois de subir os degraus de uma escada que parecia nunca mais acabar, Skirnir viu-se diante da porta do quarto.

- Entre, mensageiro - disse uma voz delicada, muito diferente daquela que escutara aos berros sob o chicote do vento.

Skirnir adentrou a grande peça. Gerda, apesar de estar vestida num elegante manto de peles, parecia, no entanto, tê-lo feito um pouco às pressas, pois uma das pontas da gola estava torcida para dentro. Seus cabelos dourados, verdadeiramente belos e impressionantes, também pareciam algo despenteados e tinham grudados em si alguns flocos ainda endurecidos de neve.

- Por favor, esteja à vontade e diga, logo, que recado traz de seu senhor - disse Gerda, dando as costas a Skirnir e indo se sentar um tanto afastada, num assento comprido e forrado de peles escuras.

- Serei breve, princesa - disse Skirnir, entrando logo no assunto. - Meu senhor quer tê-la como esposa e pede que considere esta possibilidade.

A princesa arregalou seus olhos azuis e deixou escapar um pedaço de voz sem qualquer nexo, senão o de que traduzia o seu espanto.

- Casar-se comigo! - indagou, com um sorriso de estupor. - Meu bom criado, não sei se está ao par do fato de que seu senhor matou meu irmão em uma rixa, há muitos anos.

Skirnir foi pego de surpresa. Um ligeiro tremor sacudiu as suas pestanas, mas ele estava tão distante da princesa que ela, certamente, não deve tê-lo percebido.

- Minha senhora - disse ele, outra vez, completamente seguro de si. - Meu senhor, certamente, há de lamentar esta infausta coincidência, mas observe o fato de que ele jamais o teria feito se, naquela época, já a conhecesse.

A princesa baixou ligeiramente os olhos, como se o argumento a tivesse desarmado. Skirnir sorriu interiormente do seu primeiro triunfo.

Gerda, por sua vez, sentindo que subterfúgios não dariam resultado, resolveu ser franca e direta, à boa e velha maneira dos gigantes:

- Meu amigo, sirva-se de uma taça de hidromel, que aí está a seu lado, pois a viagem deve ter sido muito cansativa.

Mas, antes que Skirnir pudesse fazer o que ela sugeriu, Gerda arrematou:

- Depois que tiver saciado sua sede, pode retornar ao seu senhor e lhe comunicar a minha negativa.

Skirnir, pego outra vez de surpresa - pois não esperava um enfrentamento tão cedo, - ergueu-se com seus pertences e se dirigiu até a princesa, num passo respeitoso, porém decidido.

- Vem apresentar-me suas despedidas, sem sequer provar da bebida? -disse ela, como que adivinhando que ele tentaria outro expediente.

- Não, adorável princesa, venho mostrar-lhe, apenas, os presentes que meu amo lhe manda.

Sem esperar por outra recusa, Skirnir estendeu à princesa as riquezas, que fariam a inveja de qualquer outra no mundo: seis maçãs escarlates, colhidas dos perfumados jardins de Idun, a deusa da juventude, brilharam diante dos olhos azuis de Gerda. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Skirnir estendeu-lhe lambem Draupnir, o anel mágico de Odin.

Gerda, apesar de realmente impressionada com os presentes, ainda assim, teve firmeza bastante para recusar, categoricamente, qualquer compromisso.

- São belos presentes, admito, mas minha resposta é não. Por favor, não insista com este assunto, não me obrigue a despedi-lo com palavras que fugiriam à cortesia que devo a um visitante.

Skirnir, perdendo de vez a paciência, resolveu mudar de tática e adotar outra bem mais agressiva.

- Minha senhora - disse o mensageiro, com o semblante carregado -, a sua impertinência e teimosia obrigam-me a empregar outro expediente.

Skirnir sacou sua espada lentamente e o ruído rascante do metal a deslizar pela bainha de prata ecoou pelas paredes do aposento. Depois, mostrou-a à princesa, com um ar bem diferente do anterior.

- Está vendo esta espada, jovem dama? - disse o mensageiro. - Ela pertence a meu senhor Freyr e não está acostumada a recusas ou desfeitas. Já cortou, posso lhe assegurar, a cabeça de mais de um gigante atrevido.

- Ótimo! - disse a princesa, sem se intimidar. - Esperemos a chegada de meu pai e de seus exércitos para que teste, novamente, o gume de sua espada!

Skirnir, mandando às favas o resto de fidalguia, decidiu fazer uso, então, de seu último argumento - o qual, na verdade, não passava de uma ameaça. Das profundezas de seu manto retirou uma varinha mágica, que Odin lhe dera, repleta de maldições inscritas em caracteres rúnicos.

- Seu eu fizer uso desta varinha, arrogante princesa, seu futuro será tão negro quanto é branca a neve que recobre todos os campos deste país amaldiçoado! - disse Skirnir, avançando para Gerda, que, pela primeira vez, sentiu o medo agitar suas entranhas. - A luxúria percorrerá cada membro de seu corpo, mas homem algum desejará se aproximar de você. Seu fim será a mais negra solidão! A fome corroerá os seus ossos, mas todo alimento que puser na boca, terá o gosto da água do mar. E, de desgraça em desgraça, chegará a se transformar na mais repulsiva das feiticeiras, expulsa até mesmo das regiões sombrias de Hei!

Gerda, intimidada, resolveu, finalmente, ceder à proposta de Freyr.

- Está bem, perverso mensageiro... - disse ela, erguendo os olhos num resto de dignidade. - Diga a seu senhor que me aguarde daqui a nove noites no bosque de Barri.

- Estou feliz ao ver que a razão retorna ao seu convívio, amável princesa - disse Skirnir, sem uma única nota de ironia na voz.

Skirnir despediu-se e já retornava, quando cruzou com uma patrulha adiantada dos gigantes guerreiros de Gymir, que retornavam um pouco à frente do rei. Sem indagar nada, eles foram logo sacando suas espadas e investindo contra o servo de Freyr, o qual ordenou de imediato à sua arma que desse combate aos agressores. A espada cumpriu mais uma vez, brilhantemente, o seu papel. Infelizmente, uma funesta surpresa aguardava o pobre Skirnir, pois, mesmo após terminada a breve escaramuça - na qual pereceram todos os gigantes -, a espada não retornou para a sua bainha. Skirnir, lançando o cavalo em todas as direções chamou por ela durante o resto do dia, porém sem sucesso: a espada de Freyr havia desaparecido para sempre!

- Justos céus! - exclamou o mensageiro. - E, agora, o que será de mim, quando chegar ao palácio de meu senhor sem sua espada?

Durante todo o longo trajeto de retorno, ele teve um peso indescritível na alma. Quem sabe a espada, cansada de defender alguém que não o seu legítimo dono, resolvera fugir em busca de Freyr, pensava Skirnir, com um fiapo de esperança. Mas

quando finalmente chegou em casa para dar as boas novas do noivado, teve a desagradável surpresa de não a encontrar com seu antigo dono.

Felizmente, o mensageiro não levara em conta também o fato de que a alegria que levava era muito superior à tristeza que tinha a esconder, de modo que a reprimenda que teve de escutar de seu amo não foi, afinal, nem a décima parte do que esperava. Freyr preferiu deter-se na condição imposta por Gerda, que lhe parecia mais amarga que qualquer outro infortúnio.

- Uma noite já é bem longa; duas, mais longas ainda. Mas, como poderei suportar nove infinitas noites?

O tempo passou, afinal, e, no dia aprazado, lá estava a bela Gerda a esperar por ele, no campo repleto de trigo, com seus cabelos dourados a se confundir com os delgados talos dos cereais. "Embora, hoje, não haja o vento a esvoaçar seu cabelo, mesmo assim, ouso dizer que está ainda mais bela e delicada do que naquele primeiro dia em que a avistei!", pensou Freyr, ao se aproximar, apaixonadamente, da jovem.

Freyr e Gerda foram muito felizes, embora, em algumas noites, ele tivesse sonhos magníficos com sua poderosa espada, que o tornara um dia invencível. Quando acordava, porém, suas mãos tocavam a pele macia da esposa a dormir, calmamente, ao seu lado. Então, Freyr sentia seu coração povoar-se de um misto de tristeza e alegria.

O anel de Andvari

Odin, Loki e Honir (um deus menor do panteão nórdico) estavam, certa feita, fazendo mais uma de suas viagens exploratórias pelo mundo, quando, ao passar pela beira de um rio, avistaram uma lontra a saborear um dourado salmão.

- Ora, vejam! - exclamou Loki, esfregando as mãos. - Temos, ao mesmo tempo, duas presas à nossa disposição!

Antes que alguém pudesse fazer qualquer objeção, Loki tomou, rapidamente, uma pedra aguçada nas mãos e a arremessou, acertando em cheio a cabeça do pobre animal. A lontra caiu morta, instantaneamente, às margens do rio, com o peixe ainda entre os dentes.

Logo, uma fogueira ardia debaixo de uma árvore. Enquanto Honir assava o salmão num espeto, Loki retirava com amoroso cuidado a pele da lontra.

- Dará um belo casaco! - disse ele. - E, de certa forma, será cumprido o seu desejo, minha pobre amiguinha: dentro de instantes, vestido em sua pele, estarei ingerindo a refeição que seu estômago esperava...!

- Basta de gracejos - disse Odin, cuja intuição o alertava de que alguma coisa má iria resultar daquela refeição. - Comam logo e vamos embora.

Loki e Honir comeram o salmão até deixar somente as espinhas sobre a relva. (Odin, contudo, nada comeu, pois se alimentava somente de hidromel, o néctar divino.)

Saciado o estômago, partiram todos outra vez; Loki ia à frente, faceiro, para que ninguém empanasse o brilho do seu novo casaco. Até o fim do dia, não pararam mais até que, já ao crepúsculo, Honir avistou uma pequena casa.

- Que tal fazermos uma parada ali? - sugeriu, pois tinha os pés em brasa. Ninguém se opôs e, logo estavam lá dentro, recebidos pela cordialidade de Hreidmar, um velho senhor que pertencia a raça dos Anões.

- É uma honra tê-lo em minha casa - disse ele a Odin, relanceando também um olhar aos demais, incluindo-os tacitamente nas boas-vindas.

Outra vez, Loki e Honir viram-se diante de uma bela refeição até que, de repente, a vistosa pele de Loki atraiu a atenção do dono da casa.

- Estranho, parece-me que já a conheço... - disse o velho anão, sentindo uma angústia oprimir-lhe o peito.

Não demorou muito para que Hreidmar fizesse uma dolorosa descoberta.

- Oh, deuses! - exclamou ele, com um grito de dor. - Um crime hediondo! Odin e os demais entreolharam-se abismados, sem nada entender; pediram, então, explicações ao anão.

- Como? - rugiu ele, colérico. - Dar-lhes explicações? Não, meus senhores, é a mim que as devem, pois este, que aí está, é meu filho Otter!

- Seu filho? - perguntou Honir, atônito.

- Sim, Otter usava o disfarce de uma lontra para realizar as suas pescarias!

- disse Hreidmar, tomando o casaco das mãos de Loki e abraçando-o em prantos.

Odin voltou-se feroz para Loki, que quase sumiu debaixo da mesa. "Outra confusão que nos arma!", disse o velho deus com o olhar.

- Que ninguém saia desta casa sem antes pagar pelo assassinato de Otter!

- bradou o irado anão.

No mesmo instante, surgiram Fafnir e Regnir, seus dois outros filhos, armados de lanças e machados, os quais, apesar da pouca estatura, mostravam-se dispostos a dar cumprimento à determinação de seu pai.

O velho anão exigiu dos três deuses que lhe efetuassem um ressarcimento pela morte do filho, ou então, que entregassem o pescoço à sua espada. Como todo bom anão, Hreidmar exigiu que o pagamento fosse feito em ouro.

- Loki, o assassino, ficará encarregado de arrumar o ouro, que deverá ser suficiente para encher a pele da lontra, empilhando-o ainda por cima até cobri-la totalmente - disse o anão de modo terminativo.

Depois de estudar a questão, Odin decidiu acatar as exigências de Hreidmar, mais por pena do velho pai do que por receio das armas de seus minúsculos filhos.

- Vá, Loki - disse ele, fazendo um gesto com a mão. - Já que nos meteu nesta enrascada, dê agora um jeito de nos livrar dela também.

***

Loki partiu ainda noite fechada. Um teto branco de nuvens recobria sua cabeça, enquanto um vento frio arremessava flocos pesados de neve em todas as direções. Sem poder, naturalmente, levar seu novo casaco, o desastrado deus tinha motivos de sobra para maldizer a sua sorte.

- Por que estas coisas só acontecem comigo? - perguntava-se ele, parecendo um fiambre, enrolado três vezes em seu manto fino e insuficiente.

Loki deveria ir até o país dos Anões, também chamados de Duendes ou Elfos Sombrios, pois viviam em cavernas ocultas sob a terra.

Apesar da nevasca, estava-se já em pleno período do degelo, o que não tornava nada incomum que Loki metesse, de vez em quando, o pé até as canelas, numa profunda poça de água, coberta apenas por uma enganosa casquinha de gelo. Graças, porém, aos bons fados, conseguiu chegar lá com certa rapidez.

O dia amanhecia e Loki, na pressa, esquecera de levar suprimentos de modo que seu café da manhã esteve em sério risco de não se realizar. Porém, mais uma vez, surgiu à sua frente um rio salvador - ou antes, mais um rio problemático, como logo se verá. Loki chegou até a margem e observou diversos salmões, vagando de lá para cá sobre o espelho gelado da água. Advertido que fora pelo primeiro incidente, deveria ter preferido ignorar os peixes; mas, como sua fome era maior do que qualquer raciocínio, Loki não hesitou em se servir, mais uma vez, de um daqueles apetitosos peixes.

- Este é o mais gordinho...! - disse ele, agarrando um salmão rechonchudo. Entretanto, quando se preparava para meter o desgraçado no espeto, escutou um ruído semelhante a uma voz escapar de sua boca redonda.

- Largue-me, imbecil! - disse o salmão, numa voz ofegante. Suas escamas estavam todas eriçadas e suas douradas barbatanas agitavam-se freneticamente.

- Maldição...! - exclamou Loki, indignado. - Não há mais salmões ou lontras de verdade neste mundo? - Depois, encarou bem o peixe nos olhos, que arfava miseravelmente, e disse: - Quem é você, afinal...?

- Sou Andvari, o mais poderoso de todos os duendes! - gritou o peixe.

- Oh, não é!, pelo menos neste momento! - escarneceu Loki perversamente.

- Deixe-me ir embora, ordinário!

- Posso saber o que fazia dentro da água a estas horas?

- Pescava, já se vê!

- Como assim?

- Que meio melhor de pescar um salmão do que se fingir um deles?

- E por que disse que é o mais poderoso de todos os duendes?

- Porque sou, já se vê!

- Não vejo poder algum num salmão quase morto!

- Quer o quê, imbecil?, que eu ande por aí com minhas fabulosas riquezas?

- Fabulosas riquezas...? Então, o salmãozinho guarda ouro em casa? Desta vez, Andvari teve ódio de si mesmo: abrira demais a sua boca de peixe!

- Quem é o imbecil, agora, espertalhão? - disse Loki triunfante.

O deus havia achado o que procurava: muito ouro para resgatar os seus companheiros da enrascada que arrumara com o outro anão.

- Leve-me já à sua casa! - disse ele, ameaçando atravessar o salmão de lado a lado num graveto afiado.

Sem meios de opor resistência, Andvari levou Loki até sua residência, que estava situada abaixo da terra. Não havia tocha alguma pelos corredores estreitos cavados na própria rocha, pois o brilho intenso que irradiava das janelas da casa de Andvari bastava para iluminá-los perfeitamente.

Loki sorriu, satisfeito, como poucas vezes sorrira.

Quando ambos entraram na bela casinha, Loki permitiu a Andvari, que retornasse à sua forma normal, uma vez que o duende estava preso ao compromisso de pagar a liberdade com suas riquezas.

- Quanto quer?, não muito, espero! - disse o nanico, contrariado.

- Oh, nada que vá reduzi-lo à miséria - disse Loki, cujos olhos reluziam mais que o próprio ouro ali ajuntado. De fato, montanhas de jóias e barras de ouro e de prata, além de enormes sacos de ouro em pó, estavam empilhados por toda parte, de sorte que Loki e Andvari só podiam se movimentar em fila indiana.

Por detrás de um verdadeiro muro de ouro, porém, ainda podia se percebei' o pedaço de um antigo e pequeno quadro de parede, já sem o vidro protetor. Dele, somente

podia-se ler duas palavras, que se destacavam bem nítidas, uma acima da outra: a de cima dizia "ouro", e a de baixo, "dominá-lo".

- É o seu lemazinho, hein? - disse Loki, fungando um riso de aprovação.

O duende abaixou os olhos e mandou, apressado, que seguissem adiante.

- Vamos aliviá-lo um pouco deste aperto danado! - disse Loki, esbarrando os joelhos em enormes baús e canastras atopetados de ouro - Verá como, após a minha saída, a sua casa vai se tornar bem mais arejada...!

O duende mordia o lábio inferior.

- Vamos, tenho mais o que fazer! - disse ele, com muito maus modos.

Loki começou a escolher as suas peças; com um carrinho de mão, foi amontoando tudo o que encontrava de mais valioso até deixá-lo abarrotado de riquezas verdadeiramente celestiais.

- Acho que isto basta - disse ele, voltando-se para o duende.

Neste instante, porém, percebeu que o pequeno ser ocultara algo dentro do seu bolso esquerdo.

- O que tem aí, sabichão? - disse Loki, intrigado.

- Nada que vá lhe fazer falta! - disse o duende, azedo.

- Vamos, deixe-me ver! - bradou Loki. - Se não me mostrar, não haverá acordo nenhum!

Andvari, com a morte na alma, retirou do bolso um pequeno anel. Desde o primeiro instante, ele exerceu uma atração formidável sobre os olhos - e principalmente o coração - de Loki, bem como de todo aquele que o observasse. Era feito de um ouro puríssimo, porém, uma aura - também dourada, mas infinitamente sinistra - o envolvia, como se uma alma imaterial corrompida resguardasse um corpo absolutamente perfeito.

Loki aproximou-o do olho, mas não pôde contemplá-lo por muito tempo, tal o fulgor que despendia. Imediatamente, guardou-o em sua algibeira como o bem mais precioso de toda a casa.

- Deixe-o comigo, estou lhe avisando! - gritou o duende, com a voz rascante. - Ele trará males terríveis a todo aquele que o possuir!

- Oh, sim...! - disse Loki, dando-lhe as costas. - Estou vendo todo o mal que lhe trouxe!

- Trouxe você; não é mal o bastante? - disse Andvari, amargurado.

Mas, Loki não estava disposto a devolvê-lo por nada deste mundo. Por isso saiu porta afora com seu carrinho sem querer escutar mais unia palavra. Somente quando já estava inteiramente a salvo, voltou a cabeça para se despedir do anão com esta ironia:

- Volte para casa, velho avarento! E, agradeça a mim, pois além de ouro, agora sobra também espaço em sua bela casa...!

Andvari ainda lhe rogou algumas imprecações, mas este desapareceu, logo em seguida, tomando o atalho de uma escura floresta.

Quando retornou para a sua sala, entretanto, percebeu que, de fato, ela se tornara bem mais espaçosa: eleja podia até caminhar por tudo sem ter de arrastar os sapatos, como se eles estivessem amarrados um no outro.

Então, subitamente, seus olhos foram atraídos à parede onde antes havia a pilha de ouro. O quadrinho, que até então estivera tapado, voltara a se destacar. Ele o mandara fazer quando era ainda muito jovem - um alegre duende, cuja única riqueza era sair todas as manhãs para ir andar, despreocupadamente, pelos bosques. Desde aquele dia, ele o afixara em sua parede principal e ali esteve, gloriosamente, à vista de todos, durante o período áureo de sua vida. Ainda havia ouro suficiente na sala para iluminar os seus dizeres, cobertos apenas por uma fina camada de pó:

"Suas mãos vão se encher de ouro;
e, apesar disso, o ouro não vai dominá-lo. "

***

Loki retornou à casa do anão Hreidmar, onde estavam Odin e Honir como reféns, e despejou o conteúdo do carrinho diante do anão, que, mesmo assim, ordenou que Loki cumprisse à risca o combinado:

- Encha a pele da lontra e depois a cubra com todo o ouro que restar.

Loki fez o que o anão ranzinza determinara; mas, tomara o cuidado de entregar o anel a Odin, que desde que pôs os olhos nele cobiçou-o terrivelmente.

A pele de lontra encheu-se das riquezas e foi toda coberta com o ouro -ou quase toda, pois o anão Hreidmar, após detida inspeção, encontrou um pedaço de fio a descoberto.

- Ponha, ali, o anel - disse ele friamente. Seu tom era de quem dissesse "pensam, então, que não o vi esconderem?"

Odin relutou muito, mas tal como Andvari, viu-se, afinal, obrigado a se desfazer de sua preciosidade. Hreidmar apoderou-se do anel, porém, sob as vistas dos dois filhos restantes, Regnir e Fafnir.

- Agora, já podem ir - disse ele, como quem desejasse ver-se livre de perigosos rivais.

Odin, Loki e Honir deixaram a casa e o fizeram em boa hora, pois a maldição do anel começou a fazer efeito tão logo os três puseram o pé fora da porta.

- Que anel magnífico é este? - disse Regnir, tentando se aproximar.

- Deixe-me experimentá-lo! - disse Fafnir, com os olhos arregalados.

Hreidmar ergueu o braço, ocultando o outro, onde estava o anel.

- Não se aproximem! - disse ele furioso. - Não há ouro bastante, aí no chão, para os dois?

Sem dúvida que todo aquele ouro era tentador e cada qual, à esta altura, já pensava no meio de ficar com a melhor parte. Otter, o irmão morto, havia desaparecido completamente de seus pensamentos.

- Dê-me logo a minha parte! - bradou Fafnir, que era o mais sedento.

- E a minha também! - secundou Regnir.

Hreidmar, que já havia escondido o anel nas profundezas do seu colete, percebia, agora, o verdadeiro montante da riqueza amealhada por Loki.

"Uma imensa fortuna!", pensou ele. "Mas, uma imensa fortuna dividida em três partes, não passará nunca de três pequenas fortunas", acrescentou. Este pequeno silogismo bastou para criar a convicção de que não poderia ser assim.

- Depois, veremos a partilha; por enquanto, vou calcular o valor real de todas estas preciosidades - disse ele, dispensando os dois filhos.

- Ei, que negócio é este? - disse Fafnir, voltando-se para o irmão em busca de um aliado.

- Calado, para fora os dois! - disse o velho, furioso.

Fafnir ainda empunhava seu machado. Desta feita, voltou-se para o irmão em busca de um cúmplice.

- Vai permitir que lhe passem a perna, imbecil? - disse, raivoso.

- Papai, seja razoável; vamos dividir este negócio agora mesmo! - disse Regnir, tentando contemporizar.

- Patifes...! Fora daqui...! - respondeu ele. - Como ousam me desafiar?

Fafnir, sem esperar mais nada, empunhou seu machado e num golpe repentino liquidou com Hreidmar. Regnir, apavorado, recuou até o fundo do aposento.

- Maricas! - disse seu irmão, metendo a mão no bolso do pai abatido e tomando para si o anel fabuloso.

- Esta preciosidade fica comigo! - disse ele, momentos antes de fugir com todo o ouro.

Regnir fez menção de impedi-lo, mas seu irmão olhou-o de um modo tão medonho que ele não teve a menor dúvida de que teria sido liquidado naquele mesmo instante caso tivesse ousado enfrentá-lo.

Fafnir colocou todo o tesouro dentro de uma carroça e partiu no mesmo dia para um local ignorado. Somente muito tempo depois, Regnir descobriu o local do seu esconderijo. Seu irmão, entretanto, dominado pela cobiça e pelo anel, havia se transformado num terrível dragão.

Desde então, este dragão tornou-se o vigia perpétuo do seu tesouro, do qual a peça mais importante era um pequeno e dourado anel, em cujo círculo a morte girava, eternamente, à espera da próxima vítima.

Sigmund e a espada enterrada

Signy era a bela filha de Volsung, rei dos Unos. Ela tinha um irmão gêmeo chamado Sigmund e este foi o único de seus nove irmãos a tomar o seu partido, quando ela se negou a casar com Siggeir, rei dos Godos.

Contudo, o casamento realizou-se, afinal, no grande salão do castelo dos Volsungs, onde se reuniram todos os convidados. Siggeir, o noivo, estava radiante, trajado em finas vestes e portando jóias mais preciosas do que a própria Signy, sua futura esposa, a qual preferira vestir-se de maneira mais apropriada ao seu infeliz estado de espírito. As pessoas estavam concentradas ao redor de um grande freixo situado bem no meio do imenso salão dos Volsungs. Na verdade, as sólidas paredes do castelo haviam sido erguidas ao redor daquela árvore, como se o construtor pretendesse reproduzir dentro do castelo o próprio universo, centrado no freixo de Yggdrasil.

Nada, de fato, podia ser mais impressionante do que avistar, logo na entrada, aquela árvore descomunal, cujo sólido tronco, de casca espessa e rugosa, brotava do chão e subia de maneira vertiginosa até quase alcançar o elevado teto. Seus galhos espalhados sobre o salão faziam com que uma chuva permanente e esparsa de grandes folhas secas fosse atapetar o assoalho de mármore, dando um aspecto verdadeiramente florestal àquele majestoso salão.

A festa transcorria, alegremente, sem que uma única alma ali presente, a exceção de Sigmund, estivesse preocupada com o estado de espírito da noiva. As diversas lareiras, espalhadas por todo o salão, esplendiam magnificamente, multiplicando a presença dos convidados em centenas de sombras deformadas e desencontradas, dando um tom quase sobrenatural à reunião. Siggeir, o noivo, recebia os cumprimentos rudes e efusivos de seus parentes e amigos, nobres das mais diversas procedências, que ainda não haviam cessado de chegar. Ao mesmo tempo, operosos criados iam empilhando à

entrada as pesadas peles, as quais, dificilmente, seriam vestidas, à saída, pelos mesmos donos.

Em meio a esta verdadeira multidão, entretanto, havia um velho muito estranho, que se recusara a entregar ao criado a sua comprida capa, nem tampouco o seu longo chapéu de aba desabada.

- Não prefere deixá-la comigo? - disse o lacaio, referindo-se à longa espada que o velho encapuzado trazia presa à cintura.

O olhar ameaçador e sinistro que o estranho desferiu de seu único olho descoberto foi resposta bastante ao lacaio, que lhe abriu passagem rapidamente.

Os convidados perceberam que algo de estranho estava acontecendo, quando viram que a massa indistinta começara a se compactar dos lados, enquanto, ao centro, uma pequena brecha ia se rasgando. Era o estranho velho, que avançava por entre os convidados em direção ao freixo, sem que ninguém ousasse interpor-se entre ele e o seu objetivo.

- Quem é este mendigo e o que faz aqui? - perguntou Siggeir a um parente que estava ao seu lado. Nem ele, nem ninguém soube, no entanto, responder.

Quando o velho postou-se, finalmente, em frente ao largo tronco, um silêncio angustiado desceu sobre todo o salão, quebrado apenas pelo estalar contínuo das imensas toras de madeira que crepitavam nas lareiras. A rápida evaporação da neve acumulada em seus ombros envolvia-o numa evanescente névoa branca e fumegante, o que contribuía para tornar sua figura ainda mais assustadora.

- Quem foi o imbecil que deixou este mendigo entrar? - gritou Siggeir, irritado pelo incidente desagradável. - É, por acaso, algum parente seu? -acrescentou, tomando com rudeza o frágil braço da esposa. Sim, porque parente de Siggeir não poderia ser, com aquele aspecto sórdido e vil.

O velho, sem dar ouvidos ao burburinho que se avolumava, sacou, de repente, a sua espada. O ruído áspero do metal, deslizando sobre o envoltório da bainha, soou para aquela turba como uma ordem de silêncio, que todos tiveram o juízo de acatar. O brilho das fogueiras refletiu-se sobre o aço erguido com tal intensidade que a todos deu a impressão de que a espada era feita do próprio fogo. E, então, após mirá-la bem no centro do freixo, ele a enterrou com toda a força na madeira de modo que somente o seu cabo prateado ficou à vista.

Um murmúrio de espanto rolou por todo o salão, silenciado, cm seguida, pela voz solene do velho.

- Aqui permanecerá encravada Notung, a espada perfeita, até que um perfeito herói consiga dela se apossar!

Mal terminara de proferir as palavras, o velho lançou a sua cinzenta capa para as costas e se retirou, apressadamente, deixando atrás de si uma multidão aparvalhada.

Mas, tão logo, tiveram todos a certeza de que o temível visitante havia se retirado, lançaram-se num tropel furioso em direção ao ponto onde a espada estava encravada.

- Notung, ele disse...? - perguntou alguém, admirando o cabo finamente lavrado.

- Quem era ele? - perguntava outra voz alarmada.

Um exército de braços esticou-se da multidão compactada, como se um único e monstruoso ser de mil braços tentasse apossar-se da cobiçada arma.

- Para trás, todos! - rugiu Volsung, o dono do castelo e (ao menos, teoricamente) da maravilhosa espada.

O pai de Signy aproximou-se, cautelosamente, do local; com uma de suas mãos, ele tocou o cabo solidamente enterrado no freixo. Apesar de várias mãos ávidas de desejo já terem-no tocado, ele permanecia gelado, como se recém tivesse saído de dentro de um iceberg.

- É uma espada mágica...! - disse ele ao genro Siggeir, que viera, rapidamente, postar-se ao lado do sogro na expectativa de ser contemplado com aquele magnífico presente.

- Permita, generoso sogro, que seja eu o primeiro a tentar retirá-la! -exclamou Siggeir, com a mais dócil das vozes.

O velho Volsung deu uma olhada de esguelha ao genro e disse:

- Antes de você, tenho nove filhos para dar a preferência.

- Perfeitamente compreensível, meu sogro e meu rei! - disse Siggeir, com um sorriso de subserviência, ao mesmo tempo, em que pensava, enterrando as unhas nas palmas das mãos: "Filho da loba!"

Um a um perfilaram-se diante da espada os nove filhos do velho Volsung. Infelizmente todos, a exceção de Sigmund, eram umas lamentáveis nulidades, incapazes de erguer direito as próprias espadas.

- Adeus, meus patetas - disse o velho, desgostoso, enquanto os dispensava. - Continuem a procriar, vocês nasceram para isso.

Então, quando estava para chegar a vez de Sigmund, o noivo de sua irmã deu um jeito de se atravessar na sua frente.

- Meu querido cunhado, permite-me fazer antes de você minha tentativa? Eu receberia isto como um verdadeiro presente de casamento daquele que, de hoje em diante, passará a ser meu irmão predileto. Você não se importaria, não é?

- Saia da frente - disse o irmão da pobre Signy, que não suportava sequer olhar para o rosto do novo cunhado. Sigmund estendeu a mão para o punho da espada, enquanto

todas as respirações estavam suspensas. Então, mal a tocou, ela se desprendeu com toda a suavidade.

- Milagre...! - exclamaram algumas vozes. Alguns mais afoitos caíram de joelhos sobre o mármore, clamando em histeria: "É o rei...! É o rei...!"

- Lunáticos! - berrou Volsung. - O rei aqui sou eu! De onde tiraram esta idéia'.' Então, depois da turba serenada, puderam todos apreciar o objeto maravilhoso. Com efeito, nunca se vira uma espada tão bela e preciosamente forjada.

- Quanto quer por ela? - foi logo dizendo Siggeir ao cunhado vitorioso de maneira franca e direta.

- Se fosse possível vê-lo desaparecer no ar junto com ela, acredite que ela seria sua - disse Sigmund, dando-lhe as costas com o precioso objeto na cintura.

O restante da festa, Siggeir tornou-se mal-humorado. Sua noiva era o brinquedo subitamente envelhecido, que empalidecera diante do novo; por isso, passou a tratá-la cruelmente, menos, é claro, quando o sogro surgia por perto.

- Creia-me, poderoso Volsung, este é o dia mais feliz da minha vida! -dizia Siggeir ao velho para, em seguida, pensar com rancor: "Vai, filho da loba!"

***

Signy, a infeliz noiva, foi morar no reino de seu novo marido. Antes de partir, entretanto, Siggeir fez um convite a Volsung e a todos os seus filhos paia que fossem visitá-lo dali a três meses. "Três meses é tempo bastante para lhes preparar uma bela cilada!", pensou ele, ao expressar o convite.

Volsung, incautamente, aceitou, pois queria ver-se logo livre daquela chateação, uma vez que não tinha desejo algum de conhecer as terras do genro, nem tampouco de ir visitar a filha, uma boca inútil da qual, finalmente, se livrara.

Os três meses passaram-se e, na data aprazada, Volsung e sua comitiva - na qual se incluíam os seus nove filhos - chegaram às portas da cidade dos Godos. O dia mal amanhecia e os pássaros cantavam alegremente nos espessos arvoredos.

Entretanto, tão logo as portas abriram, Volsung e seus homens escutaram o soar terrífico das trombetas de guerra. Logo, uma chuva de flechas desceu das ameias, abatendo uma grande quantidade deles, enquanto Volsung berrava feito louco, puxando as rédeas de seu cavalo:

- Traição!... Traição!... Recuem todos!...

Mas, já era tarde: quatro colunas imensas de soldados comandados por Siggeir em pessoa, romperam dos portões e se puseram a massacrar de maneira bárbara os homens de Volsung. Antes que o sol estivesse no zênite, estavam todos mortos, a exceção de Sigmund e seus oito irmãos.

- Sejam bem-vindos, netos da loba! - disse Siggeir, do alto do seu cavalo, com os longos cornos do seu capacete de chifre a brilhar intensamente sob o sol da manhã. - Depois, voltando-se para os seus homens, arrematou com um gesto de desdém: - Vamos, o que estão esperando para limpar esta sujeirada?

Sigmund e seus irmãos foram levados presos, enquanto os soldados de Siggeir empilhavam os corpos dos mortos numa grande pira repleta de estrume. A cabeça do velho Volsung foi espetada em um chuço ao alto da fogueira, que breve arderia à frente das muralhas do castelo.

Quanto aos dez irmãos, Siggeir engendrou um método bárbaro de execução para eles: a cada noite um deles seria colocado nu e amarrado ao tronco de uma árvore para que uma esfomeada loba viesse durante a noite comê-los vivos.

Assim, a cada noite um dos irmãos de Sigmund foi sendo devorado, regiamente, pela loba esfomeada.

Mas, o que pensaria disto tudo Signy, a esposa do tirânico Siggeir?

Naturalmente, horrorizada com as atitudes do pérfido marido, ela tentara demovê-lo de sua maldade, recebendo em troca, entretanto, algumas severas surras, que logo a fizeram desistir da idéia de tornar dócil o seu esposo. Decidiu, então, recorrer à astúcia para livrar seu irmão do suplício. Para isto, ordenou que durante a noite, uma serva fosse até ele e lambuzasse seu rosto de mel. Assim, quando o animal chegou para devorar Sigmund, começou a lamber o mel de seu rosto com sua grande língua úmida. Mas seu asco atingiu o auge quando a loba começou a lamber seus próprios lábios! Então, lembrou-se da recomendação que sua irmã mandara por meio da serva: "'Quando a loba estiver próxima de seus lábios, deixe que ela introduza a língua dentro de sua boca!" Sigmund fechou os olhos e assim fez.

A loba, com efeito, introduziu sua língua dentro da boca de Sigmund, onde estava guardada a maior parte do mel. Este, tão logo sentiu a língua ao alcance dos seus dentes, cerrou-os com toda a força, dilacerando-a num único golpe.

O animal recuou num pulo e fugiu aterrorizado, cuspindo sangue pela neve. Antes de escapar, entretanto, já havia feito o que Sigmund mais desejava: roído suas cordas, que estavam, também, besuntadas de mel, de modo que não precisou mais que um pequeno esforço para se libertar das amarras. Mesmo estando livre, porém, ele não pôde deixar de exclamar, indignado:

- Signy deve ter-me pregado uma boa peça, ou, então, não é lá muito inteligente!... Não seria muito mais simples ter mandado que esta serva idiota me desse uma faca, ou que ela mesma me livrasse das cordas, sem que eu precisasse ter de beijar loba alguma?!

O fato é que, de um jeito ou de outro, Sigmund agora estava livre para começar a tramar a sua sangrenta desforra.

***

Sigmund retornou às pressas para a sua terra, ao mesmo tempo em que continuou a manter contato com sua infeliz irmã. Signy, entretanto, cansada de sofrer calada nas mãos do tirânico marido, desde então, começou a planejar um meio de se vingar dele. Começou por mandar, secretamente, até o irmão os dois filhos, que tivera de sua união para que ele os treinasse. Sigmund, contudo, os desaprovara e expressara isto da maneira mais rude possível, matando-os sem dó nem piedade.

Signy, entretanto, amava tanto o irmão que não se sentiu magoada com ele, chegando antes à conclusão de que o sangue de seu marido é que os tornava incapazes de erguer o braço contra o próprio pai. Consciente disto, ela imaginou um meio de gerar um filho com o puro sangue dos Volsungs, sem qualquer mescla de impureza. E, para que isto ocorresse, só havia um meio: gerar um filho com seu próprio irmão Sigmund.

Signy havia aprendido algumas artes mágicas com uma poderosa feiticeira, entre as quais, a arte da metamorfose. Assim, um dia, transformou-se numa bela e jovem feiticeira e foi ter com seu irmão, que, sem a reconhecer, apaixonou-se perdidamente por ela. Nove meses depois, surgiu o fruto deste amor proibido: um garotinho que recebeu o nome de Sinfiotli.

Sinfiotli cresceu junto de seu pai e com ele viveu muitas aventuras. Muitas lendas corriam a respeito dos dois, e uma, terrível, dizia que ambos tinham o poder de se transformar em lobos, percorrendo unidos os campos e aldeias, matando tudo quanto encontravam pela frente. Um dia, entretanto, o furor de ambos chegou a tal ponto que Sigmund, num acesso de furor lupino, matou seu próprio filho. Arrependido, no entanto, clamou tanto aos céus que o ressuscitassem, que um corvo passou voando acima de sua cabeça e deixou cair do bico uma folha mágica. Sigmund esfregou-a no peito de Sinfiotli, que readquiriu a vida instantaneamente.

O esposo de Signy, à esta altura, já havia descoberto o autor da morte de seus dois filhos e a parte que sua mulher tivera neste episódio. Sua vingança não se fez esperar: após armar uma cilada a Sigmund e seu filho, enterrou-os vivos numa fortaleza para que ali perecessem de fome e sede.

Mais uma vez, contudo, a irmã de Sigmund auxiliou-o, fazendo com que a espada mágica fosse introduzida na fortaleza. Com ela, os dois puderam, então, escavar uma saída. Mas, desta vez, Sigmund não estava disposto a dar novamente as costas ao seu inimigo.

- Vamos até o castelo de Siggeir! - disse ele, voltando-se para o filho. -Esta noite o tirano pagará por todos os seus crimes!

Sinfiotli abraçou, ardorosamente, a idéia. O velho brilho lupino ardeu novamente nos olhos de pai e filho e assim ambos rumaram para o castelo. Uma vez lá, Sigmund acendeu duas tochas e disse ao filho:

- Ponha fogo em tudo! Deixe os homens de Siggeir comigo.

Empunhando sua Notung afiadíssima, Sigmund começou a matar, impiedosamente, um por um dos homens da casa até se ver frente a frente com o pior deles.

- Aí está o cão! - disse ele a Siggeir, que ficou branco como a mão da Morte.

O desgraçado ainda tentou enfrentar Sigmund, mas somente uma pessoa podia fazer frente à Notung, a espada invencível, e este alguém, certamente, não era o covarde marido de Signy, que caiu ao primeiro golpe desferido pelo adversário.

Enquanto Sinfiotli prosseguia a incendiar o palácio, Sigmund deparou-se com sua irmã, Signy.

- Vamos embora, minha irmã! - disse ele, estendendo-lhe a mão. Mas, Signy parecia ausente.

- Não, Sigmund, o meu lugar é aqui - disse ela, mostrando-se irredutível.

- O que está dizendo? - exclamou seu irmão, sem nada entender.

- Bem ou mal, o lugar de uma esposa é junto a seu marido!

- Oh, louca...! Seu marido era um assassino!

- Eu também: não mandei meus próprios filhos para a morte?

- Não eram seus filhos, mas daquele cão miserável!

- Sinfiotli também é meu filho, nosso filho, filho de um incesto!

Sigmund ficou estarrecido diante da revelação. Sem dizer mais nada, deu as costas à irmã, deixando-lhe a liberdade de seguir seu próprio destino.

Num instante, as labaredas envolveram completamente o castelo. Signy estava certa de que os deuses não a deixariam sem uma terrível punição e por isso, decidira pagar ela mesma o preço de seu ódio.

***

Sigmund ainda viveu muitos anos e participou de muitas batalhas. Já velho, estava participando de mais uma guerra, quando, em meio ao fragor das espadas, viu surgir em sua direção um velho montado em um cavalo de oito patas. Sigmund custou a reconhecê-lo, mas, por fim, teve a certeza: era o mesmo velho que encravara a espada Notung no freixo há muitos anos.

O velho desceu do cavalo, envergando seu velho manto acinzentado. O mesmo chapelão de aba caída escondia seu olho cego e foi com o outro sadio, que fuzilou Sigmund com um olhar fatal como o do próprio destino.

Era Odin, o deus supremo, que vinha agora cobrar o preço pela espada.

- Chegou a hora de nos medirmos, velho herói! - disse o deus a Sigmund, que desceu de seu cavalo, já sabendo que nem mesmo com a espada mágica seria capaz de derrotar o deus, que portava a sua poderosa lança Gungnir.

- Sua esposa já está grávida de seu novo filho - disse Odin, com a voz solene. - Ele será infinitamente maior que Sinfiotli ou mesmo você.

Sinfiotli havia morrido há muitos anos e foi com alegria na alma que Sigmund recebeu a boa nova. No mesmo tempo em que pensou isto, avistou nos aros uma das Valquírias - cavaleiras, filhas de Odin, que percorriam os campos di' batalha para recolher os heróis mortos e conduzi-los ao Valhalla - que avançou em seu cavalo, retesando a lança em sua direção.

Sigmund compreendeu que sua hora chegara. Odin fez um sinal para que sua filha se afastasse e arremessou de próprio a lança cm direção a Sigmund. O herói tentou aparar o golpe com sua espada, mas ela caiu despedaçada aos seus pés.

- Gungnir é ainda maior do que Notung! - gritou Odin, recolhendo a sua poderosa lança.

A partir daquele instante, a sorte da batalha virou contra os exércitos de Sigmund, o qual acabou morto em uma refrega, cercado por uma legião de inimigos. Mais tarde, sua esposa foi encontrá-lo em meio aos corpos dos moribundos.

Sigmund, com a cabeça no regaço da rainha, disse-lhe num fio de voz:

- É o meu fim, adorada Hiordi... Esqueça do meu pobre corpo e recolha os fragmentos da espada. - A esposa viu no chão, de relance, os pedaços faiscantes de Notung. - Quero que a entregue a meu filho... - continuou a dizer o rei moribundo. - Ele já está em seu ventre e há de ser maior do que eu...!

Depois de profetizar o glorioso destino de seu filho, Sigmund recostou a cabeça e morreu. Somente, então, as Valquírias puderam recolher o seu corpo e levá-lo à morada dos deuses, onde Odin, sentado em seu trono, recepcionou-o com sua corte majestosa de guerreiros mortos.

Hiordi foi levada por um grupo de vikings liderados por Elf, filho do rei da Dinamarca, que passava pelo local. Sem que soubesse, Elf levava consigo também Sigurd, o herói que seria ainda maior que o próprio pai.

Sigurd e o anel do dragão

Sigurd era filho do guerreiro Sigmund e de sua esposa Hiordi. Sigmund morrera, já velho, em pleno campo de batalha, depois que Odin quebrara sua espada momentos antes do combate.

Tão logo Sigmund expirara, sua esposa fora levada embora por um viking de nome Elf, que era filho do rei da Dinamarca. Hiordi, grata pela generosa acolhida, acabou por se casar com Elf e, ali mesmo, em terra estrangeira, deu à luz a seu filho, que se chamou

Sigurd[3]. O pequeno garoto, entretanto, foi entregue aos cuidados de Regnir, um anão feiticeiro, irmão de Fafnir, cuja ambição o transformara em um repelente dragão.

Sob a orientação deste ser sábio - e, ao mesmo tempo, de uma moralidade dúbia - Sigurd foi criado, recebendo muitos dos privilégios que mereceria um filho do próprio rei. Ainda assim, seu preceptor não cansou nunca de lhe incutir o sentimento da revolta.

- Oh, Sigurd... Por que se contenta em ser um personagem secundário nesta corte medíocre, quando poderia ser o primeiro entre todos? - dizia-lhe Regnir todos os dias, enquanto lhe ia ministrando os muitos segredos que conhecia. - E a sua herança, a qual faz jus por ser filho de uma rainha, onde está? Alguém já lhe falou do assunto? Você já é um homem feito, e, no entanto, ainda não tem meios de exercer a sua liberdade. Sigurd, creia-me: um homem sem ouro, não vale nada em lugar algum!

Furioso com a nula receptividade de seu discurso, Regnir disse-lhe com uma nota de escárnio na voz:

- Sigurd, como pode aceitar o fato de ser o único homem da corte a não ter seu próprio cavalo?

O jovem, entretanto, acostumado a correr com os cavalos que escolhia livremente na coudelaria do próprio rei, jamais tinha pensado no assunto.

- Um cavalo só para mim...? - disse ele, com o ar surpreso.

- Claro, seu tonto! - respondeu Regnir, sapateando no pó. - Você tem direito a ter sua própria montaria!

Sigurd resolveu, então, procurar o rei e fazer seu pedido.

Ao contrário do que se poderia esperar, foi atendido pelo rei, que o autorizou a escolher um de seus melhores cavalos. Quando chegou à coudelaria, porém, encontrou um velho caolho envolto num manto, que parecia ser o cavalariço real.

- Jovem Sigurd, vem, finalmente, escolher sua própria montaria? - disse o velho, como se já estivesse informado há muito do fato.

- Sim, mas como sabe disto? - disse Sigurd, intrigado.

- A melhor maneira de escolher um cavalo, é montando-o. Pode parecer óbvio, mas poucos tem a lucidez para percebê-lo!

Sigurd deu ao velho um sorriso de assentimento.

- Muito bem, vamos montá-los, então, um a um!

---

[3] Este Sigurd da saga nórdica é o mesmo Siegfried dos alemães, que se tornou mais popular sob esta denominação graças, em boa parte, a duas obras que tratam de suas aventuras. A primeira. A Canção dos Nibelungos, é um poema germânico medieval, e a segunda, O Anel dos Nilbelungos, é a famosa tetralogia opetística de Richard Wagner. As duas variantes germânica diferem em muitos pontos da versão nórdica que aqui apresentamos. (N. dos A.)

- Não, não aqui!... - disse o velho, abanando a mão. - Leve-os até o rio e entre com eles no vau da correnteza; aquele que segurar melhor as patas dentro da água, será o escolhido.

Sigurd fez o que o velho sugerira e, depois de estar dentro do rio o dia inteiro, chegou, finalmente, a uma conclusão:

- É este! - disse ele, acariciando as crinas de um belo e lustroso cavalo negro.

- Greyfell! - exclamou o velho caolho, satisfeito. - Tal é o nome deste belo cavalo. - Depois, voltando-se para o jovem, acrescentou: - Sabe de quem descende?

- Não faço a menor idéia - respondeu o jovem Sigurd.

- Ele é filho de Sleipnir, o maior de todos os cavalos! - disse o velho, com orgulho. E ele podia sentir-se, de fato, orgulhoso, pois era o próprio Odin, o dono do célebre cavalo de oito patas. Porém, o velho deus não revelou a Sigurd a sua identidade, desaparecendo logo em seguida.

De posse de seu novo cavalo, Sigurd aprendeu as artes da cavalaria, que o anão Regnir lhe ensinou com todo o empenho. Mas, na cabeça deste ainda estava fixa a idéia de fazer com que o herói se tornasse tão ambicioso quanto ele próprio.

Pois, a verdade é que havia uma riqueza que o anão ambicionava mais que tudo neste mundo e que estava guardada por seu irmão Fafnir, o qual se convertera em um temível dragão para melhor protegê-la.

"Está chegando a hora, astuto Regnir, de você pôr as suas mãos naquele belíssimo tesouro", dizia ele todos os dias para si mesmo. "E também naquela encantadora preciosidade!" (O anão referia-se ao anel que fora forjado pelo também anão e mago Andvari, e que acabara, depois de muitas peripécias, por cair em poder de Fafnir.)

Mas, agora, Regnir estava prestes a se apoderar das riquezas, pois havia treinado um guerreiro especialmente para isto: Sigurd, o nobre filho de Sigmund.

O jovem mataria o dragão, segundo os planos do anão e, então, ele próprio mataria o herói, apoderando-se afinal do seu precioso anel.

Regnir esperou o dia seguinte para ir conversar com Sigurd sobre o assunto. Ele combinou um encontro na forja, onde o rei dinamarquês fabricava as espadas suas e as de seu exército. Tão logo avistou o herói, que recém voltara com seu cavalo Greyfell de uma alucinante cavalgada pelas florestas, chamou-o até si.

- Rápido, Sigurd, precisamos ter uma conversa muito séria.

- Que ar grave é este, mestre anão? - disse o jovem, que ofegava ainda da excitante cavalgada.

- O mesmo que verei em seu rosto, ao ouvir uma espantosa revelação.

Regnir contou, então, a Sigurd toda a história a respeito do anel de Andvari até o momento em que ele fora parar nas mãos de seu irmão, Fafnir.

- Um dragão? - exclamou Sigurd, excitadíssimo. - Um dragão de verdade?

- Sim, um terrível e sanguinário dragão. Caberá a você a honra de abatê-lo - disse Regnir, com a mais sedutora das vozes.

A cabeça de Sigurd verdadeiramente girava: "Combater contra um dra-gflo!", pensou ele. De repente, porém, um ricto de raiva enrijeceu seus lábios.

- Mas como o enfrentarei, anão maldito? - disse o jovem, tornando-se rude. - Com estas espadinhas de brinquedo que você forja todos os dias?

Regnir ocultou um sorriso de satisfação. "Começa a cair na cilada!", pensou.

- Vou tentar forjar a melhor espada que puder - disse ele, tomando do martelo. - Enquanto isto, vá testando estas outras que fabriquei durante a noite.

Sigurd voltou os olhos para uma mesa, onde estavam amontoadas várias espadas recém forjadas. Um sopro de desdém partiu dos lábios do jovem.

- Dou o meu pescoço a qualquer delas se resistirem a um único golpe! -disse ele, tomando da primeira e brandindo-a no ar com pouco entusiasmo.

- Vá testando-as, vá testando-as...! - disse o anão, enquanto malhava a nova, sem qualquer convicção, pois ele sabia que aquela ainda não seria a arma ideal.

Uma a uma as espadas foram sendo quebradas pelos golpes poderosos que Sigurd desferia contra a bigorna.

- Veja só, que bela porcaria! - dizia o jovem, a cada nova frustração. Finalmente, depois que o jovem havia espatifado todas as espadas, Regnir estendeu-lhe a nova, recém forjada.

- Vamos, tente esta! - disse o anão, fingindo uma confiança que não sentia.

Sigurd tomou a espada em suas mãos e, após tomar-lhe o peso, vibrou-a com toda a força sobre a bigorna. Uma chuva de cacos de metal esvoaçou por toda a forja, enquanto a bigorna permanecia intacta.

Sigurd, furioso, agarrou o anão pelo colete e o suspendeu até o seu rosto.

- Muito bem, tratante, era só isto que tinha para me mostrar? - Suas faces estavam congestas e uma decepção profunda lançava uma sombra terrível em seu olhar. - É com estas porcarias que pretende me enviar para enfrentar Fafnir? - disse ele, cujos lábios espumavam. - Será que deseja, por algum motivo que ignoro, a minha própria morte?

Desta vez, Regnir assustou-se com a reação do jovem aprendiz.

- Calma, jovem, ponha-me no chão! - disse ele, pedalando suas minúsculas pernas no ar.

- Antes, você me dirá o que pretende com esta história de dragão! - disse Sigurd, dando mais uma sacudida no pobre anão.

- Há uma espada... uma espada mais poderosa... do que qualquer outra!

Ao escutar isto, Sigurd largou o anão, que foi se estatelar no chão numa posição pouco honrosa. Recompondo-se, imediatamente, ele declarou:

- Seu pai, meu irascível jovem, possuía uma espada forjada pelo próprio Odin! E, então, que tal lhe parece?

Sigurd ficou mudo de espanto. Seria mais uma mentira do pérfido anão?

- Ela se quebrou no dia da morte de seu pai - disse o anão, revelando o segredo há tanto tempo escondido. - O próprio Odin a reduziu em pedaços com sua lança, Gungnir, num duelo que manteve com Sigmund.

- Quebrada?! - exclamou o jovem, incrédulo. - Mas, então, para que me servirá, anão maldito?

- Ora, e eu não sou um forjador? - respondeu Regin, assumindo uma postura altiva. - Sua mãe tem guardados ainda os restos da velha Notung; basta que peça a ela os fragmentos e prometo que a forjarei outra vez, de tal modo que terá a mesma resistência da antiga!

Sigurd, enlouquecido pela maravilhosa perspectiva, saiu correndo da forja e foi até o palácio onde sua mãe Hiordi estava. Depois de lhe implorar que lhe cedesse os pedaços da antiga relíquia, retornou às pressas para a presença do anão.

- Pronto, aqui está! - disse ele, desenrolando os fragmentos diante dos olhos fascinados de Regnir. - Faça-me, agora, uma nova Notung ou partirei seu pescoço com minhas próprias mãos!

O anão não esperou duas vezes e, saltando para a forja, começou a derreter os pedaços da espada, pronto a formar com eles uma nova e poderosa liga.

Sigurd acompanhava os movimentos do anão e ficou de tal modo impaciente que se agarrou ao grande fole e se pôs a manejá-lo com grande empenho.

"Uma criança!", pensava o anão, deliciado.

Regnir mergulhou o gume da espada, que estava de um vermelho quase incandescido, dentro da tina de água; um chiado feroz levantou-se dela, como se uma serpente em brasa tivesse sido lançada dentro do tonel. Logo em seguida, Regnir pôs-se a martelar o aço sobre a bigorna com golpes precisos e viris.

Mais alguns instantes e a velha Notung estava outra vez reconstituída.

Regnir levou-a, então, com amoroso cuidado até a roda de polir, onde lhe deu o acabamento final, dotando-a de um brilho verdadeiramente ofuscante.

- Eis Notung, a espada de Sigmund! - disse Regnir, erguendo-a e a ofertando a Sigurd. - Agora, ela é toda sua!

Os olhos do jovem brilhavam, quando suas duas mãos cerraram-se em torno do cabo prateado e repleto de lavores. Dando as costas a Regnir, Sigurd dirigiu-se até a bigorna e vibrou um golpe com toda a sua força.

Um estrondo terrível abalou a forja inteira, lançando para o chão o anão c os instrumentos todos. A bigorna jazia partida ao meio, com um pedaço caído para cada lado. Notung, a espada maravilhosa, entretanto, jazia inteira e intocada. Nem sequer uma ranhura ficara em seu gume afiadíssimo.

- E então?... - disse, timidamente, o anão. - Está pronto para a demanda do dragão?

***

Na madrugada do dia seguinte, Sigurd partiu com o anão em direção à caverna onde morava Fafnir, o terrível dragão. O jovem filho de Sigmund levava consigo a poderosa espada numa fina bainha lavrada a ouro. Já o anão trazia uma velha pá enferrujada presa ao ombro por uma correia gasta e esfiapada.

- Vai enterrar o dragão depois que o tiver liquidado com uma pazada? - disse Sigurd, dando uma gostosa gargalhada.

O anão preferiu ignorar o gracejo, dizendo simplesmente:

- Melhor que o aguardemos no rio, onde ele costuma ir, logo cedo, para beber água.

Regnir, ao contrário de Sigurd, falava baixinho, com medo de que as grandes orelhas de Fafnir pudessem captar o som de suas vozes. Sigurd seguiu o conselho do anão, sentindo que seu riso fora mais de puro nervosismo, uma vez que seu coração batia furiosamente dentro do peito.

- Agora, é preciso que entenda que nem só a força poderá lhe ajudar - disse Regnir ao seu protegido -, senão toda a astúcia que também puder empregar.

Estiveram um longo tempo a observar a margem do rio, enquanto uma luz levemente acinzentada iam descorando o grande teto enegrecido do céu. As estrelas também foram adquirindo um brilho diferente, refulgindo ainda mais, como pedacinhos de carvão, que, estando prestes a apagar, lançam ainda um último brilho de surpreendente intensidade. De repente, porém, escutaram, vindo de dentro da mata espessa, um ruído de algo que se arrasta com decisão.

- Regnir, acorde! - exclamou Sigurd, sacudindo o ombrinho do anão.

Regnir acordou num pulo e ficou atento aos ruídos produzidos pelo animal. Algumas árvores sacudiram, derrubando uma chuva de folhas, que esvoaçaram pelo ar junto com uma coleção de passarinhos de várias espécies.

Fafnir, o dragão que protegia o anel e o tesouro de Andvari, aproximou do leito do rio a sua imensa cabeçorra azulada, que despendia, ao mesmo tempo,reflexos de suas escamas avermelhadas. Sigurd levou, instintivamente, a mão à espada, mas foi detido com rapidez pelo anão, que exclamou num sussurro irado:

- Ainda não! Ainda não!

Sigurd devolveu o olhar furioso para o anão, mas este não se intimidou.

- Chegou a hora da astúcia, meu jovem! - disse Regnir. - Vamos, arrastemo-nos, fazendo a volta até o rastro do dragão.

E, assim fizeram, coleando-se pela relva como duas serpentes, com as faces voltadas para a o chão.

- Agora, vamos esperá-lo - disse Regnir.

- Como? Vamos esperá-lo aqui, em pé?

- Em pé, não; enterrados.

- O quê...?

Regnir não se deu ao trabalho de explicar. Simplesmente, ordenou a Sigurd que cavasse uma grande fossa com a pequena pá que trouxera consigo.

Sigurd, sem querer discutir, tomou a pá das mãozinhas do anão e começou a cavar com decisão.

- Sem ruído, rapaz, sem ruído! - dizia o anão, modulando ao mínimo a sua voz fina e estridente.

Depois que Sigurd havia cavado um grande buraco, suficiente para conter a si próprio e ao anão, viu a pá ser retirada, abruptamente, de suas mãos.

- Por que cavar outra? - disse ele, ao ver que o anão cavava furiosamente.

Mas, o anão era realmente muito astucioso e, por isso, resolveu cavar uma pequena fossazinha só para si, pois sabia que ali não haveria encrenca.

- E agora? - disse Sigurd. - Vamos deitar aqui e esperar a volta do dragão?

- Ora, rapazinho! - exclamou Regnir, perdendo a paciência com a falta de perspicácia do afilhado. - Você ainda não entendeu o meu plano?

Ao ver que Sigurd, de fato, nada entendera, completou:

- Dragões são invulneráveis em sua carapaça e, por isto, o melhor que você fará é esconder-se embaixo dele, pois, só assim, poderá atingir o seu ventre, cuja a carne é infinitamente mais vulnerável. Entendeu agora?

- Entendi que você não passa de um grande covarde, e nem é tão inteligente quanto imagina ser - disse Sigurd, triunfante. - Se minha espada é capaz de partir ao meio uma bigorna, por que não poderia fender a pele de um dragão qualquer?

O anão encolheu-se para dentro do seu buraco e resmungou algo inaudível acerca da "prudência", antes de cobrir a abertura com grandes folhas arrancadas das árvores.

"Atrevido!", rosnou no interior da sua cova. "Verá, em seguida, a falta que faz uma bela prudenciazinha!"

Sigurd fez o mesmo e ambos ficaram a esperar o regresso do dragão. Um longo tempo passou até que a terra começou a tremer acima de suas cabeças.

"É ele!", pensou Sigurd, empunhando com gosto a sua espada. "Que venha de uma vez!"

Já o anão limitou-se a se encolher ainda mais no buraco como uma toupeira e, sem dúvida, teria entrado terra adentro se tivesse as garras poderosas daquele animal.

O primeiro a perceber a chegada do dragão foi, justamente, ele. A luz, que até momentos antes iluminava sua cova, bruscamente, desapareceu; uma treva espessa e malcheirosa desceu sobre si durante um longo tempo.

Quando, porém, tudo estava prestes a se acabar, o pobre anão sentiu que algo mole e incrivelmente quente caíra sobre si, queimando-lhe o lombo. Então, mandou às favas a prudência e começou a berrar como um bebê:

- Socorro, Sigurd...! Socorro todos os deuses...!

Não podia ser outra coisa, pensou ele, atarantado: o dragão havia descoberto o seu esconderijo e agora lhe arremessava um jato de seu bafo incandescido!

Mas descobriu que não era nada disto quando a luz retornou e ele pôde ver a cauda do dragão deslizando acima, num movimento pendular, tornando-se cada vez mais fininha até terminar num pequeno triângulo azulado.

Só, aí, percebeu que estava mergulhado num mar de excremento.

Enquanto isto, Sigurd, mais adiante, não estava em melhor situação: com o movimento que o dragão fizera ao se arrastar, a cova, onde o herói estava, aluíra alguns metros e, agora, ele estava no fundo, sem possibilidade alguma de atingir o monstro com sua espada. Mas, foi somente quando a escuridão desceu completamente sobre si que compreendeu que o "plano perfeito" do anão tinha dois furos colossais: como poderia saber, em primeiro lugar, com aquela escuridão completa, o momento exato em que estaria passando sobre a sua cabeça a parte do dragão que abrigava o seu coração? E o

pior de tudo: se o animal morresse em cima do buraco, como faria para sair daquela sepultura hedionda?

"Irra! Maldito imbecil!", pensou Sigurd, enquanto as trevas o envolviam.

Mas agora era tarde para recuar e ele sabia que, se esperasse mais um pouco, seria tarde demais. Então, iluminado por uma idéia repentina, fincou as duas pernas nas paredes estreitas de sua cova e foi galgando-as como uma aranha até quase encostar a cabeça no ser asqueroso, que deslizava acima de si. Descobriu, então, que seus ouvidos podiam captar perfeitamente os batimentos cardíacos do dragão.

Um ruído semelhante àquele produzido por um batedor de tambor, que marca o ritmo nas navegações vikings, soava nitidamente acima de sua cabeça: Tum-tum!... Tum-tum!... Tum-tum!..., tornando-se cada vez mais intenso.

Sigurd fixou bem a atenção e suas pernas já estavam no último limite da resistência quando ele escutou o martelar cavo assumir o seu tom mais ensurdecedor: TUM-TUM...! TUM-TUM!... TUM-TUM...!

- É agora! - gritou o jovem, agarrando com as duas as mãos o cabo da espada e permanecendo preso ao ar apenas por suas maltratadas pernas. Num impulso que lhe arrancou do peito um grito selvagem, ele arremessou, finalmente, para cima, com todas as suas forças, a ponta da sua espada.

Nem bem a lâmina havia sido enterrada no ventre do dragão, Sigurd caiu ao solo, exaurido. Ao mesmo tempo, um urro colossal partido do peito do dragão atroou toda a sua minúscula caverna. O jovem cobriu os ouvidos com as duas mãos, mas, mesmo assim, quase desmaiou sob o impacto do urro selvagem e, certamente, teria sido destroçado caso o animal tivesse enfiado sua pata imensa dentro do buraco para esmagá-lo.

Mas, felizmente, sua pontaria fora certeira: o monstro ergueu-se sobre as patas traseiras, com as duas patas azuis dianteiras a tatear freneticamente o ar c depois caiu para trás (para sorte dos dois caçadores, bem longe de seus improvisados refúgios), provocando um tal abalo ao trombar contra o solo que o anão foi catapultado de dentro da cova para o ar — livrando-se assim, ao menos, daquele mar de excremento que o envolvia -, e indo se pendurar nos galhos de um imenso carvalho. O dragão, por sua vez, tão logo caíra ao chão deitara pela boca um dilúvio de sangue escarlate, que mais parecia a lava de um vulcão, a escapar por uma cratera cheia de dentes.

Regnir tratou logo de descer da árvore e com a espada de Sigurd arrancou de mesmo o coração do dragão.

- Tome! - disse ele, estendendo a Sigurd o grande músculo, ainda palpitante. - Arme uma fogueira e vamos comê-lo; estou louco de fome.

O coração de Fafnir foi assado até ficar tostado. Então, Sigurd mergulhou nele o seu dedo para ver se o interior estava também cozido.

Quando levou-o à boca, entretanto, sentiu algo estranho em sua cabeça, pois no mesmo instante começou a entender o que os pássaros diziam uns aos outros.

- Pobre rapaz! - dizia um pequeno pica-pau a um tordo, ambos empoleirados em um galho acima da cabeça do herói. - Mal sabe que está prestes a ser alvo de uma odiosa cilada!

Sigurd, ainda incrédulo, voltou sua cabeça para os dois pássaros.

- O pérfido anão está com a espada de Sigurd - disse o tordo, abrindo e fechando o afiado bico com rapidez. - Usará a própria arma do herói para matá-lo!

Este parecia ser o assunto dominante das aves que cruzavam os ares por cima da cabeça do jovem, mais até do que o próprio assassinato do dragão.

Sigurd, alarmado, virou-se para trás assim que percebeu o retorno do anão, que fora até o rio para se banhar e tirar do corpo a terrível catinga do dragão.

- Sigurd não poderá, então, tomar para si as riquezas de Fafnir, nem despertar a bela Brunhilde, que jaz adormecida na montanha de Hind Fell! - lamentou-se o pica-pau.

Então, compreendendo todo o plano do pérfido Regnir, Sigurd aproximou-se do anão e lhe pediu a espada, sob o pretexto de cortar um pedaço do coração. O anão, a contragosto, cedeu, pensando interiormente: "Irra! Que faça antes, então, a sua última refeição!"

Mas assim que Sigurd esteve de posse da espada leu nos olhos do anão toda a sua intenção, e isto bastou para que vibrasse um único e certeiro golpe no pescoço do infeliz. A cabeça do anão voou de balão e foi cair na relva. Um brilho de estupor e incredulidade iluminou os seus últimos instantes de lucidez.

- Aí está, perverso, o preço da traição! - disse Sigurd, limpando na relva o aço manchado de sangue.

***

Depois de haver matado Regnir, Sigurd resolveu seguir o rastro do dragão morto para descobrir onde ficava o seu esconderijo. Não foi difícil seguir suas pegadas imensas e, num instante, o jovem herói estava diante da caverna.

Ao entrar lá não foi preciso iluminação alguma para descobrir onde estava o tesouro, pois as jóias e o ouro acumulado faiscavam tanto que era só se aproximar e pegá-los aos punhados. Mas, de todas as preciosidades a que mais brilhava, sem dúvida alguma, era o anel de Andvari. Sigurd tomou-o e, após colocar a preciosidade em seu dedo, resolveu ir até sua casa e buscar o seu cavalo Greyfell, que ficaria encarregado de levar o tesouro numa grande arca.

E assim fez. No mesmo dia ele estava rumando com seu tesouro para o castelo de Hindarfiall, ao encontro da misteriosa Brunhilde, que lá jazia adormecida.

Somente quando o crepúsculo já havia descido é que ele chegou à montanha, sendo surpreendido por uma muralha de chamas que a envolvia. Sem temer nada, Sigurd apertou os joelhos nos flancos do cavalo e disse ao animal, dando um sonoro grito:

- Adiante, Greyfell, à fama e à glória!

Com uma velocidade espantosa o cavalo arremessou-se às labaredas e o fez com tanta decisão que antes que o fogo pudesse causar qualquer prejuízo a ambos, estavam os dois já do outro lado, sãos e salvos.

- Bravos, fiel companheiro! - disse Sigurd, acariciando as crinas do cavalo.

O jovem tinha agora à sua frente um palácio majestoso, mas que parecia inteiramente abandonado. Empunhando a sua Notung afiada, ele avançou e adentrou o grande salão deserto, que não tinha qualquer outra decoração em suas elevadas e majestosas paredes, senão verdadeiras cortinas de uma hera espessa, cujos galhos subiam como serpentes até cobrir o teto de um tapete de ramas e folhas entrelaçadas. Seu olhar, contudo, logo foi atraído para o centro do salão, onde num grande estrado estava deitada uma jovem, vestida numa vistosa e brilhante armadura dourada.

Sigurd viu a si mesmo avançando, através de seu reflexo na armadura espelhada, até chegar ao magnífico estrado. Ali estava a bela Brunhilde enfeitiçada.

Ele tentou avistar o rosto da jovem, mas este estava quase que completamente oculto pelo capacete. Retirando-o com cuidado, ele descobriu que tinha diante de si uma linda mulher - a mais bela que seus olhos já haviam visto...!

Então, sem pensar em mais nada, cortou a parte frontal da armadura com sua espada, como quem corta uma finíssima cota de seda dourada, e libertou o peito jovem da opressão daquela camisa de aço.

Neste momento, os olhos de Brunhilde abriram-se, lentamente, como quem dcspi-rla do um sono profundo.

- Quem é você? - disseram seus lábios, que, instantaneamente, começaram a se tornar rubros outra vez.

- Aquele que a despertou novamente para a vida - disse o jovem, fascinado com tanta beleza.

Aos poucos, a jovem foi recuperando a memória e contou a ele a sua triste história: ela era uma valquíria - filha do próprio Odin - e fora colocada ali por ter desobedecido a uma ordem do pai.

- Somente um herói que desconhecesse o medo poderia ter me libertado! - exclamou ela, já apaixonada pelo seu jovem libertador.

E, assim, ambos tiveram uma longa noite de amor no castelo abandonado, protegidos pela imensa cortina de fogo, que manteve afastados todos os olhos do mundo. Começava o romance que acabaria por unir de maneira trágica os destinos dos dois jovens amantes.

Sigurd e Brunhilde

Sigurd era um jovem herói nórdico, que abatera o dragão Fafnir, guarda de um valioso tesouro e depois rumara para uma misteriosa montanha. Ali, libertara a valquíria Brunhilde (filha de Odin, o mais poderoso dos deuses) de um sono amaldiçoado, fruto de um castigo imposto a ela por desobediência a seu pai. Depois disto, Sigurd partira, mas com a promessa de retornar em breve para os seus braços.

O herói seguiu assim sua marcha, cavalgando por vários dias até que chegou ao castelo do rei Giuki; um nobre poderoso e que tinha várias filhas solteiras. Grimhilde, esposa de Giuki e mãe de todas estas infelizes moças, ao sabei' da chegada daquele jovem e belo cavaleiro, que era filho de uma rainha, retomou o plano de casar as filhas. - Este não escapará! - disse ela, esfregando as mãos.

- Ora, Grimhilde, deixe de bobagens! - disse o velho rei, enfastiado. - Sabe lá se ele já não é um homem casado, ou ao menos comprometido?

- Asneiras! - disse a rainha, correndo, imediatamente, para os seus aposentos, onde pegou um pequeno frasco, que continha a poção mágica do esquecimento. - O loirinho valente cairá como uma luva para Gudrun!

Gudrun era uma das filhas encalhadas do velho casal. Não era nada feia e, de fato, prometia fazer um belo par com o jovem forasteiro. Os olhos da mãe de Gudrun brilharam ainda mais, quando uma serva veio lhe dizer que o forasteiro trazia consigo um grande baú. - Dê um jeito de descobrir o que há dentro! -disse ela à serva, uma criatura baixinha e roliça, que amava uma bisbilhotice mais que tudo neste mundo.

A serva cumpriu a tarefa com sua habitual eficiência.

- Ouro e jóias, minha rainha! - disse ela, com as bochechas escarlates.

- Tem certeza, sua idiotinha? - perguntou Grimhilde, mordiscando a unha.

- Ouro e jóias! - repetiu a serva.

- Ótimo! Será devidamente recompensada!

- Muito obrigada, generosa rainha! - disse a serva, que, no entanto, já havia se recompensado por conta própria ao tirar uma ou duas coisinhas lindas do baú, pois sabia de longa data, que promessas de rainha valiam ainda menos do que as suas.

Houve, então, uma grande recepção ofertada a Sigurd, na qual a rainha deu um jeito de fazer chegar aos lábios do jovem uma taça de sua poção maldita.

- Esta é minha filha Gudrun - disse a rainha, apresentando a filha a Sigurd, que parecia um pouco tonto.

- Ah... muito prazer... - disse Sigurd, enxergando a moça por detrás de uma espessa névoa. Esta névoa mental foi, pouco a pouco, apagando a sua amada Brunhilde da lembrança, de modo que, em poucos instantes, já nada restava mais da bela valquíria em sua mente - tampouco em seu coração.

- Que achou de minha filha? - disse a rainha, de maneira insidiosa a um Sigurd ainda atordoado.

- Gudrun... a sua filha? - disse Sigurd, observando a jovem.

- Sim, quer se casar com ela? - fulminou a rainha, à queima-roupa.

- Grimhilde! - disse o rei, de modo ríspido, dando-lhe um puxão na roupa.

- Quieto, idiota! - rosnou ela ao ouvido do rei. - Deixe-me salvar a honra de pelo menos uma de nossas filhas!

Sigurd tergiversou da primeira vez, mas foi assediado com tanta insistência pela rainha que acabou por se render aos encantos de Gudrun, a qual, como já dissemos, não era nada desprezível. - Está bem, persistente rainha - disse Sigurd, recobrando o seu bom humor. - Casarei com sua encantadora filha!

Grimhilde chorou de emoção o resto da noite. Dali a um mês, Sigurd casou-se com Gudrun em uma grande festa, na qual foi apresentado a Gunnar e Hogni, os irmãos de sua esposa, que haviam chegado às pressas para o casamento.

Gunnar e Hogni: dois cunhados que não fugiriam à regra.

***

Gunnar era um jovem nobre, fútil e enfastiado, que, a exemplo de sua irmã, via no casamento a panacéia para todos os seus males. Ao ver que a irmã conseguira arrumar um homem valente e decidido, resolveu tirar vantagem desta brilhante aquisição. - Sigurd, agora que somos irmãos, creio que posso tomar a liberdade de lhe fazer um pedido - disse Gunnar, assumindo, ativamente, o seu papel de cunhado.

- Claro, meu irmão, faça-o de uma vez! - disse Sigurd, num açodamento que revelava bem a sua inexperiência.

- Há uma bela mulher, que está enfeitiçada há muitos anos em Hindarfiall. - Esta palavra produziu um ligeiro reflexo na mente de Sigurd, apagado, rapidamente, pela torrente das palavras do cunhado. - Seu nome é Brunhilde e ela é filha adotiva do rei Atli.

- E o que o impede de ir até ela?

- Acontece que o castelo está cercado por um anel de chamas.

- Brunhilde... um anel de chamas...

- O pai verdadeiro dela é Odin e a encerrou no castelo sob esta cortina de fogo, num sono profundo, de forma que somente um herói destemido poderá atravessar as chamas e despertá-la outra vez para a vida. - Gunnar sabia, perfeitamente, que Sigurd era o homem perfeito para realizar esta proeza, já que ele era um covarde absoluto. - Sigurd, você enfrentou e matou um dragão sem nem mesmo piscar os olhos! - disse Gunnar, implorativo. - Faça isto por mim!...

- Mas, Gunnar, você ao menos já tentou fazer isto e ser digno do amor dela? - disse Sigurd, ligeiramente incomodado com a covardia do cunhado.

- Sim, mas as chamas quase engoliram a mim e ao meu cavalo! - disse Gunnar, com um tom de voz um tanto inconvincente.

- Está bem - disse Sigurd, inclinando-se à generosidade. - Irei até o palácio e a despertarei para você. - Sigurd, tendo perdido a memória, esquecera-se do fato de que ele próprio já fizera isto.

- Mas, como fará para se parecer comigo? - disse Gunnar, que, pouco inteligente, havia se esquecido, até então, deste importantíssimo detalhe.

- Tenho comigo um pequeno objeto, que fará isto à perfeição - disse Sigurd, erguendo a mão e mostrando num dos dedos o anel do dragão. - Se eleja foi capaz de transformar um anão em um dragão, por que não me dará a sua aparência?

Gunnar sorriu de felicidade, pensando que Brunhilde seria sua dentro de muito pouco tempo. No mesmo dia, começou os preparativos para a viagem de Sigurd. - Não esqueça, porém, de guardar a castidade enquanto estiver com ela, pois quero que Brunhilde seja somente minha - disse Gunnar, num ligeiro assomo de ciúme.

- Nada tema: casei-me com sua irmã e jamais iria desonrá-la - disse Sigurd, com firmeza. - Além do mais, não se esqueça de que estarei com a sua aparência, e não a minha, o que facilitará as coisas - acrescentou com uma nota ligeira de ironia na voz. - Gunnar guardou na alma, com todo o cuidado, aquela pequenina perfídia. Era o pretexto que esperava para poder, mais adiante, exercer livremente a sua ingratidão.

***

Sigurd chegou ao palácio de Hindarfiall naquela mesma noite e, após atravessar as chamas, apresentou-se a Brunhilde como aquele que teria direito legítimo a desposá-la. A valquíria, aterrada, tentou argumentar, dizendo que outro homem já a havia despertado anteriormente. Sigurd, entretanto, não deu ouvidos às suas queixas e exigiu que ela se deitasse com ele. Brunhilde, sem meios de defesa e temendo a infâmia de uma violação, acabou por ceder e admitir dividir o leito com aquele estranho (pois não pudera perceber que se tratava, na verdade, de seu amado Sigurd). - Vamos - disse o falso Gunnar, estendendo para Brunhilde a sua áspera mão. - Brunhilde, abaixando a cabeça, entrou em silêncio para seu quarto, seguida do estranho. Gunnar-Sigurd, entretanto, levava consigo a sua espada, Notung, e tão logo deitou-se ao lado de Brunhilde, colocou-a entre seus corpos, honrando, deste modo, a promessa que fizera ao irmão de sua esposa.

No dia seguinte, ambos retornaram ao castelo de Gunnar, onde a verdadeira pessoa assumiu a sua condição de marido de Brunhilde, enquanto Sigurd -já com seu aspecto real - retornava para os braços de Gudrun, a sua legítima esposa. Brunhilde, por sua vez, recebera das mãos de Gudrun uma taça, contendo a mesma poção maldita, que apagara da lembrança de Sigurd o passado.

- Esta é sua, querida - disse Gudrun, que havia sido bem orientada por sua pérfida mãe. - Façamos todos um brinde à minha nova irmã!

A partir deste instante, Brunhilde perdeu também a lembrança de Sigurd, que pôde reaparecer diante dela com sua face original.

E assim, durante alguns meses, viveram todos em paz e harmonia até que, um dia, surgiu uma disputa entre as duas mulheres por uma tola questão de vaidade.

- Meu marido Sigurd é maior do que o seu! - bradava Gudrun, quase histérica, no salão do trono.

- Hó-hó!, a idiotinha! - debochava Brunhilde. - Gunnar é infinitamente mais valoroso! Quem foi que atravessou as chamas para me libertar?

- E quem foi que matou um dragão, cara a cara? Foi o tolo do seu marido?

- Modere a língua, sua viborazinha! - exclamou Brunhilde, colérica. -Lembre-se de que Gunnar é seu irmão!

- Irmão idiota, por ter aceito casar-se com uma rameira!

Uma bofetada estalou na face de Gudrun, que rompeu num pranto aceso. - Valquíria maldita!... - exclamou ela, encurvando os dedos aduncos de unhas mais afiadas que as da sua gata branca. - Então, diante da agressão, esqueceu-se da prudência e desatou de uma vez o nó que prendia a sua língua: - Você não passa de uma enganada! - exclamou Gudrun, cuja língua desatada vibrava com a mesma desenvoltura de um chicote. - Foi meu marido, Sigurd, no lugar de Gunnar, quem atravessou as chamas para deflorá-la!

- Mentira! - gritou Brunhilde, possessa.

- Veja! - disse Gudrun, mostrando o anel que Sigurd lhe dera. - Não o reconhece?

Era o anel que Sigurd tomara ao dragão. Como fora parar nas mãos de Gunnar e depois de Gudrun?, pensou Brunhilde. E, então, tudo, subitamente, ficou claro: ela fora vítima de uma trama imunda.

- Foi Sigurd quem a seduziu, em nome de Gunnar! - disse a rival, explodindo, em seguida, numa gargalhada hedionda, que cresceu de intensidade ao ver a confusão estampada no rosto da rival abatida. Brunhilde recolheu-se ao silêncio e, a partir de então, começou a tramar uma terrível vingança contra Sigurd. Procurou, imediatamente, o marido e, depois de xingá-lo bastante, exigiu dele uma sangrenta reparação. - Quero que mate o marido de Gudrun! - disse ela, com a boca espumando.

- Matar Sigurd? O que está dizendo? - disse Gunnar, atônito.

- Você acha que poderei andar de cabeça erguida depois desta comediazinha de erros que armaram para cima de mim?

- Ora, Brunhilde querida... Foi apenas um meio de que me servi para poder conquistá-la...! - disse Gunnar, acariciando a esposa.

- Um meio para me humilhar, você quer dizer!

De repente, uma idéia perversa cruzou o cérebro de Brunhilde como uni relâmpago, e ela não hesitou em apanhá-la pelo rabo. - E você, seu ingênuo... acreditou mesmo que o cínico do Sigurd tenha dormido ao meu lado sem me tocar?

Gunnar permaneceu alguns instantes sem compreender.

- Acreditou, então, naquela historinha da espada metida entre nós?

Um riso escarninho partiu dos lábios de sua esposa, que era a resposta inequívoca à sua própria pergunta.

- Está mentindo! - esbravejou Gunnar, lembrando, porém, ao mesmo tempo, da ironia que o cunhado havia feito antes de partir. Isto foi o bastante para fazer cessar em seu peito aquela incômoda gratidão, que o perturbava desde o casamento. - Se foi assim mesmo... ele pagará com a vida!

- Sim, seu imbecil, três afrontas à nossa honra perpetrou este vilão: contra mim, contra você e também contra a sua irmãzinha...!

Gunnar foi imediatamente procurar seu irmão Hogni. Mas, este não queria saber de encrencas; além do mais, havia feito junto com Gunnar um pacto de sangue com Sigurd, que unira os três como novos irmãos, logo depois do casamento de Sigurd e Gudrun. - Guttorm, entretanto, não chegou a tempo do casamento, nem tampouco do pacto, está lembrado? - disse Hogni, referindo-se a um terceiro irmão, que andava desaparecido.

- Claro! - exclamou Gunnar, aliviado. - Guttorm fará o serviço!

No mesmo dia, um mensageiro foi procurar o tal Guttorm, que andava caçando numa distante floresta. Quando ele retornou, os dois irmãos se apoderaram dele avidamente: - Guttorm, precisamos que você limpe a honra de nossa família!

- Limpar o quê? - disse Guttorm, sem entender nada.

- A nossa honra, Guttorm! Somente você poderá fazê-lo!

- Mas como? Por quê? O que houve?

- Silêncio! - esbravejou Gunnar.

Os dois irmãos contaram, então, a Guttorm toda a história, da qual seu cérebro limitado não compreendeu nem a terça parte. Mas, como havia sangue na história, seus ouvidos de caçador permaneceram atentos. - E o que eu levo nisto? - quis saber ajuizadamente.

- O tesouro de Sigurd será todo seu! - disse Hogni.

Gunnar fuzilou-o com o olhar. Ele esperava convencer o irmão apenas com um belo discurso sobre a honra e a dignidade da família, mas Hogni estragara tudo.

- Negócio fechado! - disse o bruto e, agora, não havia mais como voltar atrás.

Duas noites depois, Guttorm foi, pé ante pé, até o quarto de Sigurd, que dormia ao lado de sua esposa. Após abrir uma pequena fresta na porta, meteu metade de seu corpo para dentro, mantendo com cautela a outra metade do lado de fora. Uma espada afiada pendia da mão do assassino. Então, quando olhou para o rosto de Sigurd, percebeu que este tinha os olhos abertos e que o mirava de um modo terrificante.

Guttorm esgueirou a outra metade de seu corpo para fora do quarto e fechou a porta rapidamente. Seu cunhado parecia uma assombração; ao menos, foi esta a nítida impressão que aqueles olhos arregalados lhe deram. Estava pronto para desistir, quando lhe veio à mente o tesouro prometido. Então, retornou do mesmo jeito que antes, abrindo nova fresta à porta. De novo, metade do seu corpo introduziu-se pela fenda e, de novo, o olhar pavoroso de sua vítima congelou-lhe os ossos sob a pele. "Parece já um habitante de Hei!", pensou Guttorm, terrificado.

Depois de muito tempo, Guttorm abriu a porta pela terceira vez. Desta vez, o mataria ou fugiria em definitivo. Guttorm entrou - desta feita, com todo o corpo - e foi até a cama, onde Sigurd, finalmente, dormia. "Provavelmente, das outras vezes, ele também estivesse dormindo, só que de olhos abertos", pensou, tentando se acalmar. "Muitos dormem desta maneira." Então, ergueu sua espada e desferiu um golpe mortal bem no peito do jovem. Sem retirar a espada da ferida, Guttorm saiu correndo do quarto e já quase alcançava a porta, quando sentiu que suas pernas fraquejaram completamente. "Que hora para me faltarem as pernas!", pensou num relâmpago, antes de tombar ao chão, já do lado de fora. Uma fraqueza total apoderou-se de si, quando tentou reerguer-se. "Mas, o que está acontecendo?", pensou, tentando desesperadamente colocar-se em pé outra vez. Foi, então, que compreendeu, num último lampejo de consciência, que já não tinha mais pernas!

Sim, pois tão logo Sigurd fora atingido pelo golpe mortal do agressor, erguera-se e vira o assassino prestes a escapar. Tomara, então, de sua espada e a arremessara com tanta força em sua direção que cortara Guttorm pela cintura, de tal modo que a metade inferior de seu corpo ficara dentro e a superior para fora do quarto.

E foi assim que tanto Sigurd quanto Guttorm pereceram um pelas mãos do outro. Gudrun, por sua vez, acordou com todo aquele movimento apenas para descobrir que seu marido já estava morto e que ela própria estava com as vestes iodas molhadas do seu sangue. Um grito de pavor atroou as paredes de pedra do castelo, fazendo com que todos

acorressem, imediatamente, para o quarto do casal. Mas nada mais havia a ser feito: a vingança de Brunhilde estava concretizada.

Gudrun acusou a cunhada de ter tramado a morte de seu marido e esta não se deu ao trabalho de negar. Aos poucos, porém, Brunhilde foi recuperando a consciência dos verdadeiros laços que a ligavam a Sigurd - talvez por força da morte dele ou do choque dos acontecimentos. O fato é que um profundo remorso foi se apoderando da pobre valquíria, de tal sorte, que, no dia do funeral de Sigurd, ela aproximou-se da pira onde dali a instantes seria queimado o corpo de seu amado (pois, agora, ela tinha consciência plena do seu amor), e retirando do seio um afiado punhal, enterrou-o no peito, pedindo em suas últimas palavras para ser queimada ao lado de Sigurd. E assim foi feito: Sigurd e Brunhilde foram queimados na mesma pira, tendo, entre eles, a espada do herói, tal como na noite em que ele provara a todos a sua lealdade.

A morte de Balder

Balder, filho de Odin e de Frigga, era o mais belo e amado dos deuses. Não havia criatura em todo o mundo, que não o adorasse. Grande parte do seu fascínio estava na alegria que ele irradiava sobre todos os que o cercavam; a própria natureza parecia alegrar-se com a sua chegada e, desta forma, era uma presença sempre bem-vinda onde quer que se fizesse anunciar.

Um dia, entretanto, Balder acordou com uma sombra anuviando o seu olhar. Sua mãe Frigga logo percebeu que algo muito grave o perturbava. -Balder querido - disse ela, achegando-se ao filho. - O que você tem, que acordou com um mau aspecto?

- Tive alguns pesadelos - respondeu o jovem deus, com o semblante alterado pela preocupação. - Estes sonhos ruins prognosticavam a minha morte!

Frigga levou logo a má notícia a seu esposo Odin.

- Deve ter sido só um pesadelo - disse o deus, minimizando o problema. - Vamos esperar para ver se ele se repete.

Infelizmente, nas noites seguintes, os mesmos sonhos funestos tornaram a atormentar Balder, de tal forma que Odin se viu obrigado a tomar uma providência. - Vou até Niflheim, a terra de Hei, para ver se descubro o que esta acontecendo - disse ele a Frigga. - No mesmo dia desceu a toda pressa a Bifrost (a ponte do arco-íris que liga Asgard ao resto do mundo), cavalgando Sleipnir, o sai veloz cavalo de oito patas. Rumava para as escuras e subterrâneas terras de Hel, a deusa da morte. Depois de ter cruzado com Garm, o cão que guarda o portão infernal, ficou frente a frente com a sinistra filha de Loki. - Hei, preciso que me diga onde está o túmulo de Angrboda, uma antiga profetisa - disse ele à deusa dos mortos.

A deusa indicou-lhe o caminho. Ao chegar à escura região onde dormia a velha sibila, acordou-a com suas invocações. - Acorde, profetisa! - disse o deus. - Quero saber

por que há tantos preparativos em Niflheim, como se estivesse para ocorrer uma grande recepção. - A profetisa, a princípio, relutou em dizer qualquer coisa, mas Odin, fazendo uso de seus feitiços rúnicos, obrigou-a a falar a verdade. - O jovem deus... oh, sim, Balder!... entrará na morada de Hei... dentro de muito... muito pouco tempo...! - disse Angrboda, num estado muito próximo do sonambulismo.

- Balder... morrerá mesmo? - disse Odin, sem poder acreditar.

- Morto... por Hoder... Sim, Hoder o matará...! - disse ela, impassível.

Hoder era o irmão cego de Balder. Odin, sem querer escutar mais coisa alguma, deu as costas à profetisa e, montado em Sleipnir, retornou à toda pressa para Asgard. Tão logo chegou à morada dos deuses, procurou por sua esposa. -Frigga, infelizmente, é verdade! - disse Odin, alarmado. - Balder será morto! -O deus preferiu esconder a segunda parte da revelação por achar que a fatalidade ainda poderia ser evitada.

- Não, não! - exclamou a mãe de Balder, recusando-se a aceitar o destino que as Nornas, as fiandeiras do destino, pareciam haver decretado, irrevogavelmente, para o seu filho. Decidiu, então, tomar as suas providências para impedir que isto acontecesse. No mesmo dia partiu pelo mundo para alcançar de todas as coisas que o compunham a promessa de que jamais fariam mal a Balder.

Este foi um longo périplo, que o amor de mãe a fez cumprir com impressionante rapidez e sucesso. Todos os deuses, homens, anões, elfos, duendes - e até os gigantes, inimigos declarados dos deuses - prometeram à deusa que jamais fariam qualquer mal a Balder. Mas isto não foi tudo: até dos seres inferiores da criação - como os animais, os insetos, as plantas e os minerais - Frigga arrancou a promessa de que jamais atentariam contra a vida de seu amado filho. Leão por leão, escorpião por escorpião, folha por folha, pedra por pedra - de um por um destes seres e coisas ela obteve, de maneira suavemente persuasiva, a promessa desejada. Então, quando havia cumprido finalmente a tarefa, Frigga voltou para junto do seu esposo, feliz e aliviada. - Balder está protegido! - disse ela a Odin, com um sorriso radiante. - Ninguém jamais atentará contra a vida de nosso filho!...

Quando a notícia chegou aos ouvidos da corte asgardiana foi grande o júbilo que se ergueu entre os deuses. - Balder não morrerá! Balder é imortal! -exclamavam as vozes, exultantes. - E, apesar do grande privilégio que isto representava, não se ouviu uma única voz de inveja erguer-se, pois ele era uma criatura amada por todos.

No entanto, havia uma voz que estaria disposta a proclamar a sua inveja, não fosse o receio de alguma punição. Estava voz pertencia a Loki, um deus que não primava exatamente pela virtude ou pela generosidade. "Então, Balder, o queridinho dos deuses, agora está protegido?", pensou Loki, ao tomar conhecimento do fato. - Estava estarrecido com o feito de sua popularidade. - Então, não houve em toda a natureza um único ser que se recusou a aceitar esta imposição arbitrária de jamais atentar contra a vida de Balder? - exclamou ele, irado.

"Não, isto não pode ser assim!", pensava Loki noite após noite. E, desta forma, passou a ser ele a apresentar um mau aspecto todas as manhãs, quando acordava de seu sono perturbado pela inveja.

- O que tem você, Loki, que anda com esta horrível cara de insone? - disse-lhe, um dia, Balder, e isto foi a gota d'água para que o perverso deus decidisse tomar uma atitude contra o filho de Odin. - "Deve haver alguma criatura, algum ser, qualquer coisa, que tenha se recusado ao juramento infame!", pensou o deus ao sair para sua maldosa peregrinação.

Depois de percorrer boa parte do mundo, Loki sentou-se exausto sobre um grande rochedo para pensar sobre a melhor estratégia a ser adotada. Após muito matutar - pois o perverso deus tinha ao menos a virtude de saber usar a cabeça (ainda que para maus propósitos) -, decidiu procurar Frigga, mãe de sua vítima, para descobrir dela própria se não havia um meio de burlar aquela "conspiração idiota" a favor de Balder. Para tanto, metamorfoseou-se em uma velha e foi até o palácio de Frigga. Lá, encontrou a mãe de Balder a fiar e começou, então, a elogiar o grande prodígio que ela obrara ao obter de toda a natureza uma promessa tão sublime para o seu filho. - Verdadeiramente espantosa a popularidade de Balder! - disse a velha, fingindo-se feliz com o fato. - Depois, assumindo um ar de curiosidade intensa, perguntou à deusa: - Mas, diga-me, poderosa Frigga: é verdade que todos, absolutamente todos\, comprometeram-se a jamais lhe fazer mal?

Frigga, a princípio, afirmou categoricamente que todos assim havia feito. Mas, diante da insistência da velha, acabou por vacilar por um pequeno instante c isto foi o bastante para açular a dúvida de Loki.

- Por que vacilou, minha amiga? - disse a velha, com os olhos a brilhar.

- Bem, vou falar um segredo a senhora, já que estamos inteiramente a sós...

- Sim, claro, diga! - falou a velha. - Nada escapará de minha boca!

- Houve, sim, uma pequena e inofensiva criatura à qual não tive a coragem de exigir a promessa, tal a sua fragilidade e doçura!

- Oh, que bela alma! - disse Loki, fingindo-se encantado com a delicadeza de Frigga. - E, que criatura foi esta, encantadora deusa?

- Um ramo de azevinho - disse a deusa, bem baixinho.

- Oh, o frágil visco...! - disse a velha, dando um grande sorriso gengival.

- Sabe, achei que seria uma terrível ofensa - e mesmo uma ingratidão criminosa! - imaginar que esta bela plantinha, que costumamos colocar do lado de fora de nossas casas em sinal de hospitalidade, pudesse de alguma forma desejar fazer mal a meu filho. Dispensei, então, a planta da paz deste juramento solene. Acha que fiz bem em prestar-lhe esta homenagem?

- Oh, sem dúvida, magnânima deusa! - disse a velha, abraçando-se à Frigga. - Fez bem, oh!, fez muito bem mesmo]...

Loki despediu-se da deusa e seguiu seu caminho com um sorriso perverso desenhado nos lábios.

***

Foi de Loki a idéia de realizar o concurso de arremesso ao Balder, como batizou o torneio que afirmava inofensivo. "O deusinho exibicionista não se furtará a posar de valente!", pensou Loki ao engendrar mais esta perversidade.

Uma multidão alegre reuniu-se nos jardins repletos de pendões e flâmulas, em frente a Breidablik, o palácio de Balder. Sua esposa, Nanna, estava junto para divertir-se com o triunfo do marido, embora trouxesse na alma um vago receio, a despeito de tudo quanto lhe afirmara Balder, no sentido de que não haveria risco algum na brincadeira. Todos os deuses e guerreiros amigos haviam-se postado de um lado dos jardins, enquanto do outro, dentro de um pequeno círculo traçado na grama, estava Balder, com as mãos na cintura e um sorriso franco no rosto.

- Muito bem, amigos, podem começar a brincadeira! - disse o deus, confiante.

Todos quiseram conceder a Odin o primeiro arremesso, mas este se recusou por medo que algo errado pudesse acontecer. Então Tyr, irmão de Balder e considerado o mais valente dos deuses, adiantou-se, empunhando a certeira lança com sua única mão (ele perdera a outra num episódio famoso, que o tornara merecedor do título). Mas, antes que pudesse arremessá-la, foi impedido pela advertência de Frigga, mãe de Balder:

- Não, espere! Lance antes algo mais inofensivo!

Tyr, atendendo o pedido, pegou uma simples pedra e a arremessou ao peilo de Balder. A pedra bateu e ricocheteou para o alto sem fazer-lhe o menor mal.

- Ótimo! Magnífico! - bradaram as vozes, sob um coro de aplausos.

Outros guerreiros adiantaram-se, confiantes também de não provocar desgraça alguma. Então, começou a cair uma verdadeira chuva de projéteis sobre o deus - lanças, espadas, machados, flechas e chuços de todos os tamanhos -, que Balder recebia sem sofrer o mínimo arranhão. A algazarra era tremenda, quando Thor, o poderoso deus do trovão, adiantou-se e disse com um grito alegremente atrevido:

- Deixem comigo, agora!... Se Balder resistir a Miollnir, então, nada mais poderá derrubá-lo! - Ele se referia ao seu poderoso martelo, confeccionado por anões artífices. Um clarão abriu-se entre a fileira dos arremessadores e todas as respirações ficaram suspensas. Até mesmo o rude Odin não deixou de dirigir a Thor um olhar dúbio, onde errava um misto de apreensão e censura. Mas Thor confiava no que Frigga dissera e, por isto, seguiu adiante no seu intento.

- Prepare-se, Balder! Esta nem você agüenta!

Balder deu um largo sorriso e disse com a voz firme:

- Pode mandar!...

Desta vez, entretanto, poucos tiveram o sangue-frio de achar graça na situação. Thor empunhou seu martelo e, após dar algumas voltas com ele no ar, arremessou-o na direção do irmão. Miollnir partiu assoviando e foi acertar direto na cabeça de Balder. Um "Oh!" de espanto varreu a platéia, quando todos viram o martelo ricochetear e voltar às mãos do deus do trovão sem causar dano algum a Balder.

Um coro alegre de risos continuou a encher o ar, abafando o canto dos pássaros, de modo que não havia naquele local quem não estivesse feliz. Mas, em vez de cumprimentar Loki pela feliz idéia do torneio, preferiam todos dirigir seus elogios a Balder, exaltando unicamente a sua coragem e o seu bom humor. - "Coragem?”, indagava-se Loki, esquecido a um canto. "Como pode haver coragem verdadeira onde não há perigo real? - Então, farto daquilo que chamou de bajulação vil, foi procurar algum incauto que pudesse lhe servir de braço para o golpe que pretendia vibrar ao fanfarrão de araque.

Depois de percorrer com o olhar a multidão, Loki enxergou bem mais afastada a figura de Hoder, o irmão cego de Balder. Ele estava sentado embaixo de uma árvore, mordiscando um talo de erva. Apesar de afastado do bulício, ele também trazia no rosto um sorriso divertido, pois pela audição podia avaliar a grande alegria que reinava nos jardins de Breidablik.

- O que está fazendo aí sozinho? - disse-lhe Loki, aproximando-se sorrateiramente. - Por que não se junta aos outros?

- Bem, é o meu jeito de me divertir - disse o cego, com um meio-sorriso. - Afinal, perto ou longe, a visão que tenho de tudo é sempre a mesma.

Loki, que detestava sentir pena de alguém, procurou logo mudar o tom da conversa: - E o que acha do desafio? Não vai tentar alvejar Balder, também?

- Ora, eu!... - exclamou Hoder, irritando-se com a pergunta idiota. - O cego, afinal, sou eu ou você, que não vê a impossibilidade?

Loki deu um sorriso bem ao seu estilo: perverso. Depois, tomou de sua aljava, em meio a várias setas, uma feita do ramo do azevinho. (Depois de havê-lo limpado das bagas e das folhas, Loki havia conseguido torná-la uma verdadeira flecha, afiando-lhe cuidadosamente a ponta.) - Aqui está uma seta, a mais certeira de todas, que você poderá perfeitamente atirar - disse Loki, persuasivamente. - Vamos, eu o ajudarei a fazer a pontaria.

Hoder ergueu-se, dispondo-se aos poucos a se juntar aos demais e se alegrar um pouco também. Avançaram quase até o local, quando Loki deteve o deus cego.

- Vamos ficar por aqui, um pouco afastados, para que você não corra risco de ser alvejado ou de alvejar alguém inadvertidamente.

Estando ambos meio que ocultos atrás de uma árvore, Loki armou o arco e ajustou-lhe a seta fatal. - Pronto - disse ele, entregando a arma a Hoder e virando-o no sentido onde estava Balder. - Agora retese bem a corda!

Hoder fez o que Loki lhe dissera e ficou aguardando a ordem de disparo.

- Agora!... - disse Loki, quando viu que a seta tinha endereço certo no coração de Balder. A seta partiu sibilando e numa fração de segundos enterrou-se até a extremidade no peito de Balder. De repente a multidão percebeu que havia algo errado com o desafiante, pois embora os projéteis ainda estivessem a ser lançados, nenhum havia lhe provocado aquela reação que agora se desenhava em seu rosto. Os olhos arregalados e a mão pousada sobre o peito eram sinais bastantes de que algo terrível acontecera.

- Balder querido, o que houve? - exclamou Frigga, sua mãe, que num instante compreendera tudo.

Balder caiu de joelhos e antes que sua esposa Nanna pudesse aparar a sua queda, caiu de rosto na grama. Um jato negro de sangue escapou de sua boca, quando ela ergueu sua cabeça do solo. - Balder, não!... - exclamou ela, aterrada.

- Balder está morto! - gritou alguém no meio da multidão, e logo um coro de gritos aterrorizados tomou o lugar dos risos de alguns instantes atrás. Hoder, mesmo à distância, percebeu que algo de muito terrível acontecera - e que ele fora o responsável direto! Loki, entretanto, já não estava mais ao seu lado, tendo se retirado assim que vira, satisfeito, Balder tombar de rosto no chão.

- Balder assassinado! - bradavam agora as vozes.

Imediatamente a seta foi arrancada do peito do deus e Frigga, ao reconhecer o ramo de visco, sentiu um calafrio de horror e ódio penetrar-lhe com a mesma dor que seu filho haveria de ter sentido quando a seta lhe perfurara o coração.

- Foi uma armadilha, uma maldita armadilha! - bradou ela, arrancando os cabelos. - Não demorou muito para que se juntassem os fatos e se chegasse à conclusão de que o perverso Loki fora o autor do estratagema maligno. Hoder, o autor involuntário do homicídio, perdera os sentidos ao saber que fora o causador da morte do irmão. Quanto a Nanna, esposa do deus morto, sentira tanto a perda que acabara por desfalecer sem vida instantes depois da tragédia.

Não havia nada mais a fazer, sentenciou Odin, tão logo recuperara a razão, senão enterrar o filho e o mais amado dos deuses. Após os atos religiosos, Balder foi colocado em seu grande navio junto de sua esposa e, ali mesmo, foi acesa a sua pira funerária. Vários presentes foram depositados ao redor do morto e Odin colocou no braço de Balder o seu famoso bracelete de ouro Draupnir.

Entretanto, o barco ficara tão pesado que foi preciso pedir a ajuda da giganta Hyrrokin para empurrar o navio até o mar. Ela chegou montada em um grande lobo e, depois de conseguir acalmar a feroz montaria, empurrou o navio paia dentro das águas com tanta força que as rodas que o conduziam arderam e um grande tremor de terra

sacudiu os nove mundos. Thor, que vira nisto uma provocação ao seu poder de deus dos trovões e tremores de terra, irritou-se a tal ponto que quis partir em duas a giganta, sendo dissuadido pelos demais deuses. Mas da sua ira não escapou um infeliz anão chamado Lit, que inadvertidamente atravessara-se no caminho do deus. - Saia da frente, anão maldito! - disse ele, dando um pontapé no desgraçado, que foi parar dentro do navio, que já ardia em pleno oceano.

E, este foi o fim de Balder, o mais adorado dos deuses. Loki, entretanto, bem como o infeliz Hoder, receberiam, em breve, a sua negra recompensa. Antes, porém, seria feita uma última tentativa para resgatar da terra dos mortos o filho dileto dos deuses, tarefa que esteve a cargo de Hermod, irmão também de Balder e uma espécie de Mercúrio nórdico - mas esta é uma outra história.

A viagem de Hermod

Balder, o mais amado dos deuses, havia morrido vítima de uma perversa armadilha de seu rival Loki, que armara a mão de Hoder, irmão cego de Balder, com uma seta fatal e o fizera arremessá-la ao peito da vítima, prostrando-a sem vida ao chão. Loki fugira, enquanto que Hoder, o assassino involuntário do próprio irmão, ficara entregue ao remorso e à espera do castigo que certamente lhe caberia.

Mas Balder era tão amado por todos, especialmente por seus pais Odin e Frigga, que esta decidiu, tão logo viu o corpo sem vida do filho diante de si, que tentaria uma última jogada para salvá-lo das garras de Hei, a deusa da morte.

Assim, antes mesmo que os restos de Balder fossem queimados em seu navio - convertido numa enorme pira funerária, conforme o hábito viking -, ela ergueu uma proclamação entre os guerreiros presentes ao funeral, conclamando que algum deles se prontificasse a ir até os sombrios domínios da morte o tentasse convencer a deusa a devolvê-lo ao convívio dos deuses. Um longo silêncio pairou, expectante, no ar - pois, apesar de serem todos bravos guerreiros, jamais haviam pensado na idéia de enfrentar a própria deusa da morte -, até que Hermod, irmão de Balder, ergueu-se e pronunciou estas palavras: - Estou pronto a ir buscar meu irmão, esteja ele onde estiver.

Gritos de aclamação fizeram-se ouvir por toda parte - alguns, é certo, engrossados pelo sentimento do alívio -, enquanto Frigga dava suas últimas instruções ao voluntário: - Não seja rude com Hei, pois ela não é uma deusa perversa - disse Frigga. - Antes, tente convencê-la, amigavelmente, fazendo com que veja o quanto Balder nos era querido e o quanto sentimos a dor da sua falia. Somente, assim, conseguirá mover o seu coração à piedade.

Hermod partiu, no mesmo instante, rumo a Niflheim, que era o local onde estava instalada a palha dos mortos. Montado em Sleipnir, o cavalo mais veloz do universo, que seu pai Odin lhe emprestara, ele percorreu as distâncias mais áridas em menos de um dia. Ainda assim, não foi fácil ter de transpor as montanhas cobertas de neve e os temporais, que a todo instante caíam sobre ele e a montaria. Mas Hermod tinha

consciência da importância da missão que escolhera e não esperava falhar - pelo menos não por uma circunstância derivada de uma falha ou negligência suas.

Quando o dia começava a cair, ele viu que o céu também escurecera - só que não era um escurecimento natural, proveniente da mudança do dia para a noite, mas sim o produto de uma mudança sinistra de estado, de uma condição imutável e necessária, que ali vigorava para todo o sempre. Pois aquela noite que ele começava a adentrar era completamente distinta da dos deuses e dos homens: uma noite infinitamente triste e tristemente eterna.

Sleipnir refugou duas vezes antes de colocar a primeira de suas oito patas sobre o solo gélido e pantanoso do Niflheim. O sol já havia desaparecido de todo e ele sabia que não tornaria a vê-lo nunca mais, caso não conseguisse retornar daquele lugar maldito. Sleipnir deu um forte assopro, que lhe dilatou as narinas escuras, o que deu a entender a Hermod que o cavalo queria lhe dizer que estava pronto para o que desse e viesse. - Muito bem, companheiro, vamos lá! - disse ele, recobrando novo ânimo.

Havia uma ponte imensa, em arco, toda feita de pedra úmida e com estranhos musgos pendentes, que pareceram a Hermod serpentes esverdeadas e balouçantes. Abaixo dela passava o rio Gioll, de águas espessas, escuras e lodosas. O odor nada agradável deste sinistro curso d'água podia ser sentido à distância e as narinas, tanto dele quanto de Sleipnir, não se sentiram nada lisonjeadas quando receberam o seu primeiro impacto. - O que você recomenda? - disse Hermod ao cavalo de Odin. - Prudência ou audácia?

O cavaleiro desconfiava que se fosse devagar inalaria por muito tempo aquele bafo mefítico, podendo acabar morto antes mesmo de ultrapassar a metade da ponte; por outro lado, se ousasse emplacar um galope veloz, poderia provocar o desmoronamento da ponte, a qual parecia tudo, menos segura. Uma voz interior disse-lhe, contudo: "Mas se for um galope mesmo veloz, antes mesmo que ela ruísse, você já estaria do outro lado!" Entretanto, urna outra voz, certamente ditada pela prudência, lhe contrapôs: "E como faria, então, para retornar?”

Mais uma vez o meio-termo triunfou e prevaleceu nas considerações do irmão de Balder. Por isso, ele resolveu seguir num passo firme, porém, atento e cauteloso. O cavalo adiantou-se e começou a galgar o plano inclinado da ponte. Mas nem bem colocara a primeira pata e o ruído do casco do animal em contato com a pedra dura reboou por todo o vale sinistro. Era uma ponte relativamente larga, aquela, e por isto Hermod preferiu manter-se sempre no meio num passo seguro. Para piorar, o primeiro de uma série de relâmpagos iluminou todo o cenário diante dos seus olhos: uma chuva espessa desabou ao mesmo tempo, de uma só vez, e foi o bastante para que Hermod compreendesse por que razão tudo ali estava sempre coberto por musgos, parecendo que uma maré repentina houvesse baixado há poucos instantes, deixando grudadas às rochas maços inteiros de algas e heras.

- Em frente, Hermod, em frente! - disse o cavaleiro, mas com tal inconsciência que ele chegou a se voltar para os lados, como se um outro alguém lhe tivesse dado esta ordem. Viu, então, que as rochas recobertas de saliências, como grandes e grotescos narizes, assumiam cada vez mais a forma de faces - hediondas faces, cujos musgos

pendentes lembravam cabelos revoltos e a água, que escorria pelas protuberâncias, fosse um rio caudaloso de lágrimas a descer pelos narizes. Então, um novo resfolegar, agora impaciente, de Sleipnir acordou-o para um outro fato, muito mais grave: o de que um rio caudaloso, produzido pela tempestade, descia da parte alta da ponte, engolfando a ele e o cavalo numa correnteza feroz, subindo já pelas oito patas de Sleipnir. - Em frente, Hermod. - disse ele, como se acordasse de um sonho, e o cavalo arremeteu com toda a força até alcançar o alto da ponte encurvada.

Os relâmpagos iluminavam aquelas hediondas trevas, agora, quase que de segundo a segundo, o que possibilitava ao cavaleiro contemplar o vasto panorama dos dois lados do ermo. Dos paredões enormes, escorria uma miríade de minúsculos córregos, descendo pelas paredes fraturadas e serpenteando como delgadas e cristalinas cobras d'água, até se perderem no abismo, mergulhando, por certo, nas águas escuras que gorgolejavam abaixo. Adiante, ele via apenas uma íngreme descida - quase um mergulho vertiginoso, a que dificilmente o seu cavalo poderia enfrentar sem resvalar e tombar, com todo aquele aguaceiro que caía dos céus de Niflheim. As quatro patas dianteiras de Sleipnir firmaram-se ã Imite e assim o cavalo desceu, recebendo por Irás a água, que agora descia naturalmente, junto com eles. Felizmente, não houve nenhum outro incidente e ambos chegaram, afinal, do outro lado da ponte incólumes. Mas, antes que o cavalo desse mais um passo, uma voz fina - e ao mesmo tempo surpreendentemente cavernosa - soou do alto: - Onde pensam que vão, habitantes do reino dos vivos?

Hermod ergueu a cabeça e nada avistou (seria um espectro alado quem proferia aquelas palavras?). Mas, depois de forçar a vista, viu uma criatura sentada ao alto de uma grande saliência. De tão magra e esquelética, não fora possível percebê-la num primeiro momento. - E você, criatura sinistra, quem é? - perguntou Hermod, num assomo de coragem.

- Sou Modgud, guardiã da ponte que atravessa o rio Gioll! - bradou a criatura, estendendo os braços recobertos por tiras de uma carne delgada e estraçalhada, que agitaram-se ao vento. Sem dúvida, eram os restos esfarrapados de antigas e já inúteis asas, pensou Hermod numa fração de segundo. O vento passava por aqueles tristes molambos de carne como passa pelos restos de uma velha cortina ou pelos trapos furados de uma abjeta mendiga. Em compensação, os seus pés e as suas mãos - ou, simplesmente, as suas garras - eram extraordinariamente desenvolvidos, como se estivessem assumindo, indubitavelmente, as funções de conduzir aquela mulher repulsiva pelos caminhos íngremes dos paredões. - Bem sei que não são de vivos as patas de seu cavalo ou o seu próprio corpo, pois nem mesmo um exército de mortos faria tanto ruído quanto a sua passagem! - disse a velha asquerosa, que parecia ter ainda algum resquício de vaidade, pois, num gesto involuntário, arrepanhou os restos de sua cabeleira - composta de alguns fios delgados como teias de aranha - e a repuxou toda para trás, deixando descoberta uma grande caveira azulada.

- Modgud, guardiã dos sombrios domínios de Hei! - disse Hermod, dando uma entonação vigorosa à voz. - Não tenho tempo para apresentações, eis que venho a este lugar detestável a mando de Odin para solicitar um grande favor a Hei, deusa suprema do Niflheim. - Hermod explicou, então, em detalhes, os motivos que o traziam ao mundo dos mortos. Modgud, após escutar, deu-lhe passagem, ainda que com uma indisfarçada má-vontade, pois não lhe agradava nada aquela mistura de mortos e de vivos.

Hermod, sempre cavalgando seu fiel Sleipnir, chegou, finalmente, aos gigantescos portões de Hei. Como não houvesse, porém, ninguém para abri-los, Hermod os transpôs com um pulo fantástico de sua montaria, de modo que logo estava do lado de dentro. A deusa recebeu-o em sua casa escura e gelada e o levou até a sala de banquetes - o Eljudnir -, onde Hermod teve a grata satisfação de avistar seu irmão Balder e a esposa Nanna, sentados à mesa. Imediatamente correu a abraçá-lo e, assim, estiveram unidos um longo tempo, misturando as suas lágrimas, até que libertando-se dos braços do irmão deu a conhecer a Hei os motivos de sua viagem.

A deusa da morte relutou muito e não queria, a princípio, nem ouvir falar em devolver Balder ao mundo dos vivos. Mas Hermod, alertado que fora por Frigga, insistiu nos seus argumentos, sempre empregando a cordialidade. Por fim, tanto fez que conseguiu arrancar da renitente deusa a promessa de que permitiria a volta de Balder sob uma única condição: a de que todas as criaturas do mundo chorassem e implorassem por sua volta. - Se houver uma única criatura a não desejar a sua volta, será tudo em vão - disse Hei, com sua voz mortiça, porém determinada.

Hermod achou que poderia cumprir, perfeitamente, aquela condição - afinal, qual criatura deixaria de chorar a morte de Balder? Munido de coragem, despediu-se da deusa e de seu irmão com um brilho de esperança nos olhos, sem saber, contudo, que era a última vez que punha os olhos em seu infausto irmão.

Hermod voltou para Asgard com tal velocidade que, em menos de um dia, estava diante de Frigga para lhe dar aquela que julgava ser a melhor notícia que poderia trazer. - É simples: basta que todas as coisas animadas e inanimadas chorem a morte de Balder e clamem por seu retorno! - disse ele, repleto de esperanças.

Frigga, nem bem escutou estas palavras, mandou chamar todos os mensageiros possíveis para que fossem aos quatro cantos do mundo recolher os preciosos testemunhos. Em pouco tempo, o mundo todo - deuses, homens, anões, gigantes, animais, plantas e até as pedras choravam e imploravam pelo retorno de Balder.

Entretanto, faltava ainda o depoimento e as lágrimas de uma giganta chamada Thok, que vivia retirada nas montanhas de Jotunheim, a terra dos gigantes.

- Pode deixar, eu mesmo me encarregarei de colher pessoal mente as suas lágrimas - disse Hermod, feliz de poder completar a obra de salvação de seu irmão.

Mais uma vez, ele partiu com a alma repleta de esperança e coragem. Assim que esteve diante da giganta, no entanto, teve uma desagradável surpresa. A criatura, uma giganta gorda e rabugenta, recusou-se terminantemente a derramar uma única lágrima pela morte de Halder. - Por que, bolotas, deveria chorara morte de uma criatura que nada significava para mim? - disse ela, com sua voz gutural amortecida pelas bochechas acolchoadas. - Por que, bolotas, deveria fingir um sentimento que não sinto?

- Mas todos, sem exceção, lamentam a morte de Balder e pedem a sua volta! - exclamou Hermod, cuja vontade era enterrar os dedos nas três camadas de gordura do pescoço da repulsiva giganta até estrangulá-la.

- Eu não sou todos - disse a intransigente criatura -, sou Thok. Se lamentasse, de verdade, a morte deste sujeito derramaria até uma ou duas lágrimas - e não ia além, porque nunca vi alguém que merecesse mais. Mas, como não me vale uma bolota, pouco se me dá que permaneça para sempre na casa de Hei ou de quem quer que seja, desde que não seja na minha. Adeus! Vamos comer, que o resto é sofrer. - E encerrou-se num tal mutismo, que nem o próprio Odin teria sido capaz de lhe arrancar mais uma única palavra.

Assim, Hermod voltou para Asgard com a péssima notícia e Balder, o mais amado dos deuses, teve de se conformar em permanecer em Hei até a consumação dos tempos, quando, então, ele e seu irmão cego, Hoder, deverão renascer. Quanto a Loki, cedo descobriu-se que a giganta insensível não era outra senão o nefando deus, que desta vez ultrapassara todos os limites de perversidade. Por isso, os deuses, reunidos em conselho, decidiram que era hora de preparar uma terrível e definitiva punição a Loki.

O castigo de Loki

Depois de haver provocado a morte de Balder, o mais querido dos deuses, ainda sobrara ruindade bastante a Loki, o mais perverso, para impedir que o primeiro retornasse do mundo dos mortos. Ele se recusou a lamentar o desaparecimento de Balder (condição imposta por Hei, a deusa da morte, para que aquilo ocorresse). Com isto, Odin perdera, definitivamente, o seu filho e também a paciência, decidindo punir, de uma vez, as maldades de Loki.

Este, entretanto, que era tudo menos idiota, farejara logo o perigo e, por isto, tratara imediatamente de desaparecer, buscando refúgio num local ermo e inacessível. Para tanto, escolheu o pico da mais alta montanha que pôde encontrar. Ali, construiu uma cabana, dotada estrategicamente de quatro portas cada qual voltada para um lado do mundo, de modo a não ser pego desprevenido. Mas isto somente à noite, porque durante o dia metamorfoseava-se em um enorme salmão, mergulhando nas águas de uma cachoeira que corria ao pé da montanha. "Aqui dentro, eles jamais me encontrarão!", pensava o Loki-salmão, sempre que descia às profundezas e gozava da proteção e liberdade que aquele lugar lhe proporcionava. "Impressionante como um peixe podia ser livre", pensava todas as vezes que subia até a superfície e depois mergulhava outra vez até quase roçar as algas que se embalavam no fundo numa elegante e graciosa coreografia. -Céus, isto é quase como voar!... - dizia eufórico aos outros peixes, que ficavam, no entanto, observando-o com aquele olhar parado e idiota, que só os peixes e os empregados de qualquer emprego que exista neste mundo possuem.

Mas, ele sabia também que o paraíso do qual gozava era efêmero (como de resto, todos os paraísos), porque estava contaminado pelo remorso - ou seja, pelo medo de uma punição. Então, a idéia obsessiva que ronda o pensamento de todo os perseguidos, apossou-se também de seu cérebro: Como escapar ao perseguidor!

"Um peixe é pescado, naturalmente, e para isto se usa um anzol", pensou ele, enquanto nadava no fundo de um lado para o outro. "Conseqüentemente, a partir de hoje,

jamais morderei qualquer coisa que me surja presa num anzol!", completou, aplaudindo-se todo com suas nadadeiras. (Pode parecer uma conclusão demasiado óbvia para nós, mas, levando-se em conta que milhões de peixes ainda não foram capazes de perceber uma trapaça ordinária como esta, isto já foi um grande passo.)

Em seguida, dando seqüência ao seu raciocínio - lembremos que ele pensou tudo isto com seu minúsculo cérebro de salmão - começou a imaginar um outro meio de que se poderiam servir os deuses para capturá-lo. Durante o dia inteiro, esteve a matutar sobre os mil estratagemas possíveis até que teve uma idéia verdadeiramente espantosa: "E se eles confeccionassem uma cortina de arame e a arrastassem pela água até me capturar?" (Aqui é preciso esclarecer que a rede de pesca ainda não fora inventada, daí, a denominação tosca e improvisada.)

Esta possibilidade inquietou profundamente o coração de Loki, que correu imediatamente para a sua casa no alto da montanha e se pôs a fabricar uma destas "cortinas de arame". "Se eu não for capaz de fabricar um artefato suficientemente forte para ser nele apanhado, ninguém o conseguirá, eis que sou o mais esperto dos deuses!", pensou ele, convicto de que só quando chegasse a esta certeza teria sossego para nadar em paz novamente nas águas refrescantes da sua cachoeira.

Odin, entretanto, não desistira ainda de localizar o assassino de seu mais amado filho; por isto, sentado em seu trono, Hlidskialf, de onde podia observar tudo que se passava nos quatro cantos do mundo, percorria, dia após dia, com olhar atento, cada centímetro dos nove mundos, à procura de Loki. - Mais cedo ou mais tarde meu único olho pousará sobre ele e, então, ai de seu pescoço...! - dizia Odin aos demais deuses reunidos à sua volta. - De repente, o velho deus deu um pulo do trono, seguido de um grito: - Arrá! Lá está o patife...!

E, lá estava mesmo: sentado num banco, Loki costurava calmamente a sua rede.

- O que o idiota está fazendo? - perguntou Odin, sem nada entender. -Então, reunindo os deuses da sua assistência, partiu logo à caça de Loki. Mas, este, que mantinha as quatro portas de sua casa, no alto da montanha, permanentemente abertas, pressentiu a chegada dos intrusos tão logo estes começaram a escalar o monte. "Malditos!", exclamou ele, juntando a rede e correndo a lançá-la na lareira da sala. Seu semblante era de puro terror, pois, neste meio tempo, ele havia descoberto que aquela rede seria o instrumento ideal para a sua captura. - Queima, desgraçada, queima de uma vez...! - dizia ele, com as bochechas escarlates do esforço de assoprar as chamas, que envolviam rapidamente a rede.

Infelizmente, não pôde esperar mais, pois os intrusos já galgavam os últimos metros antes de chegar ao seu refúgio. Transformando-se novamente em salmão, deu um mergulho magnífico do alto até atingir a cachoeira com um golpe surdo, desaparecendo nas profundezas antes que se pudesse avistá-lo.

- Vamos, revistem tudo por aqui! - disse Odin, esquadrinhando cada canto da casa com seu único olho raiado de sangue.

Então, um grito estentóreo partiu da sala: - Odin, meu pai, venha cá ver o que encontrei! - Era Thor quem retirava os restos da rede da lareira, tentando apagar as línguas de fogo, que ainda a percorriam.

- O que é isto? - disse o velho deus, cocando a cabeça.

- Um cobertor de verão, ao que parece - disse Thor, indeciso.

- Uma teia de aranha gigante - aventurou Kvasir (um deus que teve uma origem estranha, tendo nascido do cuspo dos deuses numa escarradeira sagrada).

Mas, Odin, que era o mais sábio dos deuses - não à toa perdera um de seus olhos para adquirir o saber - depois de farejar a rede e sentir nela um cheiro inequívoco de peixe, logo compreendeu tudo: - Ah, então, era por isto que o maldito tecia esta malha! - esbravejou. - Dê-me logo este anzol trançado e vamos direto para a cachoeira!

Assim, os três deuses desceram, rapidamente, a íngreme montanha, levando consigo o tal "anzol trançado" (como toda coisa inédita, a rede recebia a cada instante uma nova denominação). - Agora, lancem-na sobre a água! - ordenou Odin, tão logo, viram-se todos ao pé da cachoeira.

- Deixe comigo, deus poderoso! - disse Thor, fazendo um bolo compacto da rede e lançando-a sobre a água com um arremesso viril.

- Não, idiota!... - exclamou o velho deus, levando as duas mãos a cabeça. - Aberta, imbecil! Lance-a toda aberta!

A rede foi, imediatamente, recolhida pelo deus do trovão, espichada e lançada outra vez. Como uma toalha esgarçada, ela voou pelos ares e foi cair sobre o rio com um plaf! sonoro, ficando depois a boiar acima das ondas de maneira inútil e melancólica. Odin abaixou os olhos com um ar de desânimo: “É triste... muito triste!...", pensou ele, meditando, com certeza, sobre o poder de raciocínio de seu amado filho. Assumindo, então, o comando das operações, ordenou que Kvasir segurasse uma ponta enquanto ele seguraria a outra. - Você, Thor, ficará à espreita, para o caso de Loki pular por cima, entendeu?

Thor ficou com o olhar perdido por alguns instantes, enquanto a cachoeira continuava a despejar as suas águas em seu arremesso incessante.

- Mas, meu deus, entendeu?... - exclamou Odin, arregalando a órbita vazia.

- Claro, meu pai! - disse Thor, cujos neurônios haviam, finalmente, chegado a um consenso.

No primeiro arrastão, Loki-salmão conseguiu escapar com um jogo de corpo verdadeiramente admirável; no segundo, arrastou-se pelo cascalho do rio, enquanto a malha apenas lhe roçara uma das barbatanas; mas, na terceira vez, viu-se obrigado a pular para fora da água, sendo apanhado, imediatamente, pela mão ágil de Thor. - Peguei-o! - gritou ele, em triunfo. - Aqui está!...

Loki viu-se obrigado a readquirir a sua forma humana ao ver-se frente a frente com Odin. Chegara, afinal, a hora do acerto de contas.

- Agora, desgraçado, pagará pela morte de Balder, meu saudoso filho! - disse Odin, cujos cantos da boca espumavam.

Loki foi levado para uma gruta profunda e desabitada, por um caminho que só Odin conhecia. Uma vez ali, foi amarrado a três rochas imensas - com cordas retiradas dos tendões de Narvi, um dos filho de Loki, que fora morto expressamente para isto -, de modo que não pudesse jamais se libertar.

Mas mesmo aquele castigo pareceu a Odin suave demais. Por isso, ordenou à giganta Skadi - que se tornara inimiga de Loki, após ter sido repudiada por ele - que encantasse uma serpente e a mantivesse pendurada sobre o rosto de Loki. De sua boca, escorria uma baba peçonhenta e incessante que, ao atingir as faces do deus, provocavam-lhe uma dor intolerável. Achando, então, que aquele castigo era cruel o bastante, Odin retirara-se com os demais deuses. - Aí, ficará até o final dos tempos, tal como o seu odioso e carniceiro filho! - disse Odin, referindo-se ao gigantesco lobo Fenris, terror dos deuses, que estes também haviam aprisionado há muito tempo.

Entretanto, passados alguns dias, a esposa de Loki, a fiel e dedicada Sigyn, dera um jeito de descobrir o local onde o esposo estava aprisionado. Desafortunadamente, nem ela nem ninguém seriam capazes de libertar Loki de suas cadeias. Por isso, não lhe restou outra alternativa senão mitigar-lhe os seus sofrimentos. Tomando de um cálice, ela, desde então, permanece noite e dia ao lado do desgraçado deus, recolhendo o veneno que pinga da boca da serpente para que seu amado esposo tenha um descanso nos seus tormentos. Quando o cálice enche, entretanto, ela é obrigada a esvaziá-lo e algumas gotas atingem o rosto de Loki, que se contorce em indizíveis espasmos.

- Mulher idiota! - guinchava ele, em meio aos seus pavorosos estertores. - Não podia ter arranjado um cálice maior?

Sigyn, com a alma dilacerada pela dor, fazia menção de sair para ir buscar um outro maior. Mas, agora, Loki já não suportava a idéia de ter de esperar o seu retorno sob aquele tormento infame. Por isto, tão logo, ela esvaziava o pequeno cálice, ele implorava à esposa que o recolocasse, imediatamente, sobre a sua cabeça e, assim, seguirão ambos nesta pavorosa rotina até que chegue o dia da esperada Ragnarok, a terrível conflagração final, que porá fim ao mundo dos deuses. Neste dia, Loki será finalmente liberto do seu suplício para comandar as hostes malignas que enfrentarão os deuses, provocando a morte de todos, inclusive a dele próprio, uma vez que todos os autores de crimes nefandos, bem como todos aqueles que os puniram com desmedida crueldade, serão banidos para sempre deste mundo.

Freya e o colar dos anões

Freya era uma bela deusa oriunda do país dos Vanir, que chegara junto com seu irmão Freyr a Asgard, onde viviam os deuses dominantes do panteão nórdico, liderados pelo poderoso Odin. Apesar de ser uma estranha e pertencer a uma raça divina considerada inferior, Freya não demorara a conquistar a admiração de todos graças à sua beleza e seu provocante charme. Bem pouco tímida, a encantadora deusa podia ser considerada a equivalente nórdica de Vênus, a deusa do amor grego; tal como esta, também não tinha muitos escrúpulos de ordem moral, o que lhe permitia estar sempre envolvida em muitas aventuras, na maioria das vezes com deuses - o que não a impedia, entretanto, de freqüentar de vez em quando outra classe de seres.

A mais sensual das deusas morava no palácio Sessrymnir, que os deuses haviam lhe presenteado, o qual era tão bem protegido que ninguém, a não ser a própria Freya, detinha as suas chaves. Sua carruagem finíssima era puxada por alvíssimos gatos da cor da neve, tão alvos que ao se observar à distância a carruagem a deslizar por um campo nevado, tinha-se a nítida impressão de que ela se movia sozinha, ou pelo menos, de que era puxada por um pequeno bando espectral de olhos oblíquos e esverdeados.

Freya, como todas as mulheres belas, tinha uma vaidade pronunciada, e seu xodó particular era um maravilhoso casaco feito de pele de gavião, com o qual podia voar livremente pelo mundo, disfarçada desta ave. Naturalmente, também apreciava toda a espécie de jóias e enfeites, chegando a perder a cabeça quando enxergava uma nova peça, a qual sempre lhe parecia mais bela que as anteriores. E foi justamente por causa de uma jóia - a mais encantadora de quantas já houve neste mundo - que se originou a história de Freya e seu colar, que tanto rebuliço provocaria entre os deuses.

Uma vez, a deusa, que preferia dar os seus passeios à noite, havia vestido casaco mágico e sobrevoava o mundo em busca de um pouco de amor e prazer, quando, já ao retornar para casa, teve sua atenção atraída pela luz ofuscante que saía de uma caverna. Era a forja dos Brisings, anões artífices que se dedicavam a confeccionar as mais belas jóias do universo. Curiosa, ela resolveu ir dar uma espiada. Pé ante pé (já havia retomado sua forma maravilhosamente feminina), ela foi adentrando a caverna. O clarão do fogo iluminava o interior com um relâmpago amarelado, que lançava sobre as paredes as silhuetas pequenas e atarefadas dos quatro anões.

- Está quase pronto, irmãos! - disse uma vozinha meio fanha.

Os outros três acorreram logo até onde estava o primeiro.

- Sim, o fecho está perfeito! - exclamou o segundo.

- E as jóias, perfeitamente engastadas! - elogiou o terceiro.

- Jamais se viu um colar tão lindo! - disse, por último, o quarto, aplaudindo a obra-prima com entusiasmo.

Freya, que escutava tudo atentamente, perdeu a fala. - "Que colar magnífico será este?", pensou, roendo as unhas.

Freya foi avançando mais e mais, cosida à sua própria sombra na parede, até que finalmente pôde divisar o colar, que havia sido colocado, cuidadosamente, sobre uma mesa. Deixando, então, de lado toda precaução, Freya lançou um grito de admiração: - Oh, não pode ser verdade o que meus olhos vêem! -exclamou, quase perdendo os sentidos.

Os quatro anões tomaram um susto tão grande que suas pequeninas sombras saltitaram nas paredes. - Quem é você? - disse o anão um.

- Ora, não a está reconhecendo? - disse o anão dois.

O anão três adiantou-se, então, e disse: - Seja muito bem-vinda por aqui, adorável Freya!

- Saiba que esta é uma honra gigantesca para nós! - disse o anão quatro, que amava os superlativos.

Mas a deusa nada respondia: seus olhos percorriam de ponta à ponta o colar de sonho, que poderia levar, tranqüilamente, qualquer mulher ao crime e mesmo ao assassinato. Pedras preciosas, que pareciam pequenas gemas de um fogo cristalino e liquefeito, estavam perfeitamente engastadas numa armação originalíssima feita de um metal, que o olho mais atilado não seria capaz de definir se era de puríssimo ouro ou da prata mais fina, tal a facilidade com que seu aspecto se intercambiava. - Não, isto não existe!... - dizia Freya, boquiaberta.

Era tal o interesse que parecia demonstrar pela mais encantadora das jóias que todos os seus sentidos estavam entregues ao jogo prazeroso de absorver aquela estonteante criação. A deusa podia não somente ver o colar, como também cheirá-lo - sim, seu metal possuía um odor gélido e refrescante, enquanto que suas pedras, cada qual mais faiscante que a outra, possuíam aromas que superavam infinitamente ao da mais exótica especiaria ou do mais inebriante perfume. Ela podia também sentir o próprio gosto da jóia, cem vezes melhor do que do próprio hidromel, a bebida dos deuses. Mesmo sem tocá-lo, ela já podia sentir o contorno da armação e o volume das pedras, pressionando a polpa dos seus dedos, e o mais estranho: podia escutar um ruído, perfeitamente audível, que emanava da preciosidade como se fosse uma música, uma pequena sinfonia executada pelos metais e minerais coligados, mas que nada tinha a ver com nossas enfadonhas composições artísticas. Na verdade nem ela própria, que era uma deusa, tinha a menor condição de explicar.

Freya teria ficado ainda muito tempo fascinada pela jóia, se os anões não a tivessem despertado de sua admiração hipnótica.

- Vamos deusa, acorde! - gritava o anão três, saltitando ao seu redor como uma pequenina bola dotada de braços.

Muito a custo, Freya despertou de seu sono estético. - Oh, anões maravilhosos!... - disse ela, com os olhos ardendo em súplica. - Eu o quero...! Quero mais que tudo neste mundo!

Os quatro anões ergueram suas cabeças, apontando seus narizes escarlates para ela (todos os anões, na verdade, têm os narizes vermelhos ou inchados; mas, ao contrário do que possa se pensar, não os têm por abusar da bebida, mas por causa de uma pequenina vela, que, geralmente, trazem pendente sobre a cabeça para suas expedições dentro das cavernas. Como é sabido, são eméritos minera-dores e, de tanto receberem as gotas eventuais da cera derretida sobre seus protuberantes narizes - anões são geralmente narigudos -, estão sempre com o aspecto de quem está embriagado ou simplesmente gripado).

Freya, ao vê-los todos com os narizes eretos apontados para ela, tomou um ligeiro susto. - Ui! O que foi caros Brisings? - disse ela, acariciando suas cabeças. - Não cometerão a terrível deselegância de me negar este presentinho, não é mesmo?

- Rrrrum-rum-rum!... - começaram os quatro a fazer ao mesmo tempo, porém, de maneira desencontrada, o que era a sua maneira de expressar uma dúvida atroz.

Então, o anão um tomou o anão dois pela parte traseira do gibãozinho esverdeado e o arrastou até o fundo da caverna. O anão dois, tão logo sentiu que o agarravam, atracou-se à parte traseira do gibãozinho do anão três e fez o mesmo, de tal modo que, sendo levado, também levava. O anão três fez a mesma coisa ao anão quatro e este, não podendo fazer outra coisa, cruzou os braços e se deixou levar. Assim encadeados, foram os quatro de marcha a ré até o canto mais afastado da apertada forja, onde se puseram a confabular miudamente.

- Irmãos - disse o anão um, com o semblante solene. - Ou muito estou enganado, ou chegou a nossa vez de provar também das delícias dos braços de Freya (anões nunca empregam outro eufemismo quando querem se referir aos jogos do amor).

- Nós... e Freya? - perguntou o anão dois, completamente atônito.

- Um de cada vez, é claro...! - especificou o anão um, pois estes seres são geralmente castos e detestam promiscuidade.

- Em troca do colar?... - quis saber o anão três.

- Lógico, idiota! - respondeu o anão um. - Seus braços não valem, cnlão, dez colares iguais a este?

- Sim, e além do mais poderemos fazer muitos outros, ainda que dificilmente os igualemos ao Brisingamen. - O anão quatro referia-se ao colar, que recebera esta denominação.

Freya estava entregue, outra vez, à contemplação de sua adorada jóia. Os anões, que não eram nada estúpidos, perceberam, claramente, que, se lhe negas sem a posse do colar, ela daria um jeito de levá-lo de qualquer maneira, de tal modo que, ao fim e ao

cabo, acabariam por ficar sem o colar e sem o seu lindo pescoço - ou antes, sem os seus lindos braços.

O anão um veio à frente dos quatro e pronunciou o veredicto: - Muito bom, adorável Freya, o colar será seu... - A deusa deu um pulo de satisfação tão alto que quase bateu com a cabeça no teto da caverna. - Mas espere! - disse o anão porta-voz. - Somente será seu se...

- Sim, diga e eu farei qualquer coisa!

- Qualquer coisa mesmo?

- Sim, sim, qualquer coisa!

Então, os quatro anões apontaram outra vez os seus protuberantes narizes para ela e todos disseram a uma só voz: - Queremos gozar das delícias dos seus braços, eis o que é! - Freya levou algum tempo para entender, mas quando, finalmente, o fez deu uma sonora gargalhada. - Eu... e vocês! - disse ela, muito divertida.

- Um de cada vez, é claro... - disse o anão um, meio desenxabido.

- Por que ela está rindo? - disse o anão quatro, que tinha uma suscetibilidade inversa ao seu tamanho.

- Bem - disse a deusa, tentando conter o riso -, vocês compreendem, eu nunca fiz antes com um... bem, com um... com um de vocês.

- Sabemos que nunca fez com nenhum de nós — disse o anão três, que não era lá muito inteligente.

- Não, quero dizer, com um de sua espécie - completou a deusa, enquanto os estudava detidamente.

Todos os quatro sentiram-se, então, observados da sola dos pés ao último fio de cabelo - o que não podia demorar muito, afinal. Desta análise, dependia o resultado do negócio, que prometia ser altamente rendoso para ambas as partes. Depois de algum tempo - e de algumas olhadelas cobiçosas lançadas para o magnífico colar -, Freya respirou fundo e, deixando que um grande sorriso aflorasse aos seus lábios, deu enfim a sua resposta: - Trato feito, meus queridos!

Os quatro aplaudiram, sapateando de alegria.

- Então, quem é o primeiro?

Estas repentinas e inesperadas palavras, contudo, deixaram os quatro anões tão profundamente perturbados que trombaram seus narizes uns contra os outros. De repente, o desejo, que antes os assoberbara, parecia haver se convertido em um terrível receio. "Santo deus, quem será o primeiro!", pensaram os quatro, mergulhados em aflição. O anão dois, imediatamente, sugeriu que, pela própria hierarquia numérica, deveria ser, obviamente, o anão um. Este, entretanto, tornando-se branco como a alma

dos coelhos, argumentou que não necessariamente; podia ser, perfeitamente, qualquer um deles: o três, por exemplo! Mas, o três tergiversou e passou a bola para o quatro, que teria saído correndo mesmo que tivesse só uma perna, se isto não fosse para si uma tremenda desonra. Então, Freya, percebendo o pudor que se assenhoreava da alma dos pobres anões, resolveu tirar a sorte.

- Dêem as mãos e façam um círculo ao meu redor - disse ela, imperativa.

Os quatro, meio sem jeito, fizeram o que ela ordenou e, num instante, estavam de mãos dadas, encerrando-a num minúsculo círculo.

- Agora girem! - disse ela, batendo as palmas.

- Ela está caçoando de nós! - disse o anão quatro, cuja vermelhidão do nariz espalhara-se para o restante do rosto.

- Vamos, girem!

Os quatro anões começaram a rodar em torno de Freya, que fechara os olhos.

- Fechem os olhos também! - disse ela, sentindo um vento cada vez mais forte agitar a parte inferior do seu vestido. - Mais rápido, mais rápido!

Os anões rodavam velozmente como piões encadeados a ponto de suas barbas tornarem-se oblíquas. Freya ergueu sua mão e fê-la descer às cegas.

- Pronto, é este...! - disse ela, agarrando com força um dos anões, para que não houvesse confusão acerca do resultado. Quebrado o elo da cadeia, os outros três saíram rolando pelo chão da caverna, cada qual para um lado, como bolas de boliche dotadas de minúsculos braços e pernas.

O escolhido fora o anão três, o que tergiversara!

Seus irmãos ergueram-se a custo do chão, enquanto o três tresvariava diante de Freya, vendo tudo rodar. Cinco ou seis Freyas misturavam-se à sua frente, mas, pelo menos, aquela excitação toda servira para mexer com seu sangue, pois, tão logo passara a tontura, ele todo empertigou-se e apontando seu adunco nariz para a deusa, disse-lhe num tom de voz que encheu de espanto - e admiração -os outros, que estavam a observá-lo de bico calado: - Vamos, então...?

Dando a mão ao minúsculo amante, Freya retirou-se com ele para o quarto de hóspedes. Os outros três subiram em seus tamboretes e ficaram do alto a balançar nervosamente, as suas perninhas. Um silêncio constrangedor pairava em cada milímetro da apertada caverna.

- Talvez um gole de vinho... - disse o anão um, fazendo menção de buscar a botija.

- Não sei, pode provocar náuseas... - disse o quatro, precavidamente.

Uma porta abriu, de repente, às suas costas:

- Por favor, façam um pouco de barulho; isto servirá para acalmar o seu irmão e a vocês também! - disse Freya, cujos braços já estavam completamente despidos, para utilizar o casto eufemismo dos anões.

Os três anões desceram dos seus assentos e procuraram algo para fazer -algo com bastante ruído. O anão um tomou do martelo e começou a malhar em ferro frio, o dois a lixar um pequeno espadim, enquanto que o quatro, sem saber direito o que fazer, calçara umas botas de ferro tacheadas e andava de lá para cá, batendo os pés com toda a força. Assim, estiveram por um bom tempo até que viram voltar o anão três. Três pares de olhos angustiados fixaram-se no rosto dele, que fazia todo o esforço do mundo para esconder os seus sentimentos.

- O próximo! - disse Freya, cuja voz vinha do interior, fresca e animada. Tomado por um impulso, o anão dois adiantou-se.

- Vou eu - disse ele, meio animado, meio assustado.

A porta fechou-se e isto foi o sinal de rebate para que os demais caíssem sobre o que regressara como águias sobre a presa.

- E então? E então?

- Como foi? Vamos, diga!

- Deu certo?

- Deu errado?

- Não deu?

O anão três, entretanto, permanecia impassível.

- Nada menos que divino - disse ele, após uma longa pausa, empertigando o narigão. - Ao menos comigo.

Uma bazófia...! Um suor frio correu pela espinha dos outros dois. Eles sabiam, perfeitamente, o que significava a bazófia ou a triste vangloria: apenas o emblema de um negro fracasso!

- Ruídos, meus queridos, ruídos! - bradou uma voz lá de dentro.

Os anões voltaram às suas ocupações, procurando fazer o máximo de alarido.

E assim foi com os outros dois - que retornaram também discretamente -até que o anão um, o que ficara por último, finalmente retornou. Todos, agora, entreolhavam-se com um brilho cúmplice no olhar, que compartilhava algum triunfo e, ao mesmo tempo, exigia discrição para alguma pequenina derrota.

Jamais alguém ficou sabendo, exatamente, o que se passou dentro do pequeno e confortável cômodo no famoso dia em que os Brisings desfrutaram dos braços da mais

bela das deusas. Sempre que se referiam ao episódio - o que só começaram a fazer muitos anos depois - exaltavam sempre as belezas supremas da deusa, acrescentando o desempenho magnífico que cada qual tivera e quase tornava cada vez mais magnífico a cada nova narrativa a ponto de superar qualquer proeza amorosa conhecida entre os anões e mesmo entre os deuses. Mas podemos ter a certeza que todos tiveram a melhor experiência de suas vidas e que se algum pequenino percalço ocorreu, Freya, a maravilhosa deusa do amor e do prazer, soube contorná-lo perfeitamente (não fosse ela uma profunda conhecedora do assunto!...)

E foi assim que Freya conseguiu apossar-se do Brisingamen, o mais belo colar que olhos humanos e divinos já viram.

O roubo do Brisingamen

Freya, a deusa nórdica do amor, havia ganho dos anões Brisings, em troca de alguns deliciosos favores, o mais belo colar de todo o mundo. Como o negócio, no entanto, fizera-se às ocultas (pois Freya, como uma perfeita negociante, não gostava de tornar públicos os seus acordos), imaginou que ninguém ficara sabendo de nada.

Havia, porém, um indesejado - o perverso deus Loki -, que assistira escondido a entrada dela na caverna dos anões altas horas da madrugada.

"Oh, céus!", exclamara o enxerido. "Mas até com anões ela já anda?"

Ninguém ignorava que Freya não era nenhum modelo de virtudes, e que era mesmo o oposto de Frigga, a esposa de Odin, um exemplo perfeito de piedade, de virtude, de retidão moral - e de chatice. Não à toa, o mais poderoso dos deuses volta e meia permitia-se afrouxar um pouco os seus rígidos princípios e dar também algumas "escapadinhas" em busca de uma companhia menos sufocantemente perfeita, o que ele somente encontrava, quando caía nos braços de Freya, a deusa deliciosamente imperfeita.

Sabedor disto tudo e desejoso também de se apoderar do magnífico objeto, além de provocar mais uma discórdia entre os deuses - uma vez que nada podia lhe dar mais prazer do que injetar um pouco de emoção num mundo que lhe parecia já insuportavelmente enfadonho, Loki decidiu entrar logo em ação.

- Odin, meu caro, você não sabe da maior! - disse ele, entrando nos majestosos salões de Gladsheim, onde o deus estava assentado em seu trono.

- O que foi desta vez? - disse o velho deus, franzindo as sobrancelhas, pois a presença do importuno era sempre o prenuncio infalível de nova encrenca.

- Sua esposa está por peito? - disse Loki, passando o salão em revista.

- Não, está assistindo, escondida atrás do altar, ao vigésimo culto do dia que lhe prestam em Midgard - disse o deus com um olhar enfadado, que parecia dizer: "Como gosta de ser cultuada!"

- O problema é com a bela Freya, ó deus...

Odin ergueu um pouco a cabeça, pois este assunto lhe interessava.

- O que há com ela?

- Anda aprontando de novo, se me permite a expressão.

- Oh, Freya, você não sossega nunca!... - disse o deus, sacudindo a cabeça.

- Não seria melhor pôr logo um freio na adorável Freya?

Odin olhou-o com cólera.

- Mais uma gracinha e será expulso daqui!

- Perdão, poderoso Odin - disse Loki, curvando a cabeça - pretendia apenas animá-lo um pouco.

- Com quem ela anda, agora?

- Com anões - disse Loki, baixando a voz.

- Ah, não...! - disse Odin, cobrindo a testa com a mão em pala.

- E não é só com um...! - disse Loki. - São vários!

Sem saber direito, se o maligno deus debochava, Odin cobrou-lhe explicações mais detalhadas. Loki explicou-lhe toda a história e o velho deus escutou com uma ira crescente, pois é sabido, que os ciúmes dos amantes, não raro, excedem aos dos próprios maridos. Tão logo a matraca de Loki cessou de falar, Odin tomou o mensageiro da desgraça pelo pescoço e lhe disse, rilhando os dentes:

- Tire o colar dela imediatamente! Nenhum castigo lhe poderá ser pior.

- E-eu, poderoso deus?

- Você mesmo! - respondeu Odin. - Não fez a intriga? Agora conserte!

- Mas como farei para adentrar os portões de Sessrymnir? - disse Loki, referindo-se ao palácio onde morava a deusa. - Todos sabem que tem portas inexpugnáveis e que somente ela detém as suas chaves!

- Não me interessa, dê um jeito! Quero este colar em minhas mãos, amanhã de manhã, ou você pagará por tudo isto!

"Aí está, língua de trapo!", pensou Loki, retirando-se com um tremendo abacaxi nas mãos para descascar durante a noite.

Na mesma hora, partiu para o palácio de Freya, pois não havia tempo a perder. A noite já caía e ele ainda tinha uma tarefa ciclópica a cumprir: tirar das mãos da mais vaidosa das mulheres o seu enfeite mais cobiçado!

Loki chegou, rapidamente, ao local onde ficava o majestoso palácio, graças aos seus sapatos mágicos, que tal como os do Hermes grego, tinham a propriedade de voar. "Um magnífico lugar para se morar, aquele, não resta a menor dúvida!", pensou, enquanto observava os portões dourados de Sessrymnir. Ao alto, as cúpulas prateadas afinavam-se até parecer longas espadas afiadas prestes a espetar o traseiro acolchoado do céu, que estava recoberto de nuvens brancas e algodoadas.

"Mas, como farei para entrar?", pensou o deus, cocando a cabeça.

Mesmo sabendo que não teria sucesso, resolveu tentar forçar os portões:

- Hmf! - fez ele, com as duas mãos apoiadas a uma das portas. Nada.

Colou, então, o ombro direito ao portão e tentou novamente:

- Hmmmfff! - fez ele, sentindo o ouro gelado esfriar-lhe o osso do ombro. Nada, outra vez.

Loki lembrou-se, então, de que tinha o poder de se metamorfosear em qualquer ser que desejasse. Primeiramente, pensou em se transformar em um possante dragão ou um troll gigantesco e botar abaixo a droga da porta. Mas abandonou logo o projeto: com todo o estrépito que produziria, acabaria não só por acordar a deusa, mas Asgard inteira. Retomando o bom senso, resolveu estudar melhor o obstáculo: com um olho fechado e o outro extremamente arregalado pôs-se a esquadrinhar a espessura das frestas que havia entre uma porta e a outra. Tentou introduzir o dedo bem na junção das duas pesadas folhas, mas descobriu que naquela fissurazinha nem sequer a sua unha entrava.

- Maldição! - exclamou ele, baixinho.

No mesmo instante uma neve espessa começou a cair sobre os seus ombros, irritando-o ainda mais. Ajoelhou-se, então, o máximo possível - até assumir uma posição, verdadeiramente, constrangedora - só para observar a espessura da fenda sob a base das portas. Com uma das mãos, raspou a neve ajuntada, soprando os minúsculos farelos. Não, nem uma formiga passaria por ali!...

"Realmente, terei de me metamorfosear num ser verdadeiramente minúsculo para poder ultrapassar qualquer fenda ou buraco...", pensou desanimado e, como nem ele nem deus algum conheciam ainda os seres microscópicos, descobriu que estava, de fato, num beco sem saída.

- Buraco?! - exclamou de repente. - É claro, o buraco da fechadura!

Sua inteligência dava os primeiros sinais de ter acordado. Encontrou logo a fechadura, mas estava escuro demais para perceber algo, sequer se havia meio de entrar ali e sair do outro lado.

- Só há um jeito! - disse ele, transformando-se numa pequena formiga.

Mas ao se ver no solo sob esta minúscula forma, descobriu também que aumentara em pelo menos dez vezes o trajeto até a entrada da fechadura, que estava, agora, lá no alto, muito acima da sua cabeça (que não era maior do que a cabeça de um alfinete). Suas duas anteninhas vibraram de ira e frustração.

- Irra! Uma burrada atrás da outra! - gritou, sabendo, que sua vozinha, ridiculamente inaudível, jamais seria ouvida.

Loki-formiga começou, então, a escalar a gigantesca porta, enquanto flocos de neve do tamanho de nuvens passavam raspando sobre ele. Se formigas suam, esta estava inteiramente encharcada quando alcançou a entrada. O buraco, agora, se tornara bem espaçoso e ela pôde penetrar tranqüilamente por ele.

- Droga, mas continua escuro!... - disse Loki, tateando dentro da fechadura, que era um emaranhado de curvas e voltas, por onde a chave devia se encaixar. Apesar de tudo, finalmente conseguiu alcançar o outro lado, quando, então, readquiriu a sua forma habitual. Seu corpo estava coberto de graxa, mas conseguira o seu objetivo: invadir o até então inexpugnável palácio de Freya.

Após atravessar os salões de Sessrymnir, Loki subiu até ao quarto da deusa. A porta estava fechada, porém, não trancada. Ele a empurrou e se deparou com uma peça grande e confortável, onde todo o luxo que poderia assistir uma deusa, estava à sua disposição: quatro toucadores de ouro repletos de objetos e acessórios de embelezamento; uma grande lareira, onde um resto de fogo ainda ardia, iluminando aquele cenário de sonho; e cortinas vaporosas, que se moviam, suavemente, impelidas por uma suavíssima corrente de ar. E, finalmente, ao centro, estava o majestoso leito onde a deusa descansava e tratava de seus aprazíveis negócios.

Entretanto, nenhum destes adornos e enfeites podia se igualar à beleza maravilhosamente franca e natural de Freya adormecida: apesar de todo o frio, o calor da lareira havia esquentado o quarto a tal ponto que a deusa havia afastado o pesado cobertor - feito da pele alvíssima de um urso polar -, deixando à mostra o desenho perfeito do seu corpo, que estava protegido apenas por uma veste tão delicada e transparente, que parecia tecida da mais fina das teias de aranha.

Loki desviou imediatamente o olhar daquele corpo maravilhoso e tratou logo de procurar o colar. Mas percebeu que esta seria uma tarefa mais ao alcance do cérebro do que do mero esforço físico.

"Onde Freya guardaria seu bem mais precioso?", perguntava-se o astuto deus, investigando silenciosamente o interior dos armários, mas sabendo de antemão que dificilmente o encontraria ali. Então, quando revirava pela milésima vez os seus estojos,

teve uma súbita iluminação: "Seu bem mais precioso há de estar no lugar mais precioso deste quarto!", pensou, aplaudindo-se por dentro.

Imediatamente Loki voltou-se para o bem mais precioso que havia dentro daquelas quatro paredes: o próprio corpo de Freya. Pé ante pé, aproximou-se do leito, somente para ter a confirmação do que já imaginava: em cima de seu divino colo subia e descia mansamente, ao sabor da sua respiração, o maravilhoso adorno.

- Aí está o querido! - disse ele, bem baixinho, sem poder conter a euforia.

Tal como uma criança que adquiriu um brinquedo novo desesperadamente ansiado, a deusa resolvera dormir com seu novo colar. Só havia, contudo, um pequeno problema: ela estava deitada de barriga para cima e o fecho do colar estava localizado em suas adoráveis costas.

Loki aguardou alguns instantes para ver se se ela virava ao menos de lado para lhe possibilitar o furto, mas a deusa raramente se mexia e, quando o fazia, parecia hesitar, como se uma voz interior lhe advertisse do perigo, tal como faz a menina que dorme abraçada à sua boneca nova e invejada sem dela jamais despegar-se. Novamente Loki teve de empregar toda a sua astúcia, transformando-se, desta vez, em uma pequenina pulga. E tudo teria saído bem se, em um novo erro de cálculo, não tivesse ido cair dentro do cobertor felpudo.

Loki permaneceu ali por um longo tempo, tentando desvencilhar-se dos fiapos do pêlo, o qual era tão espesso, que mais parecia uma alva e inextricável selva. Mas conseguiu, afinal, e tão logo se viu livre do labirinto de algodão, postou-se em cima da coxa direita de Freya. Uma minúscula penugem dourada (que somente uma pulga poderia perceber) a cobria, e foi nesta perfumada e roliça elevação que ele recomeçou seu trajeto até chegar a seu objetivo, que era o colar. Foi subindo, subindo, subindo até que, tendo recém costeado uma pequena floresta dourada, distraiu-se - naturalmente encantado por aquela visão - e foi cair numa minúscula caverna.

- Essa não! - exclamou o pequeno Loki-pulga. - Onde estou?

Mas, embora não deixasse de ser mais um contratempo, aquela caverninha não deixava, afinal, de ser um local aconchegante. Além do mais, Loki não precisou, senão, dar um pequeno salto para se ver livre dela e descobrir que estivera o tempo todo no umbigo da deusa, privilégio extravagante, que nem mesmo o mais poderoso dos deuses um dia alcançara.

- Adiante! - disse a pulga, sempre saltitando.

De pulo em pulo, foi progredindo até que se deparou com duas belas e simétricas montanhas. Um pouco mais atilado, desta vez, preferiu seguir pelo desfiladeiro que havia bem no centro dos dois picos majestosos. Percorreu o delicioso trajeto sem qualquer problema até alcançar, finalmente, o próprio colar, que estava um pouco abaixo do alvo pescoço. Chegara, agora, o momento de pôr em prática a última parte do plano.

- Desculpe, Freya adorável, mas agora vou machucá-la um pouquinho! -disse o Loki-pulga, dando uma valente mordida no colo da deusa.

Freya levou instintivamente a mão até o seio ferido e deu um ligeiro suspiro, virando-se de lado - e isto era tudo o que Loki queria. Por isso, readquiriu logo a sua forma original e depois de ter desapertado o fecho, tomou, finalmente, em suas mãos o Brisingamen, o famoso colar de Freya.

No mesmo instante o ladrão desapareceu do palácio, vaidoso do seu triunfo.

***

Loki já ia longe, quando percebeu que estava sendo perseguido.

- Raios! - disse ele, apertando o passo de seus alados sapatos. - É aquele maldito intrometido do Heimdall!

Loki referia-se ao famoso vigia de Asgard, que, com seus olhos agudos e penetrantes, era capaz de enxergar tudo quanto se passava no universo, mesmo nas maiores distâncias; havia uma rixa permanente entre estas duas divindades e qualquer pretexto era o bastante para que ambos se engalfinhassem. Heimdall, então, ao ver que Loki apertara o passo, esporeou com mais vigor o seu cavalo branco, que em matéria de velocidade somente perdia para Sleipnir, o cavalo de oito patas de Odin e o mais veloz do universo.

Quando Heimdall estava a um passo de alcançá-lo, Loki resolveu recorrer ã sua habitual arte da transmutação o se transformou numa grande chama.

- Quero ver pegar-me, agora, intrometido! - disse ele, cuspindo labaredas para todos os lados.

Mas Heimdall também conhecia os segredos desta antiga arte e se transformou numa imensa nuvem cinza e tempestuosa. O céu inteiro recobriu-se de escuridão e, num piscar de olhos, começou a desabar uma chuva torrencial, que um vento selvagem lançava para cima da fogueira infernal na qual Loki havia se convertido. Mas este, pressentindo a derrota, tornou-se imediatamente um possante urso polar.

- Oh, vem com água, então? Pois seja! - disse o urso, abrindo sua bocarra repleta de dentes amarelos. - Afinal, este calor me deu uma sede infernal!

Heimdall resolveu, então, contra-atacar com as mesmas armas do inimigo: imediatamente transformou-se em outro urso ainda maior, e partiu para cima de Loki. Este tratou de se esconder nuns rochedos escarpados que havia por perto, metamorfoseando-se rapidamente numa foca. Heimdall também se transformou em outra e, deste modo, começou uma verdadeira perseguição pelos rochedos até que a foca Loki arremessou-se para dentro da água gelada, levando atrás a foca inimiga, que estava disposta a segui-lo até as tétricas moradas de Hei, a deusa infernal. Deste modo, percorreram os mares gelados e cinzentos de toda a costa nórdica: Loki ia adiante, contornando velozmente os icebergs que surgiam pela frente, enquanto Heimdall seguia ziguezagueando no seu encalço, infatigável.

- Desista, tratante, e devolva já o colar! - gritava a foca perseguidora, enquanto a foca perseguida exclamava, irada: - Largue da minha cauda, intrometido, e volte para o seu portão antes que seja demitido por deixá-lo desprotegido!

A lembrança de suas funções de guardião da ponte Bifrost, que conduzia a Asgard, no entanto, só serviu para dar mais agilidade a Heimdall, que redobrou a velocidade a tal ponto, que Loki se viu obrigado a subir para a terra firme, onde, sob um gigantesco iceberg, travou-se uma luta severa entre os dois contendores - ainda sob a forma de focas. Mas como Heimdall fosse mais forte, Loki duramente golpeado, acabou por se render e entregar o colar ao guardião.

- Que isto lhe sirva de lição! - disse Heimdall, pronto para retornar ao palácio de Freya a fim de lhe devolver o colar e retomar o mais rapidamente possível as suas funções à porta principal de Asgard.

- Nós nos vemos, novamente, na Ragnarok...! - disse Loki de olho roxo, referindo-se ao grande combate final, que oporia os deuses aos seus inimigos.

E assim Freya recuperou o seu belo presente, não sem antes ter tido que dar algumas explicaçõezinhas a Odin, o seu eterno amante, a respeito da maneira pouco ortodoxa pela qual o havia obtido - mas nada que não tirasse de letra; afinal, diante de sua astúcia, nada valiam os estratagemas de Loki e muito menos as rabugices do "deus caolho", como chamava Odin nos seus momentos de ira.

A aposta de Loki

Sif era a encantadora esposa de Thor, embora este não fosse o seu primeiro marido; antes, ela já fora casada com um gigante anônimo, cujo nome se perdeu na noite dos tempos. Sif era dona de muitos encantos, mas, de todos eles, nenhum impressionava mais do que a sua dourada cabeleira. De fato, descendo do alto como uma ondulante cascata de ouro, os fios resplandecentes percorriam os vales, montanhas e planícies do seu corpo inteiro até alcançar-lhe os pés num desaguar majestoso.

Certa manhã, entretanto, a deusa acordou, sentindo uma ausência inquietante em sua cabeça. Suas próprias idéias pareciam ter se evaporado, pois não conseguia perceber o que a afligia. Então, após ter-se erguido, levou, instintivamente, as mãos à sua cabeleira para jogá-la para trás. Mas seus dedos encontraram apenas o vazio, deslizando por uma superfície inteiramente lisa, sensação inédita que ela não soube interpretar direito.

- Mas, o que é isto? - disse, horrorizada, ao tomar rapidamente um espelho.

- Oh, não!... Onde estão os meus lindos cabelos?!

Um grito de terror atroou o palácio de Thor, que, até então, não havia percebido nada, uma vez que ainda dormia profundamente. Acordado, entretanto, pelo grito da esposa, abriu os olhos e se deparou com uma estranha dentro do seu próprio quarto.

- Quem é você, bruxa careca? - disse ele, como se ainda estivesse imerso em seus pesadelos. - Desapareça já da minha frente!...

Thor já ia dar um tremendo murro naquela diaba calva, quando percebeu que se tratava de sua pobre esposa.

- S-s-sif... é você? - perguntou o deus, sem crer no que seus olhos viam.

- Não, não sou eu...! -exclamou a pobre, com o rosto lavado em lágrimas. - Como posso ser Sif, sem meu maior atributo?! Como posso ser Sif, sem minha querida cabeleira? Oh, Thor querido, ajude-me, por favor!

O deus do trovão não precisou pensar muito para entender que o dedo de Loki estava metido naquilo. Loki era um ser insaciável em armar confusões para os deuses de Asgard e, sempre que podia, não perdia uma oportunidade de prejudicá-los.

- Vou procurar aquele pilantra! - disse o deus, tomando a sua carruagem.

Dali a instantes trouxe de arrasto o perverso Loki, que pelo aspecto maltratado parecia já ter recebido, por antecipação, uma boa dose do castigo.

- O maldito canalha já confessou! - disse Thor à chorosa Sif, que não tinha nem forças para odiar o seu algoz.

Depois de dar mais alguns safanões no desgraçado, Thor arrancou dele a promessa de que iria arranjar, fosse onde fosse, uma nova cabeleira para sua esposa.

- Uma de verdade, já sabe! - disse o deus, brandindo, ameaçadoramente, o seu cabeludo punho na cara de Loki. - Se me aparecer com uma peruca, vou arrancar todos os pêlos do seu corpo, entendeu bem? Todos!...

Quem poderia confeccionar uma cabeleira nova, tão bela e dourada quanto a da deusa e que crescesse naturalmente como aquela? Somente os anões, c claro, os artífices mais talentosos do universo poderiam ser capazes desta tarefa, pensou Loki, partindo imediatamente para Svartalfheim, o reino dos anões.

Depois de fazer uma rápida viagem, chegou finalmente à forja de Dvalin, um mestre artífice, e lhe encomendou a cabeleira, dizendo que o pedido era feito em nome de Thor e que uma chuva de recompensas desabaria sobre a sua cabeça caso conseguisse, ao menos, igualar a magnífica obra da natureza.

- Está bem, verei o que posso fazer - disse o anão, pondo logo mãos à obra.

Normalmente os anões precisam recorrer apenas à sua própria arte para confeccionar as suas maravilhas; mas há casos bem mais difíceis, diante dos quais têm de buscar auxílio também na magia. Por isto, Dvalin não hesitou em recorrer ao feitiço

das runas, de tal forma que, dentro de pouco tempo, tinha em suas mãos, absolutamente perfeita, uma nova cabeleira. Os fios escorriam de seus dedos como raios sedosos de sol e o feito provocou tamanho espanto e admiração cm seus colegas anões que ele se empolgou e resolveu fazer mais algumas maravilhas, enquanto Loki não retornava.

De suas mãos mágicas e operosas surgiram ainda Skidbladnir - um navio mágico, que tinha o dom de navegar até o seu destino sob qualquer tempo e ainda o de ser portátil, podendo ser dobrado e colocado no bolso tão logo terminasse a viagem - e a lança Gungnir, que mais tarde viria a ser o principal atributo de Odin, o mais poderoso dos deuses.

Quando Loki retornou para pegar a cabeleira de Sif, ficou espantado diante de tamanha perfeição. E, como se isto não bastasse, ainda levou de quebra o navio e a lança, para fazer uma média com Odin, que já andava farto de suas trapaças. O deus apoderou-se logo da lança, deixando o navio mágico para o deus Freyr, irmão de Freya, a deusa do amor.

O sucesso foi tão grande que Loki, empolgado pelo triunfo, resolveu fazer com os anões a única coisa que sabia realmente fazer: passar-lhes a perna. Procurou, então, outros dois, chamados Brock e Sindri.

- Bom dia, meus amigos! - disse ele, chegando à forja deles.

Os dois mal e mal responderam, ocupados que estavam com seu trabalho.

Loki comentou acerca dos três trabalhos que seu colega Dvalin havia feito, tentando levar a inveja a seus corações.

- Nada de mais perfeito, tenho absoluta certeza, poderá sair das mãos de qualquer anão em qualquer tempo! - disse o intrigante, com um sorriso confiante.

Brock e Sindri tentaram manter-se impassíveis diante da provocação; afinal, ainda havia muito trabalho a ser feito para que fossem se meter com outras encomendas: bastava observar o metal acumulado no chão e as lanças e espadas, que ainda estavam quentes dos golpes da forja e do martelo. Mas Loki era incansável e jamais desistia de um pilhéria depois de havê-la começado.

- Eu seria capaz até de apostar a minha própria cabeça como anão algum jamais será capaz de superar os trabalhos de Dvalin, o mestre inigualável! - disse Loki, que desta vez cometera a imprudência de, no arroubo, exagerar na bazófia.

- Trato feito! - disse Brock, decidido a ver a cabeça de Loki rolando no pó.

Sindri pensou o mesmo, admitindo que valia a pena um esforço extra para se ver livre para sempre daquela criatura irritante. - Vamos, Brock, jogue mais lenha nesta forja! - disse ele, expulsando o intruso da caverna.

Imediatamente, começaram a trabalhar no primeiro objeto, pois sabiam que teriam de fazer algo realmente impressionante. Sindri começou a murmurar alguns encantamentos rúnicos, enquanto seu irmão, Brock, suava na forja.

O trabalho já ia adiantado quando uma mosca entrou por uma fresta e se pôs a sobrevoar o anão. Sem dar por isto, Brock continuou o seu trabalho até que a mosca pousou sobre a sua mão e lhe deu uma dolorida picada.

- Ai! - disse o anão, dando um grande berro. Mas decidido a não permitir que aquele pequenino incidente atrapalhasse a feitura da sua obra, continuou a malhar, sem retirar por um único instante a sua mão do trabalho. Tanto esforço e dedicação foram, afinal, recompensados: algumas horas depois, a obra estava terminada.

- Sindri, veja que maravilha! - gritou o irmão, retirando da forja um maravilhoso javali de cerdas de ouro.

Era Gullinbursti, o grande javali voador, que viria a ser a montaria predileta do deus Freyr. Os dois anões congratulavam-se, satisfeitos, enquanto Loki, pousado sobre o teto, observava, angustiado, aquela verdadeira maravilha que era o javali.

- Vamos produzir outro prodígio, pois um só, certamente, será insuficiente para que vençamos a competição! - disse Sindri a Brock.

Ambos correram, outra vez, para a forja e recomeçaram o seu trabalho. Sindri voltou a entoar as suas runas mágicas, enquanto as barbas de Brock quase chamuscavam na forja, tal o ímpeto em produzir uma nova obra-prima. Visto de costas, podia-se mesmo observar que um ligeiro vapor subia dele, o que não passava de seu suor, que ao lhe escorrer do rosto evaporava, no mesmo instante, por força do calor das chamas. Loki, amedrontado com o que pudesse surgir, desta vez, mergulhou em novo ataque.

- Ai! - exclamou o anão Brock, sem, no entanto, levar a mão à bochecha, local que a mosca escolhera para enterrar o seu ferrão.

Novamente, sua dedicação foi recompensada: dali a instantes, Brock retirou da forja, sob o olhar maravilhado de Sindri, um esplendoroso anel.

- Eis Draupnir, o mais precioso de todos os anéis! - disse o anão, orgulhoso de sua obra. - Será tão perfeito que dele brotarão, a cada nove noites, outros oito anéis tão perfeitos quanto ele!

Este maravilhoso anel acabaria sendo de propriedade de Odin e era tão belo que Loki teve a certeza de que agora tudo estava perdido. Mesmo assim, teve que escutar com indizível terror a voz fanhosa do anão Sindri dizer outra vez:

- Acho que ainda há tempo de fazer mais uma maravilha antes que aquele fanfarrão idiota retorne; o que você acha, Brock?

O anão concordou imediatamente e ambos se puseram, mais uma vez, a serviço do seu talento e da magia das runas. Antes, porém, Brock esteve a pensar um pouco sobre o que fariam desta vez.

- Terá de ser algo espetacular! - disse ele, puxando com as duas mãos suas longas barbas, que se desprendiam aos punhados, chamuscadas que já estavam. - Temos de terminar este dia proveitoso com um fecho de ouro!

- Fecho de ouro? - perguntou Sindri, com uma luz de euforia no olhar. - E, por que não, um martelo de ouro?

Não foi preciso mais nada para que o outro anão arrojasse para longe as suas vestes, ficando quase nu diante da forja, pois queria ter inteira liberdade em seus movimentos.

- Vamos a ele! - esbravejou Brock, enquanto Sindri recomeçava a taramelar as suas runas encantatórias.

A noite já caía sobre Svartalfheim. O anão, quase montado sobre o imenso fole, espertava as chamas com tanta gana, que, ao longe, dava a impressão que a gruta, onde ambos viviam, estava tomada por um terrível incêndio, ou que, lá dentro, estivesse a rugir uma tempestade com relâmpagos e trovões incessantes.

A mosca Loki, quase assada pelo calor infernal que reinava naquele lugar, decidiu, entretanto, tentar uma última investida.

- Desta vez, vou picar para valer! - anunciou o endiabrado deus, lançando-se do alto como uma águia de quatro patas.

A mosca veio zunindo e empinando o seu ferrão, como se fosse uma lança, até cravá-la com toda a força sobre a pálpebra do anão.

- Aaaiiii! - fez o anão e, desta vez, não só deu um grito tremendo como também levou uma das mãos ao olho ferido, pois o sangue que escorria da ferida perturbava-lhe a visão. Mas, logo em seguida, retomou o seu ofício com o mesmo ardor.

- Aqui está, Sindri! - disse ele, retirando da forja um martelo de ouro, que refulgiu como um pequeno sol, iluminando a caverna inteira.

O outro anão correu até ele e se pôs também a admirar a preciosidade. Apenas lhe pareceu, contudo, que Brock falhara ao confeccionar o cabo, que ficou um pouco curto demais. Mas, nada obstante, aplaudiu, entusiasticamente, este novo feito da arte e da magia conjugadas.

- Aqui, está o martelo Miollnir! - disse o anão Brock, regozijando-se. -Que outra arma melhor poderia caber a Thor para defender Asgard inteira do ataque dos gigantes? - perguntou, sabendo que aquele deus não pensaria duas vezes antes de se apropriar daquela magnífica arma e adorno.

De posse de seus objetos, Brock e Sindri partiram, na mesma hora, para levar os presentes até a morada dos deuses. Ao chegar lá, encontraram Dvalin, o outro anão artífice, que também trouxera seus presentes. Uma comissão julgadora foi formada para analisar quais seriam os presentes mais valiosos, composta pelos deuses Odin, Thor e Freyr.

Depois de avaliar todas as obras e de as elogiar com muita ênfase, Odin ficou encarregado de proclamar o veredicto:

- São todos magníficos presentes - disse o velho deus, assumindo a postura de árbitro supremo, que tanto adorava -, mas, como se trata de uma disputa, e disputas pedem um vencedor, elejo os irmãos Brock e Sindri como os melhores!

Os dois anões pularam de alegria, sendo abraçados pelo concorrente, que admitira elegantemente a derrota. Logo em seguida, Brock puxou da bainha de sua cintura uma espada - a mais afiada de quantas pôde produzir em sua forja -e a entregou a Thor.

- Cumpra-se agora a aposta! - disse ele, olhando de esguelha para Loki, que estava branco feito a neve.

Thor tomou a espada com gosto e já ia arrancar fora a cabeça do desafortunado deus, quando este, caindo de joelhos, resmungou um último argumento, que estivera compondo, enquanto os outros se divertiam com o julgamento:

- Perdão, deuses poderosos, mas isto não pode ser assim! - disse ele, pondo toda a convicção em sua voz. - É verdade que devo a minha cabeça aos cruéis anões; mas não o meu pescoço!

Ninguém pareceu compreender direito.

- O que está dizendo, tratante miserável? - disse Thor, abaixando a espada.

- Sim, pensem comigo - implorou Loki, de joelhos -: Os anões têm todo o direito a cortar fora a minha cabeça, desde que isto não provoque danos ao meu pescoço, uma vez que ele não faz parte da aposta!

Uma gritaria ergueu-se na assistência - pois havia um grande público ao redor, disposto a ver rolar a cabeça do nefando deus - e estiveram todos a debater o argumento de Loki, até que Odin, árbitro supremo, viu-se obrigado a dar razão a ele.

- Está bem, você tem razão - disse ele ao réu, meio contra à vontade. - Mas como uma aposta é uma aposta - e vocês todos sabem o quanto nós, os nórdicos, apreciamos uma bela jogatina -, decido que os anões escolham uma outra punição no perdedor, sem que, no entanto, lhe tirem a vida.

Loki deu um grande suspiro de alívio e foi beijar, de maneira subalterna, a mão de Odin - claro, escondendo, ao mesmo tempo, um pérfido sorriso em seus lábios -, enquanto os anões confabulavam entre si para encontrar um castigo digno daquele patife.

- Já que ele nos engambelou pela boca, que sua punição recaia também sobre ela - disse Brock, sendo apoiado, imediatamente, pelo irmão.

- Queremos que este linguarudo tenha a sua boca costurada! - disse Brock, com um sorriso de escárnio.

Imediatamente o pobre Loki foi agarrado e Sindri costurou os lábios do perverso deus, que urrava de dor pelo nariz - uma verdadeira tortura! Tão logo concluiu-se a punição, Loki saiu correndo com as mãos postas à boca ensangüentada, arrancando um a um os fios de cobre que uniam os seus maltratados lábios. E, durante muito tempo, um

cavanhaque de sangue enfeitou o seu pobre rosto, pois as feridas profundas custariam ainda muito a sarar.

De toda esta brincadeira, resultou, afinal, que os deuses ganharam alguns brinquedinhos novos para se divertir, enquanto Loki, com uma ferida nova e inestancável na alma, tornara-se ainda mais pérfido, decidido, cada vez mais, a planejar a ruína definitiva dos deuses - e, sem saber, a sua própria.

Odin na corte do Rei Geirrod

Havia, outrora, dois irmãos, filhos do rei Hrauding. O mais velho chamava-se Agnar e tinha dez anos de idade, enquanto o outro tinha oito anos e se chamava Geirrod. Certa feita, ambos haviam saído para pescar, com a autorização do pai, mas como o vento estivesse muito forte, acabaram por se perder e sua embarcação foi parar numa distante ilha.

- E agora, Agnar? - disse o frágil Geirrod, tentando manter a embarcação acima das águas junto com o irmão.

Mas todos os seus esforços resultaram inúteis: depois de dois ou três arremessos mais violentos, a frágil embarcação desfez-se nos penedos que recortavam a ilha. Agnar e Geirrod puderam dar-se por muito felizes por ter escapado com vida do terrível naufrágio.

Nem bem chegaram às areias da praia, mais mortos do que vivos, foram recolhidos por um pescador e sua mulher. Como o inverno recém tivesse começado - e fosse, conseqüentemente, época de muitos temporais, o que lhes impossibilitava o retorno à sua pátria -, Agnar e Geirrod viram-se obrigados a permanecer na ilha na companhia do casal.

O pescador e sua mulher mostraram-se muito amáveis com os dois jovens, mas, desde logo, ficou claro que ele tinha uma especial predileção por Geirrod, enquanto ela não disfarçava uma maior afeição por Agnar. Embora isto, viveram Iodos em paz e harmonia durante todo o período em que permaneceram na ilha até que a primavera deu os seus primeiros sinais.

- Agnar, meu irmão - disse o caçula Geirrod -, acho que chegou a época de voltar para a casa de nosso pai.

- Estou de acordo - respondeu o outro. - Vamos pedir aos nossos protetores que nos ajudem a construir uma nova embarcação.

E assim se fez. O pescador e sua esposa não se furtaram a ajudá-los, embora sentissem um aperto no coração por ter que se separar, tão cedo, daqueles dois jovens, que já lhes pareciam, de certa maneira, seus próprios filhos.

Agnar e Geirrod partiram, afinal, num belo dia de sol. Antes de embarcar, foram se despedir dos seus benfeitores e o pescador aproveitou para murmurar algo ao ouvido de Geirrod. Uma vez embarcados, tomaram com segurança o rumo de casa, enquanto que Odin e Frigga - pois não eram outros o pescador e sua mulher, senão, as duas principais divindades nórdicas, que ali estavam a passeio - começaram a debater entre si sobre qual dos irmãos seria o mais justo e correto.

- Não resta a menor dúvida que Agnar tem o coração mais puro - disse Frigga, convicta de suas palavras. - Somente a sua obtusa teimosia poderia levá-lo a pensar o contrário.

- Asneiras! - disse Odin, abanando a cabeça com desdém. - Qualquer idiota pode ver, perfeitamente, que o jovem Geirrod é, infinitamente, melhor que o irmão.

E a esta discussão entregaram-se com tanto gosto, que, em breve, já estavam a um passo de se engalfinhar. Odin decidiu, então, retornar para Asgard antes que o tempo fechasse de uma vez.

Mas lá foi pior, pois Frigga, que se julgava uma deusa muito virtuosa - e por isto mesmo muito rabugenta - retomou a discussão no ponto em que parará.

- Agnar é que é o tal! - corneteava ela o dia inteiro no ouvido do marido, que se fazia de desentendido. - Geirrod não é de nada! Viva Agnar! Viva Agnar!

Não restava dúvida alguma de que ela queria uma boa briga: em casa, no conforto do lar, enxergando todos os seus objetos e conhecendo o ambiente com a palma da mão, Frigga estava em seu território. Odin não tardou a perder a paciência e saiu em defesa de Geirrod e nesta chateação ficaram os dois por muito tempo, atazanando a paciência dos demais deuses com os gritos da luta conjugai.

Enquanto isto, em alto-mar, e já perto da costa onde ficava seu reino, os dois irmãos não viam a hora de desembarcar.

- Finalmente, caro Geirrod, estamos quase em casa! - gritava Agnar, sem conter a euforia.

Geirrod, no entanto, tinha o olhar voltado para a praia. Seus olhos vasculhavam a costa inteira para se certificar de que ninguém os enxergava.

- O que houve? - disse Agnar, intrigado com o mutismo do irmão.

- Nada, nada... - disse o outro, procurando disfarçar. - Estou tentando avistar algum conhecido na beira da praia.

O barco aproximou-se da costa. Geirrod pediu, então, que Agnar fosse buscar algo no fundo da embarcação e, tão logo este lhe deu as costas, golpeou-o com um pesado bastão.

- Pronto, agora fique quietinho aí!... - disse ele, com um sorriso perverso.

Tomando do remo, ele aproximou a embarcação da praia, desembarcou num pulo e devolveu às águas o barco, o qual, engolfado rapidamente numa corrente marinha, foi levado para bem longe do reino. Geirrod tinha certeza que o irmão pereceria de fome e sede antes de chegar a qualquer lugar habitado.

- Adeus, importuno! - disse Geirrod, abanando para a embarcação. - A partir de agora, o herdeiro da coroa passa a ser eu!

Geirrod apresentou-se no mesmo dia diante do pai, o velho e quase decrépito rei Hrauding, e lhe contou a história à sua maneira, repetindo-a tal como ocorrera, mudando apenas o final.

- Oh, papai...! - disse ele, engasgando fingidamente. - Não sei como lhe diga...! O seu adorado Agnar morreu em alto-mar e nossos olhos nunca mais o avistarão!

O adorado Agnar, entretanto, fora parar muitos dias depois, com as roupas em tiras e virado em um esqueleto semi-morto, numa ilha habitada por gigantes, onde ficaria ainda por muitos anos até se restabelecer da ferida provocada pelo traiçoeiro golpe, bem como das seqüelas da inanição.

Mas tudo isto deveria servir, pelo menos, para resolver, de uma vez, a pendenga em Asgard: o canalha era mesmo Geirrod.

***

Infelizmente, não serviu: a partir daí mesmo é que a discussão pegou fogo na morada dos deuses. Odin, sem querer dar o braço a torcer - mesmo após o ato abominável perpetrado pelo seu favorito -, teimava, como um pai cego pelo amor, em declarar o perverso Geirrod melhor que o irmão Frigga, a seu turno, possuída pela ira e repleta de argumentos, investia contra o esposo como uma valquíria enfurecida.

- Vai teimar ainda, depois de tudo o que seu queridinho fez? - disse ela, com as mãos na cintura. - Então, ficou cego dos dois olhos de uma vez...!

- Geirrod é que é o tal - só dizia o deus, sem encontrar outro argumento.

Os anos passaram e Odin resolveu recorrer ao deboche, uma vez que Frigga não cessava de tripudiá-lo. Um dia, então, estando sentado em seu trono mágico, de onde podia avistar tudo o que se passava em qualquer parte do universo, chamou sua irritante esposa.

- Está vendo os dois? - disse ele, com uma indisfarçada nota de presunção na voz. - Geirrod é, hoje, um rei em seu país; já seu protegido não passa do afilhadinho efeminado de uma giganta qualquer numa ilha perdida no fim do mundo!

Não adiantava Frigga retorquir que Geirrod era um patife e que adquirira sua posição à custa de um odioso crime: ela bem sabia que um passado vil se dilui, facilmente, diante de um presente magnífico. Geirrod era agora um rei inconteste, sólido em seu trono, tal como Odin no seu - e, para a ralé mundana, era isto o que contava.

Então Frigga, cuja virtude neurastênica a tornava extremamente hábil na invenção de tormentos e castigos, decidiu fazer com que seu obtuso esposo provasse um pouco da perversidade de seu protegido. "Infelizmente, somente desta maneira dolorosa meu pobre esposo chegará a reconhecer a verdade...!", pensou Frigga, sentindo-se tão nobre e piedosa que chegou a converter a pena fingida que sentia por seu marido numa pena sincera por si mesma.

- Seu queridinho é tão mesquinho e egoísta - disse Frigga - que tem o péssimo hábito de torturar os próprios hóspedes, desde que não lhe caiam no agrado!

Odin enfureceu-se de verdade desta vez.

- Oh, mulher vil e caluniosa...! - disse Odin, expelindo, involuntariamente, alguns perdigotos divinos pela boca. - De onde tirou tal disparate?

- Todos sabem disto naquela corte infame! - retrucou Frigga, triunfante. - Só você, o grande patusco, é que desconhece o fato!

Odin fez, então, o que sua esposa já esperava que fizesse: prontificou-se a ir até a corte do seu protegido para provar que aquilo era uma calúnia baixa.

- Desta vez, você desceu demais e eu vou lhe provar isto!... - disse o deus, erguendo-se num ímpeto e indo logo buscar na estrebaria o seu magnífico cavalo, Sleipnir - aquele de oito patas, que era o mais veloz do universo e tudo o mais.

- Espere, leve, ao menos, um agasalho para não apanhar um resfriado na viagem - disse Frigga, demonstrando um súbito resquício de afeto, que chegou a embaraçar, por alguns instantes, o seu irado esposo. Enquanto Frigga esteve ausente - um bom tempo -, Odin chegou mesmo a sentir por ela um resquício de ternura.

"Ora, gostei disto...!", pensou ele, com uma certa umidade no olhar. "Ela ainda preocupa-se comigo, afinal!" E chegou a dar graças a si mesmo por não lê-la chamado de Frigga frígida, ofensa medonha que só usava em último caso, por saber que nada a deixava mais enlouquecida.

Dali a muito tempo, ela retornou com a pele de urso predileta de Odin, dizendo:

- Pronto, vá lá e veja você mesmo com quem está lidando!

***

Odin chegou à noite à corte de Geirrod, incógnito, sob o nome falso de (irimnir.

- Deixem-me passar, lacaios! - disse ele, ao chegar ao portão do palácio tio novo rei, pois não fazia muito tempo que o velho havia morrido e o tratante assumido o seu lugar. O que ele não sabia, no entanto, é que Frigga havia ordenado a um de seus mensageiros que fosse na frente levar um recado ao perverso rei (daí a demora em lhe trazer a pele de urso). Este recado dizia simplesmente:

"Magnífico rei: um canalha e traidor da pior espécie, que atende pelo nome de Grimnir, aproxima-se de sua morada para lhe trazer a desgraça e o infortúnio; se ainda quiser ter o pescoço em cima dos ombros no alvorecer do próximo dia, trate logo de aprisioná-lo e metê-lo nos tormentos, assim que ele ousar pôr os pés no mesmo chão que seus divinos pés abençoam. "

Ass.: "Uma Amiga."

Odin foi recebido de maneira um tanto desleixada pelo rei, o qual estava mais deitado do que sentado em seu trono ordinário (pois aquele reino era, na verdade, bem miserável, comparado a outras cortes, infinitamente, mais ricas e brilhantes).

Um serviçal vil e careca, que parecia se regozijar, imensamente, com sua subalternidade, acabara de ler ao tirano o conteúdo do bilhete. As palavras sussurradas pelo verme calvo pareciam ter-lhe deliciado ao extremo, pois, logo em seguida, as duas tiras secas dos seus lábios se arreganharam num sorriso torpe.

- Ah! É você, então, o ilustre estrangeiro! - disse ele, escorregando mais um pouco no seu troninho de pau, pintado com uma casquinha de ouro tão fina que a unha poderia descascá-la.

Odin olhou para o alto, pois sabia que de algum lugar sua esposa o observava.

"Ilustre estrangeiro...!", pensou ele, com a vitória na mão. "Aí está, linguaruda", acrescentou, esquecendo o fiapo de ternura e assumindo, outra vez, a postura cruel do vencedor.

O estrondo de um escudo que caíra ao se desprender de uma das paredes encardidas, entretanto, atroou todo o recinto, dissolvendo o seu pequenino triunfo.

- Oh, o escudo magnífico de meu bisavô! - exclamou Geirrod, irado. -Quem foi o imbecil que o deixou cair?

Fora o Tempo, o imbecil que deixara o velho escudo cair, mas já outro imbecil - o lacaio da cabeça pelada - arremessara-se a ele sem perder um segundo.

- Aqui está, realíssima alteza!... - disse o serviçal, cuja careca estava es-carlate pela expectativa de uma recompensazinha.

- Idiota! - exclamou o tirano. - Deixou que ele amassasse!

De fato, o escudo maravilhoso - o melhor e mais rico objeto do palácio inteiro - depois da queda, virará uma bacia velha e amassada. Na verdade, o metal do qual fora feito era tão ordinário que o ferrão de uma abelha poderia atravessá-lo de lado a lado. Mas logo as atenções estavam voltadas, novamente, para o visitante.

- O seu nome...! - disse Geirrod a Odin, com secura na voz. - As coisas começavam a dar para trás e isto era o bastante para ele mandar às favas o verniz que recobria, mal e porcamente, a sua péssima educação.

- Grimnir é meu nome! - disse Odin, com altivez.

- Levem-no imediatamente! - bradou o rei. - E já sabem para onde!

Por que Geirrod usara daquele tom?, pensava Odin, desconfiando um pouco da fidalguia do seu anfitrião. Mas, quando os guardas agarraram-no pelos braços e o levaram de arrasto para dentro do palácio, Odin ficou mais branco que um coelho enterrado na neve. O deus foi lançado na mais fétida das masmorras, e ali esteve trancafiado a noite inteira até que, ao alvorecer, dois guardas vieram e o levaram, coberto de algemas e correntes até a presença do rei.

Quando chegou ao salão, viu que havia duas fogueiras armadas.

- Coloquem-no entre as duas fogueiras! - disse o rei, que estava com uma perna por cima da guarda do trono, como quem estivesse prestes a assistir a um espetáculo muito divertido. - Agora você ficará aí nos próximos oito dias, até confessar quais são seus nefandos propósitos!

Odin estava envolto num manto escuro de propriedades mágicas e, graças a ele, pôde suportar os primeiros dias daquela bárbara prova, o que lhe deu ânimo para inventar desculpas para o comportamento monstruoso de seu anfitrião.

- Afinal, está um frio dos diabos, mesmo!... - disse, mais para que sua esposa Frigga escutasse do que para si mesmo.

Mas, no quarto dia o suplício tornou-se a tal ponto insuportável que Odin teve de admitir, finalmente, que estava diante de um tremendo canalha.

- Muito bem, Frigga, você venceu! - exclamava ele, em meio às labaredas.

O manto de Odin tinha esquentado tanto que já aderira à sua pele, causando-lhe indizíveis dores. No oitavo dia, entretanto, o filho de Geirrod - que linha o mesmo nome de seu infeliz tio, Agnar, e também o seu bom coração - sentiu pena do hóspede maltratado e lhe levou um chifre repleto de hidromel.

Um pouco refeito dos seus padecimentos, Odin chegou à conclusão dique já era hora de acabar com sua teimosia.

- Muito bem, tirano maldito! - disse o deus, liberte-me já! Caso contrário será punido com a morte!

- Enlouqueceu de vez! - disse o rei, ainda mais deliciado.

Então Odin começou a entoar as suas runas mágicas e as cadeias foram caindo uma a uma a seus pés, ao mesmo tempo em que as duas fogueiras se extinguiam diante dos olhos do rei.

Liberto, o deus supremo pôs-se em pé, pronto para a desforra. Geirrod, aterrado, ergueu-se lambem, mas ao ver que seu inimigo avançava sobre ele, tomou de sua

espada. Porém, ao descer de seu trono mambembe, meteu o pé num furo do tapete vermelho e caiu de cara na ponta da espada, morrendo no mesmo instante.

Agnar, o filho de Geirrod, sucedeu ao pai no trono e a primeira medida que tomou foi mandar trazer do exílio o seu tio, de modo que ambos viveram felizes para sempre naquele pobre, porém, decente reino.

Thor e o rapto de Loki

Loki, o deus das confusões, tinha uma predileção especial pelo casaco de falcão da deusa Freya - um casaco mágico que permitia àquele que o vestisse voar livremente feito aquela ave. Um dia, resolveu tomá-lo emprestado e saiu a viajar pelo mundo. Voou por tudo até chegar, finalmente, ao castelo do gigante Geirrod.

- Ufa!... Vou fazer uma parada... - disse ele, pousando na amurada.

Geirrod, no entanto, estava por perto e avistou aquela estranha ave pousada numa das torres do seu castelo.

- Que falcão estranho! - disse ele a um criado próximo.

De fato, nunca ambos haviam visto um falcão tão feio e desengonçado.

- Vá buscá-lo - disse Geirrod ao lacaio. - Deve ser um espião disfarçado. O criado cumpriu a tarefa com tanta eficiência que, em poucos instantes, estava de volta com a ave presa pelo pescoço.

- Veja seus olhos - disse o gigante - não são de uma ave, mas de uni homem. Vamos, impostor, diga logo quem é e o que pretende!

Loki, surpreendido pela violência do gigante, preferiu calar, mesmo tendo o pescoço quase esganado pelos dedos de ferro do seu algoz.

- Ah, não vai falar? - disse Geirrod, voltando-se para o criado - Prenda-o em uma caixa e o deixe sem alimento até que resolva abrir o bico.

Três meses durou a agonia de Loki, até que um dia o gigante reapareceu c rolhou de dentro da caixa um falcão desmilingüido e com as penas todas amassadas.

- Es...tá bem.... - disse Loki, num fio de voz. - Vou con...tar... tudo...

Loki confessou a sua identidade, o que fez o gigante dar um sorriso tão satisfeito que lhe arreganhou os dentes até o siso.

- Vejam só: é o companheiro do Thor, o nosso maior inimigo! - disse Geirrod, esfregando as mãos. - Muito bem, franguinho, tenho uma proposta a lhe fazer.

Geirrod expôs, então, os termos do seu acordo: Loki seria liberto somente se conseguisse atrair Thor para o seu castelo.

- Mas, atenção: deverá vir sem o martelo ou o cinto de força - acrescentou o gigante, pois sabia perfeitamente que se o deus do trovão viesse com suas armas, promoveria ali um verdadeiro massacre.

Loki partiu sem o casaco de Freya - que ficara em garantia - e, após implorar muito, conseguiu convencer Thor a fazer o que o gigante queria.

- Com ou sem martelo, gigante nenhum é páreo pra mim! - disse Thor, confiante.

Os dois partiram numa manhã clara, porém, muito fria - como de hábito, naquelas regiões. Andaram, andaram, andaram até que chegaram à casa de uma giganta - o que significava que já estavam nas proximidades do castelo de Geirrod.

- Bom dia, senhora - disse Thor, gentilmente. - Estamos indo até o castelo de Geirrod e gostaríamos de renovar nossas forças antes do encontro, pois é quase certo que o tempo vai fechar por lá...

- O castelo de Geirrod? - exclamou a giganta, arregalando dois olhos enormes como duas luas. - Oh, pobrezinhos, serão mortos com toda a certeza!

Loki sentiu um calafrio quanto à parte que lhe tocava.

- Thor é forte o bastante para salvar a nós dois - disse o ladino, reforçando as duas últimas palavras.

- Não, não! - retrucou a giganta, sem convencer-se disto. - Não devem se fiar em suas próprias forças. - Ela correu até seus aposentos e retornou de lá com um cinto de força, um pesado porrete e umas luvas de ferro. - Aqui está: leve tudo isto, valente peregrino, para que possa se safar das ciladas do perverso Geirrod.

Thor aceitou os presentes e logo os dois estavam de volta à estrada. Depois de andar mais um longo trecho, chegaram às margens do rio Vimur, com águas não muito profundas, mas que tinha uma forte correnteza.

- Vamos atravessá-lo a pé - disse Thor.

Dito isto, o deus do trovão meteu-se logo na água, segurando numa das mãos o porrete e tendo ao lado Loki, que agarrava a todo instante o seu cinto com medo de ser levado pela correnteza.

Iam já a meio do trajeto quando Loki - que, como bom medroso, tinha um faro apurado para o perigo - alertou o companheiro:

- Não lhe parece que as águas estão subindo rapidamente?

Thor nada havia percebido até então, importunado que estava pelos agarra-mentos constantes do cauteloso colega. Mas, avisado do fato, olhou para baixo e percebeu que,

realmente, a água, que antes dava-lhe com folga pela cintura, agora já lhe ia pelo peito sem nunca parar de subir.

- Apressemos o passo - disse ele.

Neste mesmo instante, Loki avistou alguém na outra margem um pouco mais acima de onde estavam.

- Veja, Thor! - gritou Loki, apontando naquela direção. - Seguramente que aquela criatura tem algo a ver com tudo isto!

Thor ergueu a cabeça e avistou uma enorme mulher agachada na água com as saias arregaçadas até a cintura. Como se tratava de uma giganta, a água sequer lhe batia nos joelhos e, por isso, ambos puderam ver perfeitamente o que ela fazia.

- Maldição! - esbravejou Thor. - O que está fazendo?

- Ora, não está vendo, boboca?... - gritou a rotunda giganta, sem ruborizar-se ou interromper a sua tarefa.

Ela era Gialp, uma das filhas de Geirrod, e, certamente, não estava ali à toa.

- O que faremos, agora? - disse Loki, que já estava trepado nos ombros do deus.

- Só há um meio de represar um rio - disse Thor, com segurança - é estancando-lhe a fonte. Arremessou, então, o seu porrete, acertando em cheio o crânio da giganta, que foi cair morta dentro da água. Infelizmente, a solução trouxera um novo problema, pois o sangue que jorrava da cabeça rachada vertia cm ondas, aumentando a enchente e tornando escarlate o leito do rio.

Thor apertou o passo - a esta altura já inteiramente submerso -, enquanto Loki permanecia acavalado em seus ombros, trazendo apenas a cabeça para Cora da água, como se ele próprio fosse um gigante. Por sorte, ambos já estavam bem próximos da margem e conseguiram se safar a tempo.

Depois que recuperaram o fôlego, os dois tomaram uma íngreme encosta o galgaram-na, penosamente, até chegar ao castelo do temível gigante.

- Cá estamos - disse Thor. - Vamos ver, agora, o tal Geirrod!

Loki sentiu um tremor afrouxar-lhe os joelhos, pois estava de volta ao cenário de seus padecimentos. "Sabem as Nornas, o que mais me espera!", pensou ele, referindo-se as deusas que tramam o destino.

No entanto, ao se apresentar, foram surpreendidos por uma amável recepção prodigalizada pelo solerte gigante. Ele estava sentado a uma mesa gigantesca repleta de iguarias, que ocupava quase todo o salão.

- Ora, sejam bem-vindos! - disse Geirrod, erguendo-se e batendo com estrondo as palmas das mãos em suas nádegas gigantescas, que era a sua maneira ímpia de se

regozijar. Um som cavo reboou pelas paredes e, somente quando o último eco se perdeu nos confins gelados do castelo, é que ele recomeçou:

- Thor, quero que saiba que é uma honra imensa tê-lo em minha casa; quanto a você - disse, piscando um olho matreiro para um Loki apavorado -, já nos conhecemos bem, não é? Afinal, desfrutou por três meses da minha generosa hospitalidade!

Loki balbuciou algo inaudível, enquanto Geirrod ria e malhava outra vez, à toda força, as suas nádegas descomunais. Depois se sentou e convidou os visitantes a lhe fazer companhia. Infelizmente a segunda parte da sua hospitalidade esteve longe de condizer com a primeira, pois Geirrod acomodou-os no mesmo estábulo onde ficavam as cabras.

Ao centro do aposento havia apenas uma única cama, cujos pés não se enxergavam, ocultos pela armação. Thor, exausto da viagem, atirou-se ao leito para descansar. Loki, mais cauteloso, preferiu dormir em pé, pois aquela cama solitária lhe parecera de mau agouro; além do mais, suas suspeitas aumentaram quando percebeu no teto um renque inteiro de lanças com as pontas afiadas apontadas para baixo, bem na direção do suspeitoso leito.

Thor, é claro, não era tão tonto que não houvesse percebido também aquele enfeite bizarro; porém, depois de se certificar bem, chegara à conclusão que não havia perigo algum, pois as lanças estavam solidamente presas ao teto. Deixando de lado, então, as preocupações, Thor ajeitou-se no leito para dormir - ou antes, para roncar. Roncou, de fato, um bom pedaço, como um perfeito deus do trovão, até acordar, de repente, pois sentira um ligeiro solavanco sacudir o seu leito. Entreabriu um olho (ele dormira de barriga para cima, por precaução) e viu que as lanças ainda estavam lá, solidamente presas ao teto. Entretanto, pareciam estar - ou seria apenas impressão? - ligeiramente mais próximas.

"Bobagens!", pensou cruzando as mãos sobre o ventre e recomeçando a roncar.

Loki, a seu turno, também caíra num sono profundo, desabado no chão recoberto de palha. Mais um tempo passou e Thor acordou novamente, por causa de um novo sacolejão. Desta vez pareceu escutar, nitidamente, uma voz abafada que censurava alguém. Abriu os olhos e enxergou o teto outra vez. Só que, desta feita, as lanças pareciam estar ainda mais perto - ou seria mero efeito da sugestão?

- Ora bolas, disse ele, virando-se de lado.

Antes de cerrar os olhos, outra vez, viu Loki adormecido, que roncava também lá embaixo.

"Depois fala de mim, o porcalhão", pensou, ajeitando-se melhor em seu leito. - "Mesmo desta altura, ainda posso escutar a sua tuba perfeitamente!"

Então deu-se conta, afinal, de que algo errado ocorria com a cama. Abriu os olhos e viu seu companheiro bem pequenino lá embaixo. Num reflexo, virou-se para diante, somente para descobrir que as pontas das lanças que pendiam do teto estavam quase

metidas no seu nariz. Descobriu também que, de pé, já nau podia mais ficar, mas que ainda podia voltar a cabeça para ver o que havia debaixo da cama. Ao fazê-lo, porém, verificou que um rosto enorme, balofo e horrendo o encarava, coberto por gotas de um suor espesso como o azeite. Virou-se, imediatamente, para o outro lado e viu outro rosto não menos pavoroso que o primeiro. Tratavam-se de duas gigantas, filhas de Geirrod, que o empurravam, com cama e tudo de encontro às lanças.

- Acorde, Loki, idiota! - bradou Thor, sem poder ver mais se ele o escutava. A ponta de uma das lanças já imprimia para o lado a ponta do seu nariz e Thor tateou, desesperadamente, à procura do seu porrete.

Ali estava ele!, pensou aliviado, ao encontrar sua arma. Imediatamente, enfiou-o entre as lanças e começou a empurrar de volta o leito para baixo, e o fez com tal força, que um ruído de algo que se parte, reverberou pelas paredes. No mesmo instante a cama veio com tudo para baixo, esmagando as duas gigantas - pois as suas colunas haviam se partido, quando Thor dera o empurrão prodigioso.

Loki acordara com o terrível estrondo apenas para se deparar com a visão horrenda do leito repousado sobre alguns braços e pernas esmagados que ainda se contorciam e uma piscina de sangue ao redor.

Thor ergueu-se de um pulo e, empunhando o seu porrete, dirigiu-se ate' o custeio. O dia amanhecia e o deus, com um chute, deitou abaixo a porta. Foi encontrar o perverso Geirrod sentado à mesa, como de hábito.

No cocho outra vez, besta insaciável? - bradou Thor ao gigante, julgando que ele fazia já o seu café da manhã.

- Outra vez? - disse o gigante, percebendo a luz do dia, que penetrava ainda de forma discreta pela porta. - Oh, não, está enganado! Estou ainda jantando...!

Thor, então, que trazia em cada uma das mãos as cabeças balofas das suas filhas, arremessou-as à mesa, com um grito feroz:

- Junte isto ao repasto...! - As duas cabeças rechonchudas rolaram pela mesa até irem colar as suas bocas numa montanha de purê de batatas, onde permaneceram quietas, parecendo bastante satisfeitas.

Geirrod, percebendo a má disposição de ânimo do seu hóspede, ergueu-se e correu até a lareira, rebolando o seu gigantesco traseiro. Ali, tomou um longo par de tenazes e com elas recolheu do fogo uma grande barra de ferro incandescida.

- Segura esta, bobão...! - disse ele, arremessando o terrível projétil.

Thor desviou-se, agilmente, e o lingote foi derrubar uma parede às suas costas; porém, como estivesse com suas luvas de ferro, pegou o lingote com as próprias mãos e o arremessou de volta para o gigante.

Apavorado, Geirrod correu a se esconder atrás de uma larguíssima coluna de pedra. Mas, como o gigante fosse fantasticamente gordo, foi como se uma melancia tivesse ido

se esconder atrás de um palito. O projétil, no final de tudo, atravessou a coluna, o crânio do gigante, e fendeu ainda a parede externa do castelo, indo perder-se pelo mundo, com os pedaços dos miolos do gigante aderidos a ele.

E, foi assim, se as crônicas não exageraram, que o poderoso Thor liquidou o temível gigante Geirrod.

Idun e as maçãs da juventude

Odin e Loki estavam passeando, certa feita, por uma inóspita região. O primeiro adorava vagar por toda a parte, muitas vezes, recorrendo ao disfarce de andarilho, e, se devia a algo o fato de ser considerado o mais sábio dos deuses, era, justamente, à sua inesgotável curiosidade.

- A curiosidade é o que diferencia o homem superior do medíocre - dizia ele a Loki, tentando instruí-lo. - Na verdade, há apenas duas classes de homens: os despertos e os adormecidos; os primeiros são aqueles que já acordaram do sono bruto da indiferença, no qual os outros ainda estão miseravelmente imersos. Um sono imbecilizante, que os faz crer que a vida se resume à meia dúzia de funções orgânicas, exceto a mais nobre: a de usar os seus próprios cérebros para criar algo de belo, que os tome felizes como um deus. E isto - arrematou Odin - somente alguém dotado de curiosidade pode fazer, ou seja, alguém desperto.

Loki, que ainda estava na classe intermediária dos sonâmbulos, começou a sentir um sono que ameaçava transportá-lo de volta ao reino dos adormecidos. Mas, foi salvo pela fome - a madrasta comum de todos -, que o obrigou a interromper a predica de Odin.

- Tudo isto é muito bonito, mas estou com uma fome dos diabos - disse ele, que já estava tomando uma coloração esverdeada.

- Muito bem, vamos comer, então - disse o deus, largando no chão o alforje.

Mas esta expressão na boca de Odin era um mero eufemismo, pois seu único alimento era o hidromel, a bebida sagrada dos deuses. Loki, entretanto, que tinha muito pouco de deus, começou a armar às pressas uma pequena fogueira. Logo um grande pedaço de carne assava gloriosamente, espalhando pelas redondezas o seu atraente perfume.

Enquanto Loki eslava acocorado diante da fogueira, comendo pelo nariz, Odin, que eslava especialmente inspirado naquele dia, retomara sua lição:

- Diz uma lenda muito antiga, que um dia um jovem encontrou uma caixa velha e, ao abri-la, viu sair de dentro um gênio poderoso - disse o deus, tomando placidamente o seu hidromel. - A criatura, pródiga em poderes, perguntou-lhe, então: "Você tem direito a um único pedido, reles mortal!" Depois de se recuperar do susto, o reles mortal o encarou e disse: "Qualquer um?", e o gênio respondeu: "Qualquer um, menos a imortalidade!"

Então, depois de refletir um pouco, o jovem teve uma brilhante idéia: "Já sei!", pensou ele. "Em vez de fazer um pedido que me acrescente algo - ou seja, uma nova necessidade -, farei outro, que acabará com quase todas elas!". Voltando o olhar para o gênio, disse-lhe: "Retire já o meu estômago!" Desde então, este jovem felizardo passou a ser o homem mais livre que a terra já conheceu.

Loki, no entanto, não escutou direito a fábula (e, certamente, não a teria aprovado, se a tivesse escutado), ocupado que estava em abanar o fogo, quase apagado por força de uma ventania inesperada que surgira do nada.

- Droga! - exclamou ele, com as bochechas escarlates de tanto assoprar. - De onde veio a droga deste vento?

Somente, então, perceberam que acima das suas cabeças, empoleirada em um alto galho, estava uma imensa águia - na verdade, a maior águia que seus olhos já haviam contemplado. A criatura abanava suas asas, parecendo fazê-lo de propósito.

- O que pensa que está fazendo, águia idiota? - gritou Loki, mostrando-lhe o punho.

- Refrescando-me - disse ela, com uma voz gutural, que nada tinha a ver com o grito estridente da águia.

- Senhora ave, por que o deboche? - disse Odin, mudando o tom da interpelação.

- Vocês não querem comer? - disse ela, parando por um instante de abanar seus dois gigantescos leques empenados. - Então, deixem que antes eu me sirva desta carne saborosa.

Loki, sem ver outro meio de comer aquele dia, acabou por ceder.

- Está bem, mas veja se deixa algo sólido para mim!

- Naturalmente!...

- E algo bastante bom!

- Naturalmente, naturalmente!...O fogo ardeu outra vez e, dali a alguns instantes, a águia descia de seu poleiro para se refestelar.

- Hmmrn! Que delícia de carne! - dizia a águia, engolindo os pedaços aos bocados. - Meus parabéns, senhor assador...!

Sem dar ouvidos, entretanto, às queixas do esfomeado Loki, a águia devorou tudo, deixando no espeto apenas os ossos do boi.

- Maldita tratante! - exclamou Loki. - Veja só o que me deixou!

- Não queria algo bastante sólido? - disse a águia, dando risada e agitando as asas num acesso de hilaridade.

Mas Loki não achou graça nenhuma na piada e, por isto, agarrou num galho fino e comprido que viu caído ao chão e começou a vergastar o lombo da águia.

Contudo, no primeiro golpe, percebeu que o galho colara-se às penas da águia; esta, por sua vez, vendo-se maltratada, ergueu vôo imediatamente. Foi, então, que Loki descobriu, aterrado, que levantara vôo junto, pois suas mãos haviam grudado no galho, como por mágica.

- O que é isto? Socorro! - berrou ele até sumir no céu como um pontinho.

Sem dizer nada, a águia desceu, abruptamente, dando um vôo rasante um pouco acima de uma espessa floresta, de tal modo, que sua presa foi se chocando contra os ásperos galhos e os espinhos das árvores.

- Ai!... Ui!... - gritava o pobre Loki, esbarrando nas árvores em altíssima velocidade. - Pare com isto, por caridade!...

Mas a águia, surda aos apelos, engendrara um novo suplício, retirando Loki todo ensangüentado da floresta e o levando até as águas salgadas do mar, onde mergulhou-o, sem contudo nunca cessar de voar.

- Um salzinho ajuda a sarar as feridas! - disse ela, com um grande riso.

Quando o desgraçado saiu de dentro da água, estava mais morto que vivo e, por isto, a águia resolveu abrir o jogo de uma vez:

- Muito bem, agora, preste atenção! - disse ela, subindo às alturas até quase alcançar o próprio sol. - Eu não sou uma águia, coisa nenhuma, mas o gigante Thiassi, disfarçado. Se quiser escapar de minhas garras, terá de me fazer uma promessa!

Loki, que já provara dos arranhões da floresta e da água salobra do mar, agora. estava às voltas com um calor sufocante, que o cozia em pleno ar.

- Está bem, está bem, eu prometo, seja lá o que for!

- Bela frase...! - disse o gigante alado. - Você fará, então, o seguinte: trará até mim a bela Idun e suas maravilhosas maçãs mágicas!

Thiassi referia-se à deusa da juventude, de cujo pomar mágico brotavam maçãs rejuvenescedoras. Desde que o mundo fora criado que os gigantes e os anões haviam ambicionado provar destes frutos, mas eles eram propriedade exclusiva dos deuses.

- Enfim, chegou a hora de dividir a imortalidade entre todos! - exclamou Thiassi, lambendo-se todo e se imaginando jovem e esbelto outra vez.

***

Loki foi libertado e tratou de procurar imediatamente a bela Idun.

- Loki, você por aqui? - disse ela, uma jovem loira, que tinha o olhar manso e o corpo esbelto das corças.

A deusa estava justamente colhendo as maçãs em seu perfumado pomar. Grandes frutos, vermelhos como grandes rubis, resplendiam dentro de seu cesto dourado. Podia-se imaginar o gosto sumarento de sua polpa amarela e úmida na boca, mesmo antes que eles fossem provados.

- Você já não comeu a sua maçã recentemente? - disse ela, intrigada. -Lembre-se de que a próxima refeição ainda está longe.

- Oh, pouco importa! - disse ele, afetando um ar de desprezo. - Afinal, quem vai querer estas maçãs horrorosas, quando tem ao alcance outras infinitamente mais saborosas e rejuvenescedoras?

- O que está dizendo? - disse Idun, tornando-se séria.

- Isto mesmo que você ouviu - retrucou Loki, enfático. - Descobri um outro bosque, muito mais belo que este, onde vicejam as mais belas maçãs da juventude de todo o universo.

A deusa, sem querer admitir que isto fosse possível, aceitou de imediato ir até lá para ver se Loki dizia a verdade.

- Claro, vamos até lá - disse ele, animado. - Mas leve consigo o seu cesto, para podermos compará-las; estão todas aí?

Sim, estavam, e logo ambos rumavam para o misterioso pomar. Mas, nem bem haviam colocado o pé para Cora de Asgard quando a mesma águia que raptara Loki desceu das alturas e cravou suas garras na jovem deusa, levando-a consigo para Jotunheim, a terra dos gigantes.

- Socorro...! Salve-me...! - implorava a deusa, mas Loki já estava bem longe, uma vez salva a sua adorada pele.

Imediatamente, os deuses começaram a perceber os efeitos da ausência de Idun e de suas imprescindíveis maçãs: os cabelos de todos começaram a se tornar grisalhos e suas faces a se enrugar espantosamente. Como todos eles eram muito antigos, o tempo, uma vez restabelecido em sua autoridade, começara a cobrar as parcelas atrasadas com grande voracidade.

Thor, por exemplo, apareceu um dia manquitolando, usando seu martelo como um bastão de idoso; seus cabelos compridos, outrora lisos e loiros, agora, não passavam de uma palha esbranquiçada que o vento arrancava aos punhados.

- Cadê as machãs, as malditas machãs! - dizia ele, banguelando, pois seus dentes haviam desertado em massa da boca chupada.

Frigga, a esposa de Odin, por sua vez, que sempre se gabara de sua beleza, surgira agora virada numa velha decrépita e senil a exigir em prantos o alimento reparador. O

próprio Odin - que de tão velho já tinha os cabelos brancos antes mesmo de deixar de comer as maçãs - parecia, agora, um ponto de interrogação, sentado em seu trono de rodas, com o nariz recurvo encaixado ao umbigo. Sua propalada sabedoria havia sumido e a caduquice mais apavorante havia se apossado de sua outrora fulgurante inteligência.

Empurrando seu trono, vinha Heimdall, o vigia de Asgard, que agora era incapaz de enxergar um palmo adiante do próprio nariz. Seus ouvidos afiados, que, outrora eram capazes de escutar até a grama crescer agora, não seriam capazes nem de escutar um vulcão que se abrisse a seus pés.

Todos eles, enfim, estavam aos pedaços. Então, Loki chegou também com os cabelos esbranquiçados e aparentando velhice; mas era tudo disfarce seu e, por dentro, ele se ria, deliciado da decadência dos deuses.

"Um bando de deuses caducos!", pensava ele, regozijando-se com a desgraça que reinava em todo o Olimpo. Ele, entretanto, permanecia jovem sob o disfarce, pois continuava a se alimentar secretamente das maçãs de Idun, que o gigante Thiassi havia lhe cedido como recompensa.

Loki, você não sabe que fim levou Idun? - perguntou-lhe Thor, cercado pelos outros deuses decrépitos.

Loki, fingindo-se tão senil quanto qualquer um deles, resmungou algo sem nexo, babando-se todo. Mas, neste exato momento, uma tempestade desabou, fazendo com que a cinza que havia espalhado sobre o cabelo desbotasse e as teias de aranha que havia posto sobre o rosto como simulacros de rugas, se desmanchassem, revelando, claramente, a sua juventude inalterada.

- Seu tratante! - exclamou Tyr, o deus maneta, apontando o único punho fechado sobre o rosto de Loki. Uma bengala desceu sobre as suas costas e Thor ameaçou despedaçá-lo com seu martelo - pois o Miollnir dourado não havia envelhecido.

Heimdall, seu figadal inimigo, aproximou-se e o ameaçou:

- Trate de trazer Idun de volta com suas maçãs ou farei com que o velho Odin lance um tal esconjuro de suas runas mágicas sobre você que jamais tornará a ser o que era!

Loki, que sabia o estado no qual o velho deus se encontrava, e temendo que nunca mais ele pudesse desfazer a maldição, resolveu reconsiderar.

- Está bem, vou dar um jeito de trazer de volta a deusa e as maçãs.

***

Freya, a deusa do amor, emprestou a Loki, mais uma vez, o seu casaco de pele de falcão, o que lhe possibilitou viajar rapidamente até o esconderijo do gigante Thiassi, mesmo local onde ficava o cativeiro da deusa da juventude.

Felizmente, quando lá chegou, encontrou-a sozinha, pois o gigante havia saído. A pobre Idun, que de jovem não tinha mais nada, também estava inteiramente caquética,

parecendo agora a deusa da velhice, pois o perverso Thiassi havia impedido que ela se alimentasse dos frutos.

- De hoje em diante somente os gigantes serão jovens e fortes! - exclamara ele, num acesso de loucura perversa.

Loki, imediatamente, pegou um fruto do cesto - que estava bem escondido na caverna - e o deu para que Idun o comesse. A deusa, instantaneamente, recobrou seu antigo viço e beleza.

- Seu traidor infame, o que quer aqui? - disse ela, lembrando de tudo.

- Vim libertá-la - disse ele. - Feche os olhos.

Loki recitou um encantamento rúnico, que a custo conseguira arrancar de Odin, o que possibilitou transformar a deusa em uma minúscula noz. Depois, metamorfoseado ainda em falcão, estendeu as asas e se lançou ao espaço, carregando em uma das garras a pequena noz-Idun e, na outra, o cesto com os frutos mágicos.

Já estavam ambos a meio do caminho, porém, quando Loki percebeu que Thiassi vinha em seu encalço, virado na mesma águia de antes.

- Devolva já as minhas ricas maçãs! - berrava, esganiçadamente, a águia.

Uma perseguição alucinante cortou os céus em direção a Asgard. As batidas das asas gigantescas da águia eram tão fortes que juntaram uma grande quantidade de nuvens escuras e tempestuosas. De longe, os deuses perceberam a aproximação do temporal. Thor, que ainda tinha o olhar um pouquinho melhor que o dos demais, avistou o gavião trazendo Idun e o cesto:

- Depressa, vamos preparar uma fogueira! - bradou ele, apoiado ao martelo.

Apesar de tropeçar e esbarrar uns nos outros, os deuses conseguiram fazer o que Thor sugerira. Tão logo Loki pousou, devolvendo Idun ao convívio dos deuses, a águia medonha aproximou-se, guinchando pavorosamente.

- Agora, deixem comigo! - disse Thor, erguendo a custo seu martelo e dando uma grande pancada sobre uma rocha, o que provocou uma chuva de faíscas, acendendo a fogueira. A águia tentou deter o seu vôo, lançando as patas para diante, como se pudesse travar seu avanço em pleno vôo, mas era tarde demais: logo as labaredas envolveram-na, completamente, e ela se transformou num único grito de dor e de chamas. Somente seus olhos sobraram do grande holocausto, que Odin - já restabelecido após haver comido uma das maçãs rejuvenescedoras - tomou em suas mãos, lançando-os em seguida para o céu, onde vieram a se transformar em duas luminosas estrelas.

O casamento de Niord e Skadi

Tudo começou com a chegada a Asgard de uma jovem giganta chamada Skadi, vinda do país gelado de Thrymheim, para vingar a morte de seu pai, o gigante Thiassi - o mesmo que seqüestrara a deusa Idun para se apossar das maçãs da juventude. Os deuses haviam-no queimado em uma gigantesca fogueira, que o consumiu inteiramente, a exceção dos olhos, que viraram duas estrelas.

Sua filha, entretanto, não ficara nem um pouco consolada com a homenagem, partindo do mesmo jeito em direção a Asgard para reclamar a sua indenização. Os deuses receberam-na com cordialidade, tentando, de alguma forma, aplacar a fúria que lhe chispava dos olhos negros como a noite.

- Diga-nos o seu preço e nós a indenizaremos de bom grado pela perda do seu pai - disse Odin, de maneira gentil e conciliatória. - Reconhecemos que a sua pretensão a uma recompensa é válida e estamos dispostos a negociar. Dê-nos, apenas, um ponto de partida.

Odin estava ao lado daquele que, certamente, seria o ponto de chegada: um enorme baú abarrotado de ouro. Por cima dele, como numa irresistível cobertura de sorvete, esparramavam-se até cair pelas bordas colares, anéis e pulseiras divinamente confeccionados pelos mais hábeis anões do universo.

A giganta inclinou a sua enorme cabeça até o baú e, depois de tomar o seu peso, emborcou-o inteiro na mão. Todo o ouro e as pedrarias couberam na sua palma.

- Quero a vida de um Aesir pela vida de meu pai e não, ninharias! - disse ela, dando um chute no baú, que voou de balão pela janela do palácio onde estavam. (Mas, nas tais ninharias, ninguém em Asgard nunca mais pôs os olhos.) - Escolham: ou a vida de um deus, agora, ou a invasão de todos os gigantes de Thrymheim, mais tarde! -concluiu Skadi, num derradeiro ultimato.

O salão de Odin esvaziara-se, repentinamente, diante da fúria da explosiva giganta. Mas, o imprevisível Loki decidira ficar e tentar acalmar a irascível jovem.

"Talvez isto sirva para apaziguá-la um pouco!", pensou, começando a executar, em seguida, os passos da mais extravagante das danças, intercalando-a com saltos e acrobacias; chegou mesmo ao extremo de incluir alguns números de franco mau gosto, como amarrar-se a um bode pela parte mais inesperada (e sensível) do seu corpo e se deixar arrastar desta forma grotesca por todo o salão.

Mas, como geralmente os extremos entendem-se, Skadi passou aos poucos da ira à alegria, não podendo mais conter o riso diante de tantas loucuras.

- Basta, basta...! - exclamava ela, em meio às gargalhadas.

- Basta, besta...! Basta, besta...! - repetia Loki, que parecia um verdadeiro demônio, ainda preso ao bode. - Depois, aproveitando a descontração da giganta, deu-lhe ainda uma outra sugestão: - Antes de matar um de nós, por que não martirizá-lo um pouco?

Com um ar de incompreensão desenhado no rosto, ela indagou:

- Martirizá-lo? Como assim?

- Ora, casando-se com um de nós...! - disse Loki, afetando um ar de falsa seriedade. - Por um momento, temeu-se que Loki pudesse ter posto tudo a perder com aquele gracejo de gosto duvidoso; mas seu ar era tão diabolicamente maroto, que a jovem Skadi caiu no riso outra vez.

"Casar-me com um deus?", pensou, indecisa, com os olhos ainda úmidos da hilaridade. "Nunca havia pensado nisto!"

Entretanto, não eram nada incomuns as uniões entre deuses e gigantes desde o começo dos tempos. Bor, um dos ancestrais mais antigos dos deuses, por exemplo, casara-se no alvorecer do mundo com a giganta Bestla, embora a disputa entre as duas raças tivesse recém começado.

- Está bem - disse ela -, aceito a sugestão, desde que eu mesma possa escolher meu futuro marido.

Os deuses ficaram paralisados; Odin achava que, se assim fosse, certamente ela acabaria por escolher Balder, o mais belo dos deuses. De fato, desde sua chegada a Asgard, os olhos da giganta haviam pousado sobre ele e não era preciso ser mago ou vidente para prever qual seria a sua escolha.

Loki, entretanto, veio em auxílio com mais uma de suas idéias. Mas, mesmo depois de tê-la explicado a Odin, este ainda pareceu cético quanto à sua aplicação.

- Não se preocupe - disse Loki. - Antes, vamos regá-la a bastante hidromel.

Skadi foi convidada a se sentar à mesa com todos os Aesires. Após um banquete farto em comidas picantes, foi trazido o grande caldeirão de hidromel.

- Agora, bebamos à nossa futura irmã! - disse Odin, passando um grande chifre ornamentado de rubis e esmeraldas à convidada.

Skadi bebeu de um trago todo conteúdo, tal era a sua sede. Ato contínuo, foi enchido novamente o seu chifre e, assim, a noite inteira a bela giganta bebeu junto com os deuses até que, animada, ela deu à certa altura um grande grito:

- Quero escolher, agora, o meu marido!

Todos os deuses retiraram-se às pressas para uma outra sala, ficando naquela somente Odin e Loki. Este adiantou-se e disse, enfeitando as suas palavras com novos trejeitos e palhaçadas:

- Ótimo, ótimo! Skadi irá escolher seu marido! - Tomou-a pela mão e a levou até uma outra sala, onde os deuses já estavam preparados. - Pronto, adorável Skadi: aqui estão todos, apenas esperando que você faça a sua escolha!

Os deuses estavam todos postados atrás de uma grande cortina escura, deixando à mostra apenas os pés.

- Que brincadeira é esta...? - disse a giganta, com uma grande risada, ao ver aquela fileira ridícula de pés à sua frente.

- Um destes pés será o seu marido! - disse Loki, com um ar divertido. -Não é um modo original de escolha?

Skadi parou um pouco para pensar, mas acabou chegando à seguinte conclusão: se Balder era o mais belo dos deuses, conseqüentemente seus pés haveriam de ser também os mais belos.

- Está bem, vamos logo a isto! - disse ela, numa voz um tanto pastosa.

Um a um, ela foi analisando aqueles divinos pés (os quais, verdade seja dita, nem por serem divinos deixavam também de ter as suas imperfeições). Depois de tê-los estudado, detidamente, apontou o par, que estava à esquerda, no fim da fila.

- São os pés mais lindos que já vi em minha vida! - exclamou ela, segura de que Balder era o dono deles.

- Podem descer a cortina! - ordenou Odin.

Assim que o pano caiu foram todos tomados pela mais grata surpresa, pois o escolhido fora Niord, um deus marítimo. Ele era pai de Freyr e Freya, deuses da fertilidade, e fora enviado com eles para Asgard, há muito tempo, para selaras pazes entre Aesires e Vanires, as duas estirpes divinas que viviam em guerra desde o começo dos tempos. Niord vivia sozinho em Noatun, o seu palácio situado nas profundezas do mar, desde que deixara a distante pátria dos Vanires.

Quanto a Skadi, a sua noiva e futura esposa, sentira-se ludibriada num primeiro momento, mas, depois de estudar um pouco melhor a situação, acabara por se consolar, afinal, com a escolha; Niord não era um deus nada feio e era rebente de um grande império marítimo. Mas, acima de tudo, era obrigada a admitir que seus pés eram verdadeiramente sensacionais!

- Quero que ande sempre descalço - dissera ela, impondo apenas esta pequena condição para aceitar o ajuste matrimonial.

- Claro, minha querida...! - exclamara um Niord vibrante de felicidade, pois sabia que seus dias de solidão oceânica estavam prestes a acabar.

O casamento realizou-se em Asgard e, logo em seguida, o casal partiu em lua-de-mel para o palácio marítimo de Niord.

Infelizmente, porém, os desentendimentos começaram já nos primeiros dias. E, não foi nem pelo fato de Skadi ter sido obrigada a fazer uma pequenina modificação nos seus hábitos respiratórios (afinal, respirar debaixo d'água o tempo todo, demora um pouco para se acostumar), mas por uma mera questão de gosto pessoal: Skadi, acostumada à terra, simplesmente, não conseguia adaptar-se a vida marítima.

Beleza havia de sobra por lá, é verdade; ela mesma era obrigada a reconhecer isto, quando observava a dança uniforme dos corais e liquens ao redor das carcaças dos navios vikings afundados. O palácio de Niord, todo recoberto por um tapete de húmus esverdeado, também era uma coisa fantástica de se ver. E, mesmo a sua vistosa corte, com bandos de peixes de todas as cores a nadar de lá para cá (tal como as nossas aves, embora mudos e com cara de bocós), não deixava de ser algo sumamente interessante. Mas, nem só de beleza podia viver uma pessoa, argumentava ela, já nas primeiras brigas que travara com seu esposo.

- Veja só o estado de minha pele...! - dissera ela, mostrando as mãos e o rosto enrugados de tanto estar debaixo d'água. - Pareço uma velha de cento e vinte anos!

E depois, aquela umidade constante pela casa, as roupas que nunca secavam, aquele eterno gosto de sal na boca - "estou me sentindo um pedaço de charque ambulante!", dizia ela, enojada de si mesma -, e, ludo isto, sem falar nos tubarões ferozes, que andavam soltos e sem coleira por toda parte, que horror!

De tudo isto, resultou que ambos resolveram tentar a vida na pátria de Skadi. Niord, é claro, não ficara muito entusiasmado com a mudança, mas, enfim, era o jeito. Menos de um mês depois, já estavam morando em Thrymheim.

No começo tudo correu bem, mas, logo, foi a vez de Niord se queixar.

- Que barulheira infernal! - disse ele, após perder o sono pela milésima vez. - Acostumado ao silêncio majestoso do oceano, quebrado apenas, de vez em quando, pelos gritos estridentes de um golfinho ou de uma baleia, agora era obrigado a suportar toda espécie de gritos, uivos, rugidos, zurros e uma infinidade de outros meios de expressão, que eram, positivamente, infernais.

- Meu deus, como podem agüentar esta zoeira permanente? - exclamava ele, à noite, ao escutar o alarido exasperante de um grilo, perdido na escuridão.

Desacostumado também ao vento, tomara-se de tal pavor por esta novidade atmosférica que, já no segundo dia, mandara lacrar todas as janelas da casa, receoso do famoso vento encaixado que sabia ser o terror da velhice sobre-aquática.

Além disso, havia ainda um outro sério inconveniente: acostumado a viver num estado de banho permanente, não podia suportar, nem por um segundo, aquela sensação angustiante de ter qualquer sujeira, por menor que fosse, aderida à pele. E o mau odor, então...! Bastava uma caminhada e, logo, estava todo suado e malcheiroso como um cavalo!

- Além do mais, não suporto insetos - dissera ele, ao pôr um ponto final em sua estada na terra de Skadi. - Prefiro um tubarão a um mosquito...!

Instalada a discórdia, ambos ainda tentaram consertar as coisas, fazendo com que cada qual passasse um determinado tempo em sua própria terra, e o restante juntos. Mas nem assim as coisas melhoraram, pois o curto período de tempo no qual eram obrigados a se violentar um na terra do outro, era longo o bastante para o ressurgir das desgastantes lutas conjugais.

Então, finalmente, o bom senso prevaleceu e ambos fizeram, de comum acordo, o que sempre se deve fazer em tais ocasiões: cada qual foi viver sozinho, mas em paz, em sua respectiva casa. Às vezes, até se visitavam para matar a saudade; mas antes que a primeira discussão ameaçasse realmente matá-la, retornavam, à toda pressa, cada qual para o seu doce lar.

A captura do lobo Fenris

Loki, o mais astucioso dos deuses nórdicos, era mestre na arte da dissimulação e dos disfarces, tendo conseguido transferi-la aos próprios filhos. Destes, os mais importantes são Iormungand, a serpente do mundo; Hel, a deusa infernal; e Fenris, o lobo gigante.

A princípio os três eram gigantes normais, mas logo tomaram as formas monstruosas que seu perverso pai determinara, pois todos haviam sido gerados com um único propósito: o de destruir os deuses, pondo fim ao seu domínio sobre o céu e a terra.

Odin, entretanto, previu tudo isto por meio de um oráculo das suas runas c resolveu dar, logo, caça a estes monstros, enquanto ainda eram crianças.

Sozinho, deu conta da serpente, lançando-a ao mar, onde ela cresceu de maneira tão desmedida que se tornou capaz de dar a volta ao mundo e morder a própria cauda. (Thor, mais adiante, tentou pescá-la, porém, sem sucesso.)

Hel, a sombria deusa da morte, foi lançada às regiões escuras e geladas do Niflheim. Com seu rosto metade claro e metade negro, tornou-se a autoridade maior do reino dos mortos. Mas, às escondidas, passou também a arregimentar um terrível exército espectral que seu pai Loki, haveria de comandar no dia da Ragnarok (o "Crepúsculo dos Deuses"), a grande conflagração final, que poria fim aos deuses e ao próprio mundo.

Já com o lobo Fenris, a história foi bem mais complicada, pois nenhuma outra criatura se mostrou tão arredia e perigosa aos deuses quanto este animal.

Tudo começou quando Odin chegou a Asgard conduzindo um pequeno animalzinho que, a princípio, não era maior do que um filhote de Ruskie. Com seus olhos oceanicamente azuis, encantou logo a todos na morada dos deuses, cm especial, às mulheres, que não cessavam o dia inteiro de acariciá-lo.

Fenris, no entanto, olhava sempre de lado para aquela raça inimiga e, desde o começo, deixou bem claro que não ia com a cara de ninguém por ali. Da cara feia, passou logo às dentadas e foram tantos os conflitos, que todos fugiam espavoridos do animal - o qual crescera de maneira tão prodigiosa, que, já nos primeiros dias, havia alcançado o tamanho de um leão avantajado.

Imediatamente, começaram a surgir queixas de todos os lados.

- Odin, onde é que você estava com a cabeça, ao trazer esta fera para dentro dos portões de Asgard? - disse um dia Frigga, sua esposa, que já contabilizava quatro mordidas pelo corpo (uma delas, num local bastante incômodo).

- Ora, um animalzinho tão dócil...! - disse Odin, tentando disfarçar o erro.

Mas, ele próprio sabia que a coisa não era bem assim, pois dentre todas as divindades parecia ser ele a presa mais visada, a ponto de não poder chegar perto do lobo sem que ele lhe arreganhasse as presas afiadas como punhais.

Afinal, a coisa evoluiu de tal modo, que a criação de Fenris foi entregue a Tyr, considerado o mais corajoso dos deuses.

- Deixem comigo - disse ele, tomando o lobo e o levando para casa.

Mas, nem mesmo o deus feroz foi capaz de amansar o seu gênio. Diversas vezes, escapulia e voltava a espalhar o terror entre os deuses até que Odin chegou à conclusão que deveriam prender o animal num local ermo e afastado de tudo.

- Do jeito que ele continua crescendo - disse Tyr, na reunião que decidiu o destino do lobo gigantesco -, logo ele será capaz de engolir Asgard inteira, numa única bocada.

Então, os deuses providenciaram uma corrente chamada Laeding, a mais forte que puderam encontrar. Seus elos de ferro tinham a espessura de uma coluna e seu cadeado fora forjado do mais puro aço.

- Desta, ele jamais escapará - disse Tyr, ao apresentar a magnífica corrente.

- Mas como o convenceremos a se deixar acorrentar? - disse Odin ao conselho.

- Simples - respondeu Tyr, socando os punhos (era um velho hábito seu) -, basta que lhe digamos que se trata de um desafio à sua extraordinária força. Sendo filho de quem é, não se furtará a um bom exibicionismo.

Odin, diante destes bons argumentos, resolveu arriscar.

***

Fenris era um lobo dotado de fala, mas não era de muita conversa, como já se pôde perceber. Na manhã seguinte, aceitou ser levado até um lugar muito distante de Asgard, a pretexto de um passeio. Odin aproximou-se, cautelosamente, e se pôs a tagarelar com o animal que permaneceu impassível, a observá-lo do alto com os olhos semi-cerrados. A

única coisa que se escutava de Fenris -que se convertera num monstruoso animal, mais alto que o maior dos palácios de Asgard -, era um grunhido sinistro, como se houvesse um monte de seixos rolando dentro da sua garganta.

- Fenris, você é um animal, verdadeiramente, grandioso! - disse o deus, tentando conquistar-lhe a confiança. - Na verdade, há um consenso unânime mire os deuses de que não há nenhuma outra criatura em todos os nove mundos que lhe exceda em tamanho e vigor. Por isto, decidimos propor-lhe um desafio.

Fenris virou-se para o lado e viu algo que parecia uma imensa centopéia negra, a rastejar, penosamente, pelo terreno acidentado do vale. Era Tyr e uma legião de ajudantes que traziam acima dos braços a imensa corrente estendida.

O ruído gorgolejante na garganta de Fenris redobrou de intensidade.

- O que acha desta corrente? - disse Odin, assim que os esbaforidos deuses haviam-na depositado diante de Fenris.

- Que tem ela? - respondeu, finalmente, o lobo numa voz que era mais um uivo medonho do que qualquer outra coisa.

- Que tal testar nela a sua força?

Fenris observou bem a pesadíssima corrente, alisando os elos com sua imensa pata esbranquiçada. "Barbadinha!", pensou.

- Podem amarrar-me nesta tira de sandálias - disse o lobo, com um ar de desdém.

Imediatamente, todos os deuses começaram a envolver o lobo - que se estirara ao comprido - nos elos da pesadíssima corrente. Vários cadeados foram afixados e, quando Fenris pareceu estar, finalmente, bem aprisionado, todos correram para longe.

- Muito bem, tente agora se libertar! - disse Odin, com um grito.

Fenris abriu uma bocarra enorme, tão escura, que se fez noite ao seu redor; em seguida, fingiu espreguiçar-se, estirando todos os seus musculosos membros. Um estrondo apocalíptico reboou pelo vale desolado, fazendo com que Iodos os deuses se agachassem - menos, é claro, Tyr, o mais valente deles.

Quando o lobo medonho fechou a boca, novamente, e a luz voltou a brilhar, percebeu-se, então, que da corrente só haviam restado os seus elos partidos, espalhados por todos os lados como anéis de chumbo que algum gigante houvesse espargido, por pirraça, para o alto.

"Brincadeira sem graça...!", pensou Fenris, pondo-se em pé, outra vez, pronto a fazer alguém pagar o preço do seu enfado.

Os deuses estiveram atônitos por um largo tempo até que Odin reassumiu o controle da situação.

- Muito bem, Fenris! - disse ele, aplaudindo o lobo. - Agora, vamos ver se você é mesmo o tal! - E virando-se para os companheiros, ordenou: - Vamos, tragam logo a outra...!

Por precaução, havia sido preparada uma outra corrente (que o ferreiro, autor dela, reputara como infinitamente mais sólida do que a primeira), a qual foi trazida ainda com mais lentidão do que a primeira, tal o seu peso descomunal.

- Que tal lhe parece? É Droma, a mais sólida corrente já feita. Será que esta você agüenta? - disse Odin, com um ligeiro tom de mofa na voz.

Um reboar sinistro sacudiu as entranhas do lobo, parecendo que ele guardava dentro de si um depósito de trovões. Aproximou-se da corrente, que parecia bem mais sólida do que a primeira, e a examinou atentamente. Seu poderoso focinho entrou em ação e começou a farejar, demoradamente, a corrente, tempo bastante para que seu cérebro pudesse identificar todos os metais que compunham a liga daquela espantosa cadeia. "Barbada!", pensou, porém, não tão seguro como da primeira vez.

- Podem amarrar-me nesta corda de enforcar! - disse ele, lambendo os beiços.

De novo, todos os deuses e seus ajudante entregaram-se à tarefa estafante de estender sobre o pêlo macio de Fenris os elos da cadeia gigantesca.

- Está pronto? - disse Odin, dando novo grito.

O lobo deu um grande latido, que derrubou uma montanha próxima.

- Pode começar! - disse o deus, disparando junto com os demais, à exceção, é claro, de Tyr, o mais destemido, que ficou a observar tudo quase ao lado do lobo, socando os punhos, como de hábito.

Desta vez, Fenris encontrou um pouco mais de dificuldade, pois não lhe bastou retesar, simplesmente, os músculos. Um sorriso de vitória desenhou-se nos lábios de Thor, o deus do trovão - que estava por perto, de martelo na mão, para alguma eventualidade -, bem como no semblante dos demais deuses.

Fenris rosnou e um latido de raiva cortou os ares. Então, começou a se debater e a lutar, verdadeiramente, contra a corrente, o que bastou para a despedaçar em poucos minutos. "Isto cansou-me um pouquinho!", pensou o lobo. "Mas alguém vai pagar!"

Frustrados, os deuses viram-se obrigados a abandonar o local do desafio e já estavam todos retornando, cabisbaixos, junto com o perigoso animal - que abanava alegremente a sua cauda, provocando um vendaval atrás de si - quando Skirnir, o fiel ajudante do deus Freyr, aproximou-se de Odin e lhe disse:

- Poderoso deus, permita que eu vá até a terra dos anões, ver se consigo arrumar com eles uma corrente verdadeiramente forte!

- Os anões...? - disse Odin, cocando a barba.

- Sim, não são eles os maiores ferreiros de todo o mundo? - ajuntou Skirnir, cheio de esperanças. - Com toda a certeza, serão capazes de forjar uma cadeia indestrutível, capaz de aprisionar Fenris ou qualquer outro ser tão forte quanto ele!

Odin aceitou a sugestão na mesma hora e propôs a Fenris passarem a noite ali mesmo, no aguardo do retorno de Skirnir, que ficaria encarregado de trazer, junto com outros homens, a tal corrente dos anões (não revelou, no entanto, quem seriam os seus artífices, pois temia que o lobo desistisse do desafio quando soubesse). Todos os demais retornaram junto com Odin, pois desconfiavam, naturalmente, do mau gênio do lobo.

Aquela, com certeza, não foi a noite mais agradável que os deuses passaram neste mundo.

***

Skirnir fora até Svartalfheim, a terra dos anões, situada nas profundezas da terra. Montado no cavalo de Odin, o mais veloz do universo, ele lá chegara ainda antes do anoitecer. Encontrou os anões atarefados, como de hábito, e explicou o caso, misturando sua voz ao ruído dos martelos e dos foles, que rugiam sem parar.

- Realmente, é um caso bem difícil - disse um dos anões, retirando o gorro e dando uma valente cocada na cabeça.

Estas duas coisas reunidas, para um perito cm anões, queriam dizer simplesmente: "Está bem, faremos o que pede, mas o preço serão alguns bons barris repletos de ouro!"

Skirnir, usando das mesmas metáforas consagradas pelo uso, respondeu:

- A coisa está preta pra todo mundo, mas veremos o que se pode fazer... - o que significava mais ou menos isto: "Está bem, seu tratante, nós temos urgência do serviço e, só por isso, iremos pagar o seu preço!"

Os anões largaram, então, tudo o que estavam fazendo e se puseram a confabular secretamente. O líder deles destacou, logo, meia dúzia de colegas para que fossem procurar os artigos necessários para a confecção da corrente. Skirnir, por sua vez, sentou-se num local afastado e ficou a observar a atividade dos pequenos seres.

- Eles custarão a retornar? - disse ao anão-chefe.

- Depende... agora é noite e como está muito escuro... - (ou seja, "Ponha mais um barrilzinho aí!")

Skirnir balançou a cabeça:

- Sim, mas haverão de encontrar... - (ou seja, "Só mais um, miserável!")

Parece que os anões andarilhos haviam escutado a conversa, pois retornaram, rapidamente, trazendo cada qual um artigo mais insólito que o outro: o primeiro trouxe o som das passadas de um gato; o segundo, os fios da barba de uma mulher; o terceiro, as

raízes de uma montanha; o quarto, os tendões de um urso; o quinto, o hálito de um peixe; e, finalmente, o sexto, o cuspo de uma ave.

Eram estes os ingredientes principais da corrente que se chamou Gleipnir, embora algumas versões apócrifas ainda incluam muitos outros elementos dificílimos de encontrar, tais como a luz dos olhos de um cego, as solas dos sapatos de um pé de página, a piedade de uma beata, as promessas generosas de um fala-mansa - e uma dezena de outras quimeras, as quais somente a astúcia gigantesca dos anões é capaz de encontrar.

Imediatamente, entregaram-se todos à confecção da corrente, usando da arte e da magia, pois só a arte não bastaria para fazer uma corrente absolutamente indestrutível. Antes do dia amanhecer, ela estava pronta e foi apresentada a Skirnir, que já roía as unhas de apreensão pela demora.

- Aqui está Gleipnir, a nossa obra-prima! - disse o anão-chefe, coberto de suor, mas com o semblante iluminado de quem fez algo de que pode se orgulhar.

Skirnir tomou-a nas mãos; ela estava toda enrolada e, apesar disso, não pesava mais que a boa-fé de um cínico.

- Isto é um deboche? - perguntou Skirnir, indignado por aquilo que lhe parecia uma reles pilhéria de anão. - Um punhado de algodão pesa mais do que isto!

- Tente quebrá-la, então - disse o anão, estendendo-lhe um machado.

Skirnir desceu o gume afiado sobre o fio estendido - que tinha a textura da mais fina das sedas - e o resultado é que o machado partiu-se em duas partes.

- Bem... não me parece inteiramente mau, afinal... - disse Skirnir, querendo dizer: "Nossa, que preciosidade! Passem logo para cá!"

- Esperamos que não o tenha decepcionado inteiramente - disse o anão-chefe, ou seja, "Aí está, bobão, mas não esqueça dos nossos ricos barrilzinhos!"

Skirnir agarrou a corrente, montou em Sleipnir e partiu a todo galope rumo ao local onde deixara os deuses às voltas com o perigosíssimo lobo.

***

Odin não acordou muito cedo aquela manhã - simplesmente porque não dormira um minuto sequer. Desde os primeiros sinais da aurora, o deus vasculhava já a risca do horizonte com seu único olho em busca do criado de Freyr. Aos poucos, os demais deuses foram erguendo-se, enregelados, e começaram a expulsar a neve que cobria seus mantos.

- Será que Skirnir conseguiu? - disse Freyr, aproximando-se de Odin.

Mas antes que o deus pudesse responder, o lobo gigante deu, novamente, um de seus bocejos colossais, quase trazendo de volta as trevas da noite.

- Onde está o pigmeu que foi atrás dos anões? - disse o lobo, impaciente. - Quero cair fora logo daqui!

De repente, porém, Odin exclamou, aliviado:

- Vejam... aquele pontinho distante... bem lá ao fundo... é Sleipnir!

Todas as cabeças voltaram-se, instantaneamente, naquela direção.

- Aond...

- Aqui está a amarra! - disse Skirnir, apeando já do cavalo. (Aquele cavalo era realmente rápido!)

Odin tomou nas mãos o carretel que trazia enrolada a corda. Um ar de frustração lançou uma sombra em seu rosto.

- Não se preocupe, deus poderoso - disse Skirnir, ao ouvido de Odin. Eu já a testei e corrente alguma seria capaz de igualá-la.

Odin olhou para os demais deuses em busca de uma opinião, mas foi Freyr, o patrão de Skirnir, quem o tranqüilizou:

- Pode confiar no que ele diz e, ainda mais, na arte dos anões.

Sem mais conversas, dirigiram-se, então, até onde Fenris estava sentado.

- Vamos terminar com isto de uma vez - disse Odin ao pavoroso lobo.

Fenris, no entanto, pareceu extraordinariamente curioso com aquela cordinha mixuruca que haviam trazido.

- É alguma piada sem graça daqueles tatus das cavernas? - disse ele, repetindo a incredulidade de Skirnir.

- Oh, não! - disse Odin. - É uma corda muito sólida. Ao menos foi o que garantiram os tatus... digo, os anões.

Odin fazia um esforço para se mostrar quase tão incrédulo quanto o lobo, para que ele não desconfiasse de nada. Fenris dilatou o focinhão e farejou logo a perfídia no ar.

Os deuses já estavam desenleando o fio, sem dar muito tempo ao lobo de raciocinar. Mas este correu logo até o carretel e começou outra vez a farejar a corda que o envolveria. "Aqui tem coisa!", pensou. Cheirou, cheirou e já estava disposto a ceder, sem qualquer condição, quando identificou de repente um odor traiçoeiro na comprida corda (a lenda não especifica qual teria sido, mas podemos, perfeitamente, imaginar que fossem as "passadas do gato" ou as tais "promessas generosas de um fala-mansa").

Fenris, então, assaltado pela dúvida, viu travar-se dentro de si uma tremenda batalha entre a Vaidade e a Precaução: ambas, iradas, atiraram-se uma sobre a outra,

com um fúria verdadeiramente diabólica. Ao final do combate, a Vaidade havia triunfado; porém, a Precaução, ainda que toda arranhada, ganhou um prêmio de consolação:

- Muito bem, vamos a isto! - disse o lobo, inteiriçando-se. - Mas, desta vez, imporei uma condição.

Os deuses entreolharam-se, desagradados.

- Condição? - disse Odin, cerrando o único olho. - Que condição?

- Quero que algum de vocês mantenha uma das mãos dentro da minha boca durante toda a operação.

- A troco do quê?... - disse Thor, adiantando-se.

- Se estiverem tramando uma maldita armadilha para cima de mim (como realmente parece que estão!) - disse o lobo, exibindo as presas -, saberei vingar-me na mesma hora!

Um silêncio opressivo desceu sobre o vale. Mais uma vez, a velha história do gato e do guizo repetia-se (ou se antevia): quem colocaria a mão na boca do lobo?

Todos eles eram deuses amantíssimos da coragem, mas a precaução (convieram, então, unanimemente), também era uma bela coisa. Cada qual procurou, assim, uma desculpa para se esquivar: Odin alegou que já perdera um olho e que perder uma mão também já seria demais; Thor alegou que sem a mão não poderia arremessar seu martelo (ninguém ousou levantar a constrangedora objeção de que possuía outra mão); Freyr disse que suas mãos eram o complemento necessário uma da outra e que, por isso mesmo, não podia prescindir de nenhuma das duas (argumento, evidentemente, pífio, mas que externou de maneira tão obscura, que ninguém chegou sequer a entendê-lo).

E, assim, todos os demais foram se esquivando como puderam até que, finalmente, o deus Tyr, enojado com tanta covardia - nojo que expressou apenas pelo seu gesto -, adiantou-se e exclamou:

- Está bem, eu coloco a mão na boca do lobo...!

Um silêncio aliviado desceu sobre o vale. Sem dizer mais nada, os demais recomeçaram a difícil operação.

Derrubaram grandes árvores que, depois de desbastadas, serviram de estacas para firmar os membros atados do animal. Dezenas de vezes, o fio sedoso, mas ultra-resistente, cruzou os membros de Fenris até imobilizá-lo completamente. O mais difícil foi fazer tudo isto sem que o lobo cerrasse suas poderosas mandíbulas sobre a mão de Tyr. O deus audaz, entretanto, permanecia impassível como um verdadeiro mártir do destemor, sentindo sua mão encharcada da saliva que gotejava de maneira incessante dos dentes da fera.

- Está terminado! - exclamou Odin, depois de muito tempo.

De fato, tudo estava firmemente amarrado - até a cauda peluda, que por si só poderia arremessar à distância um exército inteiro de deuses.

Então, Fenris começou a se debater, pois sabia que aquela cordinha, aparentemente frágil, escondia uma artimanha divina. A terra inteira sacudiu-se com os sacolejões que o animal dava para se ver livre das terríveis amarras. Foi um milagre que não só a mão, mas o corpo inteiro de Tyr, não tivesse sido engolida nestes arremessos. Durante quase o dia inteiro, o lobo descomunal lutou para se libertar de suas cadeias, porém, sem sucesso. Quando, finalmente, convenceu se que caíra mesmo numa solerte armadilha, deu um grande rosnado - pois em momento algum desprendera os dentes do pulso de Tyr - e cerrou com toda a força as presas sobre ele.

O valente Tyr, diga-se em sua honra, não despediu um grito sequer, embora suas feições tenham adquirido a cor terrosa dos mortos. Quando ele retirou o toco do punho - sua mão já estava para sempre na goela do monstro -, um jato de sangue tingiu o pêlo de Fenris e é por isto que ele passou a ter uma grande mancha vermelha pintada no dorso.

Mas, embora a vingança, nem assim Fenris sossegou, começando, em seguida, a latir com tal intensidade que os deuses se viram obrigados a levá-lo -sempre amarrado - para uma gruta profunda debaixo da terra. Ali, o próprio Tyr colocou sua espada entre os dentes do lobo, fazendo assim a sua própria vingança.

- Mastigue isto, agora! - disse ele, dando em seguida as costas, junto com os demais.

Fenris, o temível lobo, ficaria acorrentado desta maneira ainda por muitos e muitos anos, até que chegasse o dia da grande conflagração final entre os deuses e seus inimigos. Quando, liberto de suas cadeias, enfrentaria o próprio Odin num duelo mortal.

O roubo do hidromel marcador

Hidromel, a bebida dos deuses, teve uma origem um tanto curiosa. Segundo a lenda, tudo começou com Kvasir, um deus obscuro, cuja personalidade e atributos perderam-se nas brumas do tempo. Sabe-se, apenas, que nasceu de uma forma um tanto extravagante, quando Aesires e Vanires, deuses adversários, fizeram uma trégua em sua disputa e se reuniram para selar um pacto de paz. Cada qual, nesta ocasião, cuspiu dentro de um vaso cerimonial e, da reunião de todas as salivas, surgiu Kvasir.

Este deus, contudo, acabou morto por dois anões chamados Fialar e Galar, que cobiçavam a sua sabedoria, seu atributo principal. Durante a noite, enquanto dormia, o deus foi apunhalado pelos dois perversos irmãos, tendo seu sangue sido recolhido por eles e colocado num caldeirão. Depois, tão logo chegaram em rasa, misturaram-no a uma porção de mel e o fermentaram até obter o saboroso hidromel, bebida mágica que confere o dom da poesia a todo aquele que a bebe.

Durante muitos anos, os dois perversos anões gozaram das delícias desta bebida, a qual, infelizmente, se tivera o dom de torná-los poetas, não tivera o de torná-los melhores, pois continuaram a cometer, alegremente, as suas torpezas até que numa delas, mataram, por um motivo incerto, um casal de gigantes. Suttung, o filho destes, entretanto, descobriu os autores do crime e foi logo tirar satisfações, exigiu, sob pena de morte, que lhe entregassem, como reparação, o precioso caldeirão, o que eles tiveram o juízo de fazer sem pestanejar. Desde então, foi o gigante quem passou a saborear este néctar - e podemos, perfeitamente, imaginar que lenha se tornado também, senão um grande poeta, ao menos um poeta grande.

Ora, estando Indo entendido, é preciso dizer, agora, que este gigante tinha uma bela filha chamada Gunnlod. Era ela a guardiã do caldeirão, passando o dia e a noite inteiros a cozinhar e a provar a aromática bebida - o que, por conseqüência, deve tê-la tornado a maior poetisa de todos os tempos. Todos os dias seu pai, Suttung, passava pela caverna, onde Gunnlod morava para provar um pouco do hidromel.

- Ó linda guardiã do hidromel, isto está cada dia mais delicioso! - dizia ele, dando um beijo na filha e saindo, em seguida, para os seus afazeres.

Era este o melhor momento do dia, quando Gunnlod tinha a consciência de estar livre das companhias indesejadas, tendo pela frente apenas o seu delicioso ofício, o qual exercia na mais perfeita solidão das profundezas de sua caverna -um magnífico salão recoberto de estalactites vermelhos e iluminado por tochas e quartzos que esplendiam por todas as concavidades como milhares de vaga-lumes prateados engastados nas rochas. Esta sensação enchia a jovem de tamanha alegria, que ela se punha, imediatamente, a pular descalça, feito uma menina, pelos corredores e salões de pedra de seu paraíso subterrâneo, sabendo que estava livre dos problemas relesmente mundanos que afligiam ao povo da superfície.

Esta afeição de Gunnlod por subterrâneos - que destoava um pouco da sua condição de giganta - levava, muitas vezes, o pai a chamá-la, afetuosamente, de minha duendezinha. Isto, contudo, ao invés de aborrecê-la, a enchia ainda mais de orgulho: - Tenho, realmente, a alma de um duende! - dizia sempre, satisfeita.

***

Por esta época, entretanto, já andava pelo mundo um deus, ainda muito jovem, mas que já era sábio e dinâmico o bastante para ter criado muitas coisas. Seu nome era Odin e poucos desconheciam o seu poder e inteligência. Por muito tempo, intrigara-o o caso do infeliz deus Kvasir, morto pelos anões. Todos, em Asgard, sabiam da tragédia e a grande especulação estava voltada para o fato de se saber onde andaria o tal caldeirão do hidromel, pois todos queriam provar desta maravilhosa bebida.

- Odin, somente você poderá nos trazer este deleite supremo! - diziam-lhe todos, confiando no seu gênio e na sua capacidade de conseguir o que queria.

Depois de tanto ser aborrecido com esta história, Odin decidiu-se, afinal, a ir procurar pela tal bebida. O deus seguiu a pista dos anões e, após havê-los encontrado, conseguira arrancar deles a história dos seus crimes.

- Onde está o hidromel, vermezinhos? - disse ele, ameaçando-os com uma terrível punição.

Os anões confessaram que Suttung, o filho dos mortos, havia-o levado, o que bastou para Odin dar-lhes as costas e os deixar chacoalhando os joelhos em cima de duas pequenas poças amarelas. O deus dirigiu-se, imediatamente, para as terras de Suttung. Já ia a meio do caminho, quando passou por um campo onde havia nove homens ceifando. Eram os lavradores de Baugi, o irmão de Suttung. Odin percebeu, logo, que as foices que eles usavam estavam completamente cegas.

- Ei, campônios, não querem amolar as suas foices? - disse ele, com um grito.

- Oh, sim! claro que queremos! - responderam, aliviados.

Odin não levou muito tempo para torná-las tão afiadas como eram no dia em que saíram da forja, graças à sua afiadíssima pedra de amolar.

- Esta sua pedra é mágica! Dê-a para nós! - exclamou um deles.

- Claro, aqui está - disse Odin, lançando-a para eles.

Imediatamente, todos se precipitaram para apanhá-la. Na confusão, entretanto, foram com tanta gana à pedra, que se engalfinharam numa briga tremenda, terminando todos estendidos no solo com as gargantas cortadas.

- Oh, deuses, que lástima! - disse Baugi, o senhor dos nove servos mortos.

- Não se aflija - disse Odin, adiantando-se. - Terminarei o serviço deles em troca, apenas, de uma deliciosa taça de hidromel.

- Quem é você, afinal, homem da pedra que mata? - disse Baugi, intrigado.

- Meu nome é Bolverk - respondeu Odin, começando a ceifar o campo.

(Bolverk quer dizer "perverso", mas Baugi não foi atilado o bastante para se dar conta do perigo.)

- Infelizmente, o caldeirão onde ferve o hidromel está sob o controle do meu irmão - disse Baugi, cocando a cabeça -, mas vou falar com ele e ver se consigo arranjar-lhe uma taça.

- Faça isto, meu amigo - disse Odin, de cabeça baixa e afetando indiferença.

Odin ceifou todo o campo - o que lhe custou um bocado de tempo - até que, finalmente, concluiu sua tarefa. Infelizmente, Baugi não conseguira nada com o irmão, que não queria ceder nem um único gole da preciosa bebida.

Odin e Baugi decidiram, então, recorrer à astúcia para que o primeiro pudesse se apoderar do seu justo prêmio.

- Mas me prometa que se servirá somente de uma pequena taça! - disse Maugi ao colega, que prometeu, prontamente, com um sorriso oculto nos lábios.

***

O irmão de Suttung conduziu Odin pelas regiões elevadas onde ficava a caverna de Gunnlod, a guardiã do hidromel. Era uma grande cordilheira que eles percorreram a custo até chegar ao seu objetivo, quase ao final do dia.

- É aqui, ceifador incansável - disse Baugi, apontando para uma pequena entrada escavada na rocha bruta. - No mesmo instante, começaram ambos a escavar com picaretas, pois a entrada estava bloqueada por um rochedo, que somente Gunnlod, de dentro, podia remover por um mecanismo especial. Depois de terem atravessado um paredão inteiro e muitos túneis, chegaram, afinal, à gruta subterrânea onde Gunnlod se refugiava.

- Agora, você segue sozinho - disse-lhe Baugi, temeroso de ser descoberto.

- Está bem, dono dos nove servos - disse Odin, sem nem lhe agradecer, pois o perfume inebriante da bebida já começava a lhe transtornar os sentidos. -Odin foi avançando até que sua cabeça brotou do alto por uma fenda, o que lhe possibilitou descortinar um panorama, verdadeiramente deslumbrante: a grande gruta do caldeirão, com seus estalactites vermelhos e as tochas a reverberar pelas paredes faiscantes. Bem ao centro, estava o caldeirão fumegando, embora a guardiã estivesse ausente.

"É agora a grande chance!", pensou o jovem deus, começando a descer pelo paredão com a agilidade de um verdadeiro alpinista. Infelizmente, porém, quando recém havia posto o primeiro pé no chão, teve a desagradável - ou seria agradável? - surpresa de ver surgir Gunnlod por uma entrada lateral.

- Oh, quem é você, escalador de paredes? - gritou ela, fazendo sua voz ecoar pelos paredões escarpados.

- Nada tema, bela jovem - disse Odin, aproximando-se. - Só quero provar um pouco de sua divina bebida.

Gunnlod sentiu-se, instantaneamente, atraída por aquele belo e esbelto intruso. Mas a sua missão de guardiã falou mais alto e ela, como que despertando de um transe, empertigou-se toda. Na sua mão direita havia um arco com uma flecha pronta para o disparo.

- Não acha que eu mereço ao menos um gole pela façanha de devassar o seu belo esconderijo? - disse ele, com um sorriso maroto.

- Fora daqui - gritou ela -, e não vou repetir duas vezes.

- Calma, bela guardiã; na verdade, estou aqui apenas para receber o pagamento por um trabalho feito a seu tio e, por extensão, a seu pai egoísta.

- Como ousa?...

- Sim, egoísta, pois trabalhei para seu tio pelo preço de uma taça de hidromel e, agora, o pérfido Suttung não quer cumprir a sua parte.

- Modere a sua língua, invasor de cavernas!

- Acalmemo-nos, bela Gunnlod - disse, então, Odin, dando um tom conciliatório à sua voz. - Se não quer me dar a bebida, pronto, não dê!... Não pretendo forçá-la a nada. - Odin avançou ainda mais e estava já a ponto de encostar seu peito ao dela, quando Gunnlod ergueu de novo a sua seta. Mas a mão dele a impediu, suavemente, de realizar o disparo. - Já não lhe disse que não vou obrigá-la a nada? - disse ele, enfatizando a última palavra.

Os dois ficaram olhando-se durante um bom tempo, até que Odin colou os seus lábios aos de Gunnlod. O aroma do caldeirão envolvia a ambos numa fumaça avermelhada que dissipou qualquer resistência que pudesse haver no coração da jovem guardiã que, em momento algum, teve consciência do seu fracasso, senão, de que algo, infinitamente mais belo que uma simples missão apresentara-se em sua vida.

Depois de muito tempo, Odin, tendo ainda a jovem em seus braços - mas já deitados -, reclamou que tinha muita sede.

- Deixe-me provar do hidromel - disse ele, com suavidade.

- Está bem, pode beber... - disse ela, preferindo, no entanto, dar as costas ao amado para não presenciar a derrocada final da sua missão. Mas, subitamente, sentiu sua voz repetir a autorização, agora, como se não fosse dela, com uma sombra estranha de euforia na voz: - Pode beber à vontade..A

Odin encontrou três enormes taças e as encheu a ponto de esvaziar completamente o caldeirão. Depois, emborcou-as pela boca como quem estivesse há iliv. anos sem beber uma única gota. Quando retornou para se despedir, percebeu, no entanto, que Gunnlod dormia.

- Adeus, guardiã do meu coração! - disse ele, baixinho, retirando-se com a mesma discrição com a qual entrara.

Mas ela não estivera nunca dormindo, nem nunca diriam dela que fora enganada. Desta acusação, que ela julgava a pior, ela fazia questão de estar livre.

- Nada se fez sem a minha autorização - disse ela, como se já estivesse diante de seu pai irado. Gunnlod sabia, desde já, que nunca mais poderia ser a guardiã do caldeirão ou de qualquer outra coisa neste mundo.

- Ora, basta! - exclamou ela, tornando-se repentinamente altiva e serena outra vez. - Serei, então, doravante, a guardiã de mim mesma!

***

Odin partiu à toda pressa, mas quando percebeu que Suttung vinha atrás dele transformado em uma águia sedenta de sangue - como ele descobrira o seu plano, jamais ficaria sabendo -, transformou-se também em outra velocíssima águia.

Principiou-se, então, uma perseguição alucinante pelos ares gelados da cordilheira que se estendeu por milhares de quilômetros até que, finalmente, viu brilhar ao longe as torres douradas de seu amado palácio Gladsheim, em Asgard.

Odin deu um grande grito de alerta, o que fez com que todos os habitantes da morada dos deuses corressem, logo, a espalhar pipas enormes e jarros de todos os feitios pelas ruas. Então, Odin-águia começou a regurgitar todo o hidromel que havia ingerido na caverna de Gunnlod sobre os recipientes, de tal sorte que em três voltas inteiras que deu sobre a cidade havia expelido de seu estômago até a última gota da saborosa bebida. Suttung, ao ver que os deuses recolhiam rapidamente os jarros e cubas, reconheceu-se vencido e, com um grande grito de ira, partiu de volta à sua terra.

E foi assim que, graças a uma sedução e a um traiçoeiro furto, o hidromel passou a ser a bebida predileta dos deuses.

Thor e a serpente do mundo

Aegir, tal como Niord, era um dos deuses do mar. Era casado com sua irmã Ran, considerada a deusa da morte porque tinha o costume de envolver os navegadores vikings em sua rede e os arrastar para as pi oi lindezas do mar.

Apesar disso, o palácio submarino onde este casal morava não era, nem de longe, um lugar desagradável: ali ocorriam grandes banquetes regados a muito hidromel, pois o deus tinha em seu palácio um grande caldeirão repleto deste saboroso néctar. Os convidados de Aegir (um eufemismo - ou "kenning" - para designar os afogados) ficavam refestelados em confortáveis divas sob os cuidados da generosa divindade. Particularmente bem-vindos, eram os suicidas que se lançavam ao mar carregados de ouro, sendo muito bem recebidos pelo casal neste úmido local de idílio. Aegir e sua esposa, Ran, estavam, então, desfrutando das delícias de seu palácio quando viram chegar apressados os deuses Thor e Tyr.

- Bom dia, asgardianos! - disse Aegir alegremente. - O que os traz, a minha morada?

- Acabou-se o hidromel em Asgard - disse Thor, com o ar preocupado. - Odin, deus soberano, pede que lhe remeta o máximo que puder de sua produção.

- Mas vocês são muitos - argumentou o deus do mar -, meu pequeno caldeirão não será capaz de produzir quantidade suficiente nem para a metade dos deuses.

- Ora, isto não é problema! - exclamou Tyr, o deus de uma só mão. - O gigante Hymir possui um imenso caldeirão em sua casa.

- Então, vamos já para lá! - disse Thor, que não era de muita conversa.

A distância era longa, mas Thor trouxera a sua carruagem e, logo, chegaram à perigosa terra dos gigantes.

- É aqui - disse Tyr, apontando o único indicador para unia casa enorme.

Thor e Tyr apresentaram-se, mas ficaram frustrados ao descobrir que Hymir não se encontrava em casa. Em compensação, sua avó lá estava, a qual tratou de recebê-los, amavelmente, com suas novecentas cabeças. Sua filha também estava ali, embora, não se diga, em parte alguma, quantas cabeças tivesse.

Dali a instantes, chegou Hymir, que parecia não estar lá muito bem-humorado, pois seu olhar fez com que todas as traves da casa rachassem.

- Papai, há quanto tempo! - disse Tyr, tentando melhorar o seu humor.

- O que querem aqui? - disse ele, dando uma mirada feroz na direção do matador de gigantes, alcunha pela qual Thor era famoso em todo o mundo.

Tyr tratou, então, de acalmar o pai com o resumo das novidades e o fez com tanto talento que ele, aos poucos, foi se acalmando, a ponto de oferecer, no final, um jantar aos visitantes. Três bois foram mortos para tanto, dois dos quais Thor encarregou-se de comer sozinho. A avó de Hymir, entretanto, apesar de suas novecentas bocas, comeu muito pouco, pois, segundo ela mesma disse: "tenho novecentas cabeças e não novecentos estômagos".

- Que tal uma pescaria amanhã? - disse o gigante, de repente, a Thor.

Este, pego de surpresa, aceitou o convite. Na manhã seguinte, bem cedo, estavam ambos prestes a embarcar, quando Thor percebeu que havia esquecido a isca. Sem pestanejar, ele correu até o local onde estava o rebanho do gigante e cortou fora a cabeça de um dos bois. Parece que o deus levantara-se de mau humor, ou então, não estava mesmo a fim da tal pescaria.

O fato é que ambos embarcaram no bote e seguiram rumo ao mar aberto. À distância, porém, a visão parecia um tanto estranha, dando a impressão de que aquele era o primeiro bote com mastro no mundo, tal a diferença de estatura que havia entre Thor e o gigante.

- Aqui, está bom - disse Hymir, lançando a sua linha assim que haviam cruzado a linha da rebentação.

Mas Thor achava que estavam ainda muito perto da costa. - Vamos além!... Afinal, não vim aqui para pescar mariscos! - disse ele, enganchando a cabeça do boi no anzol.

- Não é aconselhável - disse Hymir, ficando branco de medo. - Mais para o fundo, podemos dar de cara com a Serpente do Mundo.

Também chamada de Iormungand, era ela um dos filhos de Loki, o deus sinistro. Quando pequena, fora lançada ao mar por Odin e ali crescera tanto, que seu corpo escamoso chegou a fazer a volta ao mundo.

- Tanto melhor se a encontrarmos - disse Thor, que sonhava um dia derrotá-la em feroz combate.

O bote avançou, cavalgando as ondas que se tornavam de minuto a minuto mais encorpadas, fazendo com que o bote oscilasse perigosamente.

- V-vamos voltar...! - gaguejou Hymir, vítima de um mau pressentimento.

- Vamos mais além! - esbravejou Thor, que estava realmente disposto a se confrontar com a temível serpente.

Dali a instantes, dito e feito: um grande puxão esticou o anzol de Thor, deixando-o reto como uma finíssima lança

- Mãe dos gigantes! - exclamou Hymir, sentindo que nenhum outro ser poderia fazer aquilo. - Vamos embora, deus louco!

- Calado! - disse Thor, retesando as pernas dentro do bote. - Se não pode ajudar, também não atrapalhe!

De repente, a serpente gigantesca surgiu num salto inesperado, sacudindo a cabeça na tentativa agoniada de se desvencilhar daquele incômodo fio dental. Seus olhos amarelos chispavam, enquanto sua língua fendida cuspia sangue com seu pestífero veneno.

- Louco, desista disto! - gritou o gigante ainda uma vez. - Mas Thor não eslava disposto a perder esta oportunidade única de pescar Iormungand, o terror dos mares. - Chegue para o lado, covarde...! - disse o deus, irritado com as choraminguices de Hymir.

Então, a serpente enrodilhou-se numas rochas - pois, a esta altura, já havia arrastado a pequena embarcação de volta à costa - e puxava o anzol com toda a força, o que só lhe servia para fazer aumentar a dor na mandíbula. Thor, por sua vez, retesara ainda mais os músculos das pernas, com o corpo todo inclinado para irás, de modo que tínhamos um cabo-de-guerra em pleno mar.

De repente, o gigante escutou um grande estalo vir do seu lado. Ao se voltar para Thor, percebeu que seus pés haviam rompido o fundo do bote e, agora, com ambos enterrados na areia, abaixo da linha d'água, forcejava ainda mais pura puxar a besta feroz. A vitória pendia cada vez mais para o lado do deus, que conseguiu trazer a grande cabeça verde e ovalada de Iormungand quase até ele.

Frente a frente, o deus e a serpente encararam-se por alguns instantes e, quando Thor estava prestes a se lançar à garganta da fera, sentiu que a corda, bruscamente, rompera-se. Lançado para a frente, só teve tempo de ver a Serpente do Mundo afastar-se mar afora com um grande urro de dor. Ao seu lado estava Hymir com a machadinha que usara para cortar a linha do anzol.

- Imbecil! - gritou Thor, no último limite da fúria. - Veja só o que fez! Thor ficou tão furioso com o gigante que o lançou borda afora, despedaçou o barco e voltou a pé para casa, andando pelo fundo do mar para se acalmar.

A caminhada, com efeito, ajudou Thor a se acalmar e, quando chegou em casa, já estava quase sereno. Hymir chegou bem depois, todo molhado e trazendo duas baleias, que ainda conseguira pescar depois do desastre. Isto foi o bastante para terminar de aplacar a ira de Thor, que somente diante de um bom prato se arrefecia completamente. Quando o deus terminou de comer, Hymir resolveu fazer uma brincadeira para descontrair:

- Vamos, quebre, agora, a sua caneca de encontro a qualquer coisa!

Thor arremessou o utensílio contra a parede e nada. Depois, lançou-a contra tudo quanto foi objeto e também nada obteve.

- Arremesse-a agora em minha testa! - disse Hymir, apontando para o local.

Thor fez o que o gigante mandou - pois ainda tinha dentro de si um resto de mágoa pelo fracasso na pescaria - e, para sua surpresa, viu a caneca partir-se em vários pedaços. - Muito bem! - exclamou o gigante. - Agora, podem levar o caldeirão que vieram buscar.

Finalmente, falava-se no objeto da busca dos dois deuses...!

Primeiro, Tyr tentou erguer o imenso utensílio, mas foi em vão. Thor, por sua vez, teve de usar toda a sua força para fazê-lo, mas enquanto o fazia, viu surgir do nada uma legião de gigantes, que o traiçoeiro Hymir havia ajuntado no caminho para matar o detestado hóspede. Iniciou-se, assim, um combate feroz, que terminou com a morte de todos os gigantes - incluindo o imprudente Hymir, que ousara reacender a ira quase apagada do irritadiço deus.

E foi assim que Thor e Tyr retornaram para o palácio de Aegir, o deus do mar, levando o caldeirão que lhe possibilitou fermentar o hidromel para os deuses.

O gigante Hrungnir

Hrungnir, era um gigante que tinha o coração e a cabeça feitos de pedra e que defendia o corpo com um poderoso escudo feito do mesmo material. Este gigante tinha um cavalo muito veloz, chamado Gullfaxi. Certa feita, o deus Odin, inimigo declarado daquela raça, resolveu fazer uma aposta ao passar em frente do castelo de Hrungnir:

- Montado em Sleipnir, o cavalo mais veloz do universo, posso vencê-lo com uma perna nas costas! - disse ele, com uma grande risada. (E, certamente, poderia fazê-lo, já que Sleipnir tinha oito patas.)

- Vale o que, nanico? - gritou Hrungnir, do alto das suas torres.

- Ora, a minha própria cabeça...! - disse Odin, desprezando a prudência.

O gigante, afrontado, não pensou duas vezes e montando num salto Gullfaxi, o cavalo de crinas douradas, lançou-se com Odin numa corrida veloz.

Foi uma bela disputa, mas à certa altura, Odin, percebendo que poderia perder a aposta, resolveu desviar o rumo para Asgard, a morada dos deuses. - Abram os portões! - disse ele a Heimdall, o eficiente guardião da cidade.

O porteiro assim o fez e, quando Hrungnir percebeu a cilada em que estava se metendo - visto que seria imprudência ainda maior meter-se na cidadela dos deuses -, puxou as rédeas de seu cavalo; mas tamanha era a sua ira que resolveu, mesmo assim, ir enfrentar os deuses em sua própria casa.

- Fui enganado por este farsante! - exclamou ele, após cruzar Bifrost, a ponte do arco-íris que dava acesso a Asgard.

Odin, reconhecendo a sua pouca lealdade, resolveu reconsiderar.

- Está bem, peço-lhe desculpas. Venha jantar conosco e tudo estará esquecido.

Hrungnir reuniu-se aos demais deuses no salão dos banquetes. A princípio, desconfiado, mas foi relaxando à medida que ingeria quantidades fantásticas de hidromel.

Bebida boa taí...! - exclamava ele a cada gole monstruoso.

Os outros deuses acompanhavam o seu progressivo descontrair até que a própria e singela descontração começou a ceder lugar à perigosa jactância.

- Tudo isto é muito belo - dizia ele, fazendo um semi-círculo com a taça transbordante de líquido -, mas, um dia, serei obrigado a botar tudo ao chão!

Um silêncio constrangido desceu sobre os ouvintes, o que o imprudente gigante entendeu apenas como uma autorização para que prosseguisse nas suas bazófias. - Sim, pois não tarda a grande batalha da Ragnarok, quando os gigantes, liderados por mim, finalmente, invadirão esta belezinha de reino e o reduzirão a cinzas. Um brinde a este dia...!

Somente, então, Hrungnir percebeu que o mal-estar se apossara de todos os demais convidados. Seus olhos pousaram sobre Sif, a esposa de Thor, e Freya, a mais bela das deusas.

- Oh, jovens e belas deusas, não fiquem alarmadas! - disse ele, abanando com força a taça, que espirrava hidromel para todos os lados. - Vocês, belas como são, naturalmente estarão a salvo da matança; ficarão como o mais belo espólio de guerra que nós, gigantes, já obtivemos algum dia!

Neste momento, Thor, que estava de viagem, apontou na entrada do salão. Imediatamente, seus olhos pousaram sobre o gigante, que resmungava coisas para a sua mulher com a boca úmida e a voz empastada.

- O que este sujeito está fazendo em nossa mesa e ao lado de minha mulher? - bradou ele, ainda de pé.

O gigante olhou para Thor, mas a bebedeira era tamanha que só pôde dizer isto, com uma grande gargalhada: - Venha, venha logo desfrutar desta jovem dos encantadores cabelos dourados, pois logo ela mudará de dono!

Thor ergueu, num reflexo, o seu martelo, e já ia arremessá-lo sobre a cabeça do tresloucado gigante, quando Odin o impediu: - Pare! Não pode matar um visitante à nossa mesa. Isto seria infringir, gravemente, a lei da hospitalidade a que todos estamos obrigados. - Depois, voltando-se para o gigante, disse: -Senhor hóspede, bem sabe que suas palavras violaram todas as leis da cortesia e do respeito. Desde já, considere-se intimidado a enfrentar o marido ultrajado num combate singular, em campo aberto.

Hrungnir deu outra grande risada e exclamou:

- Um duelinho, então?... há! há! há!... Muito bom um duelinho!

Mas, três dias bastaram para que o gigante mudasse um pouquinho de idéia:

- Meu deus, o que vai ser de mim? - dizia, com as duas manoplas na cabeça.

Mas, agora, não havia mais jeito: dali a instantes, ele teria de se apresentar diante de Thor para o terrível embate.

No entanto, a regra do duelo era bem clara: tanto os duelantes quanto as suas testemunhas deveriam bater-se igualmente. Por isto, Thialfi, o criado de Thor, foi obrigado a se apresentar para cumprir a sua parte.

"Essa é boa...!", pensou o criado lá com os seus botões. "Essas briguinhas de deuses e gigantes já estão passando da conta!"

Hrungnir, por sua vez, escolheu um gigante de barro de dezenas de metros para fazer frente ao escudeiro de Thor. Mokerkialfi era o seu nome e tinha cara de pouquíssimos amigos. Dentro do peito, a criatura enlameada levava o coração de uma égua, pois os gigantes imaginavam que, desta forma, o autômato iria se mostrar ainda mais veloz e audaz.

As duas duplas postaram-se, finalmente, em campos opostos. Dado o sinal, Thialfi, que tinha dentro do peito um coração de raposa, gritou ao gigante:

- Ei, bobão! Se eu fosse você, abaixava este escudo de pedra, pois Thor é forte e astuto o bastante para vir por debaixo da terra e liquidá-lo.

Hrungnir, assustado, imaginando que tal coisa fosse possível (talvez ainda estivesse um pouquinho sob o efeito da bebida para ter caído num truque barato como este), abaixou o poderoso escudo e subiu em cima dele.

- Pode vir agora, deusinho de araque! - bradou ele.

Thor, aproveitando-se do descuido do gigante, arremessou com toda a força o seu poderoso martelo Miollnir, que foi se chocar no ar com a gigantesca pedra de amolar que seu adversário lançara. Um estrondo sacudiu tudo e os estilhaços da pedra voaram em todas as direções. Um deles, entretanto, foi se alojar na cabeça de Thor, que caiu desfalecido ao chão. Quanto ao seu martelo, após ter despedaçado a arma do gigante, seguiu adiante e foi acertar em cheio a cabeça «Io adversário, arrebentando o seu crânio como se este fosse uma casca de ovo. Os miolos do gigante esparramaram-se pelo chão como uma gema amarelada, numa t i-na positivamente asquerosa.

Quanto ao duelo subalterno travado entre Thialfi e o monstrengo de barro, não teve nem graça, pois esta criatura era tão ou mais estúpida que o seu criador. Basta dizer que, já no primeiro lance do duelo, tropeçara nos próprios pés, indo estatelar-se ao chão, tornando-se assim um alvo facílimo para a destreza de Thialfi - o que o deixou em toda a assistência a certeza de que, se o coração do monstro era o de uma égua, o seu pobre cérebro devia ser o de um asno.

Mas, apesar da vitória dos deuses, havia ainda um pequeno - ou antes, um imenso empecilho a ser removido, pois, na queda, o gigante Hrungnir deixou sua perna por cima de Thor, que, agora, além de ter um fragmento de pedra no crânio, ainda tinha sobre ele o membro pesadissimamente morto de um gigante.

Todos forcejaram para livrá-lo daquele peso incômodo até que Magni, um fedelho de três anos de idade, que era filho de Thor, aproximou-se do corpo do pai.

- Sai daqui, moleque! - disse alguém, enxotando o garoto.

- Eu pode...! Eu pode...! - gritava o guri, saltitando e se misturando à selva de pernas dos adultos na tentativa de chegar ao pobre pai abatido.

- Sai, guri metido...! - exclamou outro sujeito, chegando mesmo a lhe dar um safanão.

Então, Magni, o moleque de três anos de idade, limpou o ranhozinho do nariz e expulsou todo mundo com um grito medonho:

-EU POOOOOODE...!!! - e, assim, conseguiu remover o colossal entrave.

Logo em seguida, Thor foi levado para o seu palácio, onde vários especialistas tentaram retirar, sem sucesso, a lasca de pedra de sua cabeça. Até que uma bruxa, que atendia pelo nome pavoroso de Groa, empregou nele as suas artes mágicas, conseguindo retirar, finalmente, a maldita pedra da cabeça do deus.

- Magnífico! - exclamou ele. - Você é Groa, esposa de Aurvandil, não é?

- Sim, sou eu mesma, poderoso deus! - disse ela, depois de afastar o nariz para o lado para poder ser entendida.

- Oh, lembro-me, perfeitamente, do seu marido! - continuou a dizer Thor, pois lembrara-se de um episódio que tivera com aquele sujeito. - Certa feita, eu atravessei o rio Eliavar gelado com ele numa cesta - era pequenino, então - e, ao chegar ao outro lado, descobri que seu dedo congelara. Apiedado do pobrezinho, arranquei seu dedo e o arremessei para o céu, onde virou uma estrela.

Uma cor escarlate começou a subir desde o pescoço da mulher até a raiz dos cabelos, como se uma seringa gigante estivesse injetando mercúrio na cabeça. Quando a vermelhidão terminou de tingir o último milímetro de sua pronunciada testa, ela pegou de novo a lasca da pedra, enterrou-a de volta na cabeça de Thor e desapareceu, velozmente, deixando na casa apenas o seu grito infame.

Desde então, Thor teve de conviver com aquele pedregulhozinho na cabeça e com a idéia de que falar demais sempre redunda em desastre.

A batalha de Ragnarok

Aquele inverno tinha sido o mais gelado de quantos os deuses podiam ter lembrança. Para começar, não fora um só, mas três invernos encadeados. A neve caíra sem cessar dia e noite, com flocos imensos, congelando rios e mares. Mas, quando a terceira estação de frio consecutivo se anunciou, os deuses em Asgard começaram verdadeiramente a se preocupar.

- Já vamos para o terceiro inverno, Odin...! - disse-lhe Frigga, sua esposa, toda recoberta por peles. - Isto não é normal! - Sua voz traía um terror inconfesso, embora sua alma ainda relutasse em admitir que aquele pudesse ser o primeiro e temido prenuncio de Ragnarok, o Crepúsculo dos Deuses.

- É um inverno excepcionalmente frio, apenas isto; coloque mais roupas e trate de sossegar - disse o velho deus, com o cenho carregado.

Odin na verdade passara a vida toda se preparando para este pavoroso dia; não por acaso mandara construir o majestoso Valhalla, o palácio onde abrigava o exército de seus melhores combatentes mortos trazidos dos campos de batalha pelas valquírias, suas filhas guerreiras. Mas, nem por isto, a palavra fatal fora pronunciada, lá ou em Asgard, uma única vez, a não ser por alusões ou eufemismos, pois todos sabiam que aquela guerra seria a ruína não só dos deuses, como do mundo todo.

O terceiro inverno prosseguiu cada vez mais frio e apavorante. Mas isto mio era tudo: rumores de uma guerra iminente surgiam a todo instante, ou então, do guerras que já estavam em pleno andamento. Guerras de homens contra gigantes, de anões contra elfos, de homens contra homens, de todos contra todos. Nunca os anões haviam trabalhado tanto como nos últimos tempos: avisados de algo, ou simplesmente premidos

pelas circunstâncias, suas forjas há muito tempo não se apagavam, produzindo, noite e dia, milhares de espadas, lanças e escudos de Iodos os tipos e feitios. Rios de ouro desaguavam às portas de suas cavernas em pagamento pelos artefatos, pois todas as raças sabiam que, muito em breve, pilhas de ouro não teriam valor algum diante de uma boa espada ou de um escudo razoavelmente sólido.

O Galo de Ouro cantou, como fazia todos os dias no topo do portão de Asgard. Sua saudação ao sol, entretanto, soou inútil, pois naquele dia o sol não nasceu. Corriam rumores horríveis pelo mundo acerca dos filhos de Fenris, o lobo gigantesco. Diziam estas vozes apavoradas que um deles, finalmente, conseguira engolir o sol, enquanto que o outro, a lua.

- Já não há mais sol nem lua pelos céus, Odin supremo! - disse um mensageiro, após atravessar Bifrost, a ponte do arco-íris que levava a Asgard. - É o começo do fim!

Uma escuridão espectral espalhara-se pelo mundo e, agora, a noite era a soberana do universo. Odin aproximou-se da janela e tentou escutar os rumores que chegavam do mundo lá embaixo. Algo como o ruído surdo e contínuo de um terremoto rolava da escuridão até chegar aos portões de Asgard como um rosnar ameaçador. O deus, tomando de sua lança Gungnir, correu até o seu trono mágico, de onde podia observar tudo quanto se passava nos nove mundos.

Nada podia ser mais aterrador: em todos eles, reinava a mais negra escuridão e somente se podia enxergar algo graças aos clarões das tochas e dos incêndios que lavravam por toda parte, Incêndios provocados por vulcões - que irrompiam do chão, violentamente, e sem aviso, engolindo populações inteiras - e das guerras de pilhagem promovidas por vândalos e seus exércitos arregimentados unicamente pelo caos.

- Então, finalmente, chegou o dia... - disse Odin, abaixando a cabeça como quem espera a iminente realização de uma funesta profecia. - Thor, mande reunir todos os deuses capazes de empunhar uma lança e os avise de que todos devemos rumar para o Valhalla - disse o velho deus, recuperando aos poucos a altivez. -Chegou a hora de unir nossos exércitos e nos preparar para a última batalha.

***

Os tremores de terra não haviam somente destruído casas e matado populações inteiras. Haviam também conseguido deslocar as pedras de duas cavernas onde estavam presos, há muito tempo, dois personagens que o destino escolhera para protagonizar o começo da ruína dos deuses.

Numa destas cavernas estava Loki, o perverso filho dos gigantes, preso às rochas, desde há muito tempo, por sólidas correntes. Entretanto, durante a noite, o prisioneiro barbudo vira cessar o seu tormento, o qual consistia em ter uma serpente a gotejar, permanentemente, sua baba pestilenta sobre o seu rosto. Por que ela teria cessado, espontaneamente, de o atormentar?, perguntara-se Loki a noite inteira. Teriam os deuses o perdoado? Cessara, afinal, a mágoa no peito de Odin pela morte de seu adorado filho Balder?

Estrondos sacudiram tudo a noite inteira até que um tremor mais forte deslocou as duas pedras que mantinham presas as suas correntes.

- Oh, será verdade? - disse ele, pondo-se em pé depois de muitos e muitos anos. - Estou livre, finalmente, livre...!

Loki gritou e sapateou como uma criança até que uma idéia iluminou a sua mente: - Se estou livre, isto só pode significar uma coisa... - disse ele, custando a crer que o seu dia chegara. - Soou a hora do grande confronto com os deuses!

De repente, porém, suas palavras foram cortadas por um terrível uivo: era Fenris, seu filho lobo, quem também se via livre de suas correias. Um exército de gigantes conseguira localizá-lo e libertá-lo das indestrutíveis cadeias forjadas pelos anões. O velho lobo ainda podia sentir na boca o gosto da mão de um deles, Tyr, o deus audaz, que ousara arriscá-la para garantir o sucesso da trapaça de seus companheiros.

- Vamos, Fenris! - bradou um dos gigantes, carregando uma pesada clava. - Chegou a hora de ajustar as contas com o velho deus!

O lobo, também sem poder acreditar, despedira, então, o seu pavoroso uivo, que prenunciava a sua vingança, o qual Loki escutara da sua caverna.

Lançando longe as suas cadeias, Loki tratou de rumar, logo, para a região sombria de Musspel, onde sabia que um poderoso exército de gigantes mortos o aguardava. Ele, Loki, teria a honra de ser o timoneiro do navio que conduziria o exército espectral para o confronto, enquanto Surt, o deus do fogo, guiaria também, com sua espada chamejante, os seus exércitos rumo a Asgard. Ao mesmo tempo, a terrível Iormungand, a Serpente do Mundo, provocava maremotos colossais ao lazer a sua marcha em direção a terrível batalha final.

Antes do fim do dia, estavam todos reunidos, prontos para galgar o último obstáculo que os separava dos deuses entrincheirados: a ponte Bifrost, guardada por Heimdall, inimigo figadal de Loki.

- Todos a Asgard! Morte aos Aesires! - bradava Loki, feito agora comandante supremos das forças destrutivas.

Os exércitos maciços começaram, então, a subir a ponte, num arremesso que escureceu e fez abalar inteiro o arco-íris, enquanto que, pela segunda vez naquele dia, o Galo de Ouro fazia ouvir a sua estridente voz.

***

Alertado pelo canto do galo, Heimdall, o guardião da ponte, acorreu logo à toda pressa para a trombeta gigante, instalada ao lado do portão de Asgard. Apesar de ter esperado por isto a vida inteira, Heimdall sentiu-se francamente surpreso com a reação que isto despertara nele: era um misto de terror, aflição e, ao mesmo tempo, de euforia. Sim, de euforia, pois, agora, a angústia - aquele sentimento daninho que roía seu coração dia após dia - finalmente, acabara: chegara, afinal, a hora do confronto: de resolver, de uma vez, a pendenga que, durante milênios, opusera os deuses a seus inimigos mortais.

As forças de Odin - os melhores guerreiros que o universo já pudera produzir - estavam prontas para o combate. Montado em seu cavalo Sleipnir, Odin, cercado por Thor e Freyr, aguardava apenas o momento certo para dar a ordem de ataque, quando escutou o ruído da trombeta. Durante alguns instantes, só se ouviu o soar, majestosamente aterrador, daquele instrumento poderoso, até que a fúria e a gana de combater começou a inflamar o peito dos guerreiros. Todos sabiam que iriam perecer, mas a eles bastava a consciência de saber que o fariam com coragem e altivez e que seus inimigos também iriam misturar o seu sangue ao dos heróis. Se tudo se resumia a uma grande batalha - a maior de quantas já houvera - e, se eles iriam ter a honra suprema de ser protagonistas dela, então estava tudo muito bem.

- Odin, as forças inimigas já sobem por Bifrost...! - exclamou Heimdall, montado em seu cavalo branco e de lança enristada.

- Aguardaremos que rompam o portão; então, atacaremos sem nenhum medo ou piedade - disse o líder dos deuses sem demonstrar qualquer vestígio de receio.

Entretanto, quando os gigantes e as outras criaturas sinistras estavam quase para chegar aos portões de Asgard, escutou-se o ruído pavoroso de algo que ruía. 'Iodas as cabeças voltaram-se para a direção do ruído estrepitoso, mas somente Heimdall pôde observar um espetáculo digno dos deuses: a ponte Bifrost ruíra, lançando para baixo todos os exércitos numa confusão de braços e pernas humanos misturados a patas de cavalos e de outros seres repulsivos.

Um estrépito de vivas! sacudiu as colunas de Asgard. Inflamados por aquele breve triunfo inicial, todos comemoravam, menos Odin, que parecia mergulhado num supremo devaneio: - Thor, não sei se, para você, a sensação é a mesma - disse ele, cochichando ao ouvido do filho as suas últimas palavras -, mas estou me sentindo leve, agora... muito leve! - Um sorriso, quase de êxtase, brilhava por baixo de suas barbas esbranquiçadas.

- Sim, meu pai, sinto o mesmo - disse Thor, empunhando com ainda mais força Miollnir, o seu inseparável martelo. - Parece que vai começar, agora, a melhor de todas as brincadeiras!

- Sim... a melhor de todas as brincadeiras...! - repetiu Odin e, antes que pudesse retomar o fôlego, despediu um grande grito: - Adiante, guerreiros de Odin! Pela honra dos Aesires, empunhemos as espadas!

Os portões de Asgard foram abertos pela última vez. Numa gigantesca cavalgada, os exércitos divinos desceram pelo que restava da ponte do arco-íris indo, diretamente, de encontro às forças inimigas que já estavam reorganizadas nos campos de Vigrid, local, agora, do último e apocalíptico combate.

***

Os exércitos engalfinharam-se num choque de espantosa brutalidade, que tirou, imediatamente, a vida de milhares de combatentes. As espadas e as lanças começaram a retinir, enquanto verdadeiros rios de sangue escorriam pelos pés dos guerreiros. Os inimigos declarados procuravam-se por entre as hordas anônimas e parecia que cada

qual sabia, exatamente, o papel que deveria executar, pois, um a um, os inimigos pessoais foram se encontrando para seus ajustes e desforras pessoais.

Freyr, o deus que viera a Asgard como um intruso e acabara caindo nas graças de Odin, foi o primeiro a se defrontar com seu inimigo, o gigante Surt.

Segurando sua espada flamejante, o gigante avançara impávido na direção do deus. Nenhum disse qualquer palavra, mas Freyr soube, desde o primeiro instante, que marchava para a morte. Sem portar a sua espada mágica - que tivera a desventura de entregar há muito tempo a seu descuidado servo Skirnir -, Freyr ergueu a sua lança e tentou aparar o golpe da terrível arma de seu oponente. Mas, foi tudo em vão: a lança partiu-se e o deus caiu morto sob o golpe certeiro do gigante em chamas.

Um pouco mais adiante, Tyr, o deus maneta, após ter matado centenas de inimigos, perecia nos dentes de Garm, o cão de guarda infernal, parecendo ser sua sina ser sempre alvo dos dentes de algum animal de poderosas mandíbulas. Mas, antes de morrer, enterrara no coração da fera o aço escaldante de sua espada, vingando, assim, a morte do mais valente dos deuses.

Loki e Heimdall, que tantas disputas travaram anteriormente, estão agora frente a frente. Seus dentes estão cerrados, mas, curiosamente, parecem sorrir ao mesmo tempo. Em seguida, os dois atiram-se um ao outro com suas espadas afiadas, mas são logo engolfados por uma multidão de combatentes que atiram às cegas as suas cutiladas. Quando a multidão se desfaz - em sua maioria caída e morta ao chão - vê-se que Loki e Heimdall estão ambos caídos também lado a lado. Nenhum registro se fez da maneira como ambos deram um fim à vida do outro e à rivalidade que sempre os uniu.

Quanto Thor, teve, finalmente, a oportunidade de travar seu duelo com a Serpente do Mundo, duelo tão esperado que todos os combatentes que estavam por perto abaixaram as suas armas apenas para observá-lo. Era, afinal, um espetáculo único, que pouquíssimas criaturas poderiam ter o privilégio de assistir - e, quem sabe, um dia, contar em algum outro lugar, caso houvesse ainda um lugar para se ir depois daquele fim de mundo. Thor arremessou-se com seu martelo ao pescoço da serpente e, após abraçar-se a ela, desferiu com toda a força a sua arma sobre o crânio da fera que desfaleceu, em seguida com os miolos botados para fora.

- Thor, você venceu, afinal! - exclamou Odin, que vira tudo de longe.

Mas, infelizmente, à sua vitória seguiu-se, logo, a sua própria morte, pois após dar quatro passos para trás, Thor caíra morto ao chão, bafejado que fora pelo veneno da serpente. Sua mão, no entanto, não desgrudou do martelo Miollnir e nenhum outro combatente teve força bastante para fazê-lo abandonar, mesmo depois de morto, a sua querida arma, que diziam ter amado mais do que à sua própria esposa, a adorável Sif dos cabelos dourados.

Odin, então, cego de ódio, procurou por entre a multidão o seu inimigo, que não poderia ser outro, senão o grande lobo Fenris. - Aqui estou, fera assassina! - bradou o deus, ao avistar o lobo, procurando já a própria morte.

Esporeando seu cavalo de oito patas, Odin empunhou pela última vez sua lança Gungnir e se lançou ao encontro do terrível inimigo. O lobo, entretanto, com uma única bocada, engoliu o maior dos deuses. Um silêncio mortal caiu sobre o campo ensangüentado de Vigrid.

- Meu pai, não! - exclamou Vidar, um dos filhos do velho deus, desmontando de seu cavalo e indo em direção ao vitorioso lobo. Um sorriso parecia arreganhar ainda mais os dentes manchados de sangue de Fenris. Mas, desta vez, ele encontraria seu próprio fim, pois Vidar, enlouquecido pela fúria, ousou entrar dentro da própria boca do lobo para matá-lo e o fez da seguinte maneira: firmando bem os pés sobre a língua do animal, antes que este pudesse entender o que o agressor fazia, empurrou o maxilar superior do lobo para cima até rasgar o animal em dois. Este fato encheu de assombro deuses e gigantes, que viram no filho um legítimo sucessor do pai.

Mas a guerra ainda continuou por muito tempo, mesmo depois de mortos os seus protagonistas, até que Surt, vendo que tudo estava consumado, empunhou um imenso facho, que parecia um novo sol e saiu pelo mundo a colocar fogo em tudo.

O pânico estabeleceu-se nos dois exércitos, quando perceberam que, agora, não havia mais inimigo algum a combater, senão, a própria morte e que o melhor a fazer era tratar de salvar a vida.

Mas agora, definitivamente, já era tarde para pensar em salvação: o mar secara inteiramente; a terra abrasara-se num incêndio arrasador; e o próprio céu derreteu, caindo sobre a terra como uma imensa cortina em chamas.

***

O grande cataclismo terminara com a queda de Yggdrasil, a grande Árvore da Vida. Após ter sido roída, dia após dia, pelos dentes afiados da serpente Nidhogg, ela não pudera suportar a grande catástrofe e ruíra, liquidando com todos os nove mundos e com quase todos os seus habitantes. Diz a lenda que, entre os homens, apenas um casal pôde sobreviver: ele se chamava Lif e ela Lifthrasir, e foi justamente graças à portentosa árvore, que puderam fazê-lo, pois esconderam-se dentro de sua espessa casca, como no ventre da natureza e da própria Vida.

Também alguns poucos deuses conseguiram escapar ao flagelo destrutivo -entre eles, Vidar, o filho que vingara a morte de Odin; e Magni, um dos filhos de Thor. Também Balder, o mais puro dos deuses, ressuscitara, junto com Hoder, o desastrado irmão cego que o matara, inadvertidamente, por uma astúcia de Loki.

E assim, Lif e Lifthrasir repovoarão o mundo, enquanto que, segundo os versos da Edda imortal,

Os Aesir vão se encontrar novamente no Idavoll
e relembrarão a poderosa Serpente do Mundo,
lembrando também os decretos maravilhosos
e os mistérios do antigo e poderoso deus.

O Anel dos Nibelungos

Versão romanceada da ópera
de Richcird Wagner

Primeiro Ato

O Ouro do Reno

I - Um anão entre as ninfas

Um novo dia nasce sobre o majestoso Reno, rio de águas límpidas e cristalinas. Uma névoa, fina como uma gaze, paira sobre o grande espelho liquefeito que a corrente ondula suavemente. No fundo do rio, pode-se ver o recorte das grandes pedras em meio ao balanço dos liquens esverdeados que se movem numa coreografia lenta e elegante.

De repente, próximo a uma das margens, as águas começam a se tornar ligeiramente trêmulas; uma forma vaga sobe rapidamente das profundezas em direção à superfície. Aos poucos, a imagem vai ganhando contornos cada vez mais definidos, até que uma face fresca e molhada, finalmente, irrompe do espelho, lançando para o alto uma chuva de gotas cristalinas. A forma, agora, tem a tridimensionalidade das belezas concretas. Trata-se de uma mulher - ou para sermos mais exatos -, de uma ninfa: ela é a bela Flosshilde de cabelos dourados, uma das guardiãs do rio. A jovem, alçando-se até manter o busto para fora da água, assim permanece por alguns instantes, virando, de quando em quando, a cabeça para os lados; seus olhos atentos observam o céu, que adquire nos poucos um tom intensamente anil. A névoa, contudo, ainda paira sobre a superfície, como uma película algodoada e resistente. A ninfa, então, mergulha abruptamente de volta para as profundezas, fazendo com que o espelho movente das águas feche-se outra vez sobre os seus cabelos dourados.

Um silêncio feito apenas dos ruídos da natureza volta a reinar, porém, não por muito tempo; um pouco além de onde a primeira ninfa fizera sua aparição, surge outra da mesma espécie, produzindo, agora, um franco espalhafato. Desta vez, os cabelos da ninfa são da cor da noite, que recém partiu; seu rosto, tão belo quanto o da jovem de fios domados, trai um ai de indisfarçada malícia.

Após dar algumas braçadas vigorosas, a bela Wellgunde (este é seu nome) deita-se sobre a superfície do espelho com os braços e pernas abertos, deixando que a correnteza a faça rodopiar, lentamente, como uma descuidada estrela das águas. Os dedos gelados da névoa, ao mesmo tempo, percorrem a sua pele exposta, fazendo com que a delicada penugem que envolve o seu corpo se arrepie; um sorriso alegre e prazeroso brinca em seus lábios. Mas, de repente, tão rápida quanto surgira, ela já desaparece outra vez,

deixando sobre a superfície do espelho apenas o desenho de três pequenos círculos, perfeitos e simétricos, que agora crescem e se expandem para os lados até alcançarem, quase desfeitos, as margens do majestoso rio.

O sol agora já subiu o suficiente para despejar seus raios sobre a totalidade do Reno, a ponto de esquentar as suas águas e dissolver aquele fino manto esbranquiçado que ainda teimava em velá-lo; pedaços da grande cortina desfeita rompem-se e se espalham por toda a extensão do rio, começando a subir em direção ao céu, onde terminam dissolvidos pelo calor.

É neste instante que uma última e linda cabeça, de cabelos vermelhos e molhados, vem à tona. De seus alvos braços (que ela estende para o alto, num espreguiçar deliciado), pendem algumas algas finas e esverdeadas, que se aderem, firmemente, à pele clara e macia de suas costas. Esta jovem ruiva é Woglinde, a terceira das encantadoras ninfas que protegem as águas do Reno. Juntas, as três nadam sobre a superfície, saudando o novo dia com risos e brincadeiras.

- Ei, Woglinde! - diz Flosshilde, abanando à ninfa ruiva - Aproxime-se de nós!

A loira e a morena chapinham com os pés na água, enquanto aguardam a chegada da amiga. Mas esta parece um tanto arredia naquela manhã.

- Vamos, o que há? - diz a impaciente Wellgunde, puxando para trás os seus longos cabelos negros.

A ninfa ruiva dá um mergulho e desaparece; assim submersa, ela desce até as profundezas, fazendo algumas piruetas, enquanto tenta afastar da cabeça um certo pressentimento que a incomodara a noite toda. De repente, ela toma um susto: ao seu lado, está Wellgunde de cabelos negros, que a toma pelos ombros.

- O que você tem, amiga? Acordou doente esta manhã? - diz a outra.

- Não, não é nada... - responde Woglinde.

- Então, venha, vamos nos divertir!... - diz a morena, puxando a amiga.

Num instante, ambas estão de volta à superfície, onde a loira Flosshilde as aguarda, já impaciente. Durante toda a manhã, as três amigas assim permanecem, percorrendo o leito amplo do rio, ora em vigorosas braçadas, ora deixando seus corpos boiarem ao sabor da correnteza. Mas elas não imaginam - à exceção de Flosshilde, que desde cedo pressente algo -, que um par sinistro de olhos as observa desde as primeiras horas da manhã.

Oculto sob a espessa ramagem das árvores que se espalha por ambas as margens do Reno, está um pequeno e discreto ser, que faz desta sua circunstância um eficiente aliado para disfarçar a sua esquiva atitude.

- Tão lindas...! - sussurra ele, pela milésima vez, com a boca colada ao tronco de uma das árvores, que serve de anteparo à sua minúscula indiscrição. – O que mais guardarão estas beldades, além da própria beleza?

Finalmente, abandonando a segurança do seu esconderijo, ele decide que já é tempo de tentar uma aproximação.

- Sim ou não, vamos lá! - diz o anão, levando nas mãos, estrategicamente posto, o seu gorro, pois teme trair seu desejo por uma funesta inadvertência. Aos poucos, avança, desviando dos troncos até alcançar as margens do rio.

Agora, completamente a descoberto, a sua figura escura está nitidamente, recortada num pequeno relevo, diante da floresta verde às suas costas.

A primeira a notar a presença do anão é Wellgunde dos cabelos negros.

- Ei, amigas, vejam! - grita ela. - Temos companhia!

O anão, embora já tivesse decidido revelar a sua presença, dá dois passos para trás, embola os pés e termina por cair na relva. Sua atitude é a de quem tivesse sido flagrado em uma atitude criminosa.

- Há! Há! Há! - gargalha Wellgunde, acompanhada pelas demais. - O que houve, Alberich, perdeu a compostura?

O anão põe-se em pé com um pulinho tão rápido e desajeitado, que quase perde o equilíbrio e rola outra vez pelo chão. O riso das ninfas ecoa por toda a extensão do rio, indo perder-se dentro da floresta fechada.

- Mais uma vez nos espiando, seu pequeno enxerido? - diz a loira Flosshilde.

- Eu, espionando?... - grita o anão, furioso. - Ora, bem, não... Quer dizer, sim...

De repente, o anão resolve mudar de tática. "São tão belas...! Quem sabe, se não admitirão a minha presença, caso eu resolva usar de belas palavras?", pensa ele, rapidamente.

- Está bem, estava sim observando-as, pronto!... Vocês são tão belas, que... bem... gostaria de me juntar a vocês!

- Juntar a sua pele escura e fuliginosa às nossas peles alvas e limpas? -diz a ruiva Woglinde.

- Alberich, você devia saber que, como todo bom Nibelungo, você não passa de um monstrinho! - diz-lhe a loira Flosshilde. - Vamos, chegue mais um pouco até a margem e veja seu reflexo nas águas.

Alberich, cauteloso, avança até o espelho das águas: há quanto tempo não observa a sua figura! Na verdade, nas profundezas da terra, lugar onde ele e seu povo habitam, não há espelho algum. Quando fixa, porém, seus olhos sobre a sua imagem refletida, leva um tremendo susto: Wellgunde, a mais maliciosa das três ninfas, surge de dentro d'água num arremesso, dando-lhe um verdadeiro banho.

- Há! Há! Há! - diz ela, sem conseguir conter o riso. - Vejam, o pequeno Alberich: parece um sapo encharcado!

O anão está paralisado feito uma estátua de jardim e suas barbas molhadas gotejam como se fossem a bica de uma fonte.

- Talvez isto sirva para acalmar seus instintos...! - diz a ruiva Woglinde.

Mas Alberich não se rende tão fácil. E já tem, agora, um belo pretexto para juntar-se a elas dentro do rio.

- Sim ou não, vocês me obrigam a dar um belo mergulho! - diz o anão, começando a amontoar na relva as peças encharcadas de seu vestuário.

Num instante, Alberich está dentro d'água, nu como veio ao mundo. Mas seu corpo é tão peludo, que quase não se percebe a sua minúscula nudez.

As ninfas, espavoridas, afastam-se, misturando gritos de deboche e de medo. Os bracinhos de Alberich chapinham na água, em completo descompasso com o ritmo dos seus minúsculos pés.

- Oh, parece um cachorrinho encharcado! - grita Flosshilde.

- Parece um sapo barbudo! - diz Woglinde.

- Pior: parece mesmo um nibelungo! - exclama Wellgunde.

Alberich tenta persegui-las, sem perceber que não tem a menor chance de alcançá-las. As ninfas fingem estar exaustas, mas, quando ele vai tocá-las com suas mãos encardidas, elas, rapidamente, esquivam-se e lá fica o pobre anão a maldizê-las com seu pequenino punho erguido.

- Malditas ninfas! Sim ou não, eu as agarrarei!...

Mas Alberich está cansado demais. Antes de desistir, porém, o anão tem a atenção despertada por um brilho que parece provir das profundezas.

- Que luz dourada é esta?... - diz ele, esfregando os olhos.

Uma nuvem oculta o Sol parcialmente, e o brilho, por alguns breves instantes, quase desaparece. Mas logo os raios do ardente astro mergulham outra vez sob a água, descendo até o leito rochoso do rio. O brilho intenso e dourado reaparece, reverberando com uma nitidez ainda maior, como se um segundo sol estivesse a dormir nas profundezas do Reno.

- Mas... isto é ouro puro! - exclama Alberich, extasiado. - De onde surgiu?

Alberich retorna à superfície. As ninfas se afastaram um pouco e descansam, agora, sobre a relva.

- Ei, belas ninfas! - grita Alberich, rompendo outra vez a linha d'água. -Que ouro todo é aquele que se esconde no leito do rio?

- É o Ouro do Reno, seu tolo! - diz Wellgunde, num tom de desdém.

- Ora, e para que serve um monte de ouro escondido?! - exclama Alberich, sem nada entender.

- Para embelezar o rio e iluminar nossas almas.

- Você quer dizer que aquele ouro todo serve apenas para brilhar, enquanto vocês brincam aqui em cima?

- Exatamente, tal qual aquele outro - diz Woglinde, apontando para o Sol. "Que tolas!", pensa o anão, mergulhando outra vez nas profundezas.

"Enquanto nós, anões, passamos noite e dia a cavar em nossas escuras cavernas para arrancarmos da rocha algumas lascas deste maravilhoso metal, estas desmioladas têm aqui, ao alcance das mãos, esta verdadeira mina submersa! Ora, sim ou não, isto não é justo!"

- E vocês se julgam muito ricas, decerto! - diz o anão, disposto a provocar as ninfas. Alberich sabe que ali há algum segredo que, uma vez descoberto, o permitirá apossar-se de todo aquele ouro.

- Este ouro não tem valor algum, eis o que é!

- Claro que tem, seu tolo! - exclama, por fim, Wellgunde dos cabelos negros.

- Ora, se tivesse não estaria jogado lá no fundo, misturado às algas e aos excrementos dos peixes!

As ninfas, esquecidas da figura ridícula do nibelungo, estão incomodadas, agora, com o seu desprezo.

- E se eu lhe disser, anão idiota, que aquele que forjar um anel com o Ouro do Reno poderá vir a ser senhor do universo? - diz Wellgunde, puxando o nariz protuberante de Alberich.

No mesmo instante, as amigas arregalam os olhos para a ninfa indiscreta; em seguida, arrastam-na para as profundezas do rio, para admoestá-la.

- Vocês está louca, Wellgunde? - diz a loira Flosshilde. - Como pôde revelar o segredo do Ouro do Reno a este miserável nibelungo?

- Ora, acalme-se, Flosshilde! - retruca a morena. - Você se esqueceu de que há uma condição para que alguém possa forjar o anel?

No mesmo instante, todas se acalmaram. Sim, há uma condição, que Alberich jamais poderá cumprir - pelo menos elas assim imaginam.

Mas o que elas não sabem é que o anão havia escutado toda a conversa, escondido atrás de um rochedo submerso.

"Condição?! Que condição?...", pensou o anão, intrigado.

De volta à superfície, ele decide voltar à carga.

- E se eu decidir forjar o anel, quem me impedirá? As ninfas riem. Não, ele jamais poderia!

- E por que não? Se jamais poderei, por que não me revelam a razão?

- Porque, para forjar o anel, é preciso antes renunciar ao amor, Alberich! E você não passa de um tolo apaixonado! - diz Wellgunde, passando os braços ao redor do pescoço do anão. - Você estaria disposto a renunciar para sempre ao nosso amor?

Alberich arregala os olhos. No mesmo instante, seu desejo pelas ninfas desaparece. Desvencilhando-se da ingênua ninfa, ele mergulha até o ouro, esquecido delas e de seu desejo. Alberich, como todo bom anão, só tem olhos, agora, para o ouro, que faísca diante de seus ávidos olhos. Sim, elas deveriam conhecer melhor a natureza de um verdadeiro nibelungo!

- Ora, a coisa é tão simples assim? - diz Alberich, esfregando as pequeninas mãos. - Pois, sim ou não, que assim seja: a partir deste momento, renuncio para sempre ao Amor e o amaldiçôo eternamente!

II - O preço do Valhalla

- Wotan, os gigantes chegaram e querem falar com você!

Fricka, a esposa de Wotan, deus supremo, é quem lhe dá o aviso. Sua voz trêmula trai um profundo receio.

- Ai de nós! Eles vieram cobrar o preço de sua ambição!

- Cale-se, Fricka!... - diz Wotan, franzindo ainda mais as sobrancelhas hirsutas.

Wotan, um ser incrivelmente corpulento, de negras barbas que lhe atoalham o peito, está parado diante da janela de seu palácio. Dali, ele contempla as torres de uma outra construção, à grande distância, no alto das montanhas. Suas torres douradas brilham e Wotan as admira com um orgulho desmedido. Ao mesmo tempo, uma preocupação traz uma nota sombria e profunda ao seu olhar.

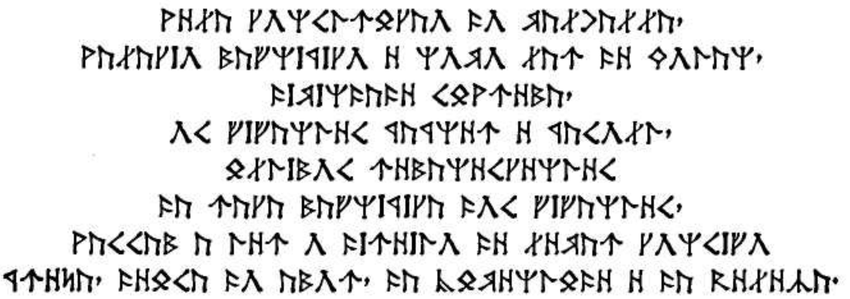
- Peça que me aguardem - diz o deus, depois de uma longa pausa. - A hora da Ragnarok ainda não soou; ainda sou, portanto, o deus supremo por aqui.

Wotan referia-se à grande conflagração final que poria fim ao seu reinado e de toda a corte dos deuses. Toda Asgard, a morada dos deuses, vivia sob o peso desta que era a

mais funesta de todas as profecias: o dia do Crepúsculo dos Deuses. Wotan sabia que era o mais poderoso dos deuses. Mas sabia também que era mortal como qualquer outra criatura. Nenhuma outra corte celestial poderia ser, assim, mais sombria: deuses que se sabiam mortais!... Deuses que, embora poderosos, sabiam que seu poder, cedo ou tarde, seria esmagado por forças invencíveis.

Wotan sente uma confusão de sentimentos dentro do peito. O seu novo castelo, o Valhalla, estava finalmente pronto: uma construção esplendorosa que era um monumento definitivo ao seu poder, à sua virilidade e à sua inteligência supremas. Mas ele sabe também, que há um preço a pagar, um preço demasiado alio para todos: Wotan vendeu a própria juventude dos deuses aos Gigantes que agora estão à sua porta para cobrar o seu preço.

A um canto da peça, está encostada Gungnir, a lança de Wotan. É nela que de inscreve todos os seus pactos e acordos. O deus ruma para ela e a toma em suas grossas mãos. Ao longo da lança, em caracteres rúnicos, estão inscritos os termos do acordo ditado por sua ambição. Poucas vezes ele lera aquela incômoda inscrição, mas agora via-se obrigado a relê-la para ver se descobria alguma brecha que pudesse lhe ser favorável. Mas, não, os termos eram inequívocos:



"Pela construção do Valhalla,
Palácio magnífico e novo lar de Wotan,
Divindade suprema,
Os gigantes Fafner e Fasolt,
Últimos remanescentes
Da raça magnífica dos Gigantes,
Passam a ter o direito de levar consigo
Freya, deusa do amor, da juventude e da beleza."

Nada podia ser mais claro: em troca do Valhalla, Freya, irmã de sua mulher!

- Loki, o maldito!... é ele o culpado de tudo! – esbravejou Wotan, fincando a lança sobre o solo. Um som cavo reboou por todo o palácio.

Loki, filho também daquela raça nefasta dos Gigantes! Criatura inquieta e turbulenta, maldito irmão de criação que só lhe trazia problemas.

Na verdade, Loki não lhe trazia somente problemas: muitas vezes, inclusive, já tirara os deuses de sérias dificuldades. Loki era uma espécie de curinga entre as divindades,

aquele trazia problemas, mas que, ao mesmo tempo, sabia encontrar as soluções mais originais e inesperadas para eles. Alguns dias antes, Wotan havia encarregado o utilíssimo embusteiro de uma importante missão.

"Loki", dissera ele ao semideus, "encarrego-o de descobrir em todo o mundo algo mais valioso do que a própria Freya, deusa do amor! Somente assim poderei romper os termos do acordo irretratável, que fiz com os Gigantes!"

- Fricka, Loki já retornou de sua missão? – disse Wotan à sua esposa.

- Não, os únicos que aí estão, são os malditos gigantes para levar minha irmã de vez para Jotunheim!

Jotunheim era o país dos Gigantes. Era para lá que Freya deveria levar lambem as suas maçãs da juventude.

- Oh, Wotan! Como pôde trocar minha irmã pela sua vaidade? Você trocou o Amor pelo Poder...!

- Silêncio, mulher das mil recriminações! - bradou Wotan. - Lembre-se de que você também disse várias vezes que não via a hora de adentrar os luminosos e perfumados salões do Valhalla!

- Sim, disse, não nego - respondeu Fricka, de olhos baixos. Mas, em seguida reergueu-os com altivez. - Mas fiz isto apenas para lisonjear a sua vaidade, louca que fui...!

- Ora, vejam! Mas, então, é sempre a vítima! Sempre a atribuir aos outros os seus próprios erros e as desgraças que lhe acontecem! Basta, máquina de reclamar! Traga Fafner e Fasolt à minha presença e desapareça da minha frente!

Num instante, Wotan tem diante de si os dois gigantes. Fasolt tem o ar ponderado; a expressão de seu rosto é a de quem espera apenas, que se pratique a justiça dos acordos, anteriormente pactuados. Já seu irmão, Fafner, tem o ar colérico e um brilho evidente de cobiça inunda seus olhos. É ele quem dá a nota da conversa.

- Muito bem, Wotan - diz ele, apontando para a grande janela. - Lá está d Walhalla, o mais belo e magnífico de quantos palácios possam haver neste ou cm qualquer outro mundo! Está cumprida a nossa parte do acordo: queremos, agora, a nossa paga. Onde está a bela Freya?

Seus olhos cinzentos perscrutam tudo ao redor.

- Ora, vamos, esperávamos, que ela já estivesse aqui, à nossa espera!

Wotan dá-lhes as costas. Caminhando lentamente até a janela, vê mais uma vez as diversas torres do novo palácio, que faíscam sedutoramente.

- Fafner e Fasolt...! - diz Wotan, com um meio sorriso. - Não esperavam, realmente, que o pagamento chegasse a tanto, não é mesmo?

- O que está falando? - diz Fasolt, dando um pulo. - Foi o pactuado!

- Está gravado aqui, não vê? - retruca Fafner, mostrando a lança ao deus.

- E, se tivesse sido apenas uma brincadeira? - diz Wotan. Por baixo de sua espessa barba, percebe-se um sorriso estranho, que tanto pode ser de simpatia quanto de uma velada ameaça.

- Você brinca conosco, Wotan, mas não estamos aqui para graças! - diz Fafner, cuja face está marcada por duas manchas vermelhas.

Wotan, pouco acostumado a se explicar, também perde logo a paciência.

- Ora, vamos, ela é bonita demais para dois tolos como vocês! Escolham outra coisa!

Fasolt está sem fala; rígido como uma estaca, apenas observa o semblante alterado do deus soberbo. Já Fafner está tomado pela cólera: o sonho de ver os deuses privados da juventude persegue-o desde pequeno e, agora que estava prestes a vê-lo realizado, não permitirá que tudo se perca por entre seus dedos.

Neste momento, porém, ouve-se um rumor vindo do lado de fora da janela.

- Vejam! - exclama Wotan, exultante. - É Loki quem chega!

Dali a instantes, Loki está entre eles. Ele tem um olhar inquieto, emoldurado por cabelos vermelhos, longos e escorridos. Um grande broche dourado prende seu manto leve e esvoaçante.

- E então, Loki? - pergunta Wotan, ansioso.

- Nada encontrei, poderoso Wotan - diz ele, com uma voz carregada de frustração.

- Como nada, seu tratante? Você não sabe o que estes dois vieram fazer aqui?

Fafner e Fasolt encaram-no com o semblante irado.

- Naturalmente que sei, poderoso deus.

- Então apresente a solução, miserável! Afinal, foi graças aos seus pérfidos conselhos que me meti neste maldito negócio!

- Graças a mim?... Perdão, Wotan, mas eu nunca o induzi a nada!

- Você fez, ao menos, o que lhe mandei fazer?

- Sim, Wotan, percorri o mundo todo e, em todas estas andanças, nada descobri que tenha mais valor do que o Amor.

Um sorriso de triunfo ilumina o rosto de Fafner.

- Vamos fechar logo este negócio! - diz ele, adiantando-se.

- Contudo, escutei falar de algo, que talvez os interesse... - diz Loki, com um ar enigmático.

Wotan ergue num arco as suas sobrancelhas desgrenhadas.

- Escutou o quê?...

- Bem, ouvi dizer, que há um certo Alberich, um nibelungo, que diz ter encontrado algo infinitamente mais valioso que o Amor.

- Mais valioso? - exclamam os gigantes a um só tempo.

- Silêncio, escutemos o que este tratante tem a dizer! - diz Wotan, tomado pela curiosidade. - Vamos, Loki, desembuche de uma vez!

- As ninfas do Reno disseram-me que o anão esteve lá e lhes passou uma conversa. Ao final de tudo, ele acabou por se apossar do Ouro do Reno!

O Ouro do Reno...! Sim, todos já haviam escutado falar daquele tesouro, que diziam estar oculto sob as águas do majestoso rio. Mas ninguém ainda o tinha visto.

- De posse deste ouro, Alberich forjou um misterioso e poderoso anel. Graças a ele, dizem elas, o anão acumulou um tesouro fabuloso em suas cavernas subterrâneas no país dos Nibelungos.

Tão logo escuta isto, Fafner chama seu irmão Fasolt à parte.

- O que você acha disto? - diz Fafner, com a mão em concha na orelha do irmão.

- Acho que se trata de mais um embuste! - diz Fasolt. - Você conhece Loki lauto quanto eu: ele é um descendente da nossa raça e você sabe que a maioria dos gigantes não prima pela lisura...

- Deixe de asneiras! - Fafner está fascinado por aquela história: uma montanha de ouro que pode passar de uma hora para a outra, como num passe de mágica, para as suas mãos, não é algo que se despreze. - Vamos dar um prazo a eles. Se nos trouxerem mesmo o tal ouro deste miserável anão, trocaremos Freya por ele.

Mas Fafner... não podemos sair daqui de mãos abanando!

- Certamente que não, caro irmão! Certamente que não!...

Fafner volta-se, então, para os dois, Wotan e Loki, que estão no centro da peça, aguardando o desfecho da conversa dos gigantes.

- Vocês têm um dia para nos entregar todo este ouro. Esta é nossa decisão.

- Ótimo! - exclama Wotan. - Amanhã vocês terão o que desejam.

- Um momentinho! - diz Fafner, erguendo o dedo. - Até lá, levaremos Freya conosco, na condição de refém.

- Uma refém? - diz Wotan, com as faces intumescidas.

- É claro! Não acha que sairemos daqui de mãos abanando, confiados apenas na palavra deste aí, não é? - diz Fasolt, apontando para Loki.

Um silêncio tenso paira sobre todos. Wotan sabe do risco que corre e teme a reação de Fricka, sua mulher.

- Muito bem, que assim seja! - diz ele, finalmente. - Loki, mande chamar Freya imediatamente!

Os três - Wotan e os gigantes - ficam a sós. Cada qual tem os pensamentos postos no objeto de sua ambição. As torres do Valhalla continuam a faiscar à distância. Nunca elas pareceram tão belas, luminosas e tentadoras! Fafner e Fasolt também têm os olhos da imaginação postos sobre o brilho do ouro de Alberich.

De repente, porém, um grito de mulher vem pôr fim aos saborosos devaneios dos três. Fricka, esposa de Wotan, entra sala adentro, conduzindo sua irmã, Freya, pela mão.

- Então, você fez o que eu temia? - diz Fricka, alterada. - Vai mesmo entregar minha irmã aos cúpidos desejos destes dois?

- Freya, passe para cá - diz, simplesmente, Wotan, tomando-a pela mão.

Solidamente presa pela mão potente do deus supremo, Freya é como um frágil graveto, que ele conduz para onde quer.

- Oh, meu poderoso cunhado! O que pretende fazer de mim?

- Acalme-se, bela Freya. Você ficará apenas por um dia na companhia de Fafner e Fasolt, até que tenhamos cumprido nossa parte do acordo. Não se preocupe, eles nada farão com você neste meio tempo. - Wotan olha para os dois, como num claro sinal de advertência.

O rosto fino da deusa da juventude e do amor está molhado pelas lágrimas, que lhe escorrem dos olhos como duas linhas irregulares, líquidas e cristalinas.

- Vamos, basta de conversa - diz Fafner, tomando a deusa, que já passou por três mãos em menos de um minuto.

- Não, Wotan, não!... - grita Freya.

Sua irmã arremessa-se, mas é impedida pelo marido.

- Quieta, não dificulte ainda mais as coisas!

- Oh, Wotan, maldito! - exclama Fricka, lavada em pranto. - Por causa da sua cupidez, Asgard inteira conhecerá logo o seu fim!

III - O elmo de Tarn

O país dos Nibelungos é diferente de todos os outros: a começar, pelo fato de estar situado debaixo da terra. É um país evidentemente sombrio, onde a luz do sol jamais penetra. Suas casas, ruas e estradas são iluminadas apenas por tochas, muitas tochas, que se espalham por todos os lugares onde seus habitantes penetram, espalhando pelo chão e pelas paredes as suas minúsculas e desencontradas sombras. "Penetrar" não é um termo nem um pouco inadequado para usar, quando se leva em conta que, em muitos trechos daquele país, o espaço de que os anões dispõem para se movimentar são apenas fendas - uma miríade de lendas, um pouco mais estreitas do que as nossas, já que quem tem de atravessá-las são seres diminutos. Mas dizer, por isso, que eles vivem espremidos como uma legião de esquilos em uma pequena toca, seria incorrer em grave exagero e dar provas de que se desconhece, completamente, o caráter destas estranhas criaturas. Na verdade, nenhum outro povo sobre (ou sob) a face da terra tem mais o gosto da amplidão e dos grandes espaços quanto a raça inquieta dos nibelungos.

E, já que falamos de amplidão, o céu do seu país não pode ser outro, senão o teto rochoso das paredes azul-ferretes, que sobem a alturas incomensuráveis, uma vez que eles, anões, descem também a profundidades incríveis, expandindo, assim, seus territórios para baixo, como eficientíssimas marmotas. Sim, porque apesar de serem um povo minúsculo, eles não são nada preguiçosos, passando a maior parte do tempo a escavar túneis e a erigir verdadeiros palácios e galerias por dentro das rochas, nos quais o vento assobia de maneira intermitente.

Mas, que não se imagine que pelo fato de não poderem desfrutar do mesmo céu azulado que recobre as cabeças dos "descobertos" - denominação que explicam aos habitantes da superfície (Asgard, a morada dos deuses; ou Midgard, "Terra-Média", lar dos mortais) -, estão os nibelungos privados de gozar das delícias de uma boa chuva, por exemplo. Sim, chove também no país dos Nibelungos - e abundantemente. Das fendas que se abrem nos imensos maciços acima de suas cabeças, não raro, brotam inesperados veios de água cristalina que minam por grandes extensões, transformando-se em verdadeiras tempestades que, às vezes, duram por séculos - e até milênios, sem dúvida! -, fazendo com que certas regiões mais úmidas sejam chamadas, por isso de Províncias Chuvosas. Ali, o comércio dos guarda-chuvas por certo prospera e um eficiente mecanismo de escoamento está projetado, desde tempos imemoriais, para dar vazão a toda aquela água que, às vezes, decai para apenas uma fina garoa, quando a seca se instala nas terras que o sol banha, generosamente, acima de suas pequenas cabeças. Ao contrário, quando a enchente se instala lá em cima, eles se vêem também em apuros muito semelhantes, com grandes inundações que, não raro, provocam desastres e muitas mortes.

Descrever, entretanto, toda a geografia do país dos Nibelungos seria tarefa tão inglória quanto pretender conhecer todas as galerias e desvãos tortuosos do maior de todos os formigueiros existentes. Basta, então, que voltemos nossos olhos para um dos

milhões de habitantes deste país, mais precisamente, aquele que detém um pequeno e precioso objeto - sem dúvida, muito precioso...!

Desde algum tempo, o nome Alberich (antes o mais obscuro dentre os nibelungos) tornou-se sinônimo de medo e opressão. Rumores, que circulam entre a massa de anões-escravos, dão conta que ele detém a propriedade de algo que lhe confere um imenso poder. Um poder de vida e de morte.

Mas mesmo estas conversas, cochichadas na penumbra entre os anões de picareta em punho (obrigados a extrair das paredes todo ouro possível) são extremamente perigosas e, por isto mesmo, muito raras. E a razão disto está no fato de que, entre tantos poderes que o tirano Alberich possuiria - todos, por certo, maléficos -, estaria também incluído o de se fazer invisível como o ar.

"O Elmo de Tarn!" Eis um sussurro que se ouve sempre, à meia voz, por entre o ruído intermitente das picaretas. "Cuidado com o elmo da invisibilidade!"

Sob este signo maléfico, prossegue, pois, a vida no país dos Nibelungos -terra que, há muito tempo, deixou de ser morada de anões livres e operosos para se tornar lugar de tormento e da mais negra escravidão.

Wotan e Loki já estão descendo desde o início do dia, por penhascos e falésias, para tentar chegar ao país dos anões.

- Falta muito, ainda, guia infernal? - pergunta Wotan. - Seu fôlego já está no limite, pois descer penhascos, seguramente, não é tarefa mais fácil do que subi-los. Mesmo para um deus.

- Já estamos quase no palácio de Alberich. É só mais um pouco.

Loki, reunindo todas as informações, conseguira abrir caminho até a fortaleza do soberano. Mas mesmo ele, o mais bem informado dos deuses, ainda parece meio perdido.

- As coisas mudaram muito por aqui nos últimos tempos - diz Loki, observando as construções inacabadas e as escoras de madeira, que estão por toda parte. - Nunca vi os anões se entregarem com tanto empenho à mineração como agora. Dizem que é Alberich, tornado todo-poderoso por estas bandas, quem colocou o povo inteiro para extrair todo o ouro possível para ele. Isto aqui está virando um imenso queijo repleto de furos.

- Mas como este anão tornou-se todo-poderoso de um dia para o outro?

- Ninguém sabe; circulam apenas rumores. O mais forte deles diz, no entanto, que ele se apropriou de um objeto maligno que lhe dá um imenso poder. Ou então, que forjou algo de muito sinistro dentro de alguma destas milhares de minas que lhe deu a supremacia sobre todos os demais da sua espécie.

Wotan e Loki aproximam-se da fortaleza de Alberich. Ao centro, percebe-se um magnífico palácio, escavado inteiro na própria rocha e revestido com lâminas de ouro

puríssimo. Os olhos dos dois intrusos faíscam e Wotan não pode conter um assobio de espanto e admiração.

- Para um pobre nibelungo das profundezas, não está nada mal!

Os dois cruzam por uma multidão de anões que passam apressados com seus instrumentos à mão. A entrada do palácio, segurando grandes lanças, estão postados quatro dos maiores anões do país - tão altos, na verdade, que chegam quase à cintura de Wotan! Eles são o último obstáculo antes da magnífica porta de ouro maciço que dá acesso ao impressionante castelo.

Antes de entrar, no entanto, Wotan e Loki se detêm um pouco para admirar os entalhes que enfeitam as duas gigantescas portas. Uma espécie de engaste (talvez, leito de lápis-lazúli ou uma variação desconhecida de ouro negro) faz as vezes de tinta, desenhando sobre o faiscante ouro algumas cenas verdadeiramente magníficas: anões de imensos capacetes, com suas cotas ricamente trabalhadas e de espada em punho (ou ainda, portando resplandecentes machados de dois gumes) aparecem metidos em heróicas batalhas, em desenhos soberbos que fazem todo o contorno das duas portas. Misturadas a estas cenas (que fazem referencia aos mais variados episódios da história bélica dos Nibelungos), estão ainda muitas outras com motivos diversos, estando a tônica, agora, no trabalho da extração do ouro. Centenas de anões aparecem, assim, pendurados em imensos paredões com suas picaretas e baldes, extraindo da rocha bruta o valioso metal com tanto realismo, que parecem estar todos vivos a extrair da própria porta o ouro de que tanto necessitam.

- Queremos falar com Alberich! - diz, finalmente, o deus supremo, desviando o olhar daquelas cenas e pondo toda a sua autoridade na voz.

Os soldados postam-se de lado, erguendo as pontas douradas de suas lanças, reconhecendo com isto a majestade daquele que chega.

- Sua Elevada Alteza, Alberich I e Único irá recebê-los em seguida! - diz um dos soldados, com uma entonação ao mesmo tempo de medo e orgulho.

- "Alberich I e Único!" - diz Loki baixinho, tentando conter o riso.

Wotan dá-lhe um cutucão. Ambos adentram pelas imensas portas do castelo.

***

Quando Wotan e Loki chegaram ao grande salão de Alberich - após terem atravessado um labirinto de corredores iluminados por archotes suficientes para clarear uma cidade inteira -, encontraram-no vazio. Ou quase. A um canto da imensa peça, havia um anão agachado. Da parede de pedra, ligada a um gancho, escorria uma grossa cadeia de ferro que se estendia até envolver o seu tornozelo. Havia um prisioneiro, portanto, dentro da peça principal do imenso palácio. Quantos outros não haveria em locais muito mais obscuros e tétricos, espalhados por todo o castelo?

- Quem é você? - disse Wotan, tão logo pôs o olho sobre o desgraçado.

- Me chamo Mime - disse a pobre criatura, com um fio de voz. Seu aspecto era lamentável: as faces encovadas e as roupas em trapos davam bem a medida dos maus tratos a que, desde longo tempo, estava submetido.

- O que faz um prisioneiro aqui dentro do salão de Alberich?

- Sou o irmão dele... - disse o anão, acabrunhado.

- Você... irmão de Alberich I e Único?! - exclamou Loki, divertido.

- Sim... ele me reduziu a isto! - disse o anão, erguendo os pulsos algemados e cobertos de chagas. - Reduziu todos nós a isto!

Mime contou aos deuses todos os passos da meteórica ascensão de Alberich. Desde a visita às ninfas do Reno que o outrora pacífico anão retornara outro, com um brilho maléfico no olhar. Antes apaixonado, a partir daquele dia proibira qualquer menção a elas. Alberich tornara-se o mais frio e desumano dos seres, dono de um invencível e pérfido magnetismo.

- Não, Alberich não é mais o mesmo! - disse Mime, desolado. - Agora ele está a serviço de algo terrível, imensamente terrível!...

- Diga-me, pobre infeliz - disse Loki, afetando uma piedade que não sentia em absoluto. - Que história é esta de que Alberich detém o poder sobre algo imensamente forte?

Mime tergiversou, dizendo que nada sabia a este respeito. Mas Loki percebeu que aquele era um segredo muito importante que só debaixo de torturas inenarráveis o anão iria revelar, pois isso implicaria sua morte imediata.

- E a história do Elmo de Tarn? - perguntou ainda Loki, sem muita esperança de obter resposta melhor. - Desta vez, no entanto, o anão foi mais explícito.

- Bem... trata-se de um elmo mágico... - disse Mime, olhando para Wotan como se esperasse encontrar alguma defesa.

- Vamos, fale de uma vez! - disse Wotan, encorajando-o. - Alberich nenhum ousará enfrentar-me diretamente, mesmo em seus domínios.

- Ele ordenou que eu confeccionasse um elmo para ele, o mais belo de todos que já existiram, inteiramente forjado a ouro!...

- Ora, nanico, já deu para ver que ouro é o que há de mais trivial por aqui! - disse Loki, impacientando-se. - Adiante, conte o resto de uma vez!

- Este elmo, ele o dotou de uma propriedade mágica - disse Mime, franzindo as costuras dos olhos, parecendo mesmo que queria enxergar algo por dentro do ar. - Graças a algo que ele possui, conseguiu imantar o Elmo de Tarn com o dom da invisibilidade!

- Então é verdade...! - disse Loki, alisando os cabelos escarlates.

Neste momento, ouviu-se um grande ruído do lado de fora. Uma massa escura de anões avançava, tropeçando e chacoalhando suas correntes - pois eles também estavam encadeados, só que ligados uns aos outros. Era um exército miserável de escravos. Alberich, senhor supremo dos Nibelungos, conduzia-os, auxiliado por algumas dezenas de feitores que faziam estalar seus chicotes com toda a força nas costas despidas dos anões, lira uma nova turma de sapadores que caminhava para uma das milhares de minas que Alberich fizera abrir por todo o reino.

Desvencilhando-se logo da turba miserável, Alberich I e Único - ou "Alberico, o Rico", como também apreciava ser chamado - ultrapassou o fosso e adentrou pelas portas de ouro maciço que davam acesso ao seu esplêndido palácio talhado na pedra bruta.

- Ora, quanta honra! - disse o anão, tão logo enxergou diante de si a figura de Wotan, deus supremo. "Será possível que o próprio senhor do universo vem até mim para me prestar vassalagem?", pensou Alberich, num delírio de poder. Na verdade, mais um de seus delírios, pois desde que confeccionara o seu Anel de Poder, Alberich era acometido diuturnamente por estes espasmos de orgulho. Antes de qualquer coisa, porém, tratou de fazer com que retirassem Mime da peça.

- Leve-o com os demais para as minas! - disse ele a um lacaio. - Basta de descansos por aqui!...

Depois que o irmão havia sido retirado, restituiu a atenção aos visitantes.

- Mas a que devo a honra de sua visita? - disse o anão, dando uma olhadela ligeira para Loki, o filho da pérfida raça dos Gigantes.

- Alberich, não temos muito tempo para cerimoniais - foi logo dizendo Wotan. Ele sabia que, se quisesse pegar o tesouro do anão, teria que ser rápido e não dar tempo a ele para raciocinar. - Pelo que estou vendo, chegaste a um estado verdadeiramente invejável!

Invejável!... Wotan, senhor de Asgard e do Valhalla, demonstrava-lhe inveja!... Oh, isto era perfeitamente a glória!, pensava o anão, regozijando-se todo por dentro.

- Sim, é verdade: sim ou não, é fruto de muito trabalho... e de muito talento... e de muita capacidade... - foi dizendo o nibelungo e estaria até agora acumulando os adjetivos laudatórios, se Wotan não lhe tivesse atalhado o curso da frase.

- Que magnífico elmo é este que aí está em suas mãos?

O único olho de Wotan luzia de admiração. Ninguém, na verdade, seria capaz de dizer o quanto havia de sincero naquela sua admiração e o quanto de cálculo; o fato é que Alberich, tomado de surpresa, ergueu-o instintivamente.

- Oh, o elmo...! - disse ele, sem saber exatamente o que falar.

- Sem dúvida, trata-se do elmo mais lindo que já vi em minha vida! - exclamou Wotan.

- Ora, também não vamos exagerar...! - disse Loki, entrando na conversa. - Chegara a hora do embuste e sentia que a tática do deus não era a mais adequada para aquele momento. Não, ele não iria permitir que, mesmo Wotan, com Ioda a sua propalada sabedoria, pusesse tudo a perder.

Alberich abraçou-se ao elmo, irritado com o comentário depreciativo de Loki, como se abraçasse um filho vilipendiado por um mendigo - tal como Loki, na verdade, esperava que ele fizesse. Wotan, entretanto, fez uma careta de ira para o companheiro, que tratou logo de tranqüilizar com um de seus olhares significativos.

- Vamos, Wotan, não seja bobo!... Você tem pelo menos uma dúzia de elmos tão ou mais bonitos do que este! - disse o esperto filho dos gigantes.

- Bem, talvez seja verdade... - anuiu o deus, entendendo a jogada de Loki.

- Diga-me, Alberich I e Único - disse Loki, enfatizando o título e retornando à carga: - Por que razão corre por todo o país dos Nibelungos o boato falsíssimo de que você possui um elmo mágico, se nem extraordinariamente belo ele é?

Alberico, o Rico, sentiu uma nuvem de cólera cobrir-lhe as vistas.

- Maldito, atrevido! - exclamou o anão, sapateando o mármore do chão. - Como ousa desfazer do meu maravilhoso elmo dentro de meu próprio palácio?

- O que é, é; o que não é, não é - disse, simplesmente, o embusteiro. - Se quiser, posso lhe trazer aqui qualquer um dos meus próprios elmos, que nada ficará a dever a este seu. Entretanto, se este aí tivesse mesmo uma propriedade mágica, como se afirma por aí, então estaria disposto a mudar de opinião...

- E o que diria, rato de silo enferrujado, se eu lhe dissesse que, com ele, posso simplesmente desaparecer?

Loki fingiu um espanto desmedido.

- E, além disso, ainda surgir, de repente, num outro lugar a milhares de quilômetros daqui? Hein, o que diz, senhor dos elmos de araque?

Loki afagou o queixo como quem reflete.

- Só isto...? - disse Loki, querendo arrancar mais alguma coisa.

- Não chega, falastrão? Então, veja isto também!

Alberich entornou o elmo sobre a cabeça e gritou com todas as suas forças: "Serpente gigante, sinuosa e enrodilhada!" No mesmo instante, uma nuvem encobriu-o da cabeça aos pés. Dali a pouco, dos rolos de fumaça desfeitos, surgiu uma imensa e terrível serpente de presas ameaçadoras e gotejantes de veneno.

Até mesmo Wotan assustou-se desta vez. Loki deu dois passos para trás, porém, fingidamente receoso. De repente, contudo, a serpente desapareceu em novo rolo de fumaça para reaparecer em seu lugar o anão, segurando o elmo. A sua empáfia, entretanto, era tamanha, que parecia haver crescido alguns centímetros depois da espantosa metamorfose.

- Isto foi suficientemente espantoso para você? - disse Alberich, balançando-se na ponta dos pequeninos pés.

- Bem, eu não diria o suficiente - disse Loki, como quem reluta em aceitar uma evidência incontestável. - Crescer até algo imensamente poderoso é um belo feito, não resta dúvida; mas e decrescer até um ser frágil e indefeso? Algum mágico de araque já foi capaz de fazer tal coisa? Não, nem você com seus truquezinhos baratos realmente poderia alcançar isso!

Alberich, desafiado outra vez, empunha o elmo e o coloca com toda a força sobre a cabeça, exclamando: "Sapo nojento, cinza e deformado!" No mesmo instante, está reduzido à frágil criatura. Num jato, Loki arremessa-se e toma o elmo da cabeça do indefeso sapo. O feitiço, imediatamente, quebra-se e Alberich volta à sua forma normal.

- Meu elmo, oh! meu elmo! - brada o anão, avançando para Loki. -Devolva-me já, maldito embusteiro!

Mas Wotan o derruba com uma rasteira e aprisiona seus bracinhos entre os seus, infinitamente mais fortes.

- Chega de bazófias, sapo-rei! - diz Wotan, com um riso escarninho. -Agora, você vem conosco: temos um negociozinho muito importante para resolver!

IV - A maldição do anel

Wotan e Loki retornaram com Alberich, saindo por uma passagem secreta cio castelo. Depois de se ver dominado pelos dois, Alberich decidira colaborar, principalmente após descobrir que o objetivo de Wotan se restringia a se apoderar cio seu ouro. "Se é somente o ouro que ele quer, não há problema; posso, perfeitamente, recuperá-lo!" pensou o anão, acariciando o anel que levava escondido no bolso. "Enquanto eu tiver comigo esta preciosidade, Mime estará inteiramente sob o meu domínio. Ele e todos os demais escavarão todo o ouro do mundo!"

Já no palácio de Wotan, Alberich, acorrentado, ainda esperneava.

- Vamos, libertem-me já! Sim ou não, sou um soberano!

- Silêncio, Alberich I e Único! - disse Loki, ironizando.

- Você estará livre, Alberich, tão logo nos traga o seu ouro - disse Wotan. - É imprescindível que isto seja feito, caso contrário, Asgard inteira perecerá.

- Ah, é? - exclamou o anão, indignado. - E que tenho eu a ver com seus acordos escusos? Por que devo pagar o monstruoso preço da sua vaidade?

- Silêncio! Ordene a seus escravos que tragam todo o ouro em seu poder e lera garantida a sua liberdade.

- Um ouro ilegitimamente adquirido, a propósito - atalhou Loki.

Alberich preferiu silenciar. Sim ou não, se era isto o que queriam, então, o teriam. Um emissário foi enviado às pressas ao país dos Nibelungos. No mesmo dia, retornou com vários anões, os quais traziam em carroças todo o ouro que o anão havia furtado das ninfas.

- O Ouro do Reno! - exclamou Loki, tão logo o teve diante dos olhos.

Alberich já estava quase conformado em perder todo aquele tesouro; ele sabia, perfeitamente, como obter mais. Mas, neste instante, Loki pôs os olhos sobre o elmo.

- Queremos o Elmo de Tarn também! - disse ele, cobiçando o objeto.

- Está louco! - explodiu Alberich. - Nem morto tomarão de mim o meu precioso elmo!

- Será nosso, sim senhor! - disse Wotan. - Obrigue seu irmão Mime a lazer outros cem iguais para você.

Wotan parece inflexível. As maças da juventude estilo em poder de Freya que, por sua vez, está nas mãos dos seus implacáveis credores. Ele sabe perfeitamente que, sem este alimento sagrado, os deuses logo estarão envelhecidos e encontrarão a morte, tal como os habitantes da Midgard. E se os gigantes não julgarem o ouro recompensa bastante pela construção do Valhalla?

"O Elmo de Tarn servirá, perfeitamente, para lhes aplacar a ira!", pensa o deus, enquanto alisa, pensativamente, as suas negras barbas. Mal pode perceber que alguns fios prateados já se intrometem no meio, dando os primeiros sinais da aterradora velhice, flagelo de todos os mortais.

- Os deuses caducos! Quá! Seria muito engraçado vê-los neste estado! -diz Loki, aproveitando a deixa para se divertir um pouco. Seu gênio folgazão, na verdade, não pode ficar muito tempo sem uma boa brincadeira.

- Sim ou não, já estão, ao que parece! - resmunga Alberich, olhando de soslaio para Wotan, que permanece irredutível. Vendo, no entanto, que não há outro jeito, o nibelungo cede, afinal, e entrega também o maravilhoso elmo.

- Pronto, aqui está! - diz ele, estendendo a peça a Wotan. - Agora, deixem-me partir!

- O que é isto no seu dedo? - diz Wotan, atraído pelo brilho incomum que irradia do fatídico anel.

- I-isto? N-nada! - balbucia o anão.

- Oh! é o mais belo anel que já vi! Ficará conosco também! Alberich fica paralisado por alguns instantes.

- Não, antes a minha vida, mas o anel, não!

Diante da recusa peremptória, Wotan sente estar diante de algo, realmente, muito valioso. Arregalando seu único olho, ele diz, com voz estentórea:

- Vamos, passe já para cá o anel; de agora em diante, ele é meu!

Wotan toma a mão de Alberich e arranca o anel de seu dedo. Um guincho de desespero parte da boca do anão, que cai de bruços sobre o chão, arrancando os cabelos. Alberich é desamarrado em seguida.

- Vamos, já pode ir embora - diz Wotan, admirando o anel que já está em seu dedo. Uma sensação inigualável de prazer banha sua alma.

- Maldição eterna a todo aquele que se apossar do meu anel! - grita Alberich, completamente fora de si. - Jamais terá paz e a preocupação consumirá o espírito do seu possuidor, pois a inveja colocará sempre alguém à sua frente para lhe roubar o bem mais precioso do universo! Oh, o meu anel!, o meu precioso anel!

Ninguém, entretanto, está disposto a dar ouvidos às suas lamúrias. Alberich parte, cabisbaixo, com a alma envolta no mais negro desânimo.

Wotan está diante da janela do seu palácio. Daqui a pouco, Fafner e Fasolt chegarão para restituir a ele Freya, sua valiosa cunhada. Enquanto isso, ele observa novamente as torres do Valhalla. Desde que colocou o anel em seu dedo, a magnífica construção parece ter adquirido um brilho especial. Um estranho poder há naquele anel que parece conferir uma força tremenda à vontade! Wotan nunca se sentiu tão vigoroso, tão disposto a enfrentar seu destino. Se Heimdall fizesse soar agora as trombetas para a Ragnarok, Wotan estaria pronto para a batalha, aquela que, segundo as profecias, haverá de pôr um fim a tudo - ao mundo, aos deuses e a todas as criaturas.

- Wotan, os gigantes já chegaram - diz uma voz que, a princípio, o deus não reconhece.

Fafner e Fasolt, os dois irmãos, de fato, adentram o salão, conduzindo Freya, que parece mais abatida do que nunca. Quando eles vêem a pilha de ouro a faiscar sobre o mármore, alteram imediatamente a cor dos seus semblantes. Fafner, o mais ambicioso, sente um frêmito agitar o seu largo peito. "Aí está o ouro, então!", pensa ele. "Que maravilha!; logo será todo meu!"

- Está cumprida a minha parte no acordo - diz Wotan, apontando para a pilha dourada. - Restituam-me agora Freya, sem mais demora.

Fricka, esposa de Wotan e irmã da deusa aprisionada, entra no recinto com o rosto lavado de lágrimas.

- Oh, Freya, minha querida irmã! Você está de volta!

Fricka tenta trazê-la para si, mas é impedida pela mão vigorosa de Fasolt.

- Um momento - diz ele, afastando Fricka. Ele toma as clavas sua e de seu irmão e as finca ao chão.

- Freya, fique no meio das clavas - diz Fafner, com um sorriso deliciado, afinal, fora ele quem tivera aquela idéia. - Elas servirão de medida para que se calcule o ouro que Freya verdadeiramente vale.

Um grito de revolta escapa da garganta de Fricka.

- Por que razão pretendem humilhá-la deste jeito, perversos? Não queriam o ouro?, pois bem, aí está! Peguem-no e desapareçam de nossas vistas!

- Silêncio, mulher! - diz Fafner, enquanto ajeita Freya entre as estacas improvisadas. - Agora, vamos empilhar o ouro até que não reste um único fio de cabelo dela acima da pilha!

Aos pés da bela Freya começa, então, a ser empilhado o ouro. Lentamente, a deusa do amor desaparece atrás da coruscante pilha de ouro.

- Ótimo, ótimo! - diz Fafner, esfregando as mãos. - Mas ainda falta muito!

- Vamos, Loki, acabe logo com isto - diz Wotan, sem querer observar a cena humilhante. Fasolt, o outro gigante, também está à parte; não lhe agrada nada a brincadeira do irmão, embora o tenha auxiliado.

- Ainda não é o bastante! - reclama Fafner. - Veja, sua cabeça está inteiramente a descoberto. Não há mais ouro, então?

Não, não há; o ouro acabou. Fafner já está pronto para desfazer o negócio e derrubar toda a pilha quando observa um objeto depositado no chão.

- Aquele faiscante elmo!... - diz ele. - Coloquem-no já sobre a pilha; isto bastará para que se chegue à altura de Freya!

Loki ergue o imponente elmo e o coloca sobre o monte dourado.

- Pronto! Está inteiramente coberta pelo ouro! - diz ele, sorridente.

Freya está convertida, agora, em um ser assustadoramente dourado, portando um capacete resplandecente. Fasolt aproxima-se, então, para observar melhor e ver se não falta nada mesmo. Depois de estudar por todos os ângulos, pára diante de uma fenda que se abriu em meio à pilha.

- Veja, Fafner! - diz ele, dando um grito de alerta. - Há um pequeno buraco ainda a ser preenchido.

Sim, de fato, por uma fenda aberta, percebe-se, nitidamente, um dos olhos assustados de Freya a observá-los. Fafner relanceia os olhos em todas as direções até divisar no dedo de Wotan o anel que este surrupiara de Alberich.

- O anel...! - exclama o gigante. - Vamos tapar esta fenda com o anel que está em seu dedo.

- Nunca! - exclama Wotan com um grito que reverbera por tudo. - Este anel me pertence e jamais fará parte do acordo!

- Wotan, meu esposo! Você enlouqueceu de vez! - diz Fricka, lamentosa. - Por causa de um mísero anel deixará que levem para sempre minha irmã e a nossa imortalidade? Lembre-se de que sem as maçãs da juventude estaremos todos condenados à mais irremediável decrepitude e à própria morte!

- Cale a boca, sua resmungona! - diz Wotan, surdo a qualquer apelo. - Já dei todo o ouro que estes dois tratantes queriam; até o Elmo de Tarn está em seu poder. Não lhes basta, então, tudo isto? Por que ainda querem este mísero anel?

- Será mesmo tão mísero, ilustre Wotan? - pergunta Fasolt, percebendo que um mistério envolve aquela pequenina e preciosa rodela de ouro. - Se assim c, vamos, passe-o já para cá e partiremos imediatamente.

- Não e não! Fora daqui os dois! - exclama Wotan.

O deus supremo está completamente fora de si. Uma chama de ira incendeia seu único olho que está grudado ao anel. Por nada neste mundo, vai se desfazer daquele pequeno pedaço de metal que lhe dá tanta segurança.

- Vamos, Fasolt, pegue a deusa e vamos embora! - diz Fafner, dando um chute na pilha dourada que se desfaz diante de todos. Atrás dela, surge outra vez a jovem Freya, pálida de medo, que é, imediatamente, agarrada pelas mãos firmes de Fasolt.

Neste momento, uma terrível escuridão abate-se sobre todos. Nuvens espessas recobrem o céu e estrondos ferozes de trovões reboam pelas montanhas. Em meio a uma luz azul e escura, surge uma figura feminina de ar severo e inquisidor.

- Wotan, entregue este anel amaldiçoado!

É Erda, a deusa da terra. Ela vive imersa num sono de sabedoria sob a terra, despertando em momentos de especial clarividência. Wotan e ela foram amantes em antigas eras e sua voz ainda tem grande poder sobre o deus.

- Não, Erda sagrada, desta vez, nem mesmo os seus ajuizados conselhos farão com que eu mude de idéia! - diz Wotan, com o anel enterrado na palma da mão.

- Wotan, eu insisto: devolva já este anel! Ele é maldito e a desgraça acompanha-o aonde quer que ele vá, trazendo a ruína para todo aquele que o possui.

- Ruína?! - diz Wotan, apontando para o ouro espalhado sobre o chão. - Você chama isto de ruína?

- Lembre de Alberich, Wotan! Entenderá, então, o que quero dizer com ruína!

- Ora, o anão tornou-se mais rico do que um dia poderia imaginar!

- Não é mais, Wotan: ele encontrou alguém mais esperto, que o desapossou de seu pérfido anel. E, assim, acontecerá com todo aquele que o possuir: estará sempre sob a mira da inveja dos que ambicionam tê-lo um dia para si!

Wotan, entretanto, permanece irredutível como uma criança. Erda dá-lhe as costas, dizendo antes de desaparecer numa grande nuvem escura para o interior da terra: "Dias de grande escuridão c dor aproximam-se para os deuses!"

Todos ficam abalados com a partida da deusa. Wotan está à parte e parece 'lutar consigo mesmo. Sua mão, lentamente, abre os dedos, descolando-os com extraordinária dificuldade.

Ali está o anel, refulgindo com um brilho diferente de todos os outros. Estrias faiscantes percorrem-no com um dourado matizado, ao mesmo tempo, por todas as cores do espectro, um objeto de beleza e fascínio inigualáveis. Wotan fecha os olhos e cerra seus lábios. Sua respiração torna-se ofegante e ele parece estar a travar a maior batalha de sua vida. Um suor copioso escorre de sua testa, encharcando-lhe as sobrancelhas e a comprida barba. Então, depois de longo tempo, ele estende uma mão trêmula para os gigantes e diz num tom de derrota:

- Vamos, peguem-no e desapareçam para sempre!

Fafner, num pulo, apodera-se do anel. Fasolt, fascinado, aproxima-se do irmão.

- Vamos, deixe-me vê-lo! - diz ele, com os olhos arregalados.

- Idiota, recolha logo o ouro! O anel fica comigo!

Fasolt recolhe no seu fardo o ouro, mas não desgruda um instante da verdadeira preciosidade. Tão logo termina sua tarefa, volta-se para o irmão.

- Dê-me agora o anel!

- Imbecil! - ruge Fafner, agarrando o Elmo de Tarn e o enfiando com toda a força na cabeça do irmão. - Fique com isto e não me aborreça!

Fasolt lança longe o elmo e tenta arrancar à força o anel das mãos do irmão. Uma terrível luta começa, então, entre os dois. Fafner, aproveitando-se de um descuido, agarra sua clava e desfere um terrível golpe sobre a cabeça do irmão. Um ruído pavoroso de ossos quebrando-se faz com que as mulheres presentes lancem um estridente grito de horror.

- Loucos, parem com isto! - brada Fricka, esposa de Wotan.

Loki, entretanto, diverte-se a valer com a disputa e dá um grito de alegria quando vê Fasolt, moribundo, desabar ao chão com a cabeça aberta.

Fafner, sem se importar com o que fez, pega o anel e o esconde nas dobras de sua roupa. Depois, recolhe o elmo e o ouro e sai, rapidamente, daquele lugar, enquanto o irmão agoniza no solo.

Wotan observa os efeitos da maldição que começam a se concretizar diante de seus próprios olhos.

- Aí está, para vocês todos, o resultado de tanta ambição! - diz Fricka, olhando irada para o marido, que está acabrunhado, e para Loki, que observa o corpo de Fasolt com ar de desprezo. - O Valhalla é seu, finalmente, Wotan. Pode ocupá-lo agora: o preço acaba de ser inteiramente pago!

***

O dia amanhece. Wotan e Fricka rumam para o Valhalla, sua nova morada. Heimdall, o vigia de Asgard, criou Bifrost, a ponte do Arco-íris que conduzirá todos ao magnífico palácio. À frente, segue o casal divino. No rosto de nenhum deles, brilha o menor sinal de alegria ou satisfação. Wotan sabe que por aquela mesma ponte terá de regressar, um dia, para travar uma negra batalha. E que, para o lugar aonde vai, não haverá prazeres que não tenham a mácula de um dissabor terrível e definitivo: o do Crepúsculo dos Deuses.

Segundo Ato

A Valquíria

I - A casa do freixo

É uma noite fria e tempestuosa. Os raios e os trovões sucedem-se na paisagem desolada de uma floresta que está, inteiramente, entregue aos açoites do vento e da chuva. Troncos inteiros fendidos pelos raios estão caídos por toda a parte, obstruindo os caminhos, enquanto rios de água descem das encostas, encharcando a relva. Seria quase impossível imaginar que algum ser vivo seria capaz de se expor à fúria dos elementos numa noite escura e sinistra como esta.

Entretanto, um homem surge, agora completamente encharcado e apoiado a um bordão por entre o clarão dos relâmpagos. Ele parece fugir de algo, pois a todo instante pára para voltar sua cabeça para trás, sendo impelido outra vez para a frente pela força da chuva tocada pelo vento. De repente, porém, estaca diante da visão surpreendente de uma casa que aparece bem à sua frente. De fato, não se trata de uma casa normal: do alto de suas telhas, espargem-se os ramos e os galhos de um imenso freixo! Na verdade,

a casa fora construída de maneira original, ao redor do freixo, de tal forma que o tronco deita suas raízes bem no meio da sala.

"Que estranha construção!", pensa o solitário viajante. Ele se aproxima mais e bate à porta. Mas, com todo o fragor da tempestade, suas batidas não soam mais forte do que a batida singela de um pica-pau. Espia, então, por uma fresta da janela para dentro da casa, a fim de ver se há alguém que lhe possa dar abrigo. Nada. Km compensação, há um grande clarão, provindo de uma enorme e aconchegante lareira.

O estranho testa agora o trinco da porta: está aberto! Sem se deter por receio algum e impelido pela exaustão, ele adentra a casa, arrasta-se penosamente até a lareira e ali desaba sobre uma grande pele de urso. A chuva, locada pelo vento, entra pela porta aberta, mas, antes que o alcance, é evaporada pelo calor das labaredas, que agora aquecem seu corpo exausto. Suas roupas estão rasgadas e algumas feridas manchadas de sangue lhe recobrem a pele.

Neste instante, assustada com o ruído do vento que entra pela porta escancarada, surge uma mulher. Pensando tratar-se de seu marido, ela corre para aquele homem que está caído sobre a pele.

- Oh, não é Hunding! - exclama a jovem, assustada.

Sem saber o que fazer, ela tenta acordar o estranho. Seu marido pode chegar a qualquer momento e o que diria se a encontrasse em plena sala com um homem?

- Vamos, jovem, acorde! - diz ela, sacudindo-o suavemente.

Aos poucos, o forasteiro recobra a consciência. O brilho das labaredas, misturado ao ruído crepitante dos troncos que estalam (a lareira é, verdadeiramente, imensa e nela poderia ser assado um leitão ou mesmo um boi inteiro), acabam por fazer com que ele desperte. Voltando-se para a dona da casa, ele tenta pôr-se em pé.

- Desculpe ter invadido o seu lar! - diz ele, atrapalhado.

- Está tudo bem - diz ela, fazendo com a mão um gesto de pouco caso. - Diga-me quem você é e por que se encontra neste estado...

O forasteiro, apoiado à jovem, consegue, finalmente, equilibrar-se sobre as próprias pernas.

- Quem sou eu? - diz ele, com um ar quase ausente. - Chame-me de "Desafortunado".

- Você parece estar ferido; deixe-me ver estas manchas...

- Não, não é nada... São feridas superficiais, logo estarão curadas.

- Vou trazer-lhe, então, um pouco de água.

A jovem sai da sala. O forasteiro, um pouco mais refeito, põe-se a estudar a peça. Sim, ali está, no centro da sala, o tronco maciço do freixo. Erguendo os olhos, ele o vê estender-se até o telhado; por meio de furos, engenhosamente feitos na cobertura, os galhos desaparecem para dentro da noite. Mas, em seguida, a dona da casa retorna com um copo de água.

- De quem ou do que você estava fugindo? - diz a jovem, observando atentamente os traços do forasteiro. Uma simpatia quase magnética parece aproximá-los cada vez mais.

- Fujo do infortúnio que me persegue desde sempre! - responde ele, voltando os olhos para as labaredas como se, dentro delas, pudesse enxergar todos os seus males. - E acho que já é hora de partir também, antes que atraia para esta casa os males que, sem cessar, não se cansam de me afligir.

- Não, não vá! - diz ela, tomando-o pelo braço, numa brusca familiaridade que também a assusta. - Se for por isso, nada tema, pois a infelicidade já reside há muito nesta casa...

- Quem é você, afinal...?

- Sou esposa de Hunding; ele já deve estar retornando. Por favor, fique e desfrute de sua hospitalidade. - Depois, meio que se voltando para outro lado, diz, à meia-voz: - Nem mesmo ele seria capaz de lhe negar o dever da hospitalidade...

O estranho apóia-se à lareira. Imerso em seus pensamentos, decide aguardar a chegada do proprietário. Suas reflexões, contudo, logo são interrompidas pela chegada de Hunding. Ele é um homem forte e de espessa barba e, desde logo, percebe-se que se trata de um homem rígido e pouco amável.

- Quem é este homem? - diz ele à esposa, tão logo põe os olhos sobre o estranho.

- É um forasteiro que buscava abrigo da tempestade, meu esposo - diz a mulher, temerosa por sua reação.

- Vamos sentar para jantar - diz o dono da casa, abruptamente. - O forasteiro parece muito abatido e não quero que digam que, na nobre casa de Hunding, se faz vistas grossas à fome e ao mal estar de um pobre errante.

Enquanto os três comem, Hunding aproveita para estudar o estranho. "É extraordinária a semelhança que tem com minha mulher!", pensa Hunding, enquanto dilacera um enorme osso recoberto de carne. "O que haverá por trás disto?"

- Sirva mais um pouco de carne e vinho ao forasteiro - diz o marido, com seus gestos rudes.

- Se não me engano, eu e minha mulher já nos apresentamos, forasteiro de poucas palavras - diz Hunding, limpando a boca com as costas peludas de sua mão. - Creio ser dever de gratidão ou, ao menos de cortesia, que o hóspede nos revele, agora, também o seu nome. Ou espera que eu passe o resto da noite chamando-o de forasteiro?

- Já o disse, anteriormente, à sua esposa - diz o visitante. - Meu nome é "Desafortunado".

- Oh, que belo nome! - ironiza Hunding. - Com este nome deve ter, então, uma história bastante divertida para nos contar, não é, minha esposa?...

A jovem permanece séria. Há muito tempo, acostumou-se a não responder com sorrisos fingidos os maus gracejos do esposo. - Conte-nos a sua história -diz ela, simplesmente, voltando os olhos mansos para o visitante.

Um ar de constrangimento pesa sobre a sala. A chuva ainda cai lá fora e um trovão providencial estoura, quebrando o desconforto. O forasteiro aproveita, então, para começar o seu relato.

- Sou filho de Wolfe ["Lobo"]. Morava com ele, minha mãe e minha irmã há muitos anos, numa região distante daqui. Vivíamos uma vida muito feliz até que, um dia, ao retornarmos eu e meu pai de uma caçada, encontramos nossa casa em chamas. Minha mãe estava morta e minha irmã havia desaparecido.

- Oh, que desgraça!... - exclamou Sieglinde, penalizada

- Meu pai e eu saímos pela floresta, como um lobo e seu filhote, e ali passamos a viver de maneira quase selvagem, tomados pelo desgosto. Assim, estivemos por muito tempo, até que os agressores voltaram e nos atacaram, talvez receosos de que, um dia, buscássemos a desforra. Brigamos um dia inteiro, até que vimo-nos, meu pai e eu, obrigados a fugir. Mas, na fuga, acabei por perder o contato com ele e, assim, tive de me internar sozinho na floresta. Tão logo vi-me livre da perseguição, entretanto, retornei para procurar algum sinal de meu pai, mas só encontrei a pele de lobo que ele usava em nossas caçadas.

- E, desde então, vaga sozinho pelo mundo com este nome infausto? -perguntou Sieglinde.

- Sim, outro não tem sido meu destino. Por toda parte aonde ando, sou mal visto. Se acho algo bom, a todos parece péssimo; se porventura observo em algo uma nesga de mal, todos afirmam que aquilo é, perfeitamente, bom. Oh, é um inferno!

- Mas e estes ferimentos que traz por todo o corpo, de onde vieram?

- Creia-me, jovem esposa, que é apenas o fruto de mais uma de minhas desditas!

- Mais desditas?!... - exclamou Hunding, após virar um grande corno de vinho. - Eis, então, um hóspede verdadeiramente indesejável, pois as Nornas, fiandeiras do destino, não cessam de persegui-lo!

O jovem, sem se deixar perturbar pelas provocações de Hunding, retoma seu relato.

- Perdi minhas armas e ganhei estes ferimentos quando, um dia, saí em defesa de uma jovem que implorava por auxílio, pois seus perversos irmãos pretendiam obrigá-la a se casar com um homem perverso. Foi uma luta terrível, mas acabei por matá-los a todos.

Isto causou imenso pesar na mulher. Infelizmente, a coisa não terminou por aí; logo chegaram outros parentes para vingar os irmãos mortos pela minha espada. Travamos novo combate, mas, desta vez, eles eram muitos e acabaram quebrando minha espada e meu escudo. A pobre mulher acabou morta pela ira destes assassinos ferozes; quanto a mim, vi-me obrigado a fugir, sem meios de oferecer qualquer resistência.

Hunding, à medida que ia escutando o relato, foi tornando-se cada vez mais inquieto. Um rubor de cólera tingia-lhe as faces e seus dedos crisparam-se sobre a mesa.

- Então, não cheguei tão tarde, afinal, para dar cumprimento à vingança -disse Hunding, olhando para o forasteiro com o olhar repleto de cólera.

- O que está dizendo, meu marido? - perguntou sua esposa, assustada.

- O que estou dizendo é que eu era um dos que deveriam vingar a morte dos irmãos; infelizmente, cheguei tarde. Mas, agora, tive a felicidade de encontrar o inimigo dentro de minha própria casa!

Hunding ergueu-se com rapidez tal que o estranho pôs-se em pé num reflexo.

- Esteja descansado, por hora, forasteiro - disse ele, sem sequer olhar-lhe para o rosto. - Por esta noite, ninguém o perturbará. Ninguém dirá jamais que, na casa de Hunding, se viola o sagrado dever da hospitalidade, matando hóspedes indefesos durante a noite. Mas, amanhã, será diferente. Trate de arrumar alguma arma antes que o dia amanheça pois, logo cedo, travaremos um duelo mortal. Pagará, desta forma, com seu sangue todas as mortes que provocou.

Hunding voltou-se em seguida para a mulher: - Venha, vamos deitar. Prepare já a minha bebida e deixe o forasteiro aí na sala, a sós com suas culpas. E, quanto a você, já sabe: tem até amanhã para arrumar as suas armas.

***

Sigmund - pois tal é o nome do forasteiro - está sentado, há longo tempo, em frente ao fogo, quase ao pé do tronco do grande freixo que brota do meio da sala. Entregue aos seus pensamentos, o jovem sente que, mais uma vez, o infortúnio se volta contra ele. "Sozinho e indefeso na casa de meu próprio inimigo! E sem uma única espada para fazer frente àquele que deseja minha morte!"

Neste instante, porém, vêm, como uma inspiração à sua mente, as palavras que seu pai lhe dissera certa ocasião: "Não se preocupe, meu filho! Num momento de extrema necessidade, farei com que chegue às suas mãos uma espada poderosa!"

- A espada! - exclama Sigmund. - Oh, meu pai, onde está a espada invencível que me prometeu? Sem ela, como poderei fazer frente a este terrível inimigo?

Neste momento, uma tora de lenha incandescida rompe-se dentro da imensa lareira. Um clarão intenso reflete sobre o tronco do freixo, iluminando algo que parece estar fincado na própria madeira.

- O que é isto? - diz Sigmund, tentando fixar o olhar sobre o estranho brilho.

Mas a luz logo desaparece. O forasteiro associa, então, aquele brilho com o do olhar da jovem, que há pouco deixou a sala. "Que brilho estranho e divino há em seu olhar!", pensa ele, em meio às suas dúvidas e aflições. "Será que, em seu coração, se passa o mesmo que no meu? Será, ou não, recíproca a afeição que já sinto brotar em meu coração?"

Sigmund reflete sobre a sua vida e já está quase adormecendo de cansaço, quando ouve uma voz chamá-lo, suavemente.

- Estranho "Desafortunado", acorde!

É a jovem esposa de Hunding. Ela traz uma vela na mão.

- Seu esposo não pode saber que está aqui! - diz Sigmund.

- Não se preocupe, acrescentei à sua bebida algumas ervas soníferas - diz ela, num tom de alívio. - Ele só acordará amanhã cedo.

- Sim... para o duelo! - diz Sigmund, com o cenho carregado. Voltando, então, o olhar para o freixo no centro da sala, ele pergunta para a jovem:

- Que brilho estranho é este, que cintila sobre o freixo?

- Brilho?! - exclama a jovem, surpresa. - Ela corre até o tronco e parece feliz.

- Oh, será verdade?

- Não a entendo...

- Aquilo é uma espada! E, a menos que esteja completamente enganada, ela lhe pertence, forasteiro!

Sigmund, empolgado, corre até o freixo. - Mas... é apenas o cabo!

- Ela está enterrada. Ouça, forasteiro, deixe-me contar-lhe a minha história e, então, entenderá a razão desta espada - a sua espada! - estar encravada aí!...

Sigmund retrocede, ainda fascinado pelo brilho do punho da espada. Mas, logo, seus olhos se voltam para sua amada - sim, agora ele sabe: ele a ama! - e dedica toda a atenção aos lábios dela.

- Meu infeliz casamento deu-se nesta mesma sala, há muitos anos. Após ter sido raptada de minha casa por ladrões, vi-me obrigada a me casar com este odioso homem numa cerimônia em que estavam também seus parentes. Jamais quis tê-lo como esposo, mas a brutalidade dele assim decidiu. Estávamos, pois, em meio à infeliz cerimônia, quando, de repente, irrompeu pela porta uma estranha figura. Suas vestes eram inteiramente acinzentadas e ele trazia sobre a cabeça um grande chapelão de abas largas, que lhe ocultava um dos olhos. Meu marido tentou impedir-lhe a presença, mas

seu único olhar era tão ameaçador, que tanto ele quanto os outros preferiram afastar-se, deixando-o a sós. O estranho sacou, então, de suas vestes uma reluzente espada; seu brilho era tão intenso que encheu a todos de assombro. Encaminhando-se até o freixo, ergueu a espada c a encravou com toda a força até o cabo no grosso tronco. Depois, desafiou a iodos que a arrancassem do freixo; aquele que o conseguisse, ficaria dono dela. Antes de sair, o velho me deu uma olhada, onde vi errar (oh, sim, tenho a absoluta certeza!) a inconfundível doçura de um olhar paterno!...

Sigmund sentiu seu coração encher-se de esperanças. "Oh, serei eu, então, o escolhido para retirá-la do freixo?" A jovem, no entanto, tem seus olhos postos sobre o rosto de Sigmund. Um magnetismo intenso parece irradiar-se de seus olhos. Neste instante, um radiante raio de luar entra pela janela e banha suas laces. De repente, tudo fica claro para ambos e já não há mais nenhum segredo entre eles.

- Meu pai... Ele me disse certa feita, querida irmã, que, um dia, uma espada providencial chegaria às minhas mãos num momento de extrema necessidade. Meu pai e seu pai... são um só... Sieglinde!

Sim, ela era sua irmã, Sieglinde, que um dia fora raptada de maneira tão Imitai. Agora ali estava à sua frente, como num sonho.

- A espada, Sigmund querido!... - diz Sieglinde, apontando para a árvore.

Sigmund, vacilante, aproxima-se do freixo. Bem ao centro, está mais nítido do que nunca o cabo da espada. A lâmina, entretanto, não se pode enxergar, pois n espada está de tal modo enterrada, que não resta à vista um único pedaço do seu aço.

- Muitos tentaram, meu irmão... Inclusive Hunding, com toda a sua força! - diz Sieglinde, um pouco receosa.

Mas Sigmund está confiante: - É ela, sim! - diz ele. - É Notung, a espada prometida por meu pai! - Suas mãos estão firmes, quando seus dedos entrelaçam-se ao cabo gelado da espada. Sem fazer grande esforço ele, então, a retira do tronco. A lâmina prateada, perfeitamente intacta, vai surgindo aos poucos até Sigmund ter a espada inteira em suas mãos. - Notung, agora, é minha, ó minha irmã e minha noiva! - exclama Sigmund, radiante.

Sieglinde abraça-se ao irmão, dizendo: - Sigmund, amado! De hoje em diante, você não é mais o "Desafortunado", mas, sim, Sigmund, da nobre estirpe dos Walsungs!

II - Brunhilde, a Valquíria

Desde que Wotan havia entregue o anel mágico aos gigantes em pagamento pela construção do Valhalla - seu novo e magnífico palácio -, um único pensamento habitava sua mente noite e dia: como fazer para recuperar o anel do poder? Alberich, aquele que o forjara, já não detinha mais a sua posse, mas Wotan, o mais sábio dos deuses, não era ingênuo o bastante para imaginar que o anão iria deixar as coisas neste estado, sem pretender readquiri-lo a qualquer preço.

"Não, anões podem ser pequenos em tudo, menos na persistência!", pensava Wotan todos os dias, sempre que se sentava em Hlidskialf, o seu trono mágico, de onde podia observar tudo o que se passava nos nove mundos existentes: Hel e Niflheim, as regiões infernais; Jotunheim, a terra dos gigantes; Midgard, a terra dos mortais; Nidavellir, a terra dos anões; Svartalfheim, a terra dos gnomos das Irevas; Alfheim, a terra dos gnomos felizes; Vanaheim, a terra dos Vanes, os deuses inferiores; e acima de todos, Asgard, a morada dos deuses.

Entretanto, neste momento, não era tanto o anão quem mais o preocupava, mas os gigantes - ou, mais especificamente, Fafner, o perverso que havia matado seu irmão, Fasolt, na hora da partilha do Ouro do Reno. Do que mais seria capa/ este ser perverso, pensava Wotan, agora que detinha a posse de um objeto tão terrível e poderoso ao mesmo tempo? (Sim, por trás de tudo, ainda era o fatídico anel o que determinava as ações dos principais habitantes do universo.) Wotan sabia que, por suas forças, não podia violar um acordo gravado em sua própria lança. Ele dera o anel em pagamento pelo Valhalla e nem mesmo ele podia violar este pacto.

Wotan, temendo que Fafner pudesse repovoar Jotunheim com nova população de gigantes e lançar um devastador ataque contra Asgard, decidira juntar-se a Erda, aquela mesma deusa da terra que o admoestara, publicamente, quando ele não quis entregar o anel ao gigante. Ele e Erda haviam se tornado amantes nas profundezas da terra e ali gerado as nove Valquírias - virgens guerreiras encarregadas de recolher nos campos de batalha os melhores guerreiros pura povoar o Valhalla que ficava, assim, transformado em uma espécie de campo de treinamento paradisíaco. Ali, estaria reunida, com o passar dos anos, a estirpe dos melhores guerreiros mortos - os Einheriar -, os quais, no dia do Crepúsculo dos Deuses, estariam aptos a enfrentar o ataque dos Gigantes naquela que, segundo a predição, seria a grande batalha que poria fim ao universo e, quiçá, aos próprios deuses...

Wotan fazia todas estas reflexões já instalado nos magníficos salões do Valhalla. Com todos os defeitos que pudessem ter aqueles dois perversos gigantes, não haviam feito, afinal, um mau trabalho, pensava o deus ao observar as maravilhas daquela faustosa construção. Nada menos do que 540 portas davam acesso aos majestosos salões pelos quais podiam passar até oitocentos homens postos lado a lado. O ouro recamava todas as paredes em lâminas de um dourado espelhado, enquanto que o soberbo teto era todo recoberto por uma miríade de escudos brilhantes. Seu esplendor não terminava aí. Milhares de lanças prateadas esplendiam, apontadas para o alto, sustentando esta magnífica abóbada, a tal ponto polidas que, à noite, seu brilho era mais que suficiente para iluminar todo o imenso salão onde se assentava o mais poderoso dos deuses.

Fazia poucos instantes que uma grande recepção havia se encerrado - a mesma recepção que se dava todas as noites aos guerreiros que jamais paravam de chegar e que conduzidos até ali pelas mãos das nove guerreiras virgens e imortais. Depois de terem passado o dia inteiro em acirrados torneios - nos quais as feridas, que se distribuíram mutuamente, eram perfeitamente reais -, haviam estes guerreiros se assentado nas mesas douradas do salão principal do Valhalla para gozar da companhia de seu deus e guerreiro-mor, o poderoso Wotan. Uma refeição esplêndida os aguardara, composta, basicamente, de postas assadas do grande javali Saehrimnir - o qual tinha a

propriedade fabulosa de ser inteiramente consumido e ressurgir intocado na noite seguinte. A carne era acompanhada pela bebida predileta dos imortais, o hidromel, a qual era obtida da grande cabra, Heidrun, que vivia sobre o telhado do Valhalla, alimentando-se da folhagem mágica da árvore Lerad. Todos os dias, a cabra enchia um gigantesco tonel com o produto das suas tetas, do qual se serviam, generosamente, os milhares de habitantes daquele estranho e viril paraíso.

***

O dia amanhece nas montanhas. Wotan está agora solitário, tendo apenas a companhia de seus dois corvos - Hugin e Muniu -, que estão assentados cada qual sobre um de seus ombros. Estas duas aves têm uma única tarefa: cobrir com seu vôo o mundo inteiro e trazer ao deus, no final do dia, tudo quanto viram e ouviram. O semblante de Wotan está rígido; duas fundas rugas desenhadas sobre a testa denotam a preocupação que lhe vai na alma.

- Sigmund e Hunding duelarão, então, daqui a instantes!... - diz ele, alisando a negra barba que lhe desce pelo peito. Eleja sabe que seu filho conseguiu retirar a espada do freixo, tal como previra. Durante anos, Wotan vagara com ele pelas florestas sob o nome de Lobo somente para ver chegado este momento: o de lhe conferir a vitória sobre o oponente, vitória que o tornará apto a retomar de Fafner o temível anel antes que este ponha fim à gloriosa estirpe dos deuses.

- Ótimo! - exclama o deus, erguendo-se. - Tudo corre como o esperado!

Mas, para que isso se confirme, é preciso que Brunhilde, sua filha predileta e uma das nove Valquírias, acorra ao campo do duelo para ajudar a dar a vitória a Sigmund. Wotan prepara-se para mandar chamá-la quando, de repente, ouve o ruído de alguém que chega.

"Oh, não! De novo, Fricka e suas rabujices!", pensa ele.

De fato, é a esposa de Wotan quem surge em meio às árvores, conduzindo a sua carruagem puxada por carneiros. Fricka traz em sua mão uma chibata de ouro e parece disposta a vergastar algo mais além dos animais exauridos.

- Wotan, o que você pretende fazer? - diz sua esposa, com a voz encolerizada.

- Como assim? - exclama Wotan, com o ar ausente.

- Não sabe, então, que sou a deusa do matrimônio? Pretende impingir mais esta humilhação a mim, ao favorecer o amor ilícito daqueles dois?

- Daqueles dois...? De quem está falando?

- Você sabe, perfeitamente, de quem estou falando! Estou me referindo àquele casal adúltero e incestuoso!

- Sigmund e Sieglinde, você quer dizer...

- Sim, os filhos que você, um deus, teve ao infringir os sagrados laços que nos unem.

- Por favor, Fricka, não comece...

- Pretendo não só começar, Wotan, como acabar com este romance nefasto. Pretende mesmo defender Sigmund neste duelo que ele travará com Hunding?

- Claro, se é meu filho! Além do mais, as esperances do recuperar o anel estão todas depositadas em suas mãos.

- Nada disto importa! Este romance é infame!

- Eles se amam, Fricka, e isto é o que importa numa união! Pecaminosos são os votos que forçam uma união indesejada.

- Tudo isto são desculpas suas para encobrir um erro monstruoso.

Fricka assume, agora, uma postura inflexível.

- Wotan, pela honra dos deuses e por tudo o que é mais sagrado, você deve retirar das mãos de Sigmund a espada Notung.

- Nunca! - exclama Wotan, mostrando-se também irredutível.

- Sim, retire Notung das mãos de Sigmund e mantenha Brunhilde afastada dos duelistas. Sigmund deve ser morto para o bem de todos nós e dele próprio. Jamais permitirei, Wotan, que meu nome seja maculado por este favorecimento ilícito, jamais!

Wotan está encurralado. Fricka deu provas suficientes de que não cederá aos argumentos de seu marido e de que só estará satisfeita quando Sigmund tombar nas mãos de Hunding no duelo que está prestes a se realizar.

Depois que Fricka parte, Wotan fica entregue aos seus pensamentos. Não lhe resta outra alternativa, senão ceder às exigências de Fricka.

Neste momento, a valquíria Brunhilde, sua filha, chega às montanhas.

- Bom dia, meu pai! - diz ela, segurando as rédeas de seu cavalo. Ela é uma jovem de longos cabelos dourados e seu rosto de linhas firmes e belas denota um caráter nobre e altaneiro. - Estou pronta a ajudar Sigmund a derrotar Hunding.

- Esqueça, minha filha - diz Wotan, sombriamente. - Sigmund deve morrer.

- Como, meu pai? - diz Brunhilde, confusa.

- Fricka assim o exige. Sou seu esposo e não posso vilipendiá-la desta maneira, mesmo em favor de meu filho.

- Mas, papai, Sigmund tem a missão de resgatar o anel das mãos de Fasolt!

- Outro terá de fazer isto, não meu filho.

- Talvez o filho de Alberich, quem sabe?

- O que diz?

- Sim, papai, há rumores de que o nibelungo comprou com ouro o amor de uma mulher e planeja gerar com ela um filho, aquele que irá se reapossar do anel!

- O filho de um anão...? Não, fique tranqüila, o anel está muito bem guardado. Fasolt, que detém a posse dele, transformou-se por artes daquele terrível objeto em um gigantesco dragão. Somente um herói, filho de um deus, poderia enfrentá-lo com sucesso. Infelizmente, não será Sigmund quem o fará, pois ele deverá morrer diante da espada de Hunding, esposo de Sieglinde.

- Não foi isso que combinamos anteriormente, meu pai!

- Fricka me fez mudar de opinião.

- Não, ela está errada!

- Silêncio! Você deve obediência tanto a ela quanto a mim!

Wotan, deus supremo, pode mudar de opinião, mas nunca de atitude; assim, depois de fraquejar momentaneamente diante de uma razão mais forte, ele reassume sua postura habitualmente inflexível e autoritária em defesa, agora, de uma razão inteiramente oposta à anterior.

- Não há outra solução - diz o deus, imperativamente. - Devo matar o filho que amo em nome de um princípio maior.

Brunhilde está inconformada. Ainda tenta esboçar uma reação em defesa de Sigmund, mas seu pai não lhe dá a menor chance de tentar salvar a vida do guerreiro.

- Você deverá tomar o partido de Fricka nesta luta; para tanto, deverá estar ao lado de Hunding, marido de Sieglinde.

- Papai... Deixe, por favor, que eu tome o partido de Sigmund!

- Atrevida!... Não me faça repetir a mesma ordem. Vá e cumpra!

Brunhilde toma as rédeas de seu cavalo e ruma, pesarosamente, para o local onde Sigmund e Sieglinde estão. É destino inelutável de Sigmund estar em breve nos salões do Valhalla na condição de mais um guerreiro morto a engrossar as hostes de Wotan.

III - A espada partida

Brunhilde cavalgava pelas alturas, solitária, em meio às nuvens escuras e carregadas. Nunca uma manhã surgira, com efeito, mais tenebrosa: um vento gélido empurrava massas escuras de nuvens, umas de encontro às outras, em direção ao horizonte, enquanto relâmpagos espocavam acompanhados pelo rolar contínuo dos trovões. Parecia mesmo que grandes rochedos rolavam pelos céus, arremessados de longe, com seu ruído assustador, aumentando de intensidade até atingir o auge sobre as cabeças dos pobres mortais que estivessem abaixo, enfraquecendo novamente ao desaparecerem no horizonte negro e assustador. A valquíria, entretanto, nada temia, prosseguindo a cavalgar entre as nuvens pejadas, ao mesmo tempo em que aspirava aquele odor benfazejo de chuva que tanto vigor e coragem lhe traziam à alma. Normalmente, ela o fazia acompanhada de suas oito irmãs, sobrevoando altivamente os campos de batalha a escolher os guerreiros para compor o exército sobrenatural de seu pai. Hoje, entretanto, ela terá uma missão solitária - e funesta - a cumprir: sua mão deverá favorecer o inimigo de seu favorito. Sim, Brunhilde, hoje, será a mensageira da desgraça, aquela que levará a morte a Sigmund, seu meio-irmão e filho de Wotan.

A valquíria havia chegado, primeiro, à casa de Hunding, onde o filho de Wotan estava hospedado. Mas, ao chegar lá, encontrara tudo deserto: Sigmund e Sieglinde haviam fugido da casa, ainda antes do amanhecer, após terem se amado diante do grande freixo no meio da sala, aproveitando-se do sono profundo de Hunding. Na verdade, fora Sieglinde quem fugira primeiro, sozinha e às escondidas do irmão; este, entretanto, tão logo percebera a ausência dela, saíra em seu encalço.

Sieglinde não pudera suportar o peso de sua consciência: apesar de detestar o marido, que lhe fora barbaramente imposto, nem por isto julgava-se autorizada a infringir os laços que a uniam a ele. "Não, Sigmund, não podemos permanecer juntos!", pensara ela, instantes antes de partir, ao observar as feições relaxadas de seu irmão. Além de tudo, ela sabia que também pesava sobre o seu amor o fato de ela e Sigmund serem irmãos, filhos do mesmo pai. "Os deuses jamais favorecerão um tal amor", pensou, ainda, a jovem, "e, pior de tudo, acabaremos por atrair para nós uma terrível punição, pois Fricka, esposa de nosso pai, é uma deusa muito ciosa de seus sagrados princípios, dentre os quais estão a virtude e a fidelidade."

Hunding não tomou conhecimento de nada disso, uma vez que estava drogado e a dormir em seu quarto. Somente após erguer-se, percebera a ausência dos dois irmãos, concluindo em instantes pelo inevitável: a traição e a fuga de ambos. De posse de sua espada, Hunding saíra, então, em perseguição aos dois fugitivos que levavam a vantagem de apenas algumas horas.

Sigmund, a esta altura, já alcançara a jovem Sieglinde em um desfiladeiro. Seus pés magoados a haviam obrigado a fazer uma parada.

- Sieglinde, espere! - disse ele, chegando ao local onde ela estava, exaurida.

- Não, Sigmund... fique longe de mim!... - disse a jovem, com a mão espalmada. - Infringi os sagrados laços do matrimônio e devo ser punida por isto. Hunding, meu

esposo, não tardará a cobrar com meu sangue - e com o seu, também! - o preço deste crime.

- Nada tema, Sieglinde, amada - responde Sigmund. - Veja, trago comigo Notung, a espada invencível de meu pai! Com ela, derrotarei Hunding e quem mais se atravessar em nosso caminho!

- Não, Sigmund, de nada adiantará espada alguma...! Estou desonrada, não compreende? Os deuses jamais perdoarão o fato de me ter entregue a você!

Como se fosse uma resposta preparada pelos deuses, ambos escutaram a seguir um estrépito feroz composto do latido de diversos cães e de trompas estridentes, que feriam o ar da manhã junto com os trovões e o assovio do vento.

- Ouça, Sigmund, é meu marido quem se aproxima! - diz Sieglinde, aterrada. - Vamos, fuja logo daqui!

Nesse momento, uma névoa cobre os olhos de Sieglinde e ela cai ao solo, semi-inconsciente. Uma terrível visão surge-lhe, enquanto Sigmund a toma nos braços. Cães impiedosos avançam sobre o pescoço de seu irmão, dilacerando-o até a morte, enquanto sua espada está caída ao chão, feita em pedaços. Hunding, em pé, está pronto para desfechar o golpe fatal. Sieglinde desmaia, antes que tudo se consuma.

- Acorde, minha irmã! - diz Sigmund, tentando reanimá-la.

Brunhilde, que acompanha tudo do alto, desce até o casal, segurando sua lança.

- Sigmund, filho de Wotan...! -diz ela, com a voz firme. -Sou Brunhilde, filha, como você, do maior dos deuses.

Sigmund, assustado, parece não acreditar no que seus olhos vêem.

- Brunhilde... uma das valquírias!

- Sim, sou eu! - diz ela, postando-se ao seu lado. - E você sabe que somente àqueles que estão prestes a ingressar nas hostes do Valhalla é dado enxergar a qualquer uma de nós.

- Então... serei levado por você...? - exclama o jovem, sabendo perfeitamente o que isto significa. - Terei, então, de morrer nas mãos de meu inimigo?

- Infelizmente, filho de Wotan. Seu pai assim decidiu; nada há a ser feito.

- Meu pai estará à minha espera nos salões do Valhalla?

- Sim, ele e os demais guerreiros que lá estão preparam-lhe, desde já, uma gloriosa recepção.

Sigmund sente que nada pode opor a um decreto divino.

- Está bem... se é este o decreto, estou pronto a me submeter a ele - diz Sigmund, curvando a cabeça em assentimento. - Sieglinde seguirá comigo?

- Não, jovem guerreiro, somente você deverá partir.

Sigmund, então, erguendo-se, faz à valquíria um gesto peremptório de recusa.

- Agradeça, então, em meu nome, a meu pai e a todos os demais. Ficarei aqui com minha amada Sieglinde; os prazeres sem amor do Valhalla de nada me servem.

- Estúpido!... - exclama Brunhilde. - Hunding irá matá-lo de qualquer jeito e sua espada vai se quebrar em cacos em suas mãos. Nada pode ser feito que possa impedir as coisas de serem assim e não cabe a você decidir quem seguirá, ou não, com você. Quanto a Sieglinde, esqueça-a; eu a protegerei da ira de seu marido, pois um glorioso filho está destinado a nascer da sua união com ela, Sigmund.

- Não, não deixarei que ninguém a defenda! - diz Sigmund, abraçando-se à sua amada que permanece desmaiada em seus braços. - Esta tarefa é minha -só minha! - e se meu braço não for forte o bastante para fazê-lo, então, não me restará outro recurso senão matá-la eu próprio para que ninguém tire dela sangrenta desforra!

- Ousa, então, enfrentar seu próprio pai, Wotan?

- Defenderei minha amada de qualquer um que pretenda afastá-la de mim!

Sigmund herdou o sangue do pai; tão inflexível quanto ele, não permitirá jamais que alguém lhe dite um funesto destino. Brunhilde sabe disto. Ao observar o jovem com a amada nos braços, resigna-se a tomar o partido de ambos.

"Oh, meu pai, me perdoe a desobediência, mas não posso desampará-los!", pensa ela, voltando, compungidamente, os olhos para o céu.

- Está bem, filho de Wotan, estarei ao seu lado na batalha que travará contra Hunding - diz a valquíria, empunhando a sua lança. - Não posso ir contra o amor de vocês, mesmo que isto me obrigue a desobedecer meu próprio pai!

- Cuide bem dela, valquíria, se lhe tem amor e ao filho que ela traz em suas entranhas! - diz Sigmund, depositando, delicadamente, a cabeça de Sieglinde ao solo e empunhando sua espada Notung. Depois, dirige seus passos com decisão para o lado de onde vem o estrépito das trompas e dos cães de Hunding.

Sieglinde ainda delira e, agora, revive os terríveis momentos da separação de seu pai e seu irmão há muitos anos:

"Mamãe, quem são estes homens...? Eles nos querem fazer mal, mamãe...? Por que papai demora tanto na floresta...? Oh, não, afastem-se de minha mãe, deixem-na... Oh, estas chamas...! Não, não...!"

Enquanto isso, Sigmund e Hunding já estão frente à frente. Suas espadas desembainhadas reluzem. Relâmpagos e trovões cortam os céus como se, no alto, os

raios também brandissem entre si os seus espadins recurvos. Uma chuva intensa desaba sobre os dois guerreiros.

- Aí está, então, o patife! - exclama Hunding, encolerizado. - Quer dizer que, não satisfeito em ter dizimado meus parentes, ainda ousa afrontar a minha honra dentro de minha própria casa...?

Sigmund permanece em silêncio; toda a sua mente está voltada para o manejo correto que deverá dar à sua Notung afiada. Um relâmpago ilumina a cabeça do filho de Wotan (nem ele nem seu oponente podem perceber que se trata de Brunhilde, a valquíria, quem ali está para dirigir os golpes de seu escolhido).

Hunding, contudo, hábil no manejo da espada, apara o golpe lançado pelo filho de Wotan. Faíscas e respingos da chuva explodem para todos os lados a cada choque das lâminas. O marido de Sieglinde lança um bote contra o peito de Sigmund, mas, mais uma vez, Brunhilde lança um clarão que o cega momentaneamente.

- O que é isto, afinal? - brada Hunding aos céus. - Permitirá, então, Wotan poderoso, que a própria natureza tome o partido deste bastardo miserável, desonrador de um lar e de uma família?

Brunhilde, assustada, tenta neutralizar as palavras do guerreiro.

- Silêncio, maldito! - diz ela, mas sua voz se perde em meio ao fragor da tempestade. - Mas, para mal de Sigmund, Wotan escutou o apelo de Hunding e, agora, acorre ao campo de luta, cego de fúria pela desobediência de sua filha. Montado em Sleipnir, seu veloz cavalo de oito patas, Wotan chega ao local do combate, armado com sua poderosa lança e oculto por uma nuvem tempestuosa.

- Brunhilde, ousaste desafiar a minha autoridade? - brada o deus, encolerizado.

A valquíria, diante da presença do pai, sente-se intimidada.

- Meu pai, deixe que Sigmund derrote Hunding!

- Vamos, saia já daqui, filha desnaturada!... - diz Wotan, expulsando-a com um gesto rude de sua lança poderosa.

Brunhilde afasta-se do palco do combate, sem forças para se opor diretamente ao pai. Ela sabe que uma gravíssima punição a aguarda e lamenta apenas não poder mais oferecer ajuda a Sigmund, o qual fica entregue, irremediavelmente, ao mais funesto destino.

A vantagem do combate, entretanto, ainda pende nitidamente para Sigmund; seu oponente, exaurido, tenta inutilmente fazer frente aos golpes da invencível espada Notung, mas a mortal algum é dado escapar de seu fio afiado, se um poder mais alto não a impedir de completar sua obra.

Wotan, percebendo que Hunding não resistirá por muito mais tempo às investidas de seu filho, empunha sua lança e com ela vibra um golpe certeiro à espada, que cai

despedaçada ao solo. Sigmund, atônito, vê ruir em suas próprias mãos a sua única possibilidade de vitória. Em seu coração, ele clama "Oh, meu pai, tiraste das minhas mãos a minha vitória!"

Hunding, sem esperar outra oportunidade, arremete com sua espada contra o peito do adversário indefeso e a enterra até o cabo. Sigmund sente a lâmina trespassar o seu peito e compreende que o seu fim chegou.

O filho de Wotan cai morto ao solo, misturando seu sangue à água copiosa da chuva que encharca a relva, enquanto Brunhilde corre até Sieglinde, disposta a tudo para defendê-la da fúria de Hunding ou de seu irado pai.

- Onde está aquela infame? - exclama Hunding, brandindo sua espada ensangüentada. - Quero misturar o sangue de ambos no mesmo gume!

Mas Brunhilde já colocou a frágil mulher sobre o cavalo e partiu com ela a toda velocidade para bem longe da espada vingadora de seu marido.

***

Wotan está, agora, diante do corpo de seu filho morto. Cumpriu-se o destino a que ele fora forçado. Olhando para Hunding, diz-lhe com um tom de escárnio: - Vai, maldito, até Fricka e lhe diga que sua honra mesquinha está finalmente vingada!

Mas a dor e a ira em seu coração são tão grandes, que não pode impedir a si mesmo de, com um gesto de mão, fazer com que Hunding caia também morto ao solo.

Sem dar mais atenção ao assassino de seu filho, Wotan volta, agora, os olhos paru o céu, na direção para onde sua filha Brunhilde partiu, levando consigo a infeliz Sieglinde. Seu cenho carregado não deixa dúvida sobre o seu estado de espírito: Brunhilde, a valquíria, terá de pagar pela afronta que fez ao pai.

IV - A ira de Wotan

As valquírias reúnem-se no alto das montanhas todos os finais de dia. Ao chegar, cada qual traz consigo os guerreiros mortos e entoa seu vibrante brado de guerra. Seus cavalos têm as bocas cobertas de espuma e seus corpos reluzem do suor da frenética cavalgada, enquanto as cavaleiras regozijam-se, mutuamente, reencontrando-se após terem percorrido os campos de batalha, que são abundantes nestes tempos rudes. De fato, nesta época, não se passa um único dia sem que as bravas cavaleiras de Wotan - todas filhas dele e de Erda, a deusa da terra - tenham renovado trabalho.

Entretanto, não são todos os guerreiros que recebem o privilégio de poder fazer parte das hostes de Wotan, indo residir no esplendoroso Valhalla. Somente o espírito daqueles guerreiros que mostraram especial coragem e capacidade na luta são recolhidos pelos braços das destemidas valquírias. Estes combatentes mortos, porém, apesar de terem os corpos cobertos de fundas feridas, trazem no semblante um ar de felicidade, muito diferente daquele sentimento calmo e alegre que costuma banhar o

coração dos homens calmos e pacatos, sempre associado a um estado pacífico de suave regozijo ou de beatífica contemplação. Não, a felicidade deles é feita de outro metal, mais rijo e rude, temperada no cadinho do sangue e da dor e sujeita a uma rígida obrigação moral, que todos sentem pesar sobre si como um fardo heróico. Seu paraíso, em suma, é um paraíso de fortes - um paraíso viril -, do qual está exilado qualquer sentimento de plácida satisfação ou de ingênua beatitude.

As valquírias que os conduzem são em número de nove: Waltraute, Gerhilde, Ortlinde, Schwertleite, Welmwige, Siegrune, Grimgerde, Rossweise e Brunhilde. Destas, a única ausente nesta alegre confraternização é Brunhilde, o que não deixa de causar certa estranheza às demais.

- Waltraute, Brunhilde não retornou ainda de sua missão? - diz uma delas, montada em seu cavalo branco.

- Pelo visto ainda não, cara irmã - responde Waltraute, depondo seu escudo ao chão.

Todas sabem da grave missão que hoje pesa sobre Brunhilde e da qual somente ela, a predileta de Wotan, poderia ser sido encarregada. Mas, embora conscientes desta predileção, nenhuma delas chega a devotar a Brunhilde qualquer sentimento de inveja ou de animosidade. Na verdade, elas preferem manter-se assim, à parte, livres da influência altiva e dominadora do pai, pois sabem que, se por um lado, ele dedica a Brunhilde a parte maior da sua atenção - e de sua afeição -, também não é menos verdade, que lhe dedica a parte pior deste afeto: o sentimento de posse e domínio, um sentimento capaz de arruinar qualquer relacionamento pessoal ou divino.

Entretanto, Siegrune, que está no ponto mais elevado da montanha, divisa, de repente, uma mancha, que se aproxima veloz como o vento.

- Irmãs, vejam! - grita ela, em alegre alvoroço. - É Brunhilde!...

É ela, de fato, com seu cavalo Grane, quem avança pelos ares, cavalgando, velozmente, não como quem busca algo, mas como quem foge de um grave perigo.

- Ué, Brunhilde, você trouxe uma guerreira?... - diz Siegrune, surpresa.

- Onde está Sigmund? - pergunta outra, pois todas esperavam que ela trouxesse consigo o filho de Wotan, abatido por Hunding em um duelo cruel e singular.

Brunhilde, contudo, está exausta da frenética cavalgada e preocupada demais com a jovem que traz consigo para descer à explicações.

- Isso, agora, não importa, queridas irmãs - diz Brunhilde, enxugando o suor da sua fronte. - Preciso da ajuda e da proteção de vocês!

- Ajuda? Proteção? - exclamam diversas vozes ao mesmo tempo. - Quem a persegue, cara irmã?

- Meu pai, Wotan! - diz Brunhilde, com ar de evidente preocupação. - Eu o desobedeci e, por isso, atraí a sua ira!

- Desobedeceu, você? Como?

- Tomei o partido de Sigmund no combate e fugi com esta pobre infeliz, sua irmã. Receio muito que ele queira também levar a morte a ela e ao filho que traz em seu ventre!

As irmãs entreolham-se, consternadas. Embora sintam piedade da irmã e daquela moça que ali está agarrada a Brunhilde como à sua única esperança de proteção, sabem que seria rematada loucura desafiar a autoridade do pai. E é isso, exatamente, o.que uma delas lhe diz.

- Brunhilde, como pôde desafiar a autoridade de Wotan?

A valquíria está dividida entre o sentimento do remorso, que a oprime, e o da compaixão, que a impede de se curvar aos decretos ferozes do pai.

- Que querem? - exclama ela, confusa. - Vocês seriam capazes de entregar esta frágil moça à sua ira?

- Brunhilde, os decretos de nosso pai são irrevogáveis - exclama outra de suas irmãs, tentando torná-la razoável. - Se nosso pai decidiu que ela deve ser punida, nada há a ser feito. Você deveria saber disto.

- E nem mesmo a mim estão dispostas a defender?

A resposta delas é mais eloqüente do que quaisquer palavras: seus olhares voltam-se para todas as direções, menos para a irmã que lhes implora ajuda.

- Vejam, Wotan aproxima-se! - exclama uma das valquírias.

Realmente, ao longe, pode-se perceber o avanço rápido de Wotan, que cavalga Sleipnir, o cavalo mais veloz do universo.

Brunhilde, coloca Sieglinde, rapidamente, em seu cavalo. Diz, olhando-a firmemente nos olhos: - Depressa, tome o rumo das imediações da floresta, onde Fafner - o antigo gigante, agora convertido em um feroz dragão - reside. Meu pai tem tal ojeriza a ele, que não ousará se aproximar daquele lugar sombrio. Aqui, estão os fragmentos de Notung, a espada partida; leve-os consigo. Um dia seu filho - que se chamará Siegfried - forjará uma nova espada com estes pedaços para poder enfrentar o dragão que guarda o anel ambicionado por todos. Até lá, minha querida, você terá de enfrentar um quinhão muito grande de sofrimento - a fome, a sede, as pedras e os espinhos - mas, terá sempre dentro de si o conforto de saber que espera um filho que será o mais nobre de quantos guerreiros um dia pisaram na terra.

- Oh, e quanto a você? - exclamou Sieglinde, já montada no cavalo.

- Eu terei de enfrentar a ira de Wotan, pois escolhi este caminho ao incorrer na desobediência à sua vontade.

Sieglinde parte, imediatamente, enquanto as valquírias observam Wotan chegar, coberto de suor e vermelho de cólera.

Brunhilde busca refúgio entre suas irmãs, que a cercam como um escudo.

- Aí está a infame! - brada Wotan. - Vamos, saia do meio delas e venha enfrentar sozinha a minha ira!

- Por favor, nosso pai, modere a raiva que inunda seu coração - clamam as irmãs de Brunhilde.

- É inútil que me venham com rogos e súplicas! - diz Wotan, inflexível. - Afastem-se dela ou sofrerão também o peso da minha punição!

Elas tentam resistir, mas é tudo em vão. A fúria de Wotan não admite empecilhos ao seu livre curso.

- Aqui estou, meu pai - diz Brunhilde, adiantando-se. - Pode exercer em mim a tua vingança e a tua cólera!

- Por ter me desobedecido, agora, está reduzida a ser alvo da minha punição. Eis o preço da desobediência: cumulei-a de todos os favores, elegi-a como minha predileta, concedi-lhe mesmo a imortalidade, dom maior de uma valquíria! Pois bem, a partir de agora, deixará de ser uma delas e passará a ser uma simples mortal.

Os olhos de Brunhilde enchem-se de lágrimas, pois esta é a pior punição que uma valquíria pode sofrer: perder a dignidade da imortalidade, bem concedido somente aos deuses.

- Doravante, você passará a ser como uma mulher qualquer: mortal e despida dos privilégios que só as minhas filhas desfrutam.

As oito irmãs de Brunhilde abaixam a cabeça, consternadas.

- Vou colocá-la numa floresta, em um estado de sono perpétuo, até que um reles mortal apareça e a desperte. Este será seu marido e, ao lado dele, passará o resto de sua vida - uma vida mesquinha, como a de qualquer mortal. Seus dons e sua beleza fenecerão, como acontece com toda mulher, e estará condenada a viver o resto de seus poucos dias - pouquíssimos, com efeito, em comparação com os dias de vida eterna que suas irmãs ainda desfrutarão! - a cardar a lã diante da lareira, imersa no tédio de uma ocupação reles e vil. Sim, Brunhilde, você não é mais uma deusa, nem uma imortal a partir de agora!

As valquírias se aproximam da irmã para tentar consolá-la de seu negro destino, mas Wotan as expulsa rudemente.

- Fora, todas! Aquela que ousar dirigir uma palavra de conforto a esta réproba, terá o mesmo destino dela.

As oito irmãs de Brunhilde sobem em suas montadas e, voltando as rédeas para as nuvens, desaparecem, deixando no ar apenas o rastro de seus lamentos.

Brunhilde agora está a sós com seu pai. A tempestade, que até agora ainda rugira, aos poucos vai se acalmando. Wotan está sentado sobre uma grande pedra, enquanto Brunhilde, aniquilada, está a seus pés. Poucas imagens poderiam ser mais expressivas do que esta, uma representação dolorosa - e revoltante, por certo - da sujeição a que os fortes podem submeter os mais fracos, quando assim o desejam.

- Meu pai - diz Brunhilde, erguendo a cabeça -, foi tão grave, assim, a ofensa a que o submeti para que decida me aplicar punição tão severa e irrevogável?

Wotan permanece impassível, o que faz com que Brunhilde se abaixe, repousando o queixo nos joelhos dele, como uma filha dócil e arrependida.

- Vamos, meu pai, diga-me, porque razão me pune desta maneira tão rude...?

- Você sabe, perfeitamente, que tudo isto é fruto de seus próprios erros. Eu a adverti da primeira vez, está lembrada? Mas, em vez de me dar ouvidos, preferiu pensar: "Ora, Wotan é um fraco! Que importa que lhe desobedeça?"

- Meu pai, você sentiu, tanto quanto eu, a dor de ver seu filho, Sigmund, ser morto pela espada daquele canalha... Você próprio o aniquilou, tão logo ele acabou de limpar a espada com a qual matara Sigmund! Oh, meu pai! Como poderia deixar de tomar o partido dele, que se mostrou tão corajoso, e da jovem e indefesa irmã?

- Você se deixou levar pelo amor e não pela lealdade que devia a mim! Por isso, deverá pagar com a perda da sua imortalidade.

Brunhilde parece cada vez mais conformada com o destino que a aguarda. Nada moverá o coração de Wotan à piedade. Porém, na esperança de ainda poder minorar a sua humilhação, ela faz novo pedido ao pai:

- Já que não pretende reverter a sua funesta punição, que me seja dado, ao menos, escolher o meu futuro marido, aquele ao lado do qual deverei passar o resto de meus poucos e penosos dias de vida. Não permita que um vilão ou fanfarrão qualquer me leve consigo e vilipendie, além da minha alma, o meu corpo também!

- Silêncio, atrevida! - exclama Wotan. - Não será você que determinará os termos de sua punição! Seu marido será o primeiro a chegar para despertá-la.

- Não!... Permita que seja Siegfried, o filho de Sigmund, aquele que me despertará para uma nova vida - mortal, é certo, mas ao menos digna. Terei, assim, como esposo, um homem que há de ser tão nobre quanto foi seu falecido pai.

- De nada adiantam, pérfida, as suas artimanhas! Seu marido será aquele que as Nornas determinarem.

- Não pode fazer isso, pois seria a sua própria desonra, meu pai! - exclama Brunhilde, tomada pelo pranto. - Estará condenando também toda a raça dos Walsungs da qual teu filho, Sigmund, foi o primeiro rebento.

- Rebento amaldiçoado...! - exclama Wotan, encolerizando-se outra vez. - Você amaldiçoou toda a raça dos Walsungs ao tomar o partido dela em vez do meu! Com Sigmund morto, eu poderia lançar as bênçãos de minha proteção sobre os filhos dele e também sobre aquela desgraçada, que agora, leva no ventre um rebento igualmente maldito! Sim, Siegfried também nascerá sob o peso de minha maldição!

- Não importa, meu pai! De qualquer modo, somente ele será digno de possuir meu corpo e de ser meu senhor, pois foi em nome de Sigmund e de sua descendência, que atraí esta cruel punição.

- Assim como outrora me deste as costas, farei agora contigo - responde Wotan, erguendo-se, como quem não tem mais nada a dizer. Brunhilde, em desespero, agarra-se às suas pernas, no último extremo do desespero e clama:

- Não, meu pai, não pode fazer isto! Mate-me, então, aqui está o meu peito! Antes perecer pelo golpe de uma espada, tal qual pereceu Sigmund, do que ter a honra enxovalhada pelo resto da vida...!

Neste momento, Brunhilde tem uma súbita inspiração.

- Meu pai, ouça-me uma última vez, antes de cumprir a sua vontade!

Wotan detém seus passos, embora sem voltar o rosto para a filha.

- Peça a Loki, que envolva o rochedo, onde meu corpo ficará adormecido, em um espesso anel de fogo! - diz a filha de Wotan, ao lembrar de Loki, que lambem é o deus do fogo. - Deste modo, os covardes ficarão impedidos de chegar próximos a meu corpo e dele somente o maior dos heróis poderá se aproximar!

Wotan tenta retrucar, mas, diante das súplicas insistentes de sua filha, termina por ceder. Afinal, ao preservar o resto de dignidade de Brunhilde, Wotan está resguardando o seu próprio e monstruoso orgulho de pai.

- Muito bem, que assim seja - diz ele. - Um fogo nupcial arderá sempiterno ao redor da rocha onde você estará, mantendo bem longe os fracos e os covardes. Somente um herói - um ser mais livre do que eu próprio! - poderá se aproximar e consumar as núpcias com Brunhilde, que será sua noiva e esposa.

Brunhilde lança-se aos braços do pai, agradecida por este arrefecimento de sua ira. - Muito obrigada, meu pai! Ao menos, fico protegida da desonra e da vileza até que alguém, tão digno quanto você, possa me trazer de volta aos prazeres da vida!

- Prazeres que não mais os terei - diz Wotan, entristecido. - Por sua culpa, Brunhilde infiel, estarei privado para sempre de beijar os seus olhos e acariciar seus cabelos! Estes olhos que, agora, brilham, nunca mais brilharão para mim!

Wotan, abraçado a Brunhilde, conduz, lentamente, a filha até o alto de um grande rochedo escarpado. Um vento frio espalha os cabelos dourados da valquíria, bem como as barbas longas e escuras de seu pai. Após deitá-la sobre um dossel improvisado de folhas, Wotan toma sua cabeça nas mãos e deposita um beijo sobre seus olhos fechados.

- Meu beijo, agora, retira a divindade de sua alma - diz ele, soturnamente.

Brunhilde perde os sentidos instantaneamente. Wotan toma, então, do elmo daquela que deixou de ser uma valquíria e o fecha sobre o seu delicado rosto, colocando, em seguida, o grande escudo dourado sobre seu corpo para protegê-lo da chuva e das intempéries. Isso feito, ele toma de sua lança e bate a ponta contra o rochedo por três vezes, invocando Loki, o deus do fogo:

- Loki, poderoso, vem, agora, e envolve minha filha num anel de labaredas intransponíveis, para que mortal algum, despido de valor e coragem, possa transpô-lo!

Da ponta da lança de Wotan, brilha uma chama poderosíssima. O deus, apontando-a para o chão, vai riscando um grande círculo ao redor da rocha até fechá-la numa verdadeira muralha incandescente.

Wotan ainda observa por longos instantes a sua filha envolta naquele magnífico anel, ardente e encantatório.

- Doravante, somente aquele que enfrentar a ponta de minha lança estará apto a cruzar este círculo espesso de chamas e a desposar a bela e mortal Brunhilde!

Terceiro Ato

Siegfried

I - O nascimento de Siegfried

Uma mulher, diante de um destino tornado subitamente adverso, viu-se, obrigada a fugir da cólera de um homem perverso e da ira de um deus vingativo. Dois inimigos colossais, sem dúvida, considerando que um deles - o deus - era seu próprio pai. Mas o mundo tem destas contingências estranhas e muitas vezes, não basta a uma criatura, em absoluto, que aquele que julga ser seu protetor, seja um pai e um deus, se este ser poderoso tiver o seu coração tomado pelo mais cruel ressentimento. Neste caso, para mal de si própria, estará ela sujeita apenas à ira conjunta de um pai e de um deus - algo, sem dúvida, pouco reconfortante, se levarmos em conta o modo como costuma processar-se a ira no coração da maioria das divindades.

Sieglinde era esta mulher. Após vagar por incertos caminhos com um filho oculto no ventre - um bem que, ao mesmo tempo, a estorvava e lhe dava forças para prosseguir em

sua áspera jornada -, a pobre moça encontrara, depois de um longo périplo de infortúnios, de fome, de cansaço e de sofrimentos, um pequeno ser que a amparara, levando-a para sua modesta caverna, lar de todos os despossuídos e perseguidos dos ermos, fazendo dali um pequeno local de refúgio.

Refúgios, contudo, dependendo das circunstâncias, podem chegar a ser até locais amenos e aprazíveis, observadas as condições, é claro, da ausência do perseguidor e a possibilidade remota de que este venha a descobri-los. Depende também da ferocidade daquele que nos persegue; se for algo realmente terrível que está em nosso encalço, então, uma simples, mas segura toca, nos haverá sempre de parecer um local de idílio. Um canto mais ou menos confortável para dormir; três ou quatro utensílios para se haver com o manejo da natureza e uma certeza, minimamente razoável, de segurança podem ser o bastante para tornar uma existência até apetecível ou, quando menos, suportável, nestes lares improvisados.

Era, mais ou menos assim que Sieglinde sentia-se, quando já estava instalada há alguns meses na caverna do seu protetor, mesmo tendo a vizinhança de um dragão e a ameaça da chegada iminente de um marido furioso ou de um deus possesso. Mas, dentro de seu pequeno refúgio, havia também este pequeno ser que lhe dava companhia e amparo - e, já que o mencionamos pela terceira vez, é mais do que hora de lhe revelar o nome: tratava-se de Mime, um anão que tinha uma particularidade que o aproximava muito de sua protegida: era um fugitivo, tal como ela. Expulso da casa de seu irmão pela tirania que tomara conta de sua alma, Mime vira-se obrigado a fugir, pois sua própria vida estava em risco. Seu irmão, Alberich, desde que forjara um certo objeto, a um mesmo tempo belo e sinistro, havia pervertido com ele a sua própria natureza, tornando-se um ser ambicioso e cruel, a ponto de escravizar seu povo e o próprio Mime.

Ele contara toda a sua história à bela e infeliz Sieglinde, - arrancando copiosas lágrimas dos olhos da jovem; ela, por sua vez, havia lhe relatado também a sua triste sina, fazendo com que ambos se sentissem, imediatamente, unidos por um mesmo e funesto destino. Mas havia um terceiro ser, que ainda não fizera sua entrada neste mundo perigoso e hostil, mas que estava prestes a fazê-lo: era o filho de Sieglinde, que mesmo antes de nascer já tinha o nome de Siegfried.

- Mime, sinto que a hora de seu nascimento se aproxima...! - disse ela, um dia, ao seu protetor. O anão sorriu - como sempre sorria, toda vez que ela fazia esta afirmação (e não era esta, seguramente, a primeira vez que o fazia).

- Sim ou não, o melhor é aguardarmos - dizia ele (seguramente, também, não pela primeira vez).

Mime, entretanto - e é bem triste ter que fazer tal revelação -, como todo ser que um dia se viu oprimido, guardara em si algo do opressor, ainda que fosse apenas (ao menos aparentemente) um mero tique verbal. Mas, como não houvera razão nem oportunidade para que este seu lado deformado pudesse se manifestar, Mime deixava-se estar na sua habitual docilidade.

Mas por que razão Sieglinde insistiria tanto nesta que se tornara uma verdadeira obsessão, o nascimento de seu filho? A verdade é que a jovem, dotada de um forte senso

materno, tinha, talvez com base nele, um profundo pressentimento: o de que não chegaria a ver seu filho vivo. Por tudo quanto passara, podia,perfeitamente, prever para si o pior, embora não pudesse admitir o mesmo para seu filho. Brunhilde, filha de um deus - e deusa, portanto, também - havia predito um destino glorioso para ele, e um destino glorioso, sabemos, não se cumpre em apenas uma hora ou um dia de vida.

Mas, qual seria a reação de seu amigo? Poderia confiar a Mime esta revelação tão importante acerca de seu filho? Durante muito tempo, ela vacilou e jamais teria-lhe revelado, apesar de sua confiança, se não tivesse sobrevindo o dia de sua morte no nascimento de Siegfried.

Desde os primeiros impulsos que o filho dera para ganhar a vida, ela pudera cristalizar a certeza dentro de si que estava prestes a gerar, ao mesmo tempo, a vida e a morte - a vida para o filho e a morte para si própria.

- Oh, Mime!... - dissera ela, aflita, tão logo obtivera dentro de si esta certeza. - Logo, irei juntar-me à minha pobre mãe e a meu irmão, Sigmund, nas lonas escuras de Hei. - Sieglinde referia-se à terra dos mortos, regida pela deusa sinistra, filha de Loki, que lhe dava o nome.

- Não diga isto, pobre jovem! - disse Mime, amparando sua cabeça.

Durante a noite inteira, estiveram o anão e Sieglinde combatendo a morte até que, ao amanhecer, veio ao mundo o pequeno Siegfried, saudável e rosado. Sua mãe, entretanto, estava condenada. Chegara a hora de revelar ao anão toda a verdade sobre o futuro de seu filho: afinal, aquele seria o pai - ainda que postiço - do pequenino e frágil ser que ali estava aninhado em seus braços.

Mil vezes, ela observou os traços do anão, que ia e vinha numa azáfama, que não podia ser outra coisa senão o produto de uma dedicação sincera. Mas dedicações podem ter diferentes motivações; um ser interesseiro, não era ela ingênua o bastante para ignorar, podia agir com perfeita dedicação, desde que seus zelos o trabalhos pudessem lhe ser muito proveitosos. Porém, de outro modo, a quem, agora, poderia recorrer, caso perdesse, inteiramente, a confiança naquele companheiro que estivera sempre ao seu lado e que, muito provavelmente, seria a única companhia de sua morte? O pequeno Siegfried teria, de um jeito ou de outro, que ficar aos cuidados de Mime, ser educado por ele e aprender a confiar nele - ou a desconfiar dele, se fosse este o caso. Sieglinde, após fazer todas estas reflexões, decidiu lançar a sorte, a única, com efeito, que poderia lançar nas suas circunstâncias.

- Mime, a você caberá favorecer o destino desta criança! - disse ela ao anão, que tinha os olhos cheios de lágrimas. Afeiçoado aquela jovem, não podia constatar sem pesar que iria perder, para sempre, a sua única companhia. -Preciso lhe contar, antes que a morte vele meus olhos, acerca de um segredo que diz respeito ao futuro de meu filho.

- Há, então, um segredo a respeito dele? - disse Mime, satisfeito com este prêmio consolatório que o destino, inesperadamente, lhe reservara.

- Sim, Mime, fiel... - respondeu Sieglinde, reunindo as últimas forças para pronunciar suas derradeiras palavras. - Siegfried, meu amado filho... é preciso que você saiba... será o escolhido...

- Escolhido? - murmurou. - Escolhido para quê...?

- Fafner... o dragão... Notung... o anel...

- Anel...?! - exclamou Mime, tentando abafar sua curiosidade mordente.

- Sim... o anel... Siegfried... de posse de Notung... a espada de seu pai... retomará o anel...

Mime desviou os olhos da mãe e os pousou sobre a criança; de repente, aquela pequenina porção de carne e ossos revestira-se de uma importância transcendente aos seus olhos.

- Você disse Notung, a espada de Sigmund, dada a ele pelo próprio Wotan?

- Sim...

- Mas, Sieglinde, querida, ela está quebrada... o próprio Wotan a destruiu... - disse Mime, ao mesmo tempo em que pensava, desconsolado "Oh, não, ela está delirando!..."

- Não, ela será refeita... seus pedaços criarão uma nova Notung... muito mais poderosa... e invencível...

- Siegfried matará o dragão e retomará o anel...!

- Sim, e você deverá estar ao seu lado... Oh, por favor, Mime, prometa que assim o fará!

- Claro, minha jovem! - disse o anão, tomando nas suas mãos as da moribunda.

- E que você sempre o defenderá...!

- Sempre estarei ao lado dele, esteja tranqüila... - repetiu Mime, mas, dando uma tal entonação à voz, que parecia que pronunciava aquilo que ela queria ouvir.

- Mime...! Oh, Mime...! - disse a jovem, arregalando seus grandes olhos azuis para ele. E, então, finalmente, morreu. O que seus olhos quiseram dizer com aquelas últimas palavras - um pedido desesperado? O horror de se ver diante da morte? A descoberta de uma traição, que já se desenhava no rosto do anão? - somente ela poderia responder. Mime leu tudo isto em seus olhos - a advertência, a censura, o receio, a esperança, mas, por fim, acabou vendo neles apenas uma última palavra de gratidão.

- Sim, de gratidão, é claro - disse o anão, dando as cestas à pobre jovem o pousando seus olhos sobre o menino, que ausente do drama que se abatera sobre a sua mãe, dormia, agora, envolto no seu berço improvisado. Que outro sentimento ela poderia

devotar a ele, que a recolhera em meio à mais extrema aflição e miséria; que lhe dera um abrigo; e que lhe possibilitara a ventura de gerar e parir seu único filho?

Mime, depois de ter sossegado sua alma - que coisa errada fizera até então, que justificasse, afinal, qualquer remorso? -, entregara-se ao estudo daquele pequeno ser, que já nascera envolto numa aura de eleição, que pressagiava um futuro repleto de poder e riqueza, de mando e grandeza.

- Sim, meu belo Siegfried! - disse o nibelungo, na ponta dos pés, em frente ao grande berço que construíra com suas próprias mãos. - Temos ambos, dem dúvida, um grande futuro pela frente!

II - A revelação do anão

Mime está só em sua caverna. O ruído cavo e repetitivo de um martelar reboa, ampliado pelas paredes da caverna, enquanto relâmpagos ritmados espocam ao ritmo das batidas, lançando uma chuva de faíscas para todos os lados. Trepado em um alto tamborete, o anão malha, vigorosamente, sobre uma bigorna. Uma espada vermelha, recém retirada do fogo, recebe os golpes furiosos do martelo para, dali a pouco, ser introduzida num grande tonel cheio de água. Um chiado, como o de uma cascavel de aço, escapa, fazendo borbulhar a água e levantando do tonel um espesso vapor, que envolve o anão em uma nuvem sufocante. Ele retira, a espada, ainda gotejante, e a observa com um ar desconsolado.

- Mais uma espada inútil!... - exclama Mime, lavado em suor. - Uma espada digna de um gigante, mas que Siegfried logo fará em pedaços, como se fosse de brinquedo!

O anão pode, perfeitamente, prever este resultado, pois não tem sido de outra maneira desde que Siegfried - hoje um jovem no vigor de seus vinte anos - começou a ter força para quebrar uma espada com um simples golpe. Uma criança ainda, lembra Mime. Sem dúvida, as profecias de sua mãe faziam sentido: aquele jovem era predestinado e, certamente, tinha o sangue de um deus a correr em suas veias.

- Jamais terei a habilidade de forjar uma nova Notung! - diz ele, referindo-se à espada sagrada de Sigmund, cujos pedaços mantinha guardados. E, sem ela, jamais poderá Siegfried (ou ele próprio) matar o dragão que mantém sob sua estrita vigilância o Anel de Poder, que, um dia, já esteve na posse de Alberich, seu irmão.

"Um nibelungo já o teve em suas mãos...!", pensa ele, noite e dia, alisando imaginariamente, entre o polegar e o indicador, o delicado e ambicionado objeto. "Por que não poderia retornar para as mãos de um anão - retornar, desta vez, para as minhas próprias mãos?”

Mime escuta o ruído de alguém que se aproxima. Acostumado à única presença de Siegfried, o anão prossegue a caldear a sua espada sem se voltar para confirmar.

- Aí está você, outra vez, anão inútil e incompetente, a brincar de forja-dor! - diz a voz inconfundível e insolente de seu filho. (Mime acostumou-se a chamá-lo assim, pois jamais revelou ao jovem a sua verdadeira origem.)

- Faço o que posso, jovem exigente - diz o anão, limpando o suor da testa.

- É por isso que nunca é o suficiente! - exclama Siegfried, com um riso forte. - Está explicado! Mas, desta vez, trouxe algo comigo que talvez o faça ganhar nova inspiração - completa o jovem, que traz consigo, nada menos, que um enorme urso preso por uma correia.

Mime desvia o olhar da espada e, quando dá de cara com aquela fera de dentes amarelos e arreganhados, toma o maior susto de sua vida. Largando tudo, corre a se esconder atrás da forja. - Você está louco, jovem irresponsável? -exclama o pobre ser, deixando transparecer apenas o topo da cabeça e dois olhos redondos e assustados.

- Vamos, covarde! - diz Siegfried, renovando seu riso másculo. - Ele está preso ao meu pulso, não lhe fará mal algum!

O jovem vê, então, a espada que o anão deixara cair ao chão.

- Ah, mais uma...! - diz Siegfried, com um sorriso de desdém. - Quando é que vai aprender, ferreiro preguiçoso, a fazer uma espada digna de meu braço forte?

Vendo, no entanto, que Mime continua agachado atrás de seu esconderijo improvisado, Siegfried desamarra o urso e lhe dá uma chicotada com a correia, expulsando-o de volta para a floresta.

- Vamos, velha ratazana, pode sair de seu buraco!

Mime reaparece aos poucos, espiando pela abertura da caverna, com receio de que o urso ainda esteja ali fora, apenas à espreita de que ele ponha sua cabeça para fora para o devorar numa única dentada.

Siegfried, entretanto, está entregue ao estudo da espada. Seu olhar denota um profundo desprezo pela técnica deficiente do anão.

- Chamas, então, a este reles alfinete de espada? - diz ele, relanceando um olhar para o anão, que traz a cabeça baixa, na humilhação do artesão, cujo trabalho só é merecedor da repulsa e do escárnio do freguês.

Siegfried aperta o cabo estriado em suas fortes mãos para lhe tomar o peso. A lâmina prateada faísca, refletindo as chamas que ainda ardem na forja, mas mesmo seu brilho é pobre, fruto de um metal impuro e mal trabalhado. O jovem sente que ela é também leve demais, um pé de vento mais forte seria capaz, de desviar o rumo incerto de seu golpe. Em suma, um péssimo artefato, incapaz de matar uma corça ou mesmo um esquilo.

A bigorna está diante de Siegfried e ele não hesita em dar àquele frouxo produto da incompetência o destino que merece: erguendo-a, arremessa-a sobre o ferro com toda a força. A espada estala e se fraciona em mil pedaços.

- Aí está, imbecil, o produto de sua inépcia! - diz o jovem, dando as costas para o humilhado anão. - Deveria, antes, tê-la quebrado em sua cabeça dura!

- Oh, você é um ingrato, isto sim! - diz Mime, ocultando-se novamente atrás da forja por medo da ira do herói. - Como pode dizer tais coisas a quem tanto o ama?

Siegfried dá um sopro de desdém e vai até a entrada da caverna. Mime aproveita, então, para correr até a pequena despensa e trazer um prato de sopa e um pedaço de carne para o jovem na tentativa vã de apaziguá-lo.

- Veja, é de comida que precisa! - diz o anão, estendendo-lhe o prato. -Uma boa sopa e um pedaço de carne assada vão lhe restituir o bom humor!

Siegfried volta-se, furioso, e num repelão lança à distância o prato, que vai se espatifar numa das paredes da caverna.

- Oh, é só isto que tem mesmo para me retribuir! - exclama Mime, profundamente magoado. - Nem todos os meus esforços serão, algum dia, capazes de fazer com que me retribua com um pouco de carinho, com um pouco de afeição!

- Oh, anão cínico, não me fale de afeição! - exclama Siegfried, enojado. - Suas palavras são hipócritas e seus gestos ressumam a falsidade. Bem sei que a maldade dirige todos os seus passos e todos os seus atos!

Siegfried, sem dizer mais nada, ganha rapidamente, a floresta.

- Espere, fique e conversemos! - diz o anão, acenando sua mãozinha. Mas o jovem já embrenhou-se em meio à mata. - Oh, ele voltará - diz Mime, baixinho, para si mesmo. - Ele sempre volta.

De fato, dali a instantes Siegfried retorna, cabisbaixo. Mime sorri, discretamente.

- Por que sempre termino por retornar? - diz o jovem, olhando para o anão com rancor. - Se é tão sábio quanto pretende, me explique o motivo.

- Porque você gosta de mim, porque sou seu pai e sua mãe; tudo é assim na natureza, o filhote depende sempre da mãe.

- Mãe, você?! - exclama Siegfried. - Não, você não poderá nunca substituir minha mãe. O que foi feito dela, por que razão nunca me explica? Por que tudo na natureza tem um pai e uma mãe - as aves, as corças, os lobos e os ursos e somente eu sou privado de conhecer minha mãe, ou, ao menos, de saber quem ela foi, vamos, me diga anão maldito!

- Já lhe disse, meu querido filho: eu sou seu pai e também sua mãe. Que falta poderia sentir desta personagem, se eu, desde que você era pequeno, supri a falta dela, dando-lhe atenção, alimento e afeto?

- Você nem sequer é meu pai!... Como poderia ser? - Siegfried fala, apontando para a floresta. - Todos os seres da natureza se parecem com seus próprios pais. O filho de um gamo é em tudo idêntico ao pai; o filho de um javali, certamente traz as mesmas presas do pai; e, assim, todos os outros seres. Mas, comigo o mesmo não se dá. Estive outro dia agachado junto a um regato para saciar minha sede, quando vi meu reflexo desenhado nas águas: meu rosto não se parecia em nada com o seu - em absolutamente nada! Como explicar tamanha contradição entre nossas duas figuras? Não, um sapo não pode ser pai de um peixe! Pense nisto, farsante: um peixe poderia acreditar-se filho de um sapo?

- Você está dizendo absurdos! - responde Mime, tergiversando.

- Absurdo é querer fazer crer que eu possa ser seu filho!

Siegfried, então, perdendo de vez a paciência, avança para o anão e o agarra pelo pescoço, suspendendo-o no ar.

- Vamos, maldito, fale de uma vez a verdade ou o esmagarei contra as paredes desta caverna!

Os pezinhos de Mime pedalam o ar, enquanto ele grita com a voz esganiçada: - Largue-me, largue-me! Como ousa agredir seu próprio pai?

- Oh, ainda teima com esta mentira? - diz Siegfried, apertando ainda mais o pescoço do anão, cujas faces começam a tomar uma coloração perigosamente roxa.

- Está... bem...! Está... bem...! - silva o anão, sentindo que chegou a hora de falar a verdade. - Mas, antes, ponha-me no chão!

Siegfried larga-o e ele cai sentado sobre a palha que recobre o piso. Suas minúsculas mãos alisam o pescoço, massageando-o, enquanto retoma o fôlego.

- Vamos, desgraçado, conte tudo logo de uma vez! - diz Siegfried, ameaçando esganá-lo outra vez.

Mime, após terminar de se recompor, dirige-se ao filho adotivo, dando uma entonação de mágoa às suas palavras que, imagina, servirão ao menos para acalmar a fúria do outro.

- Sua mãe chamava-se Sieglinde e morreu no mesmo instante em que você nasceu. Foi ela quem escolheu o seu nome, Siegfried.

- Sieglinde... - murmura o jovem, absorto naquele nome. - E que tal era ela?

- Oh, era uma linda jovem, com certeza... bem diferente deste sapo que lhe fala...

- Deixe de gracejos e me fale mais sobre ela.

- Ela chegou até mim, certo dia, fugida de um homem cruel, seu esposo, que a perseguia por algum motivo, que ela preferiu nunca me dizer.

- Ele era meu pai, então?

- Não, não era seu pai; quem o fosse, também jamais me disse.

- Está mentindo!

- Não, não estou! - diz o anão, sapateando sobre a palha. - Basta de agressões por aqui, meu rapazinho! Já disse que vou lhe contar toda a verdade, mas somente posso lhe contar a verdade que sei.

- E, qual é o resto de verdade que você sabe, tratante?

- Sei que seu pai morreu em batalha e que sua mãe trouxe com ela os restos da espada que ele portava no momento de sua morte.

Mime afasta-se e retorna, dali a instantes, com o embrulho contendo os restos de Notung, a espada que Wotan dera a Sigmund.

- Aqui estão os restos da velha Notung, a espada forjada pelo próprio Wotan! Siegfried pega um a um os pedaços da espada. Pelo peso e textura do metal, pode sentir que está diante de uma arma verdadeiramente excelsa.

- Basta de conversa - diz ele, juntando os pedaços e os devolvendo ao anão. - Junte estes cacos e refaça a espada. Tem até o fim do dia para a entregar em perfeito estado.

Siegfried parte, desta vez, disposto a somente retornar no fim do dia. Mime, por sua vez, fica entregue aos seus pensamentos.

"Uma nova espada? Uma nova Notung?", pensa ele, aflito. "Como poderei forjá-la? Se fosse capaz de fazê-lo, certamente, já a teria em minhas mãos, bem como o anel!"

Mime sabe que somente de posse da espada mágica poderá alguém aventurar-se a enfrentar Fafner, que se converteu em um temível dragão para melhor guardar a relíquia ambicionada por deuses e homens.

- Oh, maldito fedelho! - exclama ele, dando livre vazão a seus verdadeiros sentimentos com relação ao filho de Sieglinde. - Não sabe, então, que, sem você e esta malsinada espada, jamais poderei ter acesso ao maravilhoso anel?

Algo em seu interior diz-lhe que somente o próprio Siegfried poderá forjar a nova Notung e que somente ele terá força e coragem para enfrentar o dragão, mas que, nem por isso, ele, Mime, estará impedido de estar por perto para ajudar o herói - uma modesta ajuda, mas que poderá ser de grande valia para que o anel lenha um novo possuidor.

- Sim, um novo possuidor...! - diz o anão, alisando amorosamente os dedos, como em seus mais belos sonhos.

III - Um torneio de enigmas

Mime ainda está entregue às suas dúvidas e devaneios, quando ouve, novamente, passos do lado de fora da caverna.

"Ué, será Siegfried, que já retorna?", pensa ele, que ainda tem os fragmentos da espada diante dos olhos.

Mas, pela primeira vez em muitos anos, seus olhos pousam, agora, sobre uma pessoa muito diferente do seu afilhado. Trata-se de um velho, envolto em um longo manto, trazendo à cabeça um chapéu, cuja aba desabada lhe oculta um dos olhos. Na sua mão direita, porta uma pesada lança, que lhe serve também de cajado.

- Bom dia, velho ferreiro - diz o andarilho, fazendo menção de entrar na caverna.

- Ora, o que quer por aqui, vagabundo? - esbraveja Mime, disposto a correr com o importuno.

- Oh, nobre fazedor de espetos, isto, então, são modos de se tratar um velho que pede um instante de asilo? - diz o outro, fingindo-se magoado.

Mime vê-se diante da velha obrigação da hospitalidade, a qual mortal algum - ou mesmo os deuses - podem se subtrair. Apesar de estar distante do convívio humano há mais de vinte anos, Mime sente outra vez aquele velho asco, que tanto o desgostara anteriormente, renovar-se em sua boca.

"Hospitalidade... Bá!", pensa ele, olhando com rancor para o velho importuno. - Está bem, entre de uma vez e não se demore! Tenho um importante trabalho a concluir!

O andarilho deita um olhar aos pedaços da espada, mal envoltos no tecido e faz menção de tocá-los. - Oh, é isto que pretende, então, concluir?

- Não toque seus dedos imundos nestes fragmentos! - diz o anão, enrolando os restos de Notung e os ocultando da vista do andarilho. Depois, tomando de uma bilha, enche um grande copo d'água e o estende ao velho. - Toma, aqui está a água para matar sua sede. - Com a outra mão, estende um velho pedaço de queijo e julga com isto estar dispensado de mais alguma coisa.

- Oh, muito obrigado - diz o velho, entornando toda a água e guardando o pedaço rançoso do queijo numa dobra de seu manto esburacado. - A sua gentileza é deveras reconfortante.

- Bem, e o que mais?... - diz o anão, com as pequeninas mãos apoiadas em sua cintura roliça.

- Ora, deixe de rabujice e vamos trocar duas ou três palavras - diz o andarilho, sorridente. - Faz muito tempo que não troco uma palavra com alguém tão simpático.

- Que duas ou três palavras interessantes, com o perdão da observação, poderá ter você para trocar?

- Tenho, quando menos, a sabedoria das trilhas e das veredas; quem sabe não tira algum proveito?

Mime desiste de expulsar o velho de sua presença e se senta, derreado. O velho, aproveitando-se da vacilação do anão, puxa, lentamente, sua espada.

- O que é você, um maldito ladrão? - diz o anão, dando um salto veloz para trás.

- Oh, não, não...! - diz o velho, todo sorridente, ao mesmo tempo em que abana apaziguadoramente a mão. - Esteja tranqüilo! Quero apenas fazer-lhe um pequeno desafio, um instante breve de recreação, que servirá para nos distrair nestes poucos instantes de minha pousada junto a si. Que tal lhe parece?

- Desafio?... Que espécie de desafio?

- Oh, um desafio muito divertido, na verdade, um torneio de enigmas. Não gosta de um bom torneio de enigmas?

Mime não responde. Uma ligeira curiosidade roça o seu espírito, agora que o receio o abandonou. Depois de estudar melhor a figura do andarilho, finalmente, responde: - Bem, de fato, não desgosto de todo...

- Ótimo - diz o andarilho, depondo ao chão a sua espada. - Faça-me, então, tios perguntas - quaisquer perguntas que queira - e, se eu não for capaz de respondê-las, corte-me fora a cabeça.

- Está gracejando? - diz o anão, confuso.

- Falo sério - diz o andarilho. - Um desafio não tem graça, se não for para valer. É, ou não é?

- De fato... é...

- Muito bem, vamos lá. A espada está ali, pode testar o gume, se quiser. l'aça-me, logo, a primeira pergunta, espertíssimo anfitrião.

- Bem... er... - Mime está atrapalhado e não sabe por onde começar. Pego de surpresa e com o olhar faiscante daquele único olho a descoberto pousado sobre si, faz, então, atarantado, a primeira pergunta: - Que povo habita sob a terra?...

- Fácil: os Anões! - exclama o andarilho, abrindo um largo sorriso. Mime coca a cabeça, desconcertado.

- Vamos, a segunda!

- ...Que povo habita a superfície da terra?

- Ora, os Gigantes! - diz o velho, confiante.

Mime sabe que só tem mais uma chance. Apesar de não ter vontade alguma de cortar a cabeça do pobre andarilho, nem por isto está disposto a ser vencido e humilhado dentro de sua própria casa. - Muito bem - diz ele, alçando-se em bicos de pés. - Que povo habita as alturas nebulosas?

- Irra!, ganhei! São os deuses! - exclama o andarilho, aplaudindo-se todo.

Mime cruza os braços, dominado pelo rancor. "Velho desgraçado! É um maldito truque, é claro!", pensa ele, tentando justificar a sua derrota. "Distraiu minha atenção com o subterfúgio da espada para que lhe fizesse perguntas tolas como as que lhe fiz!" Subitamente, dá-se conta de que perdeu não uma, mas três boas oportunidades para esclarecer suas dúvidas referentes ao expediente a ser adotado para refundir a espada Notung e obter o cobiçado anel. "Oh, maldito idiota!", pensa o anão, enterrando as unhas nas palmas das mãos.

- Muito bem, agora, é a minha vez - diz o velho, placidamente.

- Sua vez?! - exclama o anão, voltando a si.

- Sim, tal é a lei dos desafios. Agora, eu pergunto e você responde. Se não é capaz de fazer uma pergunta que lhe seja útil, deve submeter-se às minhas questões.

Mime observa, aterrado, a espada.

- Não se preocupe com sua cabecinha, meu amigo. - Não serei eu a cortá-la; lembre-se de que estou preso ao dever da gratidão ao meu hospedeiro.

Mime afrouxa os músculos e sua respiração se torna normal outra vez. -Está bem, velho sabichão, faça as suas perguntas e depois dê o fora daqui.

- Atenção, lá vai - diz o velho, alçando a fronte. - Qual foi a estirpe amaldiçoada por Wotan, senhor dos deuses?

Mime concentra-se todo e, por fim, responde: - Os Walsungs.

- Muito bem, um ponto para você! - diz o andarilho.

Mime, na verdade, não poderia deixar de acertar, uma vez que conhece toda a história dos infelizes pais de Siegfried. Ao mesmo tempo, indaga de si para si: "Como ele está a par desta terrível história?" Mas o velho não lhe dá tempo para novas reflexões e lhe lança, de imediato, a segunda indagação:

- Esta é um pouco mais longa, preste bem atenção - adverte o andarilho. - Como se chama a espada que, uma vez refundida, servirá para que o jovem Walsung, criado por um certo nibelungo, versado nas artes das forjas, possa enfrentar um dragão que, outrora, foi um perverso gigante chamado Fafner? Ele adquirirá a posse de um valioso objeto, que este guarda com todo o zelo, trazendo com isto proveito não só ao jovem, mas, principalmente, ao seu amável e dedicado tutor...

- Notung é o nome da espada! - diz o anão, em triunfo, observando o invólucro onde estão guardados os fragmentos da espada.

- Meus parabéns, acertou! - diz o andarilho, cumprimentando o anão, que tem já o pequeno peito estufado, como o de um peru. - Agora, só falta uma pergunta! Atenção, mais uma vez, meu sábio anfitrião!

O anão afia as orelhas.

- Quem será capaz de refundir Notung, a espada que matará o dragão'? -diz o velho, pondo toda a sua entonação nesta última indagação.

Mime fica paralisado. "Quem poderá refundir Notung?", pensa ele, aturdido.

- Bem, talvez... penso eu...

As palavras, entretanto, não saem inteiras de sua boca. Por um instante, chega a imaginar que seja ele próprio, mas algo lhe diz que jamais será capaz de tal feito. Siegfried, quem sabe? Mas, não... e se não for? Siegfried é humano e esta tarefa parece além do alcance de qualquer braço humano.

- N-não sei responder, velho enxerido...! - diz Mime, vencido, afinal.

- Ora, que pena! - diz o velho, sorridente. - A resposta é fácil: somente aquele que desconhece o medo será capaz de refundir a velha espada Notung! Eis, aí, a resposta!...

Mime recupera-se logo da decepção e relanceia o olhar até a espada do velho andarilho no receio de que sua cabeça corra perigo.

- Você prometeu que não atentaria contra a minha cabeça! - diz ele, erguendo-se, por precaução.

- Não se assuste, pequeno covarde - diz o velho, levantando-se também. - Já se vê que não poderia ser mesmo você a fundir a nova espada, ah! ah! ah!

- Ora, adeus, senhor intrujão! - diz Mime, apontando a saída da caverna para o andarilho.

Wotan - pois não era outro, senão ele, o velho andarilho - guarda a espada e toma o cajado, rumando para a saída que lhe aponta o anão. Antes, porém, de sair, volta-se uma última vez para trás e diz, risonhamente:

- A sua cabeça, amiguinho, fica aos cuidados daquele que desconhece o medo.

Mime sai atrás do velho, depois que ele já transpôs a soleira de sua caverna, e o observa até que desapareça totalmente embrenhado na mata.

"Aquele que desconhece o medo! Aquele que desconhece o medo!" - Estas palavras ficam reverberando em sua cabeça com tanta insistência que por alguns instantes, ele

julga ver surgir, de dentro da própria floresta, Fafner, o gigante convertido em dragão, com a boca escancarada a lhe indagar com ar de escárnio:

- Onde está, pobre idiota, aquele que desconhece o medo?

IV – Siegfried forja Notung

- Como é, anão, já está pronta a minha espada? - diz Siegfried, retornando ao final do dia.

Mime ainda está sob o efeito de seu delírio. Ao ver a figura do jovem avançando sobre si, ele corre para atrás da bigorna, aterrorizado.

- O que houve, covarde? - grita Siegfried, dando uma longa risada.

Mime julgou ver no jovem a figura de Fafner transformado em dragão e, agora, treme de medo, escondido sob a bigorna.

- Vamos, saia daí, verme! Como pode ser tão covarde?

- Aquele que não tem medo... fundir a espada....

- O que está dizendo? Vamos, mostre-me a espada.

- Siegfried, você deve conhecer o medo...!

- Medo? O que é isto?

- Oh, o medo!, o medo!...

Mime sai de seu esconderijo e se aproxima de Siegfried; o nibelungo traz já cristalizada em sua mente uma certeza: o jovem herói, que ele criou, é, sem dúvida alguma, aquele ao qual o andarilho referiu-se, "aquele que desconhece o medo".

"É ele, sim... só pode ser ele!", pensa o anão, sentindo que está chegando a hora de pôr suas mãos no anel ambicionado. Mas, para que isto aconteça, Siegfried deverá refundir a espada Notung e, depois, enfrentar e matar o dragão. Quando tudo isto tiver ocorrido, então, ele, Mime, dará um jeito de se apoderai' do anel. Nem que, para isso, tenha de dar um fim no jovem que, agora, está postado à sua frente e que tem desenhada na face aquela mesma confiança que o anão se habituou a ver no rosto dele desde menino.

De fato, desde pequeno, o jovem Siegfried jamais demonstrara ter a menor noção do significado desta pequena, mas imensa palavra. Nunca, com efeito, o brilho do pavor luzira em seus olhos; jamais o espasmo do terror percorrera seus sólidos músculos. Como podia haver um ser que não sabia o que era o medo?

"Oh, mas Siegfried precisa ter, ao menos, a curiosidade de conhecer este pio fundo sentimento!", pensa Mime, enquanto continua a observá-lo atentamente.

- Siegfried, você deve aprender o que é o medo - repetiu o anão, com um tom aliciante.

- Medo? Mas não é este sentimento vil, que o faz tremer como um junco vinte vezes ao dia? - diz Siegfried ao nibelungo, com escárnio na voz. - Não, os deuses jamais haverão de permitir que tal sentimento desonre as minhas entranhas!

- Não pode ser vil, garoto, o sentimento que nos preserva a vida!

- Ao medo, oponho a prudência!

- Lérias! Prudência! E o que é a prudência, rapazinho, senão uma forma mitigada do medo? Sim, não passa de um medo suavizado, mas sempre o bom e velho medo! Um homem que ignora o medo, desconhece a sensação mais intensa e frenética que uma alma pode sentir; sem ele, uma aventura, por mais prosaica que seja, não terá jamais sabor, nem valor algum!

- Ora, tolices! Sei, perfeitamente, desfrutar uma aventura, sem que precise sentir em meu peito este sentimento ignóbil!

- Não pode sentir, pois o desconhece... O medo, meu jovem, é como um tempero, que nunca provou, uma sensação que nos impele para trás e para diante, ao mesmo tempo; um vacilar frenético das entranhas e um desejo ainda maior de dar outro passo - só mais um\ (oh! e quanto nos custa, então!) -, mesmo que ele signifique a nossa própria a ruína, a nossa própria destruição, a nossa própria morte!

- Para que poluir a coragem com este sentimento baixo? Não, anão, tenho a certeza que, no dia em que for apresentado a este sentimento, terei perdido aquele que é o apanágio de toda alma verdadeiramente livre e nobre: o total destemor!

- Destemor!... Coragem!... Não, você nem sequer pode saber direito o que seja o destemor e a coragem, pois como poderá conhecê-los sem antes ter conhecido o medo? Como pode conhecer o amor, sem antes ter conhecido o ódio? O dia, quem nunca esteve nas trevas? Conhece, então, o verdadeiro prazer, aquele que nunca sentiu em sua carne o punhal aguçado da dor?

- E, como você pretende me ensinar o significado desta palavra, ser vil e rastejante?

- Ora, sou eu, justamente, a pessoa indicada para isto! Pois não sou o rei do medo? Venha, acompanhe-me até a floresta! - Mime toma Siegfried pela mão e o conduz até uma clareira.

- Veja, aqui estamos em meio às árvores. O que sente quando olha tudo isto que o cerca, sem saber direito o que se esconde atrás de cada uma destas folhas?

Por um instante, os dois contemplam a majestosa grandiosidade das árvores, cujos caules de uma largura espantosa mais parecem rochedos que se estendem para o alto e

as frondes formam um manto esverdeado. O som da floresta é feito do ciciar dos insetos; dos balidos e rugidos das feras; do vento, que se espedaça de encontro aos infinitos obstáculos, que se lhe antepõem; e do murmúrio (que, às vezes, se converte em verdadeiro fragor) das águas que correm céleres pelos córregos e regatos - este ruído intenso e vário sobrepõe-se a tudo. Mime, absorvido por ele, sente crescer, dentro de si, todo o medo, todo o receio e toda suspeita, que somente as coisas incertas podem trazer. Siegfried, entretanto, permanece sereno e diante da pergunta que o anão renova "E, então, o que sente?", ele só responde:

- Paz, Mime, sinto uma imensa e fecunda paz.

- Oh, sim, a paz...! - diz o anão, debochando. - O mesmo sentimento que sente o passarinho inadvertido, instantes antes de ser abocanhado pela cobra!

- Deverei, a partir de hoje, enxergar cobras e serpentes por todo o lado, alma de rato? Deverei, por causa disto, transformar, desde hoje, minha vida em um círculo infernal de apreensões e suspeitas? Não, prefiro antes disto estar morto!

- Oh, sim, esteja certo de que logo estará, caso ignore por muito mais tempo o verdadeiro significado do Medo! Ouça, sinta o que se esconde por atrás disto a que chama, simploriamente, de paz: neste mesmo instante, aqui dentro desta mata que julga paradisíaca, milhões de pequeninos seres, indefesos e imprudentes como você, estão sendo impiedosamente massacrados. Logo atrás daquela árvore, que parece o emblema da serenidade, pode estar a espreitar algum animal feroz, pronto a nos desferir o seu bote mortal, que poderá nos reduzir a um monte de ossos ensangüentados antes que possa piscar os seus lindos olhos azuis.

Siegfried faz um gesto de enfado com as mãos e dá as costas ao anão.

- Mime, esta sua conversa idiota não assustaria nem o bebê de um camundongo! Voltemos logo para nossa caverna.

- Está bem, reconheço que sou incapaz de lhe infundir o medo; mas existe algo que o fará conhecer melhor do que eu, o que seja este sentimento.

- Esta criatura ainda não nasceu, nibelungo falastrão.

- Nem um dragão monstruoso, ao qual devesse matar?

- Um dragão?

- Sim, um imenso e terrível dragão, que guarda um tesouro e um pequeno objeto alvo da cobiça dos deuses e dos homens!

Mime sente que chegou a hora de despertar a cobiça também do seu afilhado. Um homem podo desconhecer o medo, pensa ele, mas jamais a cobiça.

- Um tesouro...!

- E um anel!

- O que tem este anel de tão importante?

- Este anel, caro jovem, poderá lhe dar todo o tesouro do mundo, o que o dragão guarda e todos os outros! Ele é um anel diferente, é um Anel de Poder!

- Anel de Poder?

- Sim, com ele você será o ser mais poderoso do mundo, maior do que os próprios deuses.

- E, para adquiri-lo, devo matar este dragão de que fala?

- Exatamente! Mas, antes, deverá forjar a espada invencível, igual àquela que seu pai viu quebrar-se em suas mãos, um dia, em combate.

Siegfried tem os olhos brilhosos; sua vida, finalmente, parece ter adquirido um propósito, um significado.

- Eu tentei, meu amigo, oh!, quantas vezes tentei!, mas não consegui jamais refundir a velha espada! E, agora, eu descobri o motivo de meu fracasso. É que sou covarde, demasiado covarde. E somente um ser que desconheça inteiramente o medo, poderá juntar outra vez os pedaços da velha Notung.

- Eu o farei, então, anão incapaz! - exclama Siegfried, correndo em direção à caverna. Mime segue atrás, confiante que ele o conseguirá.

- Onde estão os fragmentos? - brada o jovem, agarrando o fole para manejá-lo com fúria sobre as pequenas línguas de fogo que ainda ardem na forja.

- Aqui estão! - diz o anão, esparramando os fragmentos diante de Siegfried. Siegfried lança todos os pedaços sobre um cadinho e começa a dissolvê-los.

- Pare, o que está fazendo? - exclama o anão. - Você deve usar a solda quente para poder unir novamente os pedaços.

- Não, idiota! - grita Siegfried, vermelho do esforço de atiçar as flamas, que já cresceram a ponto de lhe lamber os braços. - Não percebe que os fragmentos não podem ser mais religados? Não, nada de soldas; é preciso refundir a espada inteiramente, criar uma nova Notung!

Depois que os pedaços da espada estão inteiramente dissolvidos, Siegfried derrama o aço derretido sobre um molde, até que nem mais uma gota do metal derretido reste no rubro cadinho. Em seguida, ele o mergulha na água; um chiar medonho ergue-se, como se uma criatura estivesse a se debater dentro do líquido. Um vapor muito denso envolve os dois e se evola para fora da caverna, parecendo uma nuvem aprisionada durante muito tempo e, agora, finalmente liberta, buscando o céu de sua ansiada liberdade.

- Pronto, já podemos começar a forjá-la! - exclama Siegfried, retirando da água o metal, que ainda arde. O jovem pega o martelo e, após depositar a espada rudimentar sobre a bigorna, começa a malhá-la vigorosamente. As sombras tio ferreiro improvisado e

do anão projetam-se nas paredes da caverna como a de dois ciclopes, envoltos por uma chuva de faíscas, que explode a cada golpe viril do martelo. Siegfried canta uma canção que fala de uma espada, que lhe chega as mãos na hora em que mais precisa dela, tal como seu pai um dia a louvara.

O suor escorre copiosamente dos braços e da testa de Siegfried. Mime observa-o atentamente. "Suor, sim, é claro!", pensa o anão, que sente germinar em si um plano - um plano para se apoderar do tesouro e, acima de tudo, do Anel de Poder.

Assim, enquanto Siegfried está entregue ao seu árduo trabalho, Mime corre para sua despensa. Lá, após dar uma busca rápida em suas plantas e folhas medicinais, encontra o que buscava: uma planta narcótica com a qual pretende preparar uma infusão maléfica, destinada a mergulhar Siegfried no sono, tão logo este tenha terminado de abater o dragão que monta guarda ao anel.

"Sim, depois do terrível combate, ele não poderá deixar de estar sedento!", pensa o anão. "Então, estarei, com toda a certeza, ao seu lado para lhe fazer chegar aos seus lábios a doce bebida que lhe mitigará a sede!"

Mas seu plano é bem mais perverso; após ter ministrado ao herói a poção sonífera, tomará de sua própria espada, a Notung, e cortará simplesmente fora a cabeça de Siegfried (onde escutou isto de cortar uma cabeça?)

- Mime, anão surdo! - grita uma voz jovem e triunfante.

O irmão de Alberich é despertado de seus perversos devaneios, como se ele próprio já estivesse sob os efeitos maléficos da droga soporífera.

- Pois não, mestre Siegfried! - diz o anão, correndo até o local da forja.

Quando lá chega, entretanto, tem o privilégio de observar uma cena magnífica: Siegfried, sob a luz intensa da fornalha, brande sua espada Notung, fazendo com ela verdadeiros malabarismos, como uma criança.

- Veja, anão covarde! Dou-lhe minha cabeça a prêmio se não for a velha Notung outra vez!...

Siegfried avança até a bigorna e ergue com as duas mãos a espada sobro sua cabeça, fim seguida, vibra-a com toda a força sobre a bigorna, que se parte em duas sob o tremendo impacto do golpe.

- Aí está! - exclama o herói, radiante de felicidade. - Depois, aproxima-se de Mime como se pretendesse partir em dois o próprio anão. - Calma, não se assuste, mestre da covardia! Estou pronto para enfrentar o dragão, que você chama de temível! Leve-me até ele e veremos se poderá me ensinar, afinal, o significado desta palavra que tanto o fascina!

Mime garante que assim o fará: na manhã seguinte, levará Siegfried até a cova do dragão Fafner e, ali, finalmente, o jovem terá a oportunidade de se defrontar com o Medo - e também, assim deseja ele secretamente, com a própria Morte.

V - O dragão e o anel

Medo e apreensão: duas palavras cujo real significado um ser, que há longo tempo vive encarcerado em uma escura e profunda caverna, com toda a certeza, aprendeu. Ele está encarcerado, no entanto, por sua própria vontade, pois o medo, é sabido, forja um a um os elos de suas próprias cadeias. Estas duas palavras, entretanto, talvez até salutares se absorvidas em doses mínimas depois de convertidas em razão diária de ser e de pensar, podem, perfeitamente, transformar o seu prisioneiro em um ser disforme e mesmo aterrador. Pois, é deste modo que o medo engendra a si mesmo: alimentando receio com mais receio, fomentando angústia com mais angústia, até que esteja tornado, afinal, em uma razão única e demente de vida.

Fafner, último remanescente da raça dos Gigantes, detém, agora, a posse do algo muito, muito precioso! Ele tem consciência perfeita disto, pois chegara a matar para tê-lo só para si. E não matara qualquer um - nestes tempos rudes, afinal, mata-se qualquer um até com relativa serenidade de alma -, mas o seu próprio irmão, companheiro de toda uma vida, que o ajudara a obter o bem maior que já tivera ao seu alcance.

"Ora bolas, Fasolt, aquele idiota!", pensara, um dia, a criatura, antes de ter se tornado, finalmente, aquilo em que hoje está convertida. "Quem mandou o maldito ganancioso querer apossar-se de algo que só a mim deveria pertencer?"

Sim, a criatura pensara assim um dia - um único dia - e depois, deixara a coisa de lado; para que, afinal, perder tempo, pensando em algo que se tornaria, cedo ou tarde, um objeto permanente de seu tormento? Verdade que, dentro de i, como que abrigada em outra caverna, a recordação do terrível fato permanecera, apenas enrodilhada e quieta; mas os pensamentos da criatura estavam iodos voltados para um único objetivo: como fazer para manter a guarda daquela preciosidade, que brilhava tão belamente em seu dedo - aquele aro perfeito, brilhante, que faiscava, noite e dia, em todas as cores, e que nem ele nem ninguém jamais poderia dizer onde começava, nem onde acabava?

Quem poderia, afinal, garantir-lhe a posse dele por toda a eternidade?

Porque quem teve uma vez colocado em seu dedo o Anel de Poder, não podo admitir, por um segundo que seja, a idéia de ler de restituí-lo ao sou legítimo dono desde, é claro, que se possa chegue ao consenso de saber quem é, de fato, o seu legítimo dono. "Ora, o legítimo dono", assim pensa Fafner, enfatuado, "não pode ser outro senão o seu possuidor!" Um ponto de vista magnífico e incontestável, mas que perde, contudo, um tanto do seu poder de convencimento, quando se descobre que quem o pronuncia é, exatamente, o seu possuidor. Mas, espere: dizer-se possuidor, não é dizer-se também transitório possuidor, uma vez que nada há de permanente num mundo sempre mutável? E que a palavra possuidor pode admitir diversos prenomes? Senão, vejamos: desde que o anel foi confeccionado (não faz muito tempo, na verdade), por quantas mãos - ou dedos -já não andou? Por enquanto, apenas pelas mãos de um anão e de um deus, pode-se dizer. Sim, mas convenhamos: é, desde já, um anel verdadeiramente maravilhoso este, que se amolda com perfeição a todos os dedos, de todas as mãos, desde os de um anão, passando pelos de um gigante e um dragão, até chegar aos dedos excelsos de um deus!

E quem diz dedos de uma mão, diz também dedos de uma pata, por que não? Pois, neste exato instante, uma pata imensa e marrom move-se dentro desta obscura caverna a qual já fizemos menção, com amoroso vagar, até encontrar a outra, onde o anel está enfiado. Então, por mais uma vez, o antigo gigante (agora convertido em um enorme dragão) alisa, deliciado, aquele pequeno aro de metal que tem a notável propriedade de estar sempre gélido e suave ao toque, sentindo que toda a sua razão de ser e de viver, está enfeixada dentro daquele círculo mágico, dotado de inexcedível fascínio. Pois, este é todo o encanto que restou a uma vida enclausurada em si mesma para defender de toda a cobiça, não um objeto que lhe deu todo o poder absoluto exterior, mas, meramente, a possibilidade - real, concreta e maravilhosamente palpável! - de vir a exercê-lo. Sim, pois há naturezas, excepcionalmente avaras para as quais o simples fato de um bem render tudo aquilo para o qual foi gerado ou construído já lhes parece uma diminuição do poder que poderiam ainda gozar. Melhor, então, deixá-lo assim, estático, em estado latente e gastar todo o tempo imaginando o que poderá ou poderia render, sem que, contudo, jamais chegue a render. Saber que se pode, sem que nunca, entretanto, se ouse fazê-lo; saber que se tem, sem que nunca se ouse expô-lo à cobiça do mundo: eis a delícia destas mentes, que cultivam um hedonismo da prevenção, que, antes, preferem ver o mundo paralisado, ou mesmo inteiramente destruído, do que imaginar a possibilidade de se aluir sob seus pés aquela maravilhosa sensação de poder e segurança, de que ora desfrutam.

Fafner, o gigante, conseguira obter, além deste anel, um elmo mágico, de que já tivemos notícia também há algum tempo. Um elmo capaz de metamorfosear o seu dono em muitas coisas. E de, uma vez convertida em hábito esta mudança, degenerar este ser, definitivamente, em outro. Pois Fafner, à vontade sob a forma hediondamente poderosa de um imenso dragão, há muito tempo, não se preocupa mais em reverter à forma original. Sim, pois o que é um gigante, mesmo forte e poderoso, em comparação com a forma magnificamente aterrorizante de um dragão que verte incessante veneno pela boca?

Fafner, o gigante, é agora - e para todo o sempre - Fafner, o temível dragão. Que o creiam assim, é tudo quanto sua mente aspira, pois quem ousaria, despido de um poder ao menos igual ao seu, adentrar seus obscuros domínios para tentar lhe arrancar aquilo que o faz imperador inconteste de todos os sonhos? O anão, que originariamente o forjou? Ora, piada! O deus, do qual arrebatou o anel por um contrato bem sucedido? Também não, por força, justamente, deste contrato. Não, somente pela força poderão arrancar-lhe o anel, mas força igual à sua, quem tem?

Embalado nesta certeza, Fafner adormece outra vez, embora, é claro, suas orelhas permaneçam sempre alertas, pois bem se diz por aí, que "orelha de dragão jamais adormece."

***

Ocultos do lado de fora, dois seres espionam a entrada da temível caverna. Ainda não é o herói, que tentará daqui a pouco a temível empresa, nem o anão que o impele a tanto, embora outro deles seja figurante da dupla. Alberich, com efeito, o forjador do anel e seu primeiro possuidor, ali está, escondido atrás de um rochedo. O outro espião é um

velho andarilho, envolto em uma capa escura e com um chapéu derreado sobre um dos olhos - também nosso velho conhecido.

Tão logo este põe seu único olho sobre o anão, dirige-se a ele em termos rudes.

- Ora, maldito embusteiro! Vamos, dê o fora daqui!

- Desapareça você, ora, bolas! - retruca o anão, encolerizado.

- Por que ainda teima em reconquistar uma coisa que não mais lhe pertence? - diz Wotan ao anão, que permanece furioso. - Você sabe que jamais poderá arrancar do dragão aquele anel, que um dia já foi seu, mas que nunca mais será!

- Nem seu, tampouco, será! - responde Alberich. - Ou se esquece de que o anel é parte de um acordo, que está registrado em sua lança, o qual nem mesmo você tem o poder de desfazer?

- Eu não, mas há alguém que, em breve, irá fazê-lo por mim! - exclama o andarilho, confiante. - Siegfried, da estirpe dos Walsungs, estará aqui, logo ao amanhecer, junto com seu irmão Mime, para tomar, finalmente, das mãos deste perverso gigante, agora convertido em dragão, aquele bem que só a mim pertence!

- Só a você? Mas que atrevimento! Quem foi que o forjou, não fui eu?

- Forjou-o com ouro roubado, eis o que é!

- Pouco importa, não arredarei pé daqui, antes de ver o que será feito do dragão!

- Fique aí, se quiser, idiota; mas atenção: acautele-se com seu irmão!

O andarilho diz isto e desaparece, preferindo assistir a tudo oculto em outro rochedo. Alberich, intrigado, envolve-se em sua capa e decide esperar o amanhecer.

A noite corre até que, finalmente, as primeiras cores do alvorecer tingem de róseo a parte visível do céu. Um rumor surdo de passos vem de uma clareira ali próxima, o que desperta logo a atenção de Alberich.

"São eles!", pensa o anão, descobrindo a cabeça para melhor divisá-los.

Realmente, por entre os caules das árvores, Alberich vê surgir as figuras de Siegfried e de seu irmão. O primeiro porta sua espada em uma fulgurante bainha dourada, enquanto que Mime carrega uma espécie de velho odre de couro de cabra.

- Agora ouça meus últimos conselhos, pois você está prestes a conhecer o medo - diz Mime, baixinho.

- Deixe de asneiras, não preciso de seus conselhos! - retruca Siegfried, enfadado. - E, se me falar mais uma única vez nesta palavra desprezível, vou lhe ensinar de uma vez por todas o real significado dela, está entendendo?

Mime faz-se de desentendido e diz, temendo que o jovem se perca por uma tola presunção:

- Fafner é, hoje, uma criatura imensa; com uma única abocanhada pode engoli-lo inteiro! Uma espuma venenosa escorre, incessantemente, de sua boca e, além disso, ele possui também uma cauda escamosa, que poderá partir em pedaços todos os ossos do seu corpo, caso não seja hábil para se desviar dela a tempo, entendeu?

- Entendi, sabichão; agora, responda-me apenas uma coisa: esta fera tem um coração, como qualquer outra?

- Claro que sim.

- E está situado no lugar habitual?

- Sim, do lado esquerdo do peito.

- Ótimo, isto é tudo que preciso saber; agora dê o fora - diz Siegfried, dando as costas ao seu preceptor.

Mime parte, desejando, intimamente, que Siegfried e Fafner se matem um ao outro. Siegfried, por seu lado, ruma para uma grande árvore. Um sorriso de prazer brilha em seu rosto. "Graças a Deus, só novamente!", pensa ele, acomodando-se sobre a relva macia. Enquanto está ali, repousando, seu pensamento volta-se para o anão que partiu: "Mime, então, não é meu pai!"

Um sentimento de alívio banha a sua alma; saber que não traz em suas veias o mesmo sangue daquele ser repulsivo e mesquinho é um bom começo para a nova vida que pretende levar doravante. "Depois que tiver matado o dragão e lhe arrebatado o anel, serei dono de meu destino", pensa ele. Ao mesmo tempo, vem-lhe à mente a curiosidade de saber quem seriam seus verdadeiros pais: "Meu pai deve ter sido muito parecido comigo... mas, e minha mãe? Oh, mal consigo imaginar como seriam seus belos traços!"

O trinado dos pássaros, que pulam de galho em galho sobre os ramos acima de sua cabeça, aumenta a cada instante à medida que o dia se torna mais claro; Siegfried ergue os olhos para o alto e fixa sua atenção no canto das aves.

- O que será que eles conversam? - diz ele, ávido de curiosidade. - Sempre tivera esta ânsia de saber o que os pássaros conversam entre si, que coisas comunicam uns aos outros, sem que os humanos possam jamais entender.

Siegfried, com uma certa ponta de inveja, corta, então, o pedaço de um caniço e, após fazer-lhe alguns furos, improvisa uma pequena e tosca flauta. Ele sopra no frágil instrumento, mas os sons que consegue tirar dali são frouxos e desarticulados. Frustrado, Siegfried joga fora o caniço e toma de sua trompa. Dali a instantes, o som de seu instrumento começa a ecoar pela floresta, ricocheteando nos rochedos ao redor. Que diferença daquele tosco instrumento anterior! Siegfried, acostumado a tocar a trompa nas suas caçadas, sabe como retirar dela sons perfeitamente modulados; de vez em quando faz algumas pausas na esperança de ver seu canto respondido pelas aves. Entretanto, sem se dar conta da imprudência, consegue fazer apenas com que Fafner, o dragão que

dormia dentro da caverna, lentamente desperte. Um ronco semelhante ao de um grotesco bocejo parte da entrada da toca sinistra. Siegfried, alertado pelo estranho ruído, abandona, finalmente, os seus devaneios e, sacando a sua Notung, põe-se, imediatamente, em pé.

O dragão Fafner surge de dentro da caverna com sua boca escancarada, onde despontam duas fileiras completas de dentes aliados como algumas dezenas de amarelados punhais, enquanto sua grande cauda escamosa chicoteia o ar, fazendo com que as folhas das árvores ao redor esvoacem em torno dele.

- Quem é você? - pergunta Fafner, mas sua voz é tão rouca e regurgitante, que Siegfried quase não consegue entendê-la. Fafner, acostumado à sua existência de dragão, não consegue mais se articular em termos humanos. Então decide agir, exatamente como um de sua espécie: atacando e devorando.

Com um grande e agilíssimo salto - absolutamente imprevisível em um ser daquela estatura e corpulência -, ele vai cair, precisamente onde estava seu desafiante que, com os sentidos alertas, fora esperto o suficiente para se arremessar para o lado em um salto, que nada ficou a dever em agilidade ao do dragão.

- Fafner, é bom que saiba antes de morrer - diz o herói, confiante, - que aquele que há de enterrar a lâmina desta espada em seu peito se chama Siegfried, filho de Sigmund!

Fafner responde com outro terrível rugido e, após abocanhar o pedaço de um rochedo, cospe-o envolto em sua baba pestífera sobre o herói que, desta vez, repele o arremesso com um golpe certeiro de sua espada invencível. A rocha explode em mil faíscas e estilhaços sem ferir Siegfried. A garra do dragão, com unhas escuras e recurvas, prende, num movimento ágil e inesperado, a cintura do herói, trazendo-o até a sua boca, cuja língua comprida serpenteia para fora. Siegfried, num movimento rápido de sua espada, corta fora a língua do dragão, que larga seu oponente para se contorcer num grito pavoroso de dor.

O jovem, até aqui, não provou o sabor do medo. Subindo uma escarpa, empunha com as duas mãos a espada e desfere outro golpe no rosto de Fafner. O dragão, ganindo de dor, ergue duas patas para proteger o rosto ensangüentado.

- Muito bem, chegou a sua hora! - grita o herói, aproveitando o descuido da fera para enterrar em seu peito (sabidamente a parte mais desprotegida de um dragão) a espada Notung até o cabo. Um grito atroante sacode a floresta inteira, enquanto um jorro espesso de sangue explode, tão logo Siegfried retira a arma do peito da fera colossal. Um pouco deste sangue escaldante cai sobre a mão do guerreiro.

- Maldição! - exclama Siegfried, levando a mão à boca para aliviar a ferida. Neste mesmo instante, um pássaro aproxima-se e Siegfried consegue, finalmente, entender-lhe as palavras:

- Ó herói, matador do dragão! - diz o pássaro, pousando em um galho bem à frente de Siegfried. - Você acaba de provar do sangue de Fafner e, por isto, a partir deste momento, está apto a entender a linguagem dos pássaros!

O filho de Sigmund fica agradavelmente surpreso com esta novidade.

- É verdade! - exclama ele. - Posso entender tudo que diz!

- Siegfried: agora, cabe a você tomar para si os tesouros que Fafner mantinha ocultos só para ele. - diz o pássaro, agitando suas douradas plumas. - O tesouro dos nibelungos é todo seu, bem como o elmo da invisibilidade e o anel cobiçado que o fará senhor de todo o mundo.

- Obrigado, pássaro gentil, por suas doces palavras! - diz Siegfried, arremessando-se, logo, para dentro da caverna.

Fafner, o dragão, nada mais pode fazer para impedir que lhe tomem aquilo que, com tanto zelo, guardara. Mas há outras pessoas, não tão grandes como ele, é certo, que ainda podem fazer algo para obter o ambicionado anel, que parece ser agora de propriedade exclusiva do herói.

Mime surge, cauteloso, a espionar o dragão abatido. Depois de ter a certeza de que a fera está morta, lança-lhe uma valente cuspida ao olho.

- Pfui! Aí está o que merece, usurpador de tesouros!

Mas, ao mesmo tempo, vê surgir à sua frente outra criatura do seu tamanho.

- Aonde pensa que vai, imbecil? - É Alberich, o primeiro dono do anel, que também estivera apenas aguardando o final do combate para entrar em cena e tentar se reapoderar de algo que julga de sua exclusiva propriedade.

- Vou pegar o que me pertence, eis tudo! - diz Mime, tentando ultrapassar o irmão encolerizado.

- Maldito, você vai ficar aí, exatamente onde está! - diz Alberich, dando um empurrão em Mime, que o faz cair de costas no chão. Mime, num salto, põe-se logo em pé e retruca não menos furioso:

- Eu criei o matador do dragão estes anos todos! Tenho, pois, o direito de me apoderar do anel!

- Você sabe que não me custa nada matá-lo para obter aquilo que me pertence, não sabe? Então, sai de uma vez por todas de minha frente!

Alberich parece disposto a tudo - e, sem dúvida, está! - mas, para sorte de um e outro, Siegfried já retorna de dentro da caverna com seus prêmios. O anel está enfiado em seu dedo e reluz de maneira magnífica ao receber os raios do sol da manhã. O herói parece meio indeciso quanto ao que fazer com os demais prêmios. Depois de pendurar o elmo de Tarn em seu cinto, percebe um adejar de asas ao redor de seu rosto: é, de novo, o pássaro, que vem para lhe fazer uma grave advertência.

- Tenha cuidado, Siegfried, pois seu velho preceptor aguarda apenas o momento certo para te atraiçoar! Preste toda a atenção às suas palavras, que provar do sangue do

dragão tornou-o sábio e apto a entender o verdadeiro significado das palavras que saem da boca dos homens!

Mal o pássaro termina de ditar suas palavras ao ouvido de Siegfried, este vê surgir à sua frente Mime, que vem parabenizá-lo pela vitória sobre o inimigo.

- Você é um verdadeiro herói, Siegfried! - exclama o anão, abraçando-se a ele. - Sempre soube que seria capaz de derrotar o dragão, pois sempre confiei em você! Sim, sou seu pai, ainda que somente de criação, mas o afeto que lhe dedico sempre me fez acreditar que jamais iria me decepcionar! Oh, Siegfried, como o admiro! Doravante, estaremos cada vez mais juntos e deixarei de ser seu pai postiço para ser o mais fiel dos seus servidores!

Siegfried escuta todas estas palavras, mas seu entendimento é perfeitamente capaz de lhes desentranhar o verdadeiro significado. Como se pudesse ler a mente do anão, ele vai escutando, como que em uma segunda audição as verdadeiras palavras daquele tratante: "Oh, imbecil, você sempre foi fácil de enganar! Não será, pois, agora, que será difícil ludibriá-lo pela última vez!"

Mime puxa, então, do seu odre e, após encher um copo com sua beberagem maldita, oferece-a ao herói, que está sedento e exausto da luta.

- Toma, bebe um pouco desta poção revigorante; ela o fará sentir-se novo outra vez, pronto para desfrutar de sua nova vida e de seus belos presentes!

Mas, o que o ouvido interno de Siegfried escuta é bem outra coisa: "Vamos, idiota, bebe logo esta poção sonífera! Dentro de instantes, estará adormecido e, então, será como que uma brincadeira de criança cortar-lhe fora a cabeça com a sua própria espada!"

Mime, astuto como é, percebe, no entanto, que suas palavras não exercem nas feições do jovem o efeito esperado, antes pelo contrário, elas estão congestas e seus dentes parecem rilhar dentro da boca.

- Vamos, o que há? Por que me olha com ódio? Bebe esta poção e estará logo mais calmo; então, partiremos juntos para casa: você, o amo; e eu, seu servidor!

Siegfried pega o copo e finge levá-lo à boca; Mime tem os olhos arregalados pela expectativa. De repente, Siegfried, num gesto abrupto, lança o conteúdo do copo à face do anão que, cego momentaneamente, exclama:

- Mas, o que houve, meu filho, por que continua a me tratar deste modo?

Siegfried, sem tolerar escutar a voz do pérfido anão, saca de sua espada e, num golpe veloz, arranca para fora dos ombros do anão a sua cabeça, que rola pelo chão com os olhos arregalados num último estertor de espanto.

- Eis aí, maldito traidor, o prêmio de sua perfídia!

Em seguida, pega o corpo e a cabeça do anão e lança-os para dentro do covil do dragão. Depois, arrasta o pesado corpo de Fafner até a entrada da caverna, bloqueando-a para sempre.

- Aí estarão os dois ambiciosos, presos para sempre na escuridão e na companhia abjeta de suas almas perversas!

Siegfried afasta-se do local e vai se atirar à sombra da árvore, onde estivera momentos antes de seu duelo com Fafner, exausto do esforço.

- Oh, deuses! Por que teimam em fazer que eu esteja sempre só e afastado de qualquer companhia justa e amiga?

Siegfried, embora não lamente a morte do traidor, tem motivos de sobra para lamentar a perda da única companhia, que julgava capaz de lhe demonstrar algum afeto. - Sim, ele era detestável por todos os motivos, mas, ainda assim, minha única companhia neste mundo! - exclama Siegfried, outra vez solitário.

Então, o pássaro ressurge para lhe dizer algo muito importante:

- Siegfried, há uma pessoa que poderá substituir com infinita vantagem a companhia deste anão perverso, que agora te abandonou.

Siegfried ergue a cabeça para a ave com toda a esperança na alma:

- Vamos, pássaro benfazejo, diga-me logo de quem se trata!

- Ela se chama Brunhilde e jaz adormecida numa grande rocha, envolta por um círculo de chamas que somente um homem totalmente desprovido de medo será capaz de atravessar.

- Um homem desprovido de medo? - pergunta Siegfried, com um sorriso.

- Sim, tal é a condição que foi imposta a ela, no dia em que foi colocada neste lamentável estado: que somente um homem que não conhecesse o medo, poderia livrá-la deste castigo a que teve de se submeter, motivado por uma funesta desobediência.

O pássaro conclui as suas palavras e ergue vôo, dando a entender a Siegfried, que deve acompanhá-lo.

- Está bem, pássaro amigo, já entendi! - exclama Siegfried, feliz. - Seguirei seu vôo até o fim do mundo em busca daquela que me fará finalmente feliz!

VI - O despertar de Brunhilde

- Erda, desperte Erda!... Preciso muito falar com você!

É Wotan que, em seu disfarce de andarilho, chega à entrada de uma grande gruta. O céu está tempestuoso e trovões misturam-se à sua voz austera.

- Erda, aproxime-se, preciso dos seus conselhos!

Wotan, normalmente sempre tão seguro e firme de sua vontade, agora parece um ser desorientado, quase um filho carente em busca de sua mãe. Ele entra na gruta e encontra a deusa da terra ainda deitada em seu leito. Ela está envolta em uma aura azulada e parece recém desperta de seu sono profundo; seu ar é quase o de uma sonâmbula. Durante o seu sono milenar, esta deusa sonha e, é através de suas profundas imagens, que ela medita.

- Quem vem perturbar o meu sono? - diz ela, numa voz soturna.

Ao seu lado, estão as três Nornas, deusas do destino: são elas Urd, que tem o conhecimento do passado; Werdandi, que tem a ciência do presente; e Skuld, que tem o dom de prever o futuro. Elas continuam a tecer, impassíveis, o destino dos deuses e dos homens.

- Erda, sou eu, Wotan, preciso de seus conselhos - diz o deus, aproximando-se do leito da deusa, que já está de pé.

- Por que não as consulta? - diz Erda, indicando as Nornas. - Tudo o que sei, é obra de suas mãos.

- Não, elas são fiandeiras de nossos destinos, mas não têm autoridade para dar conselhos; isto cabe a você, minha antiga amante e conselheira!

Wotan aproxima-se da deusa; seu semblante denota uma profunda insegurança. De repente, sua voz trêmula soa inquieta:

- Erda, como faço parar uma roda que gira sem cessar?

- Não o entendo - diz a deusa, que apresenta um aspecto cansado e emaciado. - Wotan, desde que você me conquistou, minha sabedoria ficou ofuscada. Por que não dirige suas perguntas a Brunhilde, sua filha? Ela é tão sábia quanto eu e será capaz de responder qualquer pergunta que lhe queira fazer.

Wotan parece constrangido; seus olhos desviam-se do rosto da deusa e ele explica o motivo da impossibilidade de buscar conselhos junto à Brunhilde.

- Erda, eu puni minha filha...

- Puniu-a?... Por quê?

- Ela está presa a um rochedo, envolta por um círculo de chamas - responde Wotan, reassumindo um tom altivo. - Brunhilde teve a ousadia de me desobedecer. Seu orgulho a impeliu.

- Orgulho... Ousadia... Mas, se não estou enganada, estes são atributos seus, Wotan. Logo você, que deu sempre lições de ousadia, agora resolve punir a ousadia? Censura o orgulho, que é o motivo principal de sua conduta?

- Erda, não preciso de suas censuras, mas de seus conselhos; por favor, diga-me o que devo fazer para controlar o destino meu e do meu mundo. Meu coração está ansioso, sinto que as coisas escapam a todo controle. Desde que Siegfried apossou-se do anel, o destino do mundo está entregue em suas mãos.

- Wotan, você precisa entender que não é mais aquilo que um dia pretendeu ser. O dia do poder começa a anoitecer para você e para todos nós, deuses de uma era que, aos poucos, se encerra. Sim, Wotan, aos poucos, deixamos de ser o que éramos em antigas eras: nosso poder já fenece; nossa vontade já não é fator preponderante nas decisões deste mundo. Você, Wotan, está deixando, lentamente, de ter o poder absoluto sobre o bem e o mal, o certo ou o errado. Você não quer admitir, mas o seu tempo já passou, inexoravelmente. Agora, deixe-me retornar ao meu sono repleto de sabedoria.

- Não, não adormeça, preciso de sua sabedoria aqui e não no mundo dos sonhos! - exclama Wotan, quase em desespero.

- Wotan, este seu desejo ingênuo de ser perfeitamente sábio em tudo é que reduziu o mundo ao estado em que ora se encontra; foi ele também que levou sua filha a jazer como morta no inóspito rochedo. Deixe-me voltar ao doce reino do sono; ele é o único reino onde podemos ser verdadeiramente sábios, sem que com isto se perturbe a tranqüilidade do universo.

- Você, ao que vejo, também já não é mais a mesma sábia de outrora - diz Wotan, percebendo o pouco resultado prático das palavras que saem da boca da deusa exaurida. - Está bem, farei com que Siegfried permaneça com o anel; ele deverá buscar Brunhilde e, após encontrá-la, estará apto a desposá-la, tornando-se o novo senhor deste mundo. Quanto a você, velha deusa, pode retornai' ao seu sonho de destruição dos deuses. Devemos, como você mesma disse, ceder passo à nova ordem.

Erda dá as costas a Wotan; consciente de que, agora, é pouco mais do que uma deusa decrépita muito longe daquela antiga divindade cheia de viço e energia que, um dia, entregou-se aos ardores de seu divino e viril amante - ela se encaminha, vagarosamente, de volta para a gruta para desfrutar do sono dos deuses.

Erda sabe, agora, bem como Wotan ou quantos deuses houver ou haverá de existir, que deus algum é capaz de criar um mundo à altura de sua própria sabedoria e que, definitivamente, mundos concretos não serão jamais perfeitos.

***

Wotan está outra vez sozinho; Erda, sua amante decrépita, já retornou (quem sabe para sempre) para o seio da terra. De repente, ele enxerga um pássaro pequeno de dourada plumagem, que surge por entre as árvores. O pequeno ser, após divisar a figura do andarilho, assusta-se e voa em outra direção, deixando Siegfried, que vem logo atrás, sem guia que o leve até o rochedo onde Brunhilde está.

- Pássaro, meu guia, onde está você? - grita o jovem.

Wotan-andarilho escuta aquela voz e detém os passos; sem saber direito o que fazer, decide esperar que Siegfried surja à sua frente - o que não demora a ocorrer. Siegfried está procurando o pássaro, com a cabeça erguida, sem se dar conta da presença do andarilho. Wotan decide quebrar o silêncio:

- O que está procurando, meu jovem?

- Bom dia, andarilho - responde ele. - Procuro um pássaro dourado que estava me conduzindo até uma montanha cercada pelo fogo; uma donzela lá está encantada, aguardando que eu a desperte e a tome por esposa.

- Oh, parece uma história bastante excitante! - diz o velho, abrindo um largo sorriso. - Mas quem lhe deu ordem para fazê-lo?

Siegfried explica os últimos episódios de sua vida em resumidas palavras. Wotan acompanha com toda a atenção.

- Eis, aí, a razão que me impele a buscar esta jovem que espero venha a ser minha futura companheira - diz Siegfried, com o olhar cheio de esperança.

- Você falou de uma espada com a qual matou o dragão...? - diz Wotan, fingindo grande curiosidade sobre aquele artefato.

- Sim, Notung! - diz Siegfried, sacando a magnífica espada. - Refundi-a, completamente, em uma nova espada com os fragmentos da antiga.

- Oh, que bela! - exclama Wotan, arregalando seu único olho. - Realmente bela! Mas quem fez a espada original?

- Ora, e o que importa? - exclama Siegfried, como se isto não lhe interessasse a mínima. - Só sei que a anterior se tornara inútil e fui capaz de refundir uma nova.

Wotan dá uma grande risada.

- Oh, magnífico!... Há! há! há!

- Do que ri, velho abusado? - exclama Siegfried, sentindo-se ofendido. -Se está aqui para me ajudar, faça-o; mas se vê em mim apenas motivo para diversão, modera a tua língua.

- Cuidado, rapaz! - diz Wotan, perdendo, momentaneamente, o seu bom humor. - Se sou velho, como diz, é isto motivo suficiente para que se dirija a mim com respeito, pois ainda é costume neste mundo se honrar os idosos!

- Honrar os idosos! Sei bem o quanto valem estes idosos aos quais se refere - diz Siegfried, lembrando-se do pérfido e traiçoeiro Mime. - Têm todos os defeitos dos jovens e mais o da astúcia, que lhes dá os muitos anos de experiência.

E esta agora! Nem bem saíra das mãos de um velho pérfido e já outro lhe surgia cheio de manhas e arrogância para estorvar o livre curso de sua juventude.

- Já lhe aviso, velho debochado, que se teimar em obstruir o meu caminho, acabará encontrando o mesmo destino daquele outro!

Ambos parecem prontos a se atracar; mas, quando Siegfried aproxima-se mais um pouco do andarilho, percebe que este é falto de um olho. Dando uma pausa à sua cólera, pergunta, então, ao velho caolho:

- Então, é por isso que usa este chapéu ridículo desabado sobre o rosto? Com certeza o perdeu, quando tentou barrar a passagem de algum outro viajante! Cuidado para não vir a perder o último que lhe resta!

- Basta, jovem atrevido! Você não é menos cego do que este olho que me falta!

Siegfried ri despudoradamente, sem procurar entender a insinuação do velho.

- Vamos, deixa-te de charadas e sai da minha frente, antes que me veja obrigado a fazê-lo.

- Se você soubesse quem eu sou pensaria duas vezes antes de cometer tais atrevimentos, esteja bem certo disto. Evite acirrar a minha ira, eis que isto acabaria por ser a ruína de nós dois.

Mas Siegfried não está interessado em saber quem é aquele velho excêntrico, mas quer afastá-lo e prosseguir sua jornada.

- Eia, velho cabeçudo, para longe! - diz, fazendo um gesto rude com a mão.

- Não, enquanto eu não quiser, não dará mais um único passo!

- Oh!, e quem é que vai me impedir, o vovô?

Mal sabe Siegfried que diz a mais absoluta verdade; Wotan, de fato, é seu avô, sendo pai de Sigmund.

- Seu tolo! - exclama Wotan, aceso em cólera. - Saiba que fui eu próprio quem a colocou para dormir naquela montanha rodeada de fogo! E que aquele que a libertar de seu castigo, roubará meu poder e virilidade!

Wotan empunha sua lança e aponta para o alto da montanha onde Brunhilde está oculta. Relâmpagos e imensas labaredas elevam-se no local onde a jovem está.

- Ótimo, é lá, então, que ela está!... - diz Siegfried, que, em momento algum, assustou-se com a demonstração de força e poder do velho. Wotan, a seu turno, convence-se de que é a este jovem audaz e intimorato que sua filha está destinada, eis que não teme sequer ao poder de Gungnir, a sua lança sagrada.

Siegfried segue adiante, mas o andarilho o detém com estas ameaçadoras palavras, esquecendo de tudo quanto prometera a Erda junto à caverna:

- Nem mais um passo, moleque atrevido! Foi com esta lança que parti a espada que agora carrega e que outrora seu pai, Sigmund, carregou funestamente! Se quiser seguir adiante, quebrarei-a outra vez e aqui será também o seu próprio fim!

Siegfried, ao invés de se intimidar, volta-se para o velho, todo aceso em ira.

- Ah!, aí está, então, o inimigo de meu pai!... Foi você, velho maldito, quem provocou a derrota dele!

Wotan ergue a lança, pronto a desferir o golpe que, imagina, irá destruir pela segunda vez a espada Notung; Siegfried, disposto a tudo, já traz a espada erguida e é ele quem faz o primeiro gesto de luta. Wotan ergue horizontalmente a lança com as duas mãos para aparar o golpe, mas o gume da Notung é tão violento, que uma chuva de raios explode para todos os lados, como se uma violenta explosão tivesse sido provocada pelo encontro das duas armas. Assim que a claridade e a fumaça dissipam-se, Siegfried descobre que é o vencedor: a lança de Wotan jaz partida em duas ao solo e o velho, desarmado, traz seu único olho voltado para os destroços de seu antigo símbolo de poder. Abaixando-se com dificuldade, apanha os restos de sua Gungnir e diz, desconsolado:

- Um dia Gungnir derrotou a Notung; hoje, mudadas as coisas, Notung derrota a Gungnir; tal é a marcha dos fatos, tal a instabilidade do mundo! - Depois, olhando para Siegfried, dá-lhe passagem.

- Vamos, passa - diz ele, com os dois pedaços da lança na mão. - Não posso mais impedi-lo.

O jovem, empunhando sua trompa, lembra-se da profecia que o indicava como o único homem capaz de atravessar o círculo de chamas que protege a montanha, "aquele que desconhecia o medo". Siegfried, sem sequer dar um último olhar para o velho que acaba de derrotar, arremessa-se às chamas sem nada sentir e, num instante, elas refluem até adquirirem a textura de nuvens esfiapadas e inofensivas. O andarilho, finalmente, entendeu que o seu tempo acabou. Dá as costas à montanha, onde jaz sua filha Brunhilde, e desaparece na escuridão da floresta.

***

Siegfried levou o resto do dia para escalar a íngreme encosta, tendo sempre os olhos postos no topo da montanha. O jovem guerreiro, que tivera astúcia bastante para vencer um deus e um dragão, estava pronto, agora, para alcançar o prêmio maior da sua audácia. Tão logo alcançou o topo, viu, com efeito, os seus esforços serem plenamente recompensados: uma paisagem de sonho descortinava-se diante dos seus olhos. Cercado por um círculo mágico de chamas douradas, cujas línguas subiam até quase tocarem o céu, estava o que parecia ser um guerreiro morto, deitado sobre uma longa rocha, com a cabeça escondida dentro de um belíssimo elmo e o corpo vestido por uma reluzente armadura.

"Quem será o guerreiro que aqui descansa?", perguntou-se Siegfried, sem poder ainda atinar com o que, verdadeiramente, o esperava debaixo daquela armadura, pois jamais havia visto antes uma mulher. Mas seu coração, pela primeira vez, bate num ritmo estranho, descompassado. "O que se passa em meu peito? Que sentimento é este que invade meu coração e faz meus joelhos fraquejarem?", pergunta-se sempre, enquanto tenta despojar o corpo que tem diante de si da sua armadura.

Siegfried retira primeiro o elmo, o que faz com que os cabelos dourados de Brunhilde caiam em ondas por sobre a cota reluzente. Um ricto de espanto desenha-se em seus lábios e é este mesmo sentimento que faz com que uma exclamação surda escape de sua boca.

- Este guerreiro é diferente de todos os outros!

Os prendedores da malha que mantém o peitoral preso resistem aos dedos de Siegfried, que decide usar sua espada para cortá-los logo fora, tal é a ansiedade que o domina. Tão logo consegue alcançar o seu objetivo e retirar a armadura, o jovem é tomado por uma vertigem, pois é a primeira vez que seus olhos pousam sobre o corpo de uma mulher. Assustado, Siegfried já pode, agora, dizer que sabe o que é o medo, um medo muito diferente de todos os outros, que o perverso anão lhe incutira na mente desde pequeno. Este sentimento, sem dúvida alguma, é também o medo, mas de outra natureza, posto que pode ser belo também. Sim, naquele corpo oculta-se algo que, dependendo das circunstâncias, pode vir a ser, ao mesmo tempo, a coisa mais bela na vida de um homem e também a coisa mais nefasta e destruidora: o amor por uma bela mulher.

Siegfried está atônito com o que vê: as formas, até então inéditas, do corpo de uma mulher estão ali à sua frente e ele não sabe o que fazer. O instinto vem em seu auxílio, ao enxergar com mais calma os lábios rubros da antiga valquíria. Impossível não se sentir atraído a depositar neles um beijo e tentar restituir a vida àquela que dorme.

Um longo beijo segue-se, ao cabo do qual Brunhilde reabre, lentamente, seus olhos; à princípio confusa, como quem emerge de um longo sono, a jovem aos poucos vai divisando melhor o rosto que tem diante de si.

- Quem é você?... - murmura num fio de voz.

Siegfried dá-se a conhecer, dizendo que é aquele que ousou atravessar as chamas apenas para poder despertá-la de seu longo sono.

Brunhilde, imediatamente, reconhece nele aquele que esperava.

- Sim, já o conhecia antes mesmo que viesse ao mundo! Salvei-o, junto com sua mãe, da ira daqueles que pretendiam destruí-los.

Apesar de estar feliz por ter sido, finalmente, retirada de seu longo exílio nas trevas por aquele jovem, que por tanto tempo aguardara, mostra-se, entretanto, reticente quando o herói dá as primeiras mostras de seu desejo, pois tendo-a beijado uma vez, nem de longe espera ter sido a última.

- Não, jovem impetuoso, contenha-se! - diz ela, recobrindo seu corpo da melhor maneira que pode. - Não devemos levar adiante nossos desejos.

Sem se dar conta, a ex-valquíria menciona já os seus próprios desejos. Para se ver livre dos anseios de Siegfried, Brunhilde conta toda a história de como veio a perder sua antiga condição de deusa para ser, a partir de agora, uma simples mortal. Siegfried, no entanto, faz pouco caso de seu discurso: mortal ou imortal, deusa ou humana, o fato é que seu desejo arde com cada vez maior intensidade. Ele a despertou, conforme a promessa, e, portanto, é sua noiva.

Agora, é Brunhilde quem sente seu coração tomado de temores, diante do medo de perder a virgindade, o último signo de sua antiga divindade.

- Não, Siegfried, não deve seguir este rumo! - exclama ela, alvoroçada.

- Como não poderia, se sou aquele que a profecia indica como seu futuro marido? Você mesma assim o quis, lembra-se?

Brunhilde não tem mais forças para resistir aos apelos de seu salvador; a sua parte humana, agora, fala mais alto e ela cede, de uma vez, às carícias de Siegfried. Ela sabe que com isto está dando o primeiro passo para uma nova era - uma era na qual tudo mudará, os deuses conhecerão o seu fim e tanto ela, quanto Siegfried, mesmo perecendo junto com este velho mundo, viverão sempre um à luz do outro, onde quer que estejam, a sorrir diante da morte.

Quarto Ato

O crepúsculo dos deuses

I - O diálogo das Nornas

Três Nornas, deusas nórdicas que regem os destinos do antigo mundo, estão sentadas sobre o rochedo, onde Siegfried e Brunhilde estavam juntos há poucos instantes. Eles se retiraram para dentro de uma gruta para consumar o seu amor. Enquanto isso, as deusas conversam, ao mesmo tempo em que tecem o fio do destino, que está espalhado por sobre as rochas, passando de mão em mão. A mais velha delas começa a falar, rememorando fatos:

- Lembram, irmãs, de quando éramos novas (e conosco, o mundo), e de como éramos felizes, sentadas o dia todo à sombra de Yggdrasil, a tecer o destino de deuses e mortais? Sim, bem agradáveis e doces eram aqueles dias!...

Suas irmãs fazem um sinal de assentimento com suas encanecidas cabeças, pois tanto elas, quanto aquela que fala, apresentam o aspecto avelhantado de criaturas que sabem que o dia de seu inexorável ocaso se aproxima.

Yggdrasil, o grande Freixo do Mundo a que a Norna se referira, era a grande e frondosa árvore que encobria o universo. Suas raízes espalhavam-se em várias direções, penetrando em diversos reinos do mundo, como nas sombrias moradas de Niflheim, onde a serpente Nidhogg estava instalada, permanentemente, a roer a raiz que ali se infiltrava. As três irmãs, entretanto, viviam em Asgard, o ameno lar das divindades. Eram as encarregadas de regar a raiz e os ramos da árvore sagrada com a água tirada do poço Urdar.

- Vejam o que achei, ó irmãs! - exclama a Norna mais velha. - Aqui está o pedaço do fio do destino que fala sobre Wotan, o mais poderoso dos deuses.

De fato, pelos seus dedos vai passando o longo fio, que dá conta de um importante episódio da vida de Wotan: o dia em que ele perdeu um de seus olhos.

A Norna narra o episódio como num transe, como uma velha sacerdotisa que oficiasse uma leitura cerimonial aos iniciados, composta de textos há muito repetidos e que, aos poucos, vão perdendo a força pelo fato mesmo da contínua repetição a que são submetidos.

- Wotan, divindade maior dos asgardianos, um dia sentiu a necessidade de se fazer sábio, pois como poderia ser o mais poderoso dos deuses sem dominar os segredos do sentimento e do pensamento? Então, Wotan, munindo-se de coragem, deixa Asgard, morada dos deuses, e baixa até Jotunheim, a terra dos Gigantes, onde pretende encontrar a cabeça do gigante Mimir (ou "aquele que pensa"), que monta guarda à fonte da sabedoria. Wotan sabe que o gigante há de lhe cobrar um preço - sem dúvida demasiado alto! - por apenas um gole da água da fonte sagrada; mas não seria um deus se retrocedesse. Por isso, segue até estar diante da imensa cabeça, que fixa nele seus fulgurantes olhos: "Ó poderoso Wotan, que vem fazer aqui diante do grande espelho de minhas águas?", diz ele, com sua voz cava. O deus, sem perder a calma, responde: "Mimir, guardião da fonte que tem toda sabedoria e bom-senso, eis que venho aqui em busca de um gole de tuas águas!" "Oh, quer se tornar sábio, então?", diz a grande cabeça, arregalando os olhos. "Sim, Mimir, aspiro à sabedoria, sem a qual não serei jamais digno de ostentar o título de mais poderoso dos deuses!", retruca Wotan, disposto a tudo por um gole daquela água que rebrilha no leito, parecendo, ao mesmo tempo, mansa na superfície e revolta nas profundezas. Mimir, durante um longo tempo, reflete sobre a conveniência de lhe dar esta permissão, ao cabo do qual diz ao deus: "Está bem, ousada divindade! Beberá de minhas águas, mas apenas e tão somente um gole!; contudo, mesmo este gole haverá de lhe custar bem caro!" Wotan, que já esperava o repto, inclina-se respeitosamente: "Aceito o preço que você arbitrar, grande Mimir!" O gigante, então, lhe diz: "Quero, Wotan, um olho seu, nada menos que isto!" Wotan recua um pouco, mas sabe que, se Mimir pronunciou estas palavras, elas são, desde já, irrevogáveis. "Está bem", diz o deus, resignado a perder uma de suas vistas, "aceito o preço que me impõe!" Wotan tem assim um de seus olhos arrancado; um grande urro de dor enche o universo. Logo depois, porém, vem o ambicionado prêmio: uma taça cheia da cristalina água, que Wotan sorve com infinito deleite!

A Norna faz uma pausa, enquanto o grande fio escorre por entre os seus dedos encarquilhados, fazendo com que muitos anos passem diante de seus olhos.

- Então, um dia Wotan quebrou um ramo do freixo para fazer sua lança Gungnir, sem se aperceber que com isto a árvore fora ferida mortalmente; aos poucos, eis que a planta sagrada começa a enfraquecer até se tornar, depois de muito tempo, despida de suas folhas e de sua seiva. A nascente da fonte também secou e com isto começou, de fato, a ruína do nosso velho mundo...

A segunda Norna, percebendo que a primeira já não tem o fôlego necessário para levar adiante o relato, retoma o discurso:

- Ó poderosa lança: quantos tratados e leis foram gravados em teu imenso cabo! Com ela, Wotan regeu nosso mundo, com ela, subjugou seus inimigos! Mas, mesmo Gungnir encontrou o seu fim - e como poderia ser doutro modo, agora que tudo declina? Siegfried, seu neto, partiu-a com um valente golpe da espada Notung, que o próprio Wotan um dia forjara. Mas o que fez com que nosso mundo, verdadeiramente, declinasse? Que força maléfica introduziu-se nele para que deuses e criaturas conhecessem o rude conceito da decadência e marchassem, como de fato todos marchamos, para a morte inexorável?

- Um anel, vejo o pequeno e maldito objeto brilhar diante de meus olhos! - exclama a terceira Norna. A segunda aproxima-se e lhe toma o fio, que roça por entre as rochas, ameaçando partir-se. Já não há mais o freixo gigantesco onde elas costumavam amarrar o fio que tecem noite e dia. As rochas são afiadas e não há meio de prender os fios à suas saliências agudas.

- Sim, lá está o pérfido anão Alberich, tentando seduzir as ninfas, que nadam descuidadas sobre o Reno! O infelizes e imprevidentes ninfas! Se pudessem prever qual seria o fruto de sua desatenção! Pois, tudo começou com o furto do Ouro do Reno, com o qual Alberich forjou seu maldito anel! Desde então, ó irmãs, o universo foi encoberto pela escuridão! Sangue e morte seguiram-se! Alberich, tornado tirano de seu próprio povo, teve o anel arrebatado por Wotan, auxiliado pela astúcia do sinistro Loki, mestre dos embusteiros. Mas, de que lhes valeu tal furto, irmãs? Que bem pode trazer este negro objeto àquele que dele se apossa?

As duas Nornas restantes sacodem suas cabeças de maneira desalentada, como a dizer: "Oh, bem algum, bem algum pode ele trazer!"

- Então, os gigantes o levaram em troca da devolução da bela Freya! - diz n Norna, voltando ao seu tema. - E, pela primeira vez, a morte surgia na esteira do anel maldito! Agora, irmão está lançado contra irmão! O sangue de um provoca a alegria do outro! E o sobrevivente transformado cm horrendo dragão!

O fio cada vez mais se esfiapa, mas as Nornas parecem não se dar conta.

- Agora, o anel maldito está de posse de Siegfried; que novas tragédias poderá nos trazer? Que ruína definitiva fará abater-se sobre o mundo e os próprios deuses?

A última Norna aproxima-se e toma o fio da mão da irmã. Quase completamente roto, ela o puxa para melhor enxergar o que o futuro reserva a todos.

- Wotan - diz ela - ordenou que seus guerreiros mortos cortassem a madeira do velho e extinto Freixo do Mundo, que agora jaz empilhado no Valhalla, a seus pés, como um monte de lenha seca prestes a arder!

As irmãs dão um ganido estridente de desespero.

- Sim, irmãs, basta que Wotan dê uma ordem neste sentido para que as chamas envolvam os restos de Yggdrasil e mergulhem nas chamas o Valhalla e com ele todo o universo. Falta pouco para que se declare o Crepúsculo dos Deuses! Falta pouco para que as chamas envolvam os céus, tornando o universo uma grande bola de fogo, e se apague em seguida para que as trevas mais negras desçam sobre os deuses que um dia governaram o mundo.

- E Loki? - exclama a Norna mais velha. - O que houve com ele?

- Loki, deus do fogo, foi dominado por Wotan antes que sua lança fosse partida - responde a outra. - Ele o obrigou a cercar com suas chamas a montanha onde Brunhilde jazia adormecida. Será ele que trará o fogo para devorar o lenho sagrado de Yggdrasil, pondo fim ao nosso mundo, bem vejo tudo isto!

De repente, as Nornas dão-se conta de que o longo fio que vinham puxando e estudando, finalmente, rompeu-se.

- Oh, o fio rompeu-se, irmãs, o fio rompeu-se! - exclama uma delas.

As outras duas erguem-se, pondo as mãos sobre as cabeças de longos fios desgrenhados e esvoaçantes.

- Sim, está rompido! - ajuntam as outras. - Oh, Erda poderosa, socorra-nos!

Mas, é em vão que elas buscam o socorro da deusa da terra: ela já mergulhou, pela última vez, nas profundezas do subsolo, adormecida para sempre. Nem mesmo a sábia e outrora poderosa Erda pode impedir, agora, que tudo se consuma.

Percebendo que sua existência se torna inútil para todo o sempre, as três Nornas abandonam o local onde estão e mergulham juntas para o seio da terra.

O mundo, sabem elas, está agora inteiramente à mercê do Anel da Perdição.

***

O dia amanhece, tingindo o céu de uma gama de cores suaves; os pássaros começam a cantar num mundo que ainda resiste aos maus prognósticos de três deusas decadentes que, antes mesmo que o sol nascesse, desapareceram para sempre para dentro da terra. O rochedo, onde o casal de amantes esteve entregue aos seus prazeres, está iluminado pelos primeiros raios do sol. Dentro dele, ainda se ocultam Siegfried e Brunhilde que surgem, somente mais tarde, abraçados. Siegfried enverga a armadura e o

escudo da valquíria já que, para ela, estes dois artefatos são agora inteiramente inúteis: ela não é mais uma deusa imortal, mas uma mulher como outra qualquer - tanto quanto Brunhilde pode ser uma mulher qualquer.

Mas não foram só as armas que ela deu a Siegfried; todo o conhecimento de que era detentora também foi transmitido ao seu amado - que, agora, é um guerreiro completo.

- Como vê, cedi-lhe tudo, meu amor - diz Brunhilde ao jovem, tão logo saem de seu refúgio. - Terei agido certo, Siegfried? Poderei estar certa de que jamais me abandonará?

- Brunhilde, sempre terei seu adorável rosto diante de meus olhos! - diz Siegfried, tomando o rosto dela em suas mãos e depositando um longo beijo em seus lábios.

Um relincho discreto faz com que ambos interrompam seu romance, que ameaça recomeçar mesmo à luz do sol. É Grane, o cavalo de Brunhilde que acordou e agora também chama por sua dona, talvez algo enciumado.

- Veja, é Grane! - diz a filha de Wotan, sorridente, a Siegfried. - Vamos, leve-o também consigo; doravante, será o seu cavalo.

Siegfried agradece mais este valioso presente e parece constrangido em nada poder ofertar à sua amada. De repente, dá-se conta de algo em seu dedo: é o anel dos nibelungos. Sem pensar duas vezes, ele arranca o pequeno círculo de seu dedo e o estende para a amada.

- Vamos, tome-o! - diz ele a Brunhilde. - A partir de agora, ele ficará sob a sua guarda!

- Oh, não, Siegfried! - diz Brunhilde, afastando com a mão aquele objeto que emite um brilho fascinante, mas também assustador. - Este anel é seu, lembra-se? Você o conquistou ao derrotar valentemente o dragão!

- Não importa - retruca Siegfried, generosamente. - A partir de agora, ele é seu, quero que você fique com ele como prova de meu amor.

Brunhilde coloca o anel em seu dedo e diz que estará sempre ali, enquanto for viva.

- Brunhilde, quero que saiba que, a partir de agora, todas as minhas façanhas serão suas também! - diz ele que está, ao mesmo tempo, triste por se separar de sua amada e ansioso por sair e percorrer o mundo, que ainda desconhece.

- Juntos nossos corpos, ninguém nos apartará - diz ele -; separados, continuaremos a ser uma só alma!

Siegfried monta em seu cavalo e dá meia volta. Brunhilde o observa com os olhos cheios de lágrimas. Em seu dedo, contudo, o anel parece adquirir uma nova conformação e brilho - um brilho escuro e ameaçadoramente sinistro.

II - Os Gibichungs

Um grande salão imperial, mesmo quando abriga uma modesta reunião familiar, é, provavelmente, o lugar mais perigoso da face da terra. Alguém um pouco mais cínico dirá mesmo que, justamente em tal ocasião, é que este elegante e aprazível local adquire o contorno da mais grave periculosidade - pois quem ignora, dirá ele, que é no seio das famílias que os rancores e as disputas brotam com maior facilidade? O salão dos Gibichungs é palco, neste momento, de uma reunião deste tipo: Gunther, regente do feudo, e Gutrune, sua irmã, conversam com seu meio-irmão Hagen. Este último é filho de Alberich, o nibelungo, e da mãe dos dois irmãos, herdeiros do reino. Todos estão envolvidos numa amena discussão que versa sobre a maneira de aumentar o prestígio e o poder daqueles que, diga-se de passagem, já desfrutam deles em larga escala. O diálogo transcorre sob a aparência de uma conversa amavelmente polida, na qual o menos afortunado dos debatedores - Hagen, o filho do anão - tenta provar ao casal de irmãos que ambos poderiam, mediante uma certa providência, vir a melhorar sua figura no grande quadro da estirpe dos Gibichungs (ou seja, dos filhos de Gibich).

- De fato, falta-lhes um acréscimo que seria muito útil para que o nome dos Gibichungs pudesse destacar-se entre as nossas famílias rivais - diz Hagen, alisando os fios compridos de sua barba loira e bem cuidada.

- Oh, sim? - indaga Gunther, o maioral. - E que acréscimo seria este?

- Um bom casamento - diz Hagen, olhando Gunther e a bela Gutrune.

"Um casamento!", pensa Gunther. "Como não havia pensado ainda nisto?"

Gunther admite para si mesmo que, embora veja Hagen como um bastardo, não pode negar que sente também uma certa admiração (ou seja, muita inveja) pela sua argúcia e pelo seu grande carisma pessoal. Hagen, por sua vez, também não pode deixar de admirar (ou seja, de odiar) o direito de primogenitura, que confere a Gunther a condição de senhor do castelo e de todos os seus súditos.

- Um bom casamento!... - diz Gunther, ruminando a idéia.

Hagen, percebendo num relance de olhos que a idéia lhe é sedutora, insiste:

- Uma boa idéia para ambos, caros irmãos!

- Eu, casar-me?... - diz Gutrune, parecendo surpresa diante desta cogitação, que antes lhe parecera tão remota e improvável.

- Por que não? - pergunta Hagen. - Afinal, já tem idade bastante para isto.

- Mas... quem seria o esposo ideal para ela? - pergunta Gunther.

- Já pensei nisto, caros irmãos, já pensei nisto! - diz Hagen, esfregando as mãos. - Que tal Siegfried, o renomado herói?... Dizem que sangue divino corre em suas veias!

A bela Gutrune, que já conhece Siegfried, parece agradada da escolha. Seu irmão Gunther também não desfaz nem um pouco da sugestão.

- Bem, e quanto a mim? - diz ele, que não pode ficar muito tempo a discutir a felicidade alheia sem antepor a sua própria.

- Por que não toma Brunhilde por esposa? - diz Hagen, o mais feliz dentre todos ao ver que seus planos começam a frutificar. - Afinal, ser casado com uma ex-valquíria e filha de Wotan (ainda que esteja, momentaneamente, caída em desgraça) não é coisa para qualquer um, mesmo em se tratando de um rei poderoso como você. - Depois, para aumentar o efeito, Hagen aproxima-se do ouvido do irmão e lhe sussurra, pondo toda a doçura na voz: - Além do mais, caríssimo irmão, todos sabemos que ela é guardiã de um imenso tesouro, que Siegfried lhe entregou ao matar o dragão Fafner...

"Isso, sem falar, é claro, de um certo anel...!", pensa o filho de Alberich, mas sem externar esta última parte do plano.

- Ora, cale-se...! - brada Gunther, numa brusca exasperação. - Não me fale de um tesouro sobre o qual jamais poderei colocar minhas mãos! Todos sabem que Brunhilde vive num local ermo, protegido por um círculo de chamas, onde somente Siegfried pode ir. Jamais eu teria acesso a ela ou ao seu tesouro!

- Por que jamais! - diz Hagen, sem se deixar intimidar com a rudeza de Gunther. - Todos sabemos que Siegfried e Brunhilde foram amantes durante longo tempo e que bastaria fazer com que se casasse com sua irmã para que o convencêssemos a tomar seu partido para a obtenção da mão de Brunhilde.

- Ora, Hagen, não seja tolo! - exclama Gutrune, também se exasperando. - Todos sabem que Siegfried e Brunhilde ainda são amantes; ele jamais a trocaria por mim!

- Jamais daqui, jamais dali! - diz Hagen, perdendo, finalmente, as estribeiras. - E, se lhes disser que tenho, graças às artes de meu pai, uma certa beberagem mágica do esquecimento, que faria Siegfried esquecer, no mesmo instante, de sua amada?

Gunther e Gutrune entreolham-se, mais confiantes; pela primeira vez, sentem que é possível que seus planos se concretizem.

- Mas, como faremos para encontrá-lo? - indaga Gunther. - Dizem que ele anda pelo mundo à cata de aventuras, sem se deter em lugar algum.

- Siegfried está prestes a chegar às terras do Reno - afirma Hagen. - Não demora muito, estará desembarcando na terra dos Gibichungs. Estejamos atentos para que, quando isto ocorra, possamos lhe prestar uma bela recepção. Quanto ao resto, a poção de meu pai fará com que ele esqueça, imediatamente, Brunhilde e se apaixone, perdidamente, por você, Gutrune. Uma vez rendido ao seu amor, bastará que o convença a abrir caminho a Gunther para que se apodere da bela Brunhilde e de seu tesouro no rochedo inacessível.

A reunião encerra-se desta maneira; os dois irmãos partem para seus aposentos, repletos de esperanças. Hagen, entretanto, é o mais feliz de todos; numa espécie de transe, conversa, imaginariamente, com seu pai:

- Falta pouco, Alberich, para que o seu querido anel volte às suas mãos!

***

Alguns dias depois, Siegfried chega, de fato, às praias do Reno. Ele anuncia a sua chegada, fazendo soar com estrépito a sua trompa, o que atrai grande número de pessoas. Gunther, alertado por Hagen, corre à toda pressa para a praia a fim de receber o ilustre visitante.

- Salve, grande Siegfried, bravo herói dos germanos! - exclama Hagen, fazendo-se porta-voz entusiástico do rei que prefere se manter um pouco à parte, pois não está certo de uma reação favorável por parte do herói.

Siegfried, contudo, está verdadeiramente encantado com a recepção; pela primeira vez em sua vida, sabe o que é ser recebido em pessoa por um soberano e ser festejado pelo povo como um verdadeiro herói.

Gunther adianta-se e lhe diz, com um largo sorriso:

- Siegfried, seja muito bem-vindo a meu reino! São suas estas terras, meu castelo e meus vassalos!

Siegfried curva-se, respeitosamente, diante do rei sem se constranger, pois sente que, naquele instante, é ele a verdadeira majestade.

- Soberano, nada tenho a pôr à sua disposição, senão meu braço e minha espada.

Hagen, então, sem poder se conter, intromete-se na conversa, indagando:

- Mas, e o seu tesouro?... Não é verdadeira a lenda que diz que você tomou posse do tesouro dos nibelungos ao derrotar Fafner, o temível dragão?

- Ele nada significa para mim - diz Siegfried, de maneira indiferente. - Deixei-o na caverna, aos cuidados de minha amada Brunhilde.

- Mas nada trouxe consigo daquele fabuloso tesouro? - pergunta Hagen, sem poder acreditar nas palavras displicentes do herói.

- Somente este elmo, mas não posso usá-lo - diz Siegfried, apontando para o elmo que pende de sua cintura.

- Você diz somente este elmo? - exclama Hagen, estupefato. - Ora, este é o famoso Elmo de Tarn, que tem o dom de metamorfosear o seu possuidor em qualquer coisa ou ser que deseje! Foi graças a ele que Fafner, o gigante, pôde se metamorfosear no dragão que você derrotou! Além disso, poderá levá-lo aonde quiser! Acha isto, então, pouca coisa?

Siegfried permanece alheio à arenga de Hagen e desvia os olhos de seu desagradável interlocutor para observar a natureza e as pessoas daquele reino que o recebe de maneira tão hospitaleira. "Sou, então, tão grande assim?", pergunta-se ele, sem poder acreditar ainda em um sucesso tão repentino.

- E o que mais trouxe do fabuloso tesouro? - insiste Hagen em perguntar, quebrando o idílio que Siegfried mantém consigo mesmo. - Não havia, porventura, em meio a todas aquelas preciosidades, um pequeno anel?

- Um anel? Oh, sim, deixei-o com Brunhilde, como penhor de meu amor.

Siegfried é conduzido ao salão do trono, em meio a um grande cortejo cercado sempre por Gunther e Hagen, que não o deixam a sós um único momento. Durante a recepção faustosa que lhe oferecem, Gutrune surge, carregando uma taça de ouro, que oferece a Siegfried.

- Esta é Gutrune, minha irmã e herdeira do trono - diz Gunther, orgulhoso da irmã, que está verdadeiramente bela.

- Por favor, valoroso herói, aceite das mãos de uma princesa esta taça de olorosa bebida - diz ela, pondo todo o encanto em sua voz. - Beba-a em homenagem à sua amada Brunhilde.

Tendo em mente a filha de Wotan, Siegfried toma a taça e sorve de um trago a deliciosa bebida, que não é outra, senão, a poção de Hagen. No mesmo instante, a efígie de sua amada desaparece de sua lembrança e seu coração fica enfeitiçado pela beleza daquela que lhe ofereceu a bebida.

Hagen, percebendo o sucesso de seu ardil, pisca o olho, discretamente, para Gutrune, que também está radiante. Gunther, por sua vez, vendo que a alegria da irmã sobrepuja à sua própria, sente outra vez aquele velho desejo de ser mais feliz que qualquer outro em seu reino - não é ele o rei, afinal? - e decide ajeitar também o seu lado:

- Pelo visto, minha irmã agradou-o... ou estarei enganado? - pergunta ele, com um sorriso amável ao herói.

Siegfried não nega, nem confirma, mas seu olhar é indício suficiente do que se passa em seu coração. Para Gunther, isto é o bastante; aproveitando, então, o estado de ânimo de Siegfried, resolve falar de seus próprios desejos.

- Eu também trago o coração inquieto, meu amigo, e anseio por conquistar uma certa mulher, da mais nobre estirpe que possa haver, posto que é filha de um deus!

- Filha de um deus... - sussurra Siegfried, que ainda parece um pouco grogue com o efeito da maléfica poção.

- Sim, ela vive em um rochedo, cercada por um círculo mágico de fogo. Mas atravessar esta muralha de chamas é um feito que somente um herói pode conseguir.

Siegfried está meio confuso; ao ouvir falar da mulher que está presa na montanha, sente passar em sua mente uma vaga lembrança de Brunhilde. Mas logo ela é apagada pela sugestão que parte de Gunther:

- Se você me ajudasse a conquistá-la, Siegfried, eu estaria disposto a recompensá-lo com o bem que mais desejasse!

Siegfried observa a irmã de Gunther, estrategicamente colocada à sua frente.

- Eu o ajudarei, nobre Gunther, a desposar esta mulher! - exclama Siegfried. - Mas, em compensação, quero a mão de sua irmã Gutrune.

- Você?... De que maneira?

- Esqueceu que tenho o elmo mágico? Com ele posso tomar a forma de qualquer ser, inclusive a sua! Surgirei diante dela sob a sua forma e a conquistarei para você!

Hagen, que acompanha a conversa na surdina, adianta-se, satisfeito:

- Ótimo, ótimo! Sim ou não, selemos de uma vez o pacto de sangue!

Ele traz a taça cheia de vinho e faz com que tanto Gunther quanto Siegfried pinguem uma gota de sangue nele.

- Pronto! - diz Hagen, solenemente. - Através deste pacto inviolável, Siegfried compromete-se a conquistar Brunhilde para Gunther e este a lhe dar em retribuição a mão de sua irmã, Gutrune. Sua violação, contudo, implicará a pena de morte para ambos.

No mesmo dia, os dois partem Reno acima, enquanto Hagen fica a esperar junto com Gutrune o seu regresso.

Sozinho na sala do trono, Hagen, o filho do nibelungo, entrega-se às suas mais caras esperanças. Ele parece devanear, como se estivesse falando com seu próprio pai: "Dentro de muito pouco tempo, meu pai, os dois irmãozinhos terão em seus dedos as suas aliançazinhas idiotas. Mas eu, Hagen, filho de Alberich, terei, finalmente, em meu dedo o anel dos nibelungos!"

III - A traição a Brunhilde

No alto da montanha, Brunhilde está entregue também aos seus pensamentos, porém, muito diferentes daqueles que envenenam a mente ambiciosa do filho de Alberich. Dentro de sua caverna, relembra os bons momentos que ela e Siegfried tiveram; seu dedo acaricia, inconscientemente, o anel que ele lhe deixara em sinal de amor, na esperança de que logo ele reapareça.

- Oh, Siegfried, quando voltará para os meus braços? - murmura ela, sem poder dizer ou pensar outra coisa desde que começou o seu longo e cruel exílio.

Siegfried partira há muito tempo, alegando que precisava "conhecer o mundo". E, de fato, para um jovem como ele, seria impossível exigir-se outra coisa. Ele tinha a força de um deus em seus músculos e a mesma impetuosidade de seu avô. Tal como Wotan que, seguidas vezes, disfarçava-se de andarilho para percorrer o mundo e ver o estado no qual ele se encontrava, Siegfried também sentia este desejo. De resto, comum a qualquer jovem da sua idade. Só que ele ambicionava mais: queria sentir também o gosto da vitória, que já experimentara, pela primeira vez, ao derrotar o dragão. Este gosto e esta sensação, com efeito, não lhe saíam da memória desde então. Mas de que lhe adiantavam tais triunfos, pensava ele, se não havia ninguém para aplaudi-los? Siegfried esquecia-se, entretanto, de que já havia alguém para lhe aplaudir e admirar e que, para ele, esta deveria ser presença muito mais importante do que qualquer platéia mundana: a de sua amada Brunhilde, aquela que salvara a vida de sua mãe e a sua própria e cedera, tão gentilmente, aos seus apelos, quando ele a despertara de seu sono eterno.

Mas Brunhilde, por seu lado, era sábia o bastante para perceber que nem mesmo ela teria a força e o poder para impedi-lo de seguir o seu caminho; conhecer coisas novas e vencer novos desafios: coisa que ele jamais conseguiria, ali ao seu lado, levando uma vida paradisíaca, é certo, mas que, cedo ou tarde, acabaria se convertendo em fonte de atrito e frustração para as ambições de seu amado.

Brunhilde pensa em tudo isto quando, de repente, escuta o ruído de trovões. Assustada, ela se ergue e vê, no alto, uma grande nuvem negra que se aproxima, velozmente, do topo da montanha onde está.

"Quem será que ruma para cá com tamanho estrépito?", pergunta-se ela, já do lado de fora da gruta, com a mão em pala sobre os olhos.

Aos poucos, percebe que se trata de uma de suas irmãs, que cavalga pelas nuvens com a rapidez do vento até vir pousar onde ela está.

- Oh, é você, Waltraute!... - exclama Brunhilde, com a felicidade desenhada em seu rosto. - Que boa mensagem me traz? Trará, por acaso, o perdão de meu pai? Serei, outra vez, reintegrada à condição de valquíria?

Brunhilde não pode conter suas palavras, pois aspira isso desde o dia em que, por causa de sua desobediência, incorreu na cólera de Wotan.

- Infelizmente, minha querida irmã, as notícias que lhe trago são as piores possíveis! - exclama Waltraute, com o semblante carregado.

- Como assim, o que houve?

- Nosso pai, Wotan, está prestes a mergulhar todos os deuses no caos e na ruína, e somente você poderá impedi-lo de cometer este ato insano!

Brunhilde fica atônita com a notícia a ponto de as cores fugirem de seu rosto.

- Mas por que está mergulhado neste desespero?

- Wotan abandonou o Valhalla há muito tempo e se tornou, desde então, um andarilho. Por muito tempo, esteve ausente, vagando sem rumo por muitos lugares até que um dia retornou ao Valhalla com sua lança quebrada!

- Sua lança Gungnir... partida?

- Exatamente!

Brunhilde não sabe ainda que fora Siegfried quem a quebrara no duelo que travou na floresta contra Wotan.

- Um herói a partiu, minha irmã! - diz Waltraute, inconsolada. - Desde então, Wotan entregou-se a um tal estado de prostração, que ordenou a seus guerreiros que destruíssem Yggdrasil, o freixo gigante, e empilhassem sua madeira diante dos portões do Valhalla. Loki aguarda apenas um sinal de Wotan para que faça suas labaredas arderem sobre o lenho empilhado, pondo um fim definitivo aos deuses e ao próprio mundo!

- Oh, Waltraute, isto é terrível!... Mas, o que posso fazer para impedi-lo de cometer esta loucura, se estou sob o peso de sua maldição? Que espécie de ajuda poderia prestar, se ele me exilou para sempre do seu convívio?

Waltraute a observa com um olhar agoniado e, ao mesmo tempo, carregado de esperança.

- Brunhilde, você tem o anel em seu poder! - exclama ela, ao olhar para o dedo da irmã. - Nosso pai disse-me que se as ninfas do Reno receberem devolta o anel, a maldição de Alberich estará encerrada e os deuses poderão voltar a viver em paz junto com os homens.

- Não...! o anel é meu!... - exclama Brunhilde, escondendo a sua mão. -Foi um presente que recebi de Siegfried e só eu e ele sabemos o quanto lhe custou para arrebatá-lo ao terrível Fafner! Por isto, jamais o devolverei.

- Brunhilde, ele é muito importante para Wotan!

- Ele é mais importante para mim! - exclama Brunhilde, escondendo o anel entre os seus dedos. - Ele representa o amor que Siegfried me devotou, valendo, portanto, muito mais do que o orgulho de Wotan e do Valhalla inteiro! Por causa do amor que dediquei aos pais de Siegfried, e depois a ele próprio, é que estou aqui encerrada; foi por ele que enfrentei a ira e o orgulho desmedidos de meu pai! Agora, ele deve esperar que seu orgulho salve o seu próprio mundo, pois este é um mundo do qual, há muito tempo, fui excluída violentamente!

Waltraute tenta argumentar de todas as maneiras, mas, agora, é a vez de Brunhilde mostrar-se irredutível: ela não devolverá jamais o anel que Siegfried lhe deu. A valquíria parte, então, amargurada, com a certeza de que tudo, em breve, vai se acabar numa gigantesca hecatombe de dor e fogo.

Brunhilde fica, outra vez, entregue a si mesma; diante da notícia de que o mundo está prestes a ruir, renova-se com maior força a saudade de Siegfried. Durante o resto do dia, ela permanece em seus devaneios amorosos, até que, como se fosse uma resposta, as chamas que cercam a montanha aumentam de intensidade.

- As chamas estão aumentando de intensidade! - grita ela, sem poder conter sua alegria. - É Siegfried quem retorna!

Um homem, de fato, acaba de transpor as chamas, mas ele não tem a aparência do amante, que ela ansiosamente aguarda. Caminhando firmemente, ele avança em direção a Brunhilde.

- Quem é você? - diz ela, assustada. - Você não é Siegfried.

O estranho não se identifica; em vez disso, diz, simplesmente:

- Vim aqui, Brunhilde, para tomá-la como minha legítima esposa!

O homem tem a mesma aparência de Gunther (embora não seja ele, mas Siegfried disfarçado, que vem cumprir a sua parte no acordo que fizera com o rei) e parece determinado a tudo para cumprir o que suas palavras prometem.

"É Wotan que o manda aqui para me punir!", pensa Brunhilde, desacorçoada

- Não, fique longe de mim! - grita ela.

Mas o estranho aproxima-se cada vez mais e, num gesto abrupto, agarra um de seus braços.

- Não resista, bela mulher! - diz ele, numa voz disfarçada que, no entanto, soa vagamente familiar aos ouvidos da valquíria. - Se resistir, será pior para você!...

Brunhilde desvencilha-se com rapidez e corre até a entrada da gruta. Lembrando, então, do anel, ela retira-o do dedo e diz, num último fio de esperança:

- Afaste-se, maldito! Este anel é mágico e me protegerá!

Mas ela não sabe que um anel maléfico não tem o dom de proteger ninguém: sua única virtude é a de destruir.

Gunther (na verdade, Siegfried disfarçado) toma-lhe o anel da mão e diz:

- Esta jóia, agora, também me pertence, pois, a partir deste instante, eu, Gunther, da nobre casa dos Gibichungs, sou seu legítimo esposo!...

Depois de colocar o anel em seu próprio dedo, ele lhe dá um ultimato:

- Vamos, chega de resistência! Não me obrigue a violá-la!

Brunhilde, sem outro meio de defesa, vê-se na obrigação de seguir o rude homem até o interior da caverna. Siegfried, entretanto, traz consigo sua espada Notung. Antes de entrar na gruta com Brunhilde, ele ergue a sua espada e lhe diz, como se falasse a uma velha amiga e companheira:

- Notung, agora, você ficará entre mim e a noiva de Gunther para que eu não rompa meu acordo e o desonre, mantendo relações com sua noiva.

A noite já está descendo sobre a montanha. Brunhilde, sem saber, tem, finalmente ao seu lado, aquele pelo qual tanto tempo esperara.

IV- O engano é desfeito

- Hagen, meu filho, enquanto você dorme, ouça o que tenho a lhe dizer!...

Alberich, o pai de Hagen, está diante do filho, no salão dos Gibichungs. Seu filho está sentado próximo ao trono, portando seu escudo e sua lança. Alberich, ao lado, interroga-o, como se estivesse se dirigindo a um sonâmbulo.

- Como vai, então, nosso negócio?... o nosso pequeno e precioso anel...?

- Meu pai... - responde Hagen, sem contudo despertar.

- Não o gerei para outro propósito, Hagen, você sabe disso...

Hagen, o filho do anão, surgira da união de Alberich e Grimhilde. O anão comprara os favores da esposa de Gibich apenas com um único objetivo: o de gerar Hagen, um instrumento de carne e osso para a concretização de sua vingança.

- Hagen, meu filho... sim ou não, você não deve jamais negligenciar a sua missão... a nossa missão!

Alberich observa as feições atormentadas do filho adormecido; as feições do anão, contudo, não deixam transparecer o menor sinal de afeto ou mesmo do mais comezinho respeito pelo filho. O interesse por reaver o anel é o único motor de seus atos e o laço a ligá-lo àquela criatura que chama de seu amado filho.

- Você dorme, Hagen, o sono vela suas pálpebras docemente... Mas como pode dormir, filho querido, quando seu pai não sabe o que é sono há tanto, tanto tempo...?! Oh, Hagen, volta teus olhos para teu pai, para o sofrimento de teu pai!

- Eu o obedeço, meu pai... o obedeço desde sempre... - diz o filho, num tom lamurioso.

- Isto, isto...! Mas deve obedecer mais... Oh, sem dúvida deve, certamente, esforçar-se mais, sempre mais, para um pai que tudo lhe deu, que fez de você irmão de um rei e de uma rainha! Sim, veja esta bela corte onde você vive, este belo salão onde agora

repousa o seu cansaço - cansaço de muitas diversões, decerto, que não faltam por aqui, mas muito pouco de servir a teu pai no que verdadeiramente importa...

- Não, meu pai, não! - exclama molemente Hagen, sempre de pálpebras cerradas. - Tenho feito tudo... para o alegrar...

- Vamos, conte-me, então, o rumo de nossos assuntos.

- Siegfried deve retornar em breve...

- Siegfried...!

- Junto com ele... trará Brunhilde...

- Brunhilde...!

- ... e o anel, meu pai, o meu anel!

- Oh, sim, o meu anel! O meu precioso anel!

- Falta pouco... antes, terei de destruir Siegfried!

- Destruir, claro...! Destrua a tudo e a todos, se preciso for! Hagen, eu preciso escutar de sua boca um juramento, um juramente solene de fidelidade!

- Sim, meu pai...

- Jure que conseguirá o anel para mim, agora, vamos, jure!

- Juro que o conseguirei!

- Para mim, meu filho, pense sempre no seu pai!

Alberich pressente um ruído e se assusta. Embuçando-se em seu manto, ele se afasta, sob a luz da aurora que, timidamente, insinua-se pela grande janela ogival da sala do trono.

- Seja sempre fiel a mim, Hagen, nunca se esqueça disto! Seja fiel, fiel, fiel...!

***

- Eia, Hagen, acorde! - exclama Siegfried ao entrar no grande salão. - Já estou de volta e Brunhilde já está chegando junto com Gunther! Ambos descem o Reno em um formoso barco e devem chegar aqui em pouco tempo.

Hagen toma um susto e quase chega a cair de sua cadeira.

- Mas como?... Já retornou?

- Sim, enquanto você dorme, descansadamente, eu resolvo as coisas por aqui! Onde está Gutrune, irmã de Gunther? Meu coração anseia por rever aquela que me foi prometida para esposa!

Gutrune, entretanto, já escutou a voz de seu amado e corre pelos corredores do palácio ao encontro de Siegfried.

- Oh, Siegfried, que bom tê-lo de volta!

- Gutrune, minha amada!

Os dois abraçam-se fervorosamente. Hagen, por seu lado, observa a tudo, satisfeito; as coisas estão correndo conforme o planejado.

- Como fez para atravessar as chamas de Loki? - pergunta Gutrune, ansiosa por saber os feitos do amado.

Siegfried conta-lhe do artifício do elmo de Tarn, que lhe possibilitou assumir a aparência de seu irmão Gunther.

- Você... esteve com ela?... - pergunta Gutrune, temerosa de que Siegfried tivesse ido além do que teria sido justo e honroso, tanto para ela quanto para seu irmão.

- Esteja tranqüila, Gutrune querida; não fui além do que manda o recato que devo a você e a seu irmão. Jamais o desonraria, nem a você.

Gutrune parece aliviada com a resposta de Siegfried. Hagen, contudo, está ausente de tudo, pois acabou de perceber que o herói traz em seu dedo aquele objeto tão ambicionado por ele e seu pai:

"O anel, o precioso anel, está ali, no dedo de Siegfried!", pensa Hagen, sem poder acreditar no que seus olhos vêem. Imediatamente, sua mente começa a cogitar um plano para se apossar do objeto de seu desejo. "E, se tanto Gunther quanto Gutrune fossem levados a crer que este fanfarrão aproveitara a privacidade da gruta para violar Brunhilde, esposa de Gunther?", pensa ele. "A pena seria, sem dúvida alguma, a da morte!"

De repente, um lacaio surge porta adentro para avisar:

- Gutrune, já se avistam as velas do barco que conduz seu irmão Gunther e sua esposa Brunhilde em direção à praia!

Gutrune volta-se para Hagen e lhe diz, banhada num irreprimível sorriso:

- Vamos, faça soar a trompa das boas-vindas! Convoque, imediatamente, o povo para a recepção que faremos ao rei e à nova rainha!

Sem esperar segunda ordem, Hagen dá cumprimento às determinações tia irmã do rei. Logo, uma multidão incalculável de pessoas está reunida diante de Hagen.

- Gunther, vosso rei, está de volta! Honra a ele e à sua esposa!

Gritos de triunfo e alegria explodem entre o povo ajuntado.

- Deveis estar todos preparados para festejá-la e também para defendê-la em caso de alguma injúria que qualquer um ouse lhe fazer!

- Sempre a defenderemos! - exclamam as vozes exaltadas da plebe reunida.

Tão logo Gunther e sua esposa Brunhilde desembarcam, são recepcionados por Gutrune, Hagen e Siegfried. Brunhilde está abatida e não demonstra nenhuma felicidade por desembarcar na condição de esposa de Gunther. Este, contudo, está radiante e exclama para todos os presentes, com a voz embargada pelo entusiasmo:

- Aqui está, meus súditos, uma rainha digna de vós todos! Nenhuma rainha, com efeito, poderia ser mais nobre, sendo filha, que é, do próprio pai Wotan!

O povo explode em nova remessa de alegria, enquanto gritos exaltados proclamam avidamente: "Viva a rainha, que está entre nós! Ela é a filha de um deus!"

Gunther ergue a mão, impondo o silêncio à turba.

- Dois casamentos serão realizados em seguida! - diz ele, dando a boa nova ao povo. - Pois minha irmã Gutrune também se casará com Siegfried, o maior dos heróis, cujo sangue descende também de Wotan!

Brunhilde, ao escutar o nome de seu amado, fica estarrecida. Ao erguer a cabeça, que mantivera sempre abaixada, depara-se com Siegfried, que está postado ao lado de Gutrune, como seu legítimo esposo.

- Siegfried?... - diz ela, que treme de maneira descontrolada. - É mesmo você?

O jovem a olha nos olhos, porém, sem reconhecê-la mais do que a reconhecera quando fora iludi-la no rochedo, disfarçado de Gunther.

- Sim, sou Siegfried, verdadeiro herói, e vou me casar com Gutrune, irmã de Gunther, que também passou a ser meu próprio irmão, desde que unimos nosso sangue em um pacto inviolável.

- Mas... como pode? Não me reconhece, então?

- Lamento, Brunhilde, mas nunca a vi em minha vida.

Brunhilde fica desesperada, sem saber o que pensar. Estará ele mentindo? Terá ficado tão insensível a ponto de fingir não mais reconhecê-la? Seus olhos, no entanto, parecem falar a verdade... Tomada, então, por um acesso de incon-trolável pranto, Brunhilde reclama do destino em altas vozes. Siegfried, constrangido por aquela inesperada reação, pede a Gunther que acalme sua esposa.

- Não, nada nem ninguém me fará aceitar esta traição! - exclama a filha de Wotan, com os olhos repletos de lágrimas. E é, neste instante, que repara, tal como Hagen anteriormente fizera, no anel que Siegfried traz em seu dedo.

- Este anel! - diz ela, apontando para a mão de Siegfried. - O que ele faz em sua mão?

Os vassalos parecem estarrecidos com aquela observação. Hagen, no entanto, aproveita-se da situação para criar um clima de desconfiança contra Siegfried.

- Atenção, ouçam todos o que Brunhilde tem a dizer! Parece que tem alguma acusação a fazer contra o noivo de Gutrune?

Sem dar ouvidos a Hagen, Brunhilde insiste:

- Este anel!... Gunther tomou-me à força, quando foi me raptar na montanha! Como foi parar em seu dedo? Gunther lhe deu, por acaso?

Confuso e sem saber o que dizer, Siegfried exclama, atrapalhado:

- Não, é claro que não o roubei de Gunther, nem tampouco o recebi dele!

- Então, como está aí em seu dedo? - exclama Brunhilde, furiosa, começando a entender a trama de que fora alvo. Ela se volta, então, para seu noivo Gunther em busca de uma explicação. - Este anel é seu por direito! Você o tomou de mim aquele dia na gruta! Como explica que esteja, agora, nas mãos deste traidor?

- Eu não o roubei de ninguém! - exclama Siegfried. - Conquistei-o, legitimamente, ao derrotar o dragão Fafner em leal combate!

- Ouçam o que Brunhilde tem a dizer! - grita Hagen, desviando a atenção de Siegfried para as palavras da esposa de Gunther, que agora clama ter sido ultrajada.

- Traída, traída! - grita ela, ávida por se vingar de Siegfried. - Foi ele quem me violou dentro da gruta, não Gunther! Ele traiu a confiança de Gunther e se aproveitou da artimanha para desfrutar de meu corpo, que não lhe pertencia. Sim, não foi Gunther quem me fez sua esposa, mas Siegfried, o infame!...

- Não, não é verdade! - interpõe-se o herói, tentando desfazer o engano. - Eu coloquei Notung, a minha espada, entre mim e ela. Nada houve entre nós, asseguro isto a você, meu irmão Gunther!

- Mentira! - diz Brunhilde, sem medir suas palavras. - A espada esteve a noite toda pendurada na parede dentro de sua bainha!

- Siegfried, é preciso que faça um juramento solene, se deseja prosseguir a desmentir as gravíssimas acusações que minha esposa lhe faz! - diz Gunther, tomando de uma lança que Hagen lhe ofereceu. - Agora, deverá jurar solenemente, colocando dois dedos de sua mão direita na ponta desta lança!

- Se agi com falsidade em relação a Gunther ou a Brunhilde, que esta lança perfure o meu coração!

- Que ela o atinja, de fato, por sua vil traição a mim e a todos desta casa! - diz Brunhilde, retirando a mão de Siegfried da lança e colocando nela a sua.

Siegfried dirige-se, diretamente, a Gunther:

- Você sabe que eu jamais trairia a sua confiança, meu irmão - pois assim o considero, desde que unimos nosso sangue em um pacto fraternal - e, por isso, rogo que não dê ouvido às acusações de sua esposa; elas são produto do nervosismo que a acomete desde que foi retirada de seu abrigo. Dê-lhe mais alguns dias para que se conforme com sua nova situação e para que possamos, assim, começar todos uma nova vida; você com Brunhilde e eu com sua irmã Gutrune.

Gunther, depois de refletir por alguns instantes, decide aceitar o conselho de Siegfried. Reúne, então, o povo e ordena que os festejos prossigam.

- Hoje, é dia de festa em todo o Reno e não de disputas e desentendimentos; que a alegria volte a reinar em todos os recantos do país, pois se aproxima o dia do casamento meu e de Gutrune com os dois estrangeiros!

V - A conspiração

Siegfried e sua esposa Gutrune rumam para os aposentos tão logo a festa termina, enquanto Gunther, Brunhilde e Hagen permanecem a sós no salão dos Gibichungs. Embora todo o desmentido e o juramento solene do herói, ainda paira no ar a desconfiança, alimentada por Hagen, quanto à honra de Siegfried.

Brunhilde, por sua vez, é a mais inconformada com a situação; sua alma ultrajada e cega pelo ódio clama por vingança.

- Como pôde você, Gunther, meu futuro esposo, aceitar como justa a palavra deste vil traidor?

Gunther, apesar de tudo, nutre uma forte simpatia por Siegfried e reluta em aceitar como verdadeiras as acusações de sua noiva. Hagen, no entanto, aproveitando a confusão na qual seu meio-irmão está imerso, aproxima-se de Brunhilde para lhe fazer uma sugestão em tom de confidencia.

- Se você quiser, futura rainha, ofereço, desde já, a minha lança, a mesma sobre a qual o perjuro prestou falso juramento para liquidar o traidor!...

Brunhilde está cega pelo ódio e responde de maneira impensada, estando prestes a revelar os segredos que podem salvar a vida do herói.

- Isto é impossível, Hagen...! - diz ela, sacudindo a cabeça. - Siegfried é invulnerável; por isto nada teme!

- Invulnerável...! - diz Hagen, rilhando os dentes de decepção. No mesmo instante, a figura de seu pai, Alberich, aparece-lhe na mente com o semblante irado a dizer: "Vamos, estúpido, lembre-se de seu pai e pense em alguma coisa!"

- Mas totalmente invulnerável? - pergunta Hagen, inconformado. - Não há mesmo ponto algum em seu corpo que possamos ferir com sucesso?

Brunhilde hesita alguns instantes antes de fazer a revelação, que poderá ser fatal ao seu antigo protegido. "Não, ele não merece minha piedade!", pensa ela, após alguns momentos de nervosa reflexão. "Siegfried deve pagar pela traição que cometeu contra mim, ao se tornar escravo de sua ambição!"

- Siegfried, na verdade, tem um ponto fraco - diz ela, soturnamente.

- Um ponto fraco? - exclama Hagen, alegremente surpreso.

- Sim, as suas costas - diz Brunhilde, abaixando os olhos. - Antes que ele deixasse a caverna onde moramos, preparei-lhe uni ungüento mágico, destinado a proteger seu corpo de todos os seus inimigos. Ele o passou por todo o corpo, mas seu orgulho tolo impediu-me de colocá-lo também em suas costas. "Não, Brunhilde, não é necessário!", disse-me ele, com um sorriso de soberba. "Ou imagina, porventura, que eu vá dar as costas, algum dia, aos meus inimigos?"

- Tolo e inconsiderado como todos os jovens!... -diz Hagen, dando um grande riso. - Bem, pelo menos, agora, minha lança já sabe, exatamente, onde golpeá-lo!

- E você, por que está aí com suas fraquezas? - diz Brunhilde, voltando-se para o noivo, que parece temeroso do que ambos estão tramando. - Por causa de seu medo das chamas de Loki, foi humilhado e enganado por aquele que julgava ser seu protetor! Não era homem o bastante para me conquistar com sua própria cara?

Gunther está arrasado e, por um momento, sente vontade de esbofetear aquela que será, em breve, sua esposa; mas a humilhação de que está preso é mais forte e ele apenas baixa a cabeça em sinal de vergonha e desonra.

- Gunther, todo o reino, à esta altura, já deve estar fazendo chacota de sua complacência! - diz-lhe Hagen, aproveitando-se de sua fraqueza. - Quem irá acreditar que, estando a sós com sua esposa dentro de uma caverna escura e a tendo, inteiramente à sua mercê, não terá ele se aproveitado da situação para desfrutar as carícias que somente a você deveriam estar destinadas?

- Siegfried jamais faria isto! - exclama Gunther, tentando reagir às pérfidas insinuações do meio-irmão.

- Pois ele o fez! - grita Brunhilde, sem atentar para a mentira que profere. - Sim, uma vez à mercê de um homem, sem qualquer meio de defesa, não tive outro recurso, senão ceder às suas carícias. Oh, Gunther, asseguro a você que ele soube muito bem aproveitar-se da confusão...!

- Basta, basta vocês dois! - exclama o marido de Brunhilde, com os olhos acesos em cólera. - Que ele morra, então, que o pérfido pague com a morte a sua traição!

- Bravo! - exclama Hagen, aplaudindo o meio-irmão.

Gunther chora de vergonha e raiva, ao mesmo tempo, sem saber se odeia ou sente pena do destino que prepara a Siegfried junto com os outros dois conspiradores.

- Vamos, anime-se - diz-lhe Brunhilde, com um olhar de repugnância. -Com a morte dele, serão expiados, ao mesmo tempo, o crime dele e o seu próprio.

Hagen toma Gunther pelo braço e o leva para um canto.

- Com a morte de Siegfried - diz ele - você receberá o prêmio maior, que deuses e homens, desde há muito, ambicionam: o anel dos nibelungos! Com ele, você será o senhor de todo o mundo!

Gunther recebe, com isto, o último empurrão de que necessitava. Suas lágrimas secam e ele, fascinado com esta possibilidade, dá a ordem explícita para que Hagen leve a efeito o seu desígnio.

- Apenas escondamos o fato de minha irmã, Gutrune - diz ele -, pois ela jamais nos perdoaria por termos tramado a morte de seu próprio esposo.

***

Um amanhecer claro desenha-se sobre as margens do Reno de águas límpidas e azuladas. As três ninfas guardiãs, que outrora cuidavam do Ouro do Reno, estão à superfície, aproveitando os primeiros raios do sol.

- Será hoje o dia em que algum herói nos trará de volta o nosso ouro? -pergunta Flosshilde às suas irmãs.

Nenhuma delas responde, mas, pelo ar de seus rostos, parece que não nutrem muitas esperanças. Desde que Alberich, o anão, furtara o ouro, suas vidas haviam perdido todo o encanto. O majestoso Reno, sem o ouro que abrilhantava suas águas, já não lhes traz mais a mesma alegria e vigor dos antigos dias em que ele repousava, serenamente, no fundo do seu leito.

- Esperem, ouço um ruído vindo da floresta! - diz Woglinde.

Wellgunde, a terceira das ninfas, retira o cabelo molhado que encobre sua orelha e se esforça por escutar de onde vem o ruído.

- É o ruído de uma trompa! - diz ela, sorridente. - Algum caçador encaminha-se para cá! Rápido, irmãs, escondamo-nos!

As três mergulham, rapidamente, mas permanecem quase à superfície a fim de divisar quem seja o intruso.

Siegfried chega à beira do rio, oriundo da floresta. Está sozinho, desde que se separou dos demais caçadores para perseguir um enorme urso.

Tão logo as ninfas do Reno identificam-no, sobem, imediatamente, à tona. Somente ele, um verdadeiro herói, pensam elas, poderá lhes trazer de volta o ouro roubado.

- Ora, muito bom dia, adoráveis ninfas! - exclama o herói, que está, neste dia, de muito bom humor. - Por acaso, não viram passar por aqui um urso negro e enorme?

- Urso? Não, não vimos! - diz uma delas, com um sorriso dúbio em seus lábios. - Vocês viram algum urso passar por aqui, minhas irmãs?

- Não, nada vimos - respondem as outras duas, colocando o tronco inteiro acima da linha d'água e deixando entrever o desenho dos seus belos bustos.

- Será que vocês não o expulsaram para longe? - graceja o herói, querendo espichar a conversa e poder assim admirar por mais tempo a beleza das ninfas.

- Bem, desde que você nos ofereça uma recompensa, podemos tentar chamá-lo de volta - diz Flosshilde, arrepanhando os cabelos encharcados.

- Recompensa?... Que espécie de recompensa? - diz Siegfried, curioso.

- Este belo anel dourado, que vejo em seu dedo por exemplo! - diz Wellgunde, apontando para a mão de Siegfried.

- Não posso, bela ninfa - diz o herói, com um ar falsamente impotente. - Ele pertence à minha esposa. O que diria ela se eu chegasse em casa sem o seu enfeite?

- Ora, está a brincar conosco! - diz uma delas. As três unem-se a ela no despeito e mergulham para as profundezas.

Siegfried fica sozinho por um tempo às margens do rio, observando o espelho do lago, que tornou-se outra vez calmo e silencioso; não suportando mais a ausência delas, ele retira o anel e chama por elas.

- Está bem, belas chantagistas, vocês venceram - diz ele, erguendo para o alto o anel, como se fosse lançá-lo para dentro da água. - Vamos, venham buscá-lo!

Em breve, as três ninfas do Reno estão de volta. Mas seus rostos estão diferentes: trazem um ar solene, como se não estivessem mais dispostas a brincar.

- Você deveria livrar-se, jovem audaz, o mais breve possível, deste anel! - diz-lhe Woglinde, em tom de advertência.

- Livrar-me dele? Por que, se é tão lindo?

- Este anel é fruto de uma maldição.

- Maldição? Do que estão falando?

- Este anel foi forjado por Alberich, o mais perverso dos anões; ele é fruto de um roubo. Foi com o ouro furtado de nosso rio que ele forjou este objeto que, desde então, tornou-se amaldiçoado e irá destruir deuses e homens se persistir longe destas águas.

- Você mesmo irá morrer, ainda hoje, caso não nos restitua este anel!

- Vocês estão muito sérias e perderam todo o encanto com estas frivolidades! - diz-lhes Siegfried, subitamente agastado. - Se tivessem permanecido alegres e brincalhonas, eu lhes teria devolvido a peça espontaneamente. Mas como se enfezaram, mesmo que nada valesse, não lhes entregaria. Este é o prêmio que lhes caberá por seu odioso mau-humor!

- Seu tolo! - exclama Flosshilde. - Não percebe que assim como o anel destruiu a Fafner, o dragão, será você também destruído por ele?

- Quem destruiu o dragão fui eu, com minha espada Notung, sua ninfa boba! - exclama Siegfried, irado por se ver diminuído por uma frágil criatura. -E não será, certamente, este pedacinho de metal que irá fazer frente à minha espada confeccionada por um deus!

- Sua espada não terá poder algum diante dele! - exclama Wellgunde.

- Ah! Ah!, sua idiotinha! - debocha Siegfried, vangloriando-se. - Ela teve poder contra a própria lança de Wotan!

- Você já foi sábio, jovem aventureiro! Infelizmente, hoje, não passa de um jovem fanfarrão. Vamos embora, irmãs, não há mais nada a dizer para este tolo. Ainda hoje, o anel passará para as mãos de uma mulher; esperemos que ela seja mais sensível a nossos rogos!

As três ninfas mergulham, então, de volta para as profundezas do rio.

- Bem, por pior que tenha sido o encontro, aprendi hoje mais uma preciosa lição - diz Siegfried de si para si. - Com mulheres, parece que é assim que as coisas funcionam: se com sorrisos, não lhes fazemos as vontades, elas passam logo às carrancas; e se mesmo estas não produzem o resultado almejado, descem logo aos impropérios! Mas com tudo isto, caso não estivesse comprometido com Gutrune, certamente, tentaria capturar uma destas irritadas ninfas, só pelo prazer de lhes dobrar a vontade pela manha ou pela força!

VI - A morte de Siegfried

Siegfried estava divertindo-se com estas conjeturas, quando escutou o ruído da trompa de seus companheiros de caçada: Gunther e Hagen, acompanhados de alguns vassalos, logo surgem em seu encalço.

- Onde estava, Siegfried? - pergunta-lhe Gunther, ansioso.

- Desviei-me da trilha em busca de um urso; mas, como vêem, o perdi! No entanto, encontrei três amáveis donzelas saídas deste rio, que me predisseram a morte para ainda hoje. Que tal lhes parece?

Gunther desvia os olhos, sem nada responder; suas pernas tremem e, ao saber que a própria natureza já tomou conhecimento do seu negro intento, sente, desde já, o remorso apoderar-se do seu espírito.

- Ora, tolices! - diz Hagen, intrometendo-se. - Vamos aproveitar esta pausa para descansar e fazer uma bela refeição!

Os homens de Gunther armam fogueiras e um grande javali é posto no espeto. Enquanto os homens esperam que o animal doure, Hagen aproveita para fazer algumas perguntas a Siegfried.

- Vamos, grande herói! Distraia-nos com o relato de suas façanhas! É verdade que você tem o poder de conversar com os pássaros?

Siegfried, lisonjeado pelo apelo dos homens, que em coro pedem que lhes narre os seus feitos, acomoda-se ao pé de um grande freixo e começa a lhes narrar, pormenorizadamente, a sua vida desde o seu nascimento.

- Sim, Hagen, de fato, já tive o poder de entender o canto dos pássaros -diz Siegfried, com um tom de ironia na voz -; mas, desde que as mulheres passaram a me enviar seus alados cantos, sinceramente, perdi todo o interesse em escutar o ingênuo piado deles!...

Um coro de risos acompanha a observação de Siegfried que, estimulado pela platéia, retoma toda a sua história até chegar ao episódio em que forjara a espada de seu pai. Depois, reconta os episódios principais de sua vida, como o combate contra o dragão Fafner e o aviso que recebera do pássaro a respeito da traição de Mime, seu pai adotivo.

- E, então, cortou mesmo a sua cabeça com a afiada Notung? - pergunta alguém, sem poder acreditar no que dizia a lenda.

- É claro! - afirma Siegfried, com orgulho. - Que outra coisa poderia ter feito a um cão que pretendia atentar contra a minha própria vida, fingindo-se meu amigo?

Gunther desvia a cabeça, outra vez, sentindo o aguilhão do remorso antecipado penetrar fundo em sua alma.

Hagen, ao perceber que a conversa toma um ramo perigoso para seus objetivo, levanta-se e vai buscar um odre, no qual conserva uma bebida muito especial.

- Vamos, tome deste hidromel - diz ele, estendendo a Siegfried um copo com uma poção que tem o dom de lhe restaurar a memória. - Já deve estar com a boca seca de tanto narrar seus gloriosos feitos!

Siegfried bebe de bom grado e, imediatamente, sente os efeitos regenerativos da bebida em seu cérebro. Como num quadro vivo, vem-lhe à mente o dia em que penetrou,

pela primeira vez, na montanha circundada pelas chamas e de como conquistou o amor de Brunhilde.

- Vocês... consumaram, então, o seu amor? - indaga-lhe, sutilmente, o filho de Alberich, sentindo que esta é a hora perfeita para denunciá-lo perante Gunther, que ainda reluta em levar à morte Siegfried.

- Naturalmente - diz Siegfried, sem perceber que Hagen pretende induzir Gunther ao ódio contra ele.

Gunther fica desconsolado, pois, agora, já sabe que, de um jeito ou de outro, Brunhilde foi deflorada por Siegfried e não por ele, seu legítimo marido, o que por si só já lhe é desonra suficiente. Siegfried, entretanto, alheio a tudo, prossegue a narrativa de suas aventuras, sem perceber que acabou de selar, definitivamente, a sua própria morte.

Estão todos nisto, quando, de repente, dois corvos surgem voando e ficam fazendo círculos sobre a cabeça de Siegfried.

Todas as cabeças voltam-se para as duas negras aves, que crocitam, nervosamente, até que, por fim abandonam o local, perdendo-se em meio à mata espessa da floresta.

- Ora, vejamos se você ainda é um bom intérprete de aves! - diz Hagen ao herói, num tom bem-humorado. - Poderia nos dizer o que estas duas aves negras alardearam sobre sua cabeça?

Siegfried ergue-se e tenta acompanhar o vôo dos corvos.

- Estranho...! - diz ele, dando as costas para Hagen. - Elas gritaram o tempo todo uma única palavra: "Vingança! Vingança!"

Hagen, aproveitando o descuido de Siegfried, toma a sua lança - a mesma sobre a qual o herói fizera seu juramento de inocência - e a enterra nas costas de Siegfried. Gunther ainda tenta impedi-lo de praticar o nefando ato, mas sua força é insuficiente e Hagen termina de enterrar, com toda a força, a lança nas costas do herói. Todos os demais erguem-se, horrorizados.

- Por que fez isto? - clamam diversas vozes a um só tempo.

- Estou punindo um perjúrio! - exclama ele, erguendo a voz, como se o próprio tom e a inflexão dados às palavras pudessem convencer mais do que elas próprias. - Brunhilde, esposa de Gunther, pertenceu antes a este vilão, que jurou, no entanto, não tê-la jamais maculado. Pode tal perfídia permanecer impune?

Gunther, horrorizado, sente, ao mesmo tempo, um misto de pena e de altivez invadir a sua alma; afinal, bem ou mal, acaba de ter sua honra resgatada.

Depois de proferir suas palavras, Hagen afasta-se, para não ter de assistir aos últimos instantes de sua vítima, que agoniza sobre a relva. A única coisa que deseja escutar agora é a voz imaginária de seu pai, Alberich, a lhe elogiar: "Muito bem, meu filho!

Hoje, finalmente, mostrou que é um filho digno de seu pai!" Agora, resta apenas estar atento para retirar do dedo de Siegfried, no momento oportuno, o anel ambicionado.

Enquanto Hagen divaga em seus loucos devaneios, alguns homens de índole piedosa põem Siegfried sentado, encostado ao mesmo freixo onde antes estivera acomodado para que expire com um mínimo de conforto. Ele, entretanto, está já imerso em uma espécie de delírio e dirige suas últimas palavras para sua amada Brunhilde - pois, agora, é capaz de relembrar, perfeitamente, tudo quanto se passou entre ele e ela e de saber o quanto ainda a ama:

- Desperta, Brunhilde... desperta, ó minha noiva mais sagrada!

Seus olhos brilham e é como se ele a tivesse diante de si. Nada mais importa, nem mesmo a sua morte, tampouco a mão assassina que lhe vibrou o covarde golpe. Tudo o que lhe interessa tem agora - ou julga ter - bem ali, diante de suas vistas que, apesar de já nubladas para a vida, são capazes de enxergar com nitidez perfeita as regiões misteriosas, onde se abrigam e se escondem os sonhos e os desejos mais secretos. Siegfried permanece imerso neste estado quase beatífico quando, subitamente, um suspiro paralisa sua garganta e sua cabeça tomba, inerte, para o lado. Siegfried está morto e a vingança de Brunhilde e seus cúmplices está, finalmente, completada.

***

A noite cai sobre a floresta. Os homens recolhem suas coisas, trazendo todos na boca o gosto amargo de uma morte a qual jamais seriam capazes de imaginar que poderiam um dia assistir. Os pássaros silenciaram, e mesmo o crepúsculo, que já se espalha por todo o céu, não os move a nenhuma cantoria, como é de hábito nestes seres quando o dia declina e o céu explode numa orgia de cores desencontradas como um pequeno caos que antecedesse a um cotidiano fim de mundo. Neste fim de dia, os pássaros nada têm a dizer: aquele que era capaz de lhes entender os trinados e os traduzir em palavras humanas está morto para sempre e nunca mais outro homem será capaz de substituí-lo.

O corpo de Siegfried é colocado sobre uma padiola e se improvisa, ali mesmo, sob as ordens de Gunther, um cortejo fúnebre. Quando todos adentram a floresta, no rumo de suas casas, a escuridão e o silêncio os envolvem totalmente. O sangue jovem e viril de Siegfried já foi bebido até a última gota pela terra e a natureza prepara-se também para uma vigília fúnebre até que o dia amanheça outra vez e ela, esquecida já da morte e voltada novamente para a vida, traga para os céus o canto de renovada alegria dos pássaros e o murmúrio manso das árvores e regatos.

VII - O fim de tudo

Gutrune acordara inquieta; durante a noite toda, enquanto Brunhilde repousava em seu quarto, a irmã de Gunther ficara andando nervosa pelo salão dos Gibichungs.

"Por que demoram-se tanto?", perguntava-se, segurando, nervosamente, o seu lenço. "Nunca as caçadas de Gunther demoraram tanto!".

De repente, porém, sua atenção é despertada pela trompa de Hagen, que soa vinda da floresta. O dia amanhece e o cortejo fúnebre surge nos portões do castelo. Da janela, Gutrune observa que um corpo é trazido numa padiola.

Suas piores previsões confirmam-se; é Siegfried quem está morto, cercado pelos vassalos. Hagen ordena que abram, imediatamente, os portões.

Em instantes, estão todos dentro do salão. Gunther adianta-se e anuncia à irmã a triste notícia:

- Gutrune, minha irmã! Recebe o corpo de teu esposo, eis que um terrível javali lhe tirou a vida.

- Siegfried morto! Não, não pode ser verdade! - diz Gutrune, arremessando-se ao encontro do corpo do herói.

Durante longo tempo, ela permanece abraçada ao esposo morto até que, finalmente, ergue a cabeça de cabelos desgrenhados e encara o rosto do irmão com um olhar acusatório:

- Você!... Foi você quem o matou!

- O que está dizendo, minha irmã? - exclama Gunther, exaltado. - Já não lhe disse que ele foi morto por um javali? Foi um acidente, um lamentável acidente!

- Vamos, minha irmã - diz-lhe também Hagen. - É preciso se conformar.

Brunhilde também já chegou à sala do trono e observa o corpo de seu amado Siegfried morto. Apesar de sentir uma dor profunda pela morte do herói, ela, ao mesmo tempo, não se sente incomodada por ter sido a inspiradora da morte dele. Ele desrespeitou um juramento e, assim como ela um dia fora punida, também ele agora deveria suportar as conseqüências de seus atos.

- Você é um mentiroso! - diz Gutrune, que continua a acusar o irmão pela morte de Siegfried.

Gunther, não podendo mais fingir, aponta o dedo para Hagen e diz:

- Ele, ele é o javali que trouxe a morte para Siegfried!

- Muito bem, basta de fingimentos! - exclama Hagen, aliviado por poder falar às claras. - Fui eu que matei este perjuro, sim! Como poderia deixar de fazê-lo? Já que o próprio ofendido consentiu em ver-se vilipendiado, chamei a mim a tarefa de limpar a honra desta casa. - Depois, voltando-se para Gunther, diz-lhe num tom de censura: - Só espero que tenha a dignidade de assumir a sua parte neste ato que juntos praticamos!

Gunther, entretanto, tornou-se impassível; sua atenção está, agora, voltada inteiramente para a mão de Siegfried, onde brilha o anel maldito. Hagen percebe o interesse de Gunther e se coloca diante do corpo.

- Faça o que quiser de agora em diante - diz ele. - Apenas reivindico a posse do anel em nome do meu pai.

- Imbecil! - ruge Gunther, tomado pela ira. - Quem foi que lhe meteu na cabeça que teria direito a este anel? Está claro que ele pertence à Gutrune por direito de herança!

- Não!... - exclama Hagen, sacando de sua espada. - Este anel me pertence! Nasci para conquistá-lo! Não foi para outro objetivo que vim ao mundo - fui criado para isto!

Um ar de loucura altera as feições de Hagen, enquanto ele imagina escutar a voz onipresente do pai a lhe dizer: "Não permita, filho amado, que lhe tomem o anel! Não decepcione jamais o seu pai!"

Gunther avança para impedi-lo de se apossar do anel e Hagen se atraca com ele em terrível luta. Ambos brigam, ferozmente, até o ponto em que Hagen enterra no peito de Gunther a sua espada.

- Gunther, meu irmão! - diz sua irmã, abandonando o corpo de Siegfried e indo se abraçar ao corpo do irmão, cuja alma também já abandonou este mundo.

- Silêncio, suas idiotas! - exclama Hagen à Gutrune e Brunhilde. - Durante minha vida inteira, estive a serviço da vaidade tola de vocês, malditos Gibichungs! Que bom poder, agora, dizer-lhes, abertamente, o que penso desta casa maldita: malditos, malditos Gibichungs! Agora, afastem-se, mulheres malditas, pois vou apossar-me de algo que só a mim pertence!

Mas, quando ele aproxima a mão do anel no dedo de Siegfried, o braço deste ergue-se ameaçadoramente. Hagen dá um grito e se afasta, aterrado.

- Silêncio, idiota! - exclama Brunhilde. - Este anel me pertence!

- Não, ele pertence a mim, que era esposa dele! - diz Gutrune, defendendo seu direito.

- Você nunca passou de uma concubina de Siegfried, conforme-se com este fato! Muito antes que você o desejasse, ele já havia sido meu. Siegfried e eu somos uma só pessoa e sempre seremos, pois logo estaremos juntos!

Gutrune ouve as palavras de Brunhilde e sente que, neste mesmo instante, perde todo o direito que tem sobre o anel e sobre o próprio morto. Finalmente, dá-se conta de que nunca passara realmente de uma "concubina" para Siegfried e que este só a amara por causa do artifício da poção do esquecimento, que Hagen o fizera beber. Doutro modo, jamais Siegfried teria se apaixonado por ela.

Gutrune afasta-se do corpo de Siegfried. Ele nada mais significa para ela, uma vez que não a amava verdadeiramente, e vai proteger o corpo do irmão que, apesar de tudo, fora o único que verdadeiramente a amara.

- Vamos, vassalos, construam uma grande pira funerária às margens do Reno; ali, o corpo de Siegfried deverá ser imolado. Quero que as labaredas elevem-se tanto que alcancem a própria morada dos deuses!

Os preparativos são feitos e Brunhilde se apresenta diante da pira. Siegfried está colocado ao centro das pesadas achas de madeira, num soberbo e enfeitado leito, vestido em sua armadura e tendo ao lado a sua espada, Notung.

- Até breve, Siegfried amado! Logo estaremos juntos, eis que a hora final dos deuses e do próprio mundo aproxima-se! - exclama Brunhilde, que está decidida a pôr um fim à maldição que se abatera sobre os deuses desde a criação do anel maldito. - Você foi o mais fiel e puro dos heróis e, ao mesmo tempo, o mais infiel de todos! Pouco importa, ambos pagamos nossas penas. Agora, é chegada a hora de nossa reconciliação!

Brunhilde ergue os olhos para o céu, dirigindo-se a Wotan.

- Aí está, meu pai, o produto de seu orgulho! Morte e destruição pairam, agora, sobre os homens e sobre os deuses!

Ela arranca, então, o anel do dedo de Siegfried e o coloca em sua própria mão.

- Ninfas do Reno, venham à superfície! - diz ela, invocando as três irmãs que logo surgem, mais belas do que nunca. - Chegou a hora do anel e do ouro retornarem às suas verdadeiras proprietárias! E que o Amor volte a ser o signo de um novo mundo, que há de nascer das cinzas deste que se acaba!

Brunhilde lança sua tocha sobre a pira. Depois, montando em seu cavalo, Grane, cavalga em direção às chamas.

- Hugin e Munin! - diz ela, dirigindo-se aos corvos de Wotan, que sobrevoam a pira. - Vão agora até o Valhalla e convoquem Loki para que faça arder a morada dos deuses com suas chamas!

Brunhilde já está envolta pela fogueira ardente, quando as labaredas explodem em incrível vigor. O palácio dos Gibichungs desmorona, debaixo de um grande estrépito, pondo fim ao mundo dos homens. Uma grande onda ergue-se do Reno e Flosshilde, uma das ninfas do Reno, surge feliz a segurar o anel entre os dedos. Hagen, contudo, ainda não desistiu e, ao vê-la, arremessa-se em sua direção, bradando "Devolva-me o anel, ele me pertence!" As duas irmãs de Flosshilde, entretanto, subjugam-no e o afogam em meio às águas. Depois de observar a destruição de tudo e o fim de Hagen, a ninfa mergulha de volta para as profundezas do Reno junto com suas irmãs. O Ouro do Reno, finalmente, retornara ao seu lugar de origem.

***

Enquanto isto, no Valhalla, Wotan está reunido com os demais deuses e seus guerreiros espectrais, que se preparam para uma segunda e definitiva morte. Um clima de tragédia e desolação paira sobre tudo. Uma grande escuridão envolve o palácio dourado de Wotan, de tal forma que não se pode distinguir mais esplendor algum, naquela que fora, um dia, considerada a mais bela construção humana e divina. Wotan, sentado em seu trono, aguarda, apenas, que tudo ao seu redor consuma-se numa hecatombe de chamas e de dor. Seus dois corvos estão pousados sobre o seu ombro em silêncio: suas asas negras, finalmente, repousam e eles nada mais têm a dizer, limitando-se a observar a decadência final com seus pequenos e brilhosos olhos. Aos pés de Wotan, está caída Gungnir, a sua outrora poderosa lança, feita em dois pedaços, agora, inútil para todo o sempre. Maçãs da juventude jazem espalhadas por toda a parte, apodrecendo nos jardins do Valhalla.

Os deuses, enlutados e reunidos em assembléia, lamentam o fim de tudo.

Então Loki, deus do fogo, aproxima-se, furtivamente, e acende a grande pira feita dos troncos de Yggdrasil, o grande Freixo do Mundo. As chamas espalham-se, rapidamente, e pela última vez o palácio de Wotan reverbera, como nunca antes reverberara, iluminado pelas grandes línguas de fogo que o envolvem, bem como aos seus ocupantes, num magnífico e derradeiro crepúsculo.

Glossário

ALBERICH: anão da raça dos nibelungos que roubou o Ouro do Reno das ninfas e forjou o anel de poder. Pai de Hagen.

ALFHEIM: terra dos elfos felizes, situada próxima a Asgard, morada dos deuses.

ANDARILHO: disfarce utilizado por Wotan para percorrer o mundo.

ANEL: objeto mágico forjado por Alberich que desperta a cobiça de deuses e homens.

ANÕES: também chamados de Nibelungos, vivem em seu país situado abaixo da terra.

ÁRVORE DA VIDA: também chamada de Yggdrasil, é o grande freixo que está situado no meio do mundo.

ASGARD: a morada dos deuses, construída por Wotan.

ASK: o primeiro homem, criado a partir de um pedaço de tronco.

AUDHUMLA: a vaca primordial que surgiu junto com o gigante Ymir.

BERGELMIR: filho do gigante Thrudgelmir, deu origem à descendência dos gigantes que habitaria Jotunheim, a terra dos gigantes.

BESTLA: giganta, casou-se com Bor e deu origem aos três primeiros deuses do panteão nórdico: Wotan (ou Odin), Vili e Ve.

BIFROST: a ponte do arco-íris que liga o mundo dos mortais a Asgard, o lar dos deuses.

BOR: filho de Buri, foi pai de Wotan, Vili e Ve, as primeiras divindades.

BRUNHILDE: filha de Wotan e de Erda, era uma das Valquírias. Após desobedecer ao pai foi punida com a perda desta condição, tornando-se uma mortal comum.

BURI: antepassado dos deuses, veio ao mundo quando a vaca Audhumla lambeu o gelo de um iceberg até que ele surgisse.

CREPÚSCULO DOS DEUSES: o fim do mundo, época em que os deuses deixarão de existir. Também chamada de Ragnarok. A versão relatada, aqui, difere muito daquela consagrada nos mitos nórdicos, que a apresenta como uma grande batalha apocalíptica travada entre deuses e gigantes.

DRAGÃO: monstro que guarda o anel e o tesouro dos nibelungos. Originariamente, era o gigante Fafner que, graças ao mágico elmo de Tarn, pôde se metamorfosear no temível dragão que o herói Siegfried termina por abater em um sangrento duelo.

EINHERIAR: os guerreiros mortos recolhidos pelas Valquírias que farão parte do exército de Wotan e que estão reunidos no palácio do Valhalla.

ELFOS: criaturas de grande virtude moral que surgiram da carne de Ymir, gigante abatido por Wotan e seus irmãos. Originariamente, eram vermes, tais como os anões.

ELMO DE TARN: elmo mágico fabricado pelo anão Mime, que dá a quem o possui o poder de se locomover, rapidamente, de um lugar para o outro, além de se metamorfosear em qualquer ser.

EMBLA: a primeira mulher que surgiu de uni tronco de árvore, a exemplo de Ask, o primeiro homem.

ERDA: divindade da terra, amante de Wotan. Era a deusa da sabedoria e mãe de Brunhilde e de todas as Valquírias.

FAFNER: um dos gigantes que construíram o Valhalla. Mais tarde, transformou-se em um dragão para proteger o anel que recebera como pagamento pela obra.

FASOLT: irmão de Fafner, era gigante como este. Foi morto pelo irmão, após ter construído com ele o Valhalla, durante uma discussão pela posse do anel.

FLOSSHILD: uma das ninfas do Reno que protegiam o ouro ali escondido.

FREYA: deusa do amor e da juventude, foi entregue por Wotan aos gigantes Fafner e Fasolt como garantia pelo pagamento da construção do Valhalla.

FRICKA: esposa de Wotan, deusa do casamento e da fidelidade.

GIBICH: fundador do clã dos Gibichungs, era pai de Gunther e Gutrune.

GIBICHUNGS: família que protagoniza alguns dos episódios mais importantes do "Crepúsculo dos Deuses", era composta pelos irmãos Gunther e Gutrune.

GIGANTES: raça criada a partir do gigante Ymir. Na história do Anel, são apenas dois: Fafner e Fasolt.

GINNUNGAGAP: o abismo vazio que existia antes de o mundo ser formado.

GLADSHEIM: o magnífico palácio de Wotan, instalado em Asgard.

GRIMGERDE: uma das nove Valquírias.

GRIMHILDE: esposa de Gibich, vendeu-se a Alberich, o nibelungo, para que este pudesse gerar o ambicioso Hagen, meio-irmão de Gunther e Gutrune.

GUNGNIR: a lança de Wotan, onde o deus registra todos os seus acordos. Termina partida por Siegfried num duelo que o deus mantém com seu neto, sendo derrotado por este, simbolizando, ao mesmo tempo, o declínio da velha divindade.

GUNTHER: irmão de Gutrune, deseja casar-se com Brunhilde. Para isso, arma uma trama com Siegfried, que termina com funestas conseqüências para todos.

GUTRUNE: irmã de Gunther, deseja casar-se com Siegfried, mas vê seus objetivos frustrados após a morte do herói, assassinado traiçoeiramente por Hagen, filho de Alberich e meio-irmão de Gutrune.

HAGEN: filho do nibelungo Alberich, transforma-se no carrasco de Siegfried para poder se apossar do anel.

HEIDRUN: cabra que fornecia o hidromel, a bebida dos deuses, aos habitantes do Valhalla.

HEIMDALL: vigia que guardava a ponte Bifrost, que ligava o mundo mortal a Asgard. Estava sempre munido de uma trompa para anunciar aqueles que por ela atravessassem.

HEL: deusa infernal, filha de Loki. Comandava o reino dos mortos.

HLIDSKIALF: o trono mágico de Wotan. Dali ele podia observar tudo quanto se passava nos Nove Mundos.

HUGIN: um dos corvos mensageiros de Wotan. Seu nome significa "Pensamento".

HUNDING: marido de Sieglinde, termina por matar o irmão da esposa, Sigmund, num duelo. Wotan, em seguida, pune-o também com a morte.

IDAWOLD: planície situada acima da terra que abrigava Asgard, a morada dos deuses.

IFFING: o rio que separava Idawold, a planície que abrigava Asgard, do restante do universo.

JOTUNHEIM: a terra dos Gigantes. Bergelmir e sua esposa, únicos gigantes sobreviventes de um massacre promovido por Wotan e os demais deuses, foram lá buscar refúgio, acabando por fazer de Jotunheim o novo lar dos gigantes.

LERAD: árvore mágica, cujas folhas alimentavam a cabra Heidrun, fornecedora do hidromel aos guerreiros do Valhalla.

LOKI: filho de gigantes, era o mais esperto e ladino dos deuses. Também assume a persona de deus do fogo, a partir da segunda parte da tetralogia do Anel dos Nibelungos.

MIDGARD: ou Terra-Média, era a morada dos mortais, construída por Wotan e seus irmãos no começo dos tempos.

MIME: irmão de Alberich, é um nibelungo como ele. Pai de criação de Siegfried, termina morto por este ao tentar assassiná-lo para se apoderar do anel que este conquistara do dragão Fafner. MIMIR: gigante cuja cabeça reside às margens do rio da sabedoria. Exigiu que Wotan lhe desse um de seus olhos para deixá-lo beber da fonte.

MUNIN: um dos corvos mensageiros de Wotan. Seu nome significa "Memória".

MUSSPELL: reino primordial do fogo, que havia antes da Criação.

NIBELUNGOS: raça de anões escuros que vivem embaixo da terra, no País dos Nibelungos.

NIDAVELLIR: outra denominação da morada dos anões.

NIDHOGG: serpente venenosa que habita o Niflheim, região sombria dominada pela sinistra deusa Hei.

NIFLHEIM: morada dos mortos e das névoas geladas, habitada por Hei.

NORNAS: filhas de Erda, são em número de três e tecem o fio da vida e da morte. Eqüivalem às Moiras gregas ou às Parcas dos latinos.

NOTUNG: a espada invencível forjada por Wotan, que Siegfried reforjou junto com o anão Mime.

ODIN: outra denominação (mais popular) que se dá a Wotan, pai dos deuses.

OURO DO RENO: tesouro escondido nas profundezas do Reno, guardado por três ninfas, que o anão Alberich rouba para forjar o Anel de Poder. RAGNAROK: o mesmo que o "Crepúsculo dos Deuses", época apocalíptica na qual os deuses deixarão de existir após uma conflagração universal.

RATATOSK: esquilo que percorre os galhos da Arvore da Vida, levando recados desaforados que a águia transmite à serpente Nidhogg e vice-versa.

ROSSWEISE: uma das nove Valquírias, filhas de Wotan e Erda.

RUNAS: alfabeto nórdico que teria propriedades mágicas. Wotan esteve por nove noites preso à Arvore da Vida para obter os segredos mágicos que as runas podem transmitir aos seus iniciados.

SAEHRIMNIR: o javali gigante que os guerreiros do Valhalla devoram todas as noites, mas que renasce sempre no dia seguinte, intacto, para ser devorado outra vez.

SCHWERTLEITE: uma das nove Valquírias, filhas de Wotan.

SIEGFRIED: filho de Sigmund e de sua irmã Sieglinde, era neto de Wotan. Libertou Brunhilde de seu confinamento num rochedo cercado de chamas e enfrentou o dragão que guardava o Anel de Poder. Morreu pelas mãos traiçoeiras de Hagen, filho do nibelungo Alberich.

SIEGLINDE: filha de Wotan e irmã de Sigmund, teve um romance com o próprio irmão, do qual surgiu Siegfried, o maior herói da saga germânica do Anel.

SIEGRUNE: uma das Valquírias.

SIGMUND: filho de Wotan, era irmão de Sieglinde e foi morto pelo esposo dela, Hunding, em um duelo. Era pai de Siegfried.

SKULD: uma das três Nornas, deusas que presidem o destino. Tinham o dom de prever o futuro.

SLEIPNIR: o cavalo de oito patas de Wotan, o cavalo mais veloz do universo.

SVARTALFHEIM: a morada dos gnomos (ou elfos sombrios), que está situada nas profundezas da terra.

THRUDGELMIR: gigante nascido das pernas do gigante primordial Ymir. É um dos mais antigos ascendentes da estirpe dos Gigantes.

URD: uma das Nornas, deusas do destino, que tem o conhecimento do passado.

URDAR: o poço cujas águas as Nornas, deusas do destino, usavam para regar em Asgard umas das raízes de Yggdrasil, o Freixo do Mundo.

VALHALLA: a morada dos guerreiros mortos recolhidos pelas Valquírias nos campos de batalha. Wotan ordenou que dois gigantes (Fafner e Fasolt) a construíssem, prometendo-lhes em troca Freya, irmã de sua mulher e deusa da juventude.

VALQUÍRIAS: filhas de Wotan e de Erda, deusa subterrânea, eram deusas guerreiras e tinham por função recolher os combatentes mortos e os levar para os salões do Valhalla. A mais famosa delas foi Brunhilde.

VANAHEIM: morada dos Vanes (ou Vanires), deuses de hierarquia menor, em oposição aos Aesir, deuses superiores, liderados por Wotan.

VE: uma das duas divindades que surgiram junto com Wotan e que o ajudaram a construir o mundo.

VILI: divindade irmã de Wotan e Ve, que ajudou-os a construir os diversos reinos do mundo, como Midgard, terra dos mortais; e Asgard, a morada dos deuses.

WALSUNGS: denominação pela qual são conhecidos os descendentes de Wotan, tais como os irmãos Sigmund e Sieglinde, pais de Siegfried.

WALTRAUTE: irmã de Brunhilde, uma das nove Valquírias, filhas de Wotan e Erda.

WELLGUNDE: uma das ninfas do Reno que protegiam o Ouro do Reno.

WELMWIGE: uma das nove Valquírias, deusas guerreiras, filhas de Wotan.

WERDANDI: uma das Nornas, deusas que presidem o destino. Era encarregada do presente.

WOGLINDE: umas das ninfas do Reno, que permitiram ao anão Alberich apossar-se do ouro que tinham por missão preservar.

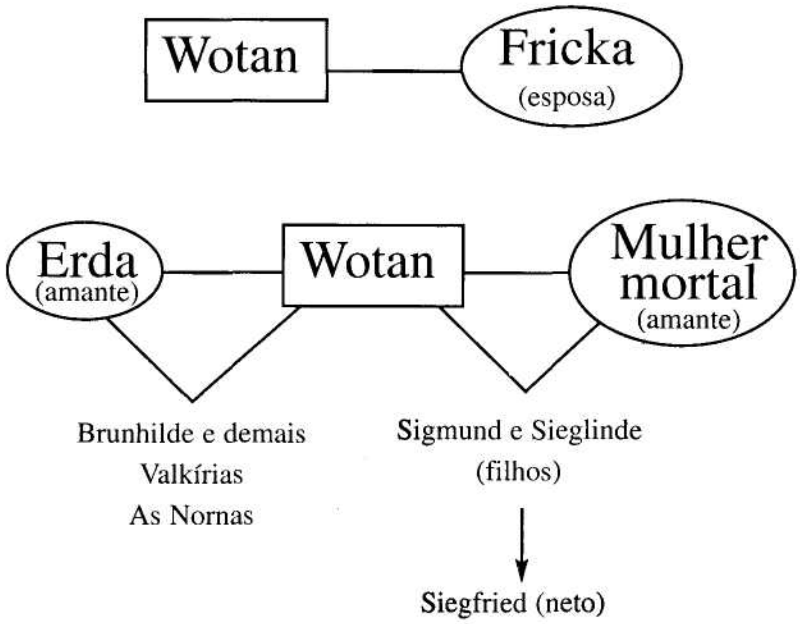
WOTAN: deus supremo do panteão nórdico, mais conhecido pela denominação de Odin. Era pai de Brunhilde e das demais Valquírias.

YGGDRASIL: o freixo gigante que recobre o mundo. Wotan retirou um de seus galhos para fazer sua lança Gungnir.

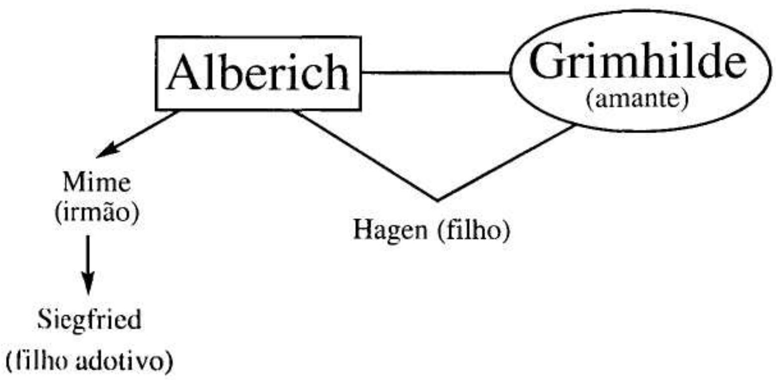
YMIR: gigante primordial, surgido da junção das névoas geladas de Niflheim e do calor da tórrida região de Musspell.

Gráfico genealógico dos personagens de "O Anel dos Nibelungos"

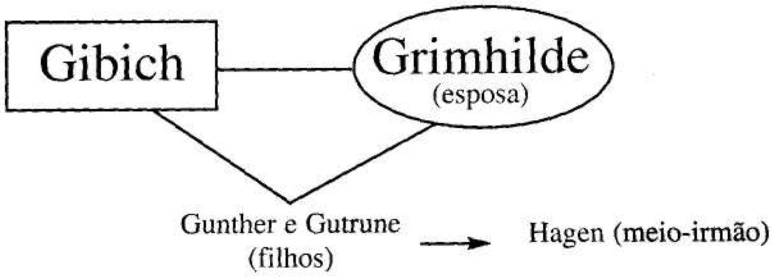
Descendência de Wotan



Os nibelungos



Os Gibichungs



Os Gigantes



Capa Marco Cena
Revisão Cristina Sant'Anna
Editoração Camila Kieling

F89m Franchini, A. S., 1964 -
As melhores histórias da mitologia nórdica / A. S. Franchini, Carmen Seganfredo. 5a ed. - Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2006.
Incluindo versão romanceada da ópera "O Anel dos Nibelungos", de Richard Wagner.

ISBN 85-7421-103-6
1. Mitologia nórdica. 2. Mitologia germânica. 3. Lendas nórdicas
I. Seganfredo, Carmen, 1956-. II. Título.

04-1229 CDD 398.22
CPU 398.22

CIP - Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

ARTES E OFÍCIOS EDITORA LTDA.
Rua Almirante Barroso, 215 - Floresta
CEP 90220-021 - Porto Alegre - RS
(51)3311.0832
arteseoficios@arteseoficios.com.br
www.arteseoficios.com.br

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZ1L
ISBN 85-7421-103-6